



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Sílvia Mariana Coelho Maciel

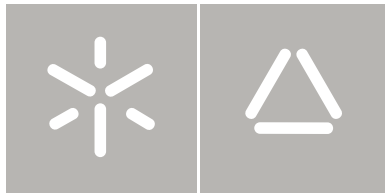
A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da
Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Análise macro espacial.

A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da
Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Análise macro espacial.

Sílvia Mariana Coelho Maciel

UMinho | 2018

Outubro de 2018



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Sílvia Mariana Coelho Maciel

A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da
Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
Análise macro espacial.

Dissertação de Mestrado
Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins
e da
Doutora Rebeca Blanco-Rotea

Outubro de 2018

DECLARAÇÃO

Nome: Sílvia Mariana Coelho Maciel

Endereço eletrónico: silvia13mariana@gmail.com

Telefone: 911 101 329

Número do Cartão de Cidadão: 13767082

Título da Dissertação de Mestrado:

A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. Análise macro espacial

Orientadores:

Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins

Doutora Rebeca Blanco-Rotea

Ano de conclusão: 2018

Ramo do Conhecimento do Mestrado:

Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA DISSERTAÇÃO.

Universidade do Minho, ____ / ____ /2018

Assinatura: _____

Agradecimentos

A construção do caminho a percorrer parte de uma simples escolha, fácil ou difícil, é essa escolha que determina tudo aquilo que iremos enfrentar e alcançar. Ao terminar este percurso, sinto-me grata pelo momento em que decidi fazê-lo. E esta escolha trouxe-me muito mais do que esperava, permitiu-me aprendizagens e experiências muito positivas e enriquecedoras, surgiram novas amizades e novos caminhos.

Primeiramente, dedico o meu agradecimento à Professora Manuela Martins, orientadora científica desta dissertação, por acreditar na concretização deste projeto e por todo o apoio prestado. Gostaria de destacar que o seu notável percurso profissional é e será sempre um ponto de referência para mim.

Expresso também um especial agradecimento à minha orientadora Rebeca Blanco-Rotea, que me inspirou desde a primeira aula de seminário que assisti sobre Arqueologia da Paisagem e Arqueologia da Arquitetura. Para além da enorme capacidade de cativar e transmitir conhecimento, tem sempre a maior atenção por quem a procura e quer aprender.

Ao professor José Meireles uma palavra de agradecimento pela disponibilidade imediata e preocupação na solução de adversidades que foram surgindo ao longo deste percurso académico. E também à professora Maria do Carmo pelo seu profissionalismo e amabilidade. A todos os outros professores deixo igualmente uma palavra de agradecimento.

À Doutora Fernanda Magalhães, com quem partilhei e discuti pela primeira vez a minha ideia de dissertação e que a apoiou desde o primeiro minuto. Estou grata por todo o apoio, conselhos e pela sua força, que foram essenciais neste percurso.

Expresso também a minha gratidão à Eng.^a Natália Botica pela sua iniciativa, capacidade de trabalho e interesse. A sua colaboração e apoio foram cruciais.

Gostaria também de agradecer à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, instituição que me acolheu e que me facultou todos os mecanismos e recursos para que este trabalho fosse concretizável.

Não podia também deixar de agradecer ao Diego Machado pelas discussões, sugestões e ajuda. A partilha da experiência de quem já passou por este caminho foi bastante importante para mim.

Aos amigos que me acompanharam neste projeto, alguns dos quais partilharam este percurso, como a Catarina Castro, a Diana Rocha e a Lara Fernandes, sempre disponíveis com um sorriso, um abraço e uma palavra de força.

Agradeço também à minha amiga Cláudia Costa, sempre presente com palavras de conforto e motivação. Deixo também uma palavra a todos os meus amigos e colegas de equipa pela compreensão e apoio.

Por fim e não menos importante deixo uma palavra de profundo agradecimento à minha família. Agradeço imensamente todo o apoio que sempre me deram, ato que me permitiu avançar e crescer.

Resumo

Na presente dissertação apresentamos uma análise da paisagem de Citânia de Sanfins procurando compreender as dinâmicas sociais, económicas, políticas e simbólicas que decorreram no território onde este povoado se integra. Neste sentido, delimitámos o território através dos elementos que atuam como barreiras naturais, compreendendo como limite, a norte, o rio Ave, a sul, o rio Leça, a oeste, a zona de costa e, a este, a zona de montanha do concelho de Paços de Ferreira.

Neste estudo foram integrados dezassete povoados da Idade do Ferro entre os quais o Castro de Guifões, o Castro de Alvarelhos, o Castro de Monte Padrão e a Citânia de Sanfins, que apresentam uma longa ocupação e um papel ativo durante a ocupação romana do território.

A zona de estudo foi dividida em duas micro áreas, uma de interior e outra de litoral, sobre as quais realizámos análises geoespaciais, nomeadamente locacionais, com base em fatores como a altitude, a aptidão agrícola dos solos, a acessibilidade e a mobilidade, tendo sido incorporada, igualmente, a conjugação desses fatores de forma a extrair o máximo de informação possível sobre as características do território em que se implantam os povoados proto-históricos.

O nosso trabalho procurou ainda avaliar o quadro da ocupação romana da área de estudo, que permitiu uma abordagem, necessariamente superficial, das diferenças ocupacionais entre a Idade do Ferro e o período romano.

Na base da nossa investigação encontra-se uma análise detalhada da bibliografia disponível sobre os sítios que compõem o povoamento do território, que nos permitiu realizar a cartografia que se apresenta em anexo, tendo sido concretizada uma avaliação do estado de conservação e das intervenções efetuadas sobre os sítios arqueológicos que incluímos no nosso trabalho.

Tendo por base os dados obtidos construímos um modelo interpretativo das dinâmicas ocorridas no território envolvente da Citânia de Sanfins durante a Idade do Ferro e a romanização.

Abstract

In the present dissertation we present an analysis of the landscape of Citânia de Sanfins seeking to understand the social, economic, political and symbolic dynamics that occurred in the territory where this hillfort is integrated. For this matter we delimited the territory through the elements that act as natural barriers comprehending at north as limit the river Ave and at south the river Leça. At west we have as limit the coast line and at east the mountain range settled in the municipality of Paços de Ferreira.

In this study we integrated seventeen hillforts from the Iron Age this being the Hillfort of Guifões, Hillfort of Alvarelhos, Hillfort of Monte Padrão and Citânia de Sanfins whom present a long occupation and an important role during the roman occupation of the territory.

The study area was divided in two micro areas, one in the interior and one in the coastline in which we carried out geospatial analysis, namely locacional based in factors as altitude, the soils agricultural aptitude, accessibility and mobility and we also incorporated the combination of these factors in a way that we could extract the maximum information of the characteristics of the territory in which the hillforts are implemented.

Our work also sought to evaluate the roman occupational distribution for the same study area allowing a superficial approach of the occupational differences between the Iron Age and the roman period.

In the basis of our investigation there's a detailed analysis of the available bibliography of the sites from that territory which allowed us to map it as it's shown in appendix, as well as to value it's conservation state and the interventions that have been carried out in the archaeological sites we include in our work.

Based on the data obtained we build an interpretative model of the dynamics occurred on the evolving territory of Citânia de Sanfins during the Iron Age and romanization.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.*

-António Machado

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Epígrafe	vii
Índice	ix
Lista de Figuras	xiii
Lista de Apêndices	xix

Introdução **3**

PARTE I – Enquadramento e Metodologia

1 Do passado ao presente: a evolução da investigação sobre as transformações ocorridas no território na Idade do Ferro no Noroeste Peninsular **7**

1.1 Estado da questão	7
1.2 Castro, Citânia ou <i>Oppidum</i>	18
1.3 Propostas cronológicas	22

2 Ponto de partida: A relação espacial e territorial da Citânia de Sanfins entre os rios Ave e Leça durante a Fase III da Idade do Ferro **24**

2.1 Delimitação e caracterização do espaço geográfico	25
2.2 Estudos concretizados sobre a zona geográfica em análise	31

3 Objetivos **33**

4. Modelo Metodológico **35**

4.1 Recolha e armazenamento de dados	35
4.2 Mapear a bibliografia	37
4.3 Trabalho de campo	37
4.4 Trabalho de gabinete	38
4.4.1 <i>Análise locacional</i>	39
4.4.1.1 <i>Acessibilidade de mobilidade</i>	39
4.4.1.2 <i>Visibilidade</i>	40
4.4.1.3 <i>Conjugação das várias análises</i>	40
4.5 Construção de um modelo interpretativo	40

PARTE II – Apresentação dos dados

1 Exposição dos dados **43**

2 Fontes de informação e caracterização dos elementos em análise **43**

2.1 Fontes de informação	43
2.2 Caracterização dos elementos em análise	44

3 Caracterização dos povoados proto-históricos **47**

3.1 Concelho de Matosinhos	47
3.1.1 <i>Monte Castro (Lavra)</i>	47
3.1.2 <i>Castro de Guifões (Guifões)</i>	49
3.2. Concelho de Vila do Conde	50
3.2.1. <i>Castro da Retorta (Retorta)</i>	50

3.2.2 <i>Castro de São Paio (Labruge)</i>	52
3.2.3 <i>Castro do Boi (Vairão)</i>	53
3.3. Concelho da Maia	54
3.3.1 <i>Castro da Maia (Castêlo da Maia)</i>	54
3.3.2 <i>Monte das Pedras/Pedras Rubras (Moreira)</i>	55
3.4. Concelho da Trofa	56
3.4.1. <i>Castro de Alvarelhos (Alvarelhos)</i>	56
3.5. Concelho de Santo Tirso	58
3.5.1 <i>Castro de Santa Margarida (Negrelos)</i>	58
3.5.2 <i>Castro de Monte Padrão (Monte Córdova)</i>	59
3.5.3 <i>Vela (Monte Córdova)</i>	61
3.6. Concelho de Paços de Ferreira	62
3.6.1 <i>Castro da Vila (Penamaior)</i>	62
3.6.2 <i>Castro do Busto (Penamaior)</i>	63
3.6.3 <i>Citânia de Sanfins (Sanfins)</i>	64
3.6.4 <i>São Bráz (Frazão e Arreigada)</i>	67
3.6.5 <i>São Domingos (Ferreira)</i>	68
3.6.6 <i>Senhora do Socorro (Lamoso)</i>	69
4 Ocupação romana do território	70
4.1 Caraterização do território	71
4.2 Elementos seleccionados	71
4.3 Mineração romana	72
5 Análises geoespaciais	75
5.1 Zona montanhosa de interior	77
5.1.1 <i>Análise locacional</i>	77
5.1.1.1 <i>Altitude</i>	78
5.1.1.2 <i>Aptidão agrícola do solo</i>	79
5.1.1.3 <i>Acessibilidade</i>	81
5.1.1.3.1 <i>CrITÉrio anisotrópico</i>	81
5.1.1.3.2 <i>Perfil topográfico</i>	85
5.1.1.3.3 <i>Least Cost Path</i>	91
5.1.1.4 <i>Visibilidade</i>	93
5.1.2. <i>Conjugação de várias análises</i>	96
5.2 Zona litoral	98
5.2.1 <i>Análise locacional</i>	98
5.2.1.1 <i>Altitude</i>	98
5.2.1.2 <i>Aptidão Agrícola do Solo</i>	99
5.2.1.3 <i>Acessibilidade</i>	100
5.2.1.3.1 <i>CrITÉrio anisotrópico</i>	100
5.2.1.3.2 <i>Perfil topográfico</i>	102
5.2.1.4 <i>Visibilidade</i>	108
5.2.2 <i>Conjugação de várias análises</i>	109
5.3 Comparação dos sítios da Idade do Ferro e romanos	110
6 A Bibliografia mapeada	113
7 Preservação, conservação e proteção dos sítios arqueológicos	116

PARTE III – A construção do modelo interpretativo

1 Desconstruir a paisagem da Idade do Ferro para construir um modelo interpretativo **123**

1.1 A hipótese formulada e os objetivos estipulados 124

1.2 Resultados 125

1.3 Aplicação de análises geoespaciais 137

2 Questão patrimonial **139**

3 Conclusões e bases para a investigação futura **141**

Considerações Finais **145**

Bibliografia **151**

Apêndices

Lista de figuras

Figura 1 – Zona de influência da Citânia de Sanfins sobre os castros do NO de Portugal.	12
Figura 2 – Mapa dos <i>Oppida</i> e datações C14 existentes no NO da Península Ibérica.	21
Figura 3 – Zona de estudo delimitada pelos rios Ave e Leça definida sobre um Modelo Digital do Terreno.	26
Figura 4 – Limite Este da zona de estudo marcado pelo círculo vermelho sobre a cadeia montanhosa implantada entre Santo Tirso e Paços de Ferreira.	27
Figura 5 – Imagem do Back Office da base de dados 2ArchIS.	36
Figura 6 – Localização dos povoados proto-históricos.	47
Figura 7 – Localização do Monte Castro.	48
Figura 8 – Localização do Castro de Guifões.	49
Figura 9 – Localização do Castro da Retorta.	51
Figura 10 – Localização do Castro de São Paio.	52
Figura 11 – Localização do Castro do Boi.	53
Figura 12 – Localização do Castelo da Maia.	55
Figura 13 – Localização do Monte das Pedras/Pedras Rubras.	56
Figura 14 – Localização do Castro de Alvarelhos .	57
Figura 15 – Localização do Castro de Santa Margarida.	59
Figura 16 – Localização do Castro do Monte Padrão.	60
Figura 17 – Localização de Vela.	62
Figura 18 – Localização do Castro da Vila.	63
Figura 19 – Localização do Castro do Busto.	64
Figura 20 – Localização do Citânia de Sanfins e Penedo das Ninfas.	65
Figura 21 – Localização do Castro de São Bráz.	67
Figura 22 – Localização de São Domingos.	68
Figura 23 – Localização de Senhora do Socorro.	69
Figura 24 – Mapa da ocupação romana do território entre os rios Ave e Leça.	70
Figura 25 – Mapa da Península Ibérica com a localização das principais zonas mineiras.	73
Figura 26 – Mapa representando a localização das três principais minas referidas na	

<p>bibliografia estando representada por um círculo cinzento a mina da Lagoa Negra, de forma oval a amarelo as minas de Santa Justa e Pias e a verde as minas da Serra de Banjas.</p>	75
<p>Figura 27 – Mapa de linhas Isotrópicas da Zona montanhosa de interior e da Zona de litoral onde se observam as distintas formas de ocupação do espaço.</p>	76
<p>Figura 28 – DEM da Zona montanhosa de interior.</p>	78
<p>Figura 29 - Mapa vetorizado da Carta de Aptidão Agrícola dos Solos da D.R.A de Entre-Douro-e-Minho.</p>	80
<p>Figura 30 - Mapa de linhas anisotrópicas que tem como ponto de partida a Citânia de Sanfins.</p>	82
<p>Figura 31 - Mapa de linhas anisotrópicas que tem como ponto de partida o Castro do Monte Padrão.</p>	83
<p>Figura 32 - Mapa representativo das linhas anisotrópicas para cada povoado da zona montanhosa de interior.</p>	84
<p>Figura 33 - Perfil topográfico da Citânia de Sanfins orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	85
<p>Figura 34 - Perfil topográfico da Citânia de Sanfins orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	85
<p>Figura 35 - Perfil topográfico do Castro do Busto orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	86
<p>Figura 36 - Perfil topográfico do Castro do Busto orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	86
<p>Figura 37 - Perfil topográfico do povoado da Senhora do Socorro orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	86
<p>Figura 38 - Perfil topográfico do povoado da Senhora do Socorro orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	87
<p>Figura 39 - Perfil topográfico do Castro da Vila orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	87
<p>Figura 40 - Perfil topográfico do Castro da Vila orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i>.</p>	87
<p>Figura 41 - Perfil topográfico do povoado de São Bráz orientado N/S extraído do</p>	

<i>Google Earth.</i>	88
Figura 42 - Perfil topográfico do povoado de São Bráz orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	88
Figura 43 - Perfil topográfico do povoado de São Domingos orientado N/S extraído do <i>Google Earth.</i>	89
Figura 44 - Perfil topográfico do povoado de São Domingos orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	89
Figura 45 - Perfil topográfico do Castro do Monte Padrão orientado N/S extraído do <i>Google Earth.</i>	89
Figura 46 - Perfil topográfico do Castro do Monte Padrão orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	89
Figura 47 - Perfil topográfico do povoado da Vela orientado N/S extraído do <i>Google Earth.</i>	90
Figura 48 - Perfil topográfico do povoado da Vela orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	90
Figura 49 - Perfil topográfico do povoado de Santa Margarida orientado N/S extraído do <i>Google Earth.</i>	91
Figura 50 - Perfil topográfico do povoado de Santa Margarida orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	91
Figura 51 - Mapa do <i>Least Cost Path</i> entre a Citânia de Sanfins e o Castro do Monte Padrão.	92
Figura 52 - Provável alinhamento da via romana <i>Cale Vimarani</i> .	93
Figura 53 - Mapa de visibilidades num raio de 2 km.	94
Figura 54 - Mapa de visibilidades da Citânia de Sanfins e Monte Padrão num raio máximo de 15 km.	96
Figura 55 - Mapa de aptidão agrícola com a sobreposição do critério anisotrópico e visibilidades a 2 km.	97
Figura 56 – Mapa do Cálculo de <i>Least Cost Path</i> traçado entre a Citânia de Sanfins e o Castro de Monte Padrão com a sobreposição das visibilidades a 2 km.	98
Figura 57 - DEM da Zona Litoral.	99
Figura 58 - Carta de Aptidão de Solos da D.R.A. de Entre-Douro-e-Minho,	

Folha 9, Esc. 1:100000.	100
Figura 59 - Mapa de linhas anisotrópicas da Zona de Litoral.	101
Figura 60 - Mapa de linhas anisotrópicas do Castro de Alvarelhos com distâncias de 5 e 15 minutos.	102
Figura 61 - Perfil topográfico do Castro de Guifões orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	102
Figura 62 - Perfil topográfico do Castro de Guifões orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i> .	103
Figura 63 - Perfil topográfico do povoado do Monte das Pedras orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	103
Figura 64 - Perfil topográfico do povoado do Monte das Pedras orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i> .	103
Figura 65 - Perfil topográfico do povoado do Castelo da Maia orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	104
Figura 66 - Perfil topográfico do povoado do Castelo da Maia orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	104
Figura 67 - Perfil topográfico do Castro de Alvarelhos orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	104
Figura 68 - Perfil topográfico do Castro de Alvarelhos orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i> .	105
Figura 69 - Perfil topográfico do Castro do Boi orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	105
Figura 70 - Perfil topográfico do Castro do Boi orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i> .	105
Figura 71 - Perfil topográfico do povoado da Retorta orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	106
Figura 72 - Perfil topográfico do povoado da Retorta orientado E/O extraído do <i>Google Earth</i> .	106
Figura 73 - Perfil topográfico do Monte do Castro orientado N/S extraído do <i>Google Earth</i> .	106
Figura 74 - Perfil topográfico do Monte do Castro orientado E/O extraído do <i>Google</i>	

<i>Earth.</i>	107
Figura 75 - Perfil topográfico do Castro de São Paio orientado N/S extraído do <i>Google Earth.</i>	107
Figura 76 - Perfil topográfico do Castro de São Paio orientado E/O extraído do <i>Google Earth.</i>	107
Figura 77 - Mapa de visibilidades a 2 km da Zona litoral.	108
Figura 78 - Mapa de visibilidades a 2 km e linhas anisotrópicas da Zona litoral.	109
Figura 79 - Mapa de aptidão agrícola com a sobreposição do critério anisotrópico e visibilidades a 2 km.	110
Figura 80 - Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios.	111
Figura 81 - Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios da zona montanhosa de interior.	112
Figura 82 - Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios na zona litoral.	113
Figura 83 - Mapeamento dos inventários e estudos realizados até ao momento sobre os sítios em análise.	115
Figura 84 - Mapeamento das citações realizadas até ao momento sobre os sítios em análise.	115
Figura 85 - Mapeamento dos temas trabalhados até ao momento sobre os sítios em análise.	116
Figura 86 - Classificação dos sítios em análise.	118
Figura 87 - Estado de conservação dos sítios em análise.	119
Figura 88 - Tipo de intervenção realizada sobre sítios em análise.	119
Figura 89 - Tabela com o valor das altitudes da zona montanhosa de interior a azul e da zona de litoral a cor-de-laranja.	126
Figura 90 - Tabela de distâncias anisotrópicas da Citânia de Sanfins aos restantes povoados.	127
Figura 91 - Tabela de distâncias anisotrópicas do Castro do Monte Padrão aos restantes povoados.	128
Figura 92 - Tabela de distâncias anisotrópicas do Castro do Alvarelhos aos	

restantes povoados.	132
Figura 93 - Gráfico representativo da descontinuidade e continuidade dos povoados da Idade do Ferro durante o período romano e o surgimento de novos locais romanos.	134
Figura 94 - Gráfico representativo da classificação dos sítios da zona em estudo.	139
Figura 95 - Gráfico representativo do estado de conservação sítios da zona em estudo.	140
Figura 96 - Gráfico representativo do tipo de intervenções realizadas sobre os sítios.	141

Lista de apêndices

Apêndice 1 – Estrutura da base de dados 2ArchIS.

Apêndice 2 - Localização dos povoados proto-históricos.

Apêndice 3 - Mapa da ocupação romana do território entre os rios Ave e Leça.

Apêndice 4 - Tabela das altitudes da zona de montanhosa de interior e tabela das altitudes da zona de litoral.

Apêndice 5 - Linhas isotrópicas sobre Citânia de Sanfins e mapa de linhas anisotrópicas sobre Citânia de Sanfins.

Apêndice 6 – Planta da área escavada sobre imagem satélite e planta com a delimitação das linhas de muralha, zona de balneário e necrópole medieval da Citânia de Sanfins.

Apêndice 7 – Tabela de distâncias a partir das linhas anisotrópicas de 15 minutos partindo da Citânia de Sanfins e do Castro do Monte Padrão e tabela de distâncias a partir das linhas anisotrópicas de 15 minutos partindo do Castro de Alvarelhos.

Apêndice 8 - Mapa dos sítios inventariados e dos estudos produzidos.

Apêndice 9 - Mapa das citações por sítio.

Apêndice 10 – Mapa da bibliografia por tema.

Apêndice 11 – Mapa de classificação dos sítios arqueológicos.

Apêndice 12 – Mapa do estado de conservação dos sítios arqueológicos.

Apêndice 13 – Mapa do tipo de intervenção realizada sobre os sítios arqueológicos.

Apêndice 14 – Listagem dos sítios arqueológicos integrados no na base de dados 2ArchIS.

Introdução

O presente estudo insere-se na necessidade de investigação das problemáticas inerentes à Idade do Ferro, mais concretamente centradas na visão do Ser Humano face à paisagem. Posto isto, com base nas atuais linhas de estudo e dando relevância à Arqueologia da Paisagem, realizámos uma análise espacial a nível macro e semi-micro das diacronias e sincronias existentes na paisagem envolvente da Citânia de Sanfins, localizada em Sanfins, Paços de Ferreira.

Ao estudarmos a paisagem deparamo-nos com o seu carácter curiosamente duplo. De facto, a paisagem é dinâmica pois está em constante mudança e ao mesmo tempo, esta apresenta-se por si só como elemento estratificado, pois acumula em si todas as mudanças e transformações que nunca se perdem na totalidade (Parcero-Oubiña, 2002: 16).

Determinamos por objetivo principal deste trabalho estudar a paisagem a duas escalas. Primeiramente, a um nível macro espacial, tentando caracterizar a zona em estudo e os recursos existentes, tendo em vista compreender as dinâmicas económicas e sociais do espaço a uma ampla escala. Realizámos, também, uma análise a uma escala semi-micro, abrangendo a Citânia no seu contexto imediato, determinando o seu desenvolvimento, não só a nível geográfico, mas também social e cultural (Mañana-Borrazás *et al.*, 2002: 16).

Desta forma configurou-se como zona de estudo a área delimitada pelo rio Ave, a norte e pelo rio Leça, a sul, sendo que a oeste encontramos como limite a costa e a este a cadeia montanhosa que atravessa o concelho de Paços de Ferreira, onde se encontra implantada a Citânia de Sanfins. Neste território contamos com um total de dezassete povoados, dos quais oito estão implantados na zona litoral e nove concentrados numa zona de interior montanhosa. Foi igualmente feito um levantamento dos sítios do período romano, muito embora não tenha sido possível abordá-los de forma exaustiva, o que esperamos fazer no futuro, apresentamos por agora uma comparação superficial das relações espaciais que se podem inferir da sua distribuição.

Esta dissertação encontra-se estruturada em três partes que consideramos fundamentais. A primeira parte será dedicada ao enquadramento e metodologia utilizada no trabalho. Integrámos no primeiro ponto desta parte a evolução da investigação sobre as transformações ocorridas no território do Noroeste Peninsular, na Idade do Ferro, onde abordamos, primeiramente, o estado da questão, apresentando um panorama dos trabalhos e principais investigadores que trabalharam as diversas problemáticas inerentes à Idade do Ferro. De seguida, dedicamo-nos à discussão atual sobre a tipologia de povoados, centrando-nos, por um lado, nos conceitos de ‘Cultura Castreja’ e ‘castro’ e, por outro, na emergência dos povoados designados ‘Citânia’ ou

'*Oppidum*' na Península Ibérica. Incluímos também as propostas cronológicas apresentadas para a Idade do Ferro em Portugal. No segundo ponto da Parte I mostramos a delimitação e caracterização do espaço geográfico analisado e os estudos sobre ele realizados. De seguida, no ponto três, apresentamos os objetivos propostos. No ponto quatro expomos o modelo metodológico pretendido, partindo da recolha e armazenamento de dados para serem depois mapeados e verificados em campo. Em gabinete executámos o grande volume de trabalho, efetuando as análises geoespaciais e, por fim, construindo o modelo interpretativo do território estudado.

Na Parte II apresentamos os dados recolhidos e trabalhados, começando pela caracterização dos povoados que incorporam o estudo bem como uma breve caracterização da ocupação romana do território. A área de estudo foi dividida em duas micro zonas sobre as quais foram executadas as análises, apresentadas no ponto cinco. Posteriormente, demonstramos de forma quantitativa e qualitativa os tipos de estudos produzidos sobre o território em análise através da bibliografia mapeada. E, por último, incluímos um ponto que consideramos importante pois apresentamos os dados relativos à classificação e estado de conservação dos sítios tal como as intervenções arqueológicas realizadas sobre os mesmos.

A Parte III desdobra-se em três pontos essenciais para a construção do modelo interpretativo. No ponto um apresentamos a articulação dos dados obtidos através das análises geoespaciais, tecendo também algumas considerações sobre a aplicação deste tipo de metodologia. No ponto dois atribuímos especial atenção à questão patrimonial onde refletimos sobre o cenário apresentado através dos dados. Por último, no ponto três apresentamos as conclusões e as bases para a investigação futura onde propomos novas vias de trabalho.

Concluimos este trabalho apresentando o cômputo dos resultados obtidos, assim como as principais considerações que conseguimos extrair deste estudo, perspetivando novas linhas de trabalho.

Parte I

Enquadramento e Metodologia

1 Do passado ao presente: a evolução da investigação sobre as transformações ocorridas no território na Idade do Ferro no Noroeste Peninsular

Desde cedo, o estudo da Idade do Ferro do NO peninsular apresentou um quadro investigativo complexo, não só pela malha de povoados que se distribuem espacialmente nesta área, mas também pela forma como estas sociedades se apresentam materializadas na sua longa ocupação temporal e territorial. Este contexto permitiu, a partir dos finais do século XIX, a estruturação de várias interpretações, abordadas por vários autores, objetivando a construção de um quadro cronológico-cultural para este período. Identificado inicialmente como uma ‘Cultura’ homogénea, caracterizada pela sua origem étnica, pela sua localização geográfica, tipo de habitat e pela sua cultura material (Martins, 1993-94: 42-43), estabeleceu-se deste modo todo um processo de conhecimento científico que nos permite, no presente, determinar novas problemáticas, descortinar novas perspetivas e metodologias de análise. É neste sentido que pretendemos aqui enquadrar o nosso estudo, bem como a linha de trabalho que desejamos seguir.

1.1 Estado da questão

Apresentamos como ponto de partida nesta análise, o trabalho pioneiro de Francisco Martins Sarmiento, no século XIX, concretizado através das intervenções arqueológicas realizadas na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso. Como fruto do seu trabalho de investigação, realizou várias publicações integradas na “Revista de Guimarães” e no manuscrito com o nome “Antiqua. Apontamentos de Arqueologia” (Sarmiento, 1999). É incontornável o impacto que o trabalho deste estudioso teve, não só ao impulsionar o estudo da Idade do Ferro em Portugal, mas também pelo reconhecimento internacional que obteve aquando do IX Congresso de Antropologia e Arqueologia, em 1880. A continuidade dos estudos deste erudito foi assegurada pela fundação da Sociedade Martins Sarmiento (Martins, 1990: 18; Martins, 1993-94: 48; Silva e Gomes, 1998: 23).

É neste contexto dinâmico, entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, que vários investigadores se dedicam ao estudo de novos povoados, tal como à análise de elementos da cultura material que pudessem justificar a presença destes povoados neste contexto. Na Galiza

deparamo-nos com uma situação semelhante por volta do início do século XX, com a difusão do estudo dos castros, procurando associar as evidências materiais aos povoados, individualizando-os face às outras regiões peninsulares. Surge também, nos anos 20, a formação do “Grupo Nós” e a criação do “Seminário dos Estudos Galegos” permitindo o desenvolvimento da investigação tanto em termos de intervenção nos castros como a nível de inventariação dos mesmos (Martins, 1990: 18).

Devemos também destacar no contexto português, a emergência de entidades que permitiram a continuidade dos estudos nesta área como o Instituto de Antropologia do Porto (1911) e a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (1918), tendo como fundadores um grupo de eruditos que colaboraram na revista *Portugália* (1899-1906). A par do trabalho de Martins Sarmento, referimos na mesma época o trabalho de José de Leite de Vasconcelos, divulgado em vários artigos na revista “*O Archeologo Português*”, igualmente através da obra “*Religiões da Lusitânia*” onde trata as possíveis fontes para estudar as divindades, crenças e formas de culto (Silva e Gomes, 1998: 25-26). Apontamos também inúmeras personagens que se debruçaram sobre o estudo desta temática como Félix Alves Pereira, Estácio da Veiga, Carlos Ribeiro, José Fortes, Abade Baçal, entre muitos outros (Moreira, 2009: 24).

A contribuição de P. Bosh Gimpera marcou os anos 20 e 30 do século XX, apresentando a primeira proposta de sistematização dos dados arqueológicos peninsulares, caracterizando-os como pertencentes a uma ‘Cultura Castreja’, termo que foi bastante popularizado. Este autor procurou dar expressão aos achados metálicos da Idade do Bronze, assim como integrar os povoados fortificados na II Idade do Ferro Peninsular, considerando-os como sendo de tradição pós-hallstática (Martins, 1993-94: 48). Esta teoria permitiu aos investigadores caracterizar a cultura material, determinar a sua área geográfica, definir a origem étnica e sistematizar a evolução neste período. Será, porém, F. López Cuevillas o protagonista dos estudos sobre a arqueologia castreja, entre os anos 20 e 60, produzindo um extenso reportório de trabalhos que contribuíram para caracterizar a “Cultura Castreja” (Martins, 1990: 18; Martins, 1993-94: 49).

No contexto português, a partir dos anos 20, destacamos o empenho de Mário Cardoso, dando continuidade aos trabalhos na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso. Produziu uma vasta bibliografia que abordou questões como a arquitetura dos castros, a metalurgia, a cerâmica, o vidro e a ourivesaria, entre outros temas importantes (Martins, 1990: 18). Ainda dentro dos trabalhos realizados a partir dos anos 20, de cariz regionalista, referimos o legado de

Abel Viana, em Santa Luzia, tal qual o de Afonso do Paço, com as escavações realizadas na Citânia de Sanfins. No panorama galego, destacaram-se os trabalhos de Mergelina, em Santa Trega e de Pericot García, em Troña (Almeida e Acuña Castroviejo, 1996/97: 97). Enquadramos aqui o interesse demonstrado por C. Hawkes pela ‘Cultura Castreja’, ao realizar escavações na estação de Sabroso e na Cividade de Âncora, onde pela primeira vez se valorizou a estratigrafia, o que lhe permitiu enfatizar a evolução desta mesma ‘cultura’ (Almeida e Acuña Castroviejo, 1996/97: 98).

Apresenta-se assim, numa fase inicial, uma linha de pensamento que se baseia nas invasões indo-europeias para justificar a emergência dos castros e o seu desenvolvimento cultural, sendo a introdução da metalurgia do ferro no NO peninsular, apresentada como consequência das invasões célticas e a evolução destes povoados considerada como influenciada por impulsos exteriores, hallstáticos e romanos. Foram considerados estes fatores para construir um quadro cronológico para esta região (Martins, 1993-94: 51-52).

Os estudos concebidos entre os anos 20 e 70 do século XX permitiram circunscrever as características formais dos elementos que definem a ‘Cultura Castreja’: o tipo de habitat, a arquitetura doméstica e militar, a ourivesaria e a metalurgia. Até então os castros foram considerados como a forma de habitat típica da Idade do Ferro (Martins, 1996: 119). Ainda assim, persiste a ausência de cronologias concisas, tal como a correta contextualização destes elementos usados como caraterizadores e isto deve-se em parte ao atraso na arqueologia portuguesa pela falta de rigor metodológico, particularmente no registo, o que condicionou toda a interpretação feita sobre os dados existentes (Martins, 1990: 19).

Nos anos 70, observa-se uma mudança de perspetiva, tendo-se agora como foco as questões evolutivas desta ‘Cultura’, sendo através de Maluquer de Motes que se pensa a possibilidade de estes castros terem surgido no contexto da Idade do Bronze, sendo um fenómeno cultural regional, tentando-se ultrapassar a ideia de que a emergência dos castros tivesse por base influências externas. No entanto, o autor acaba por recorrer a fenómenos externos para justificar as transições ocorridas nesta ‘Cultura’ tais como, a queda de Tartessos e a expansão céltica, por volta de 500 a.C., ou a campanha de *Decimus Junius Brutus*, entre 138-136 a.C. (Martins, 1993-94: 52).

A partir dos anos 80, a inovação metodológica e as primeiras datações radiométricas permitiram um maior rigor ao enquadrar a origem de alguns povoados no Bronze Final, facto

que revolucionou a problemática da emergência dos povoados fortificados do NO peninsular, até então apenas considerados como tendo ocupação da Idade do Ferro. Para tal contribuíram as escavações que proporcionaram achados atribuíveis ao Bronze Final, como as do Castro de O Neixón Pequeno (Boiro, A Coruña), Santo Estevão da Facha e Castromao (Celanova, Ourense). Relativo às primeiras datas de C14 temos o caso do Castro de Borneiro (Borneiros, A Coruña) e Penarrubia (Liérganes, Cantábria) e a revisão dos achados metálicos do Bronze Final, aparecidos fora do contexto. A estes dados acresce no contexto português os dados provenientes das escavações do povoado da Senhora da Guia (Baiões), as do Coto da Pena (Caminha) e as de S. Julião e Barbudo (Vila Verde), cuja cronologia, sustentada nos últimos dois casos em datações radiométricas, permitiu situar no Bronze Final a primeira fase de ocupação de vários povoados fortificados do NO peninsular (Martins, 1990), facto que revolucionou a problemática da origem dos povoados fortificados do NO, até então apenas considerados como tendo ocupação da Idade do Ferro (Martins, 1990). De facto, a integração inicial dos achados de bronze no período castrejo era feita sobretudo com achados isolados, apontando-se uma fase de formação castreja inicial anterior ao século V a.C., considerando-se na altura que a emergência das muralhas e do habitat em pedra teriam decorrido a partir do século V a.C. Com base nas datações radiométricas dos contextos dos povoados de S. Julião e Barbudo (Vila Verde) foi possível alargar a cronologia de ocupação dos povoados fortificados do NO português ao Bronze Final. (Martins, 1988:15-16).

Mau grado os contributos das novas escavações, entre os anos 80 e 90 do século passado, continuaram a produzir-se esquemas evolutivos, baseados na influência de fatores exógenos, patente por exemplo no trabalho de Armando Silva (1986). Estas sistematizações distinguem-se por vezes apenas nas datações propostas, que se apoiam em factos estilísticos e exóticos, considerados convenientes para justificar as discontinuidades, recorrendo raramente ao registo arqueológico, apontando como modelos explicativos destes testemunhos o migracionismo e o difusionismo. Foram também ignoradas até então as conjunturas económica e social que poderiam permitir compreender as transformações ocorridas no seio das comunidades, aspeto que foi tratado por Manuela Martins na sua investigação (Martins, 1990 e 1993-94: 53).

O surgimento de projetos de investigação de média e longa duração, vinculados às universidades (Porto e Minho) permitiram o desenvolvimento dos estudos regionais, nos quais se

concede especial atenção à morfologia do terreno e aos recursos hidrográficos presentes no território, como elementos importantes para a implantação dos povoados.

Em resultado das escavações realizadas em vários povoados foi possível elaborar trabalhos de síntese, de que é exemplo o trabalho de Armando Coelho Ferreira da Silva (1986), tendo o seu estudo incidido sobre o norte de Portugal, ou o trabalho de Manuela Martins (1990) que, na sua tese de doutoramento, procurou abordar as estratégias de povoamentos do curso médio do Cávado, numa perspetiva mais regional e inovadora, fundamentada em novas escavações e metodologias de análise do território, desenvolvidas no âmbito da Arqueologia do Povoamento e da Arqueologia Espacial de tradição anglo-saxónica.

Armando Coelho Ferreira da Silva realizou um inventário dos castros na região de Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira Litoral, tendo catalogado 922 sítios. Apesar da ausência de confirmação de muitos deles, estudos recentes apontam que de facto o catálogo estabelecido pelo investigador não se afasta da realidade. Os sítios catalogados em Trás-os-Montes Oriental foram, quase na sua totalidade, visitados e localizados por Francisco Sande Lemos (1993), que sintetizou os dados do povoamento daquela região na perspetiva ensaiada por Manuela Martins para o vale do Cávado. Observa-se também uma tendência para a organização de *corpus* regionais dos castros, de que é exemplo o trabalho sobre o litoral do Minho, realizado por Carlos Brochado de Almeida (2003). Neste estudo registaram-se 156 povoados dispersos pelos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Paredes de Coura, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Esposende e Barcelos. Outros estudos regionais foram elaborados por Teresa Soeiro, que analisou a região entre o Sousa e o Tâmega (1984), por Carlos Alberto Brochado de Almeida para o vale do Lima e litoral atlântico português (1990 e 1996), de António Dinis sobre o vale do Ave (1993), de Maria de Fátima Silva sobre o vale do Coura (1994), de Ricardo Teixeira para a área de Chaves (1996), ou o de Tarciso Maciel sobre o vale do Neiva (1997).

Alguns investigadores tentam igualmente caracterizar a organização social e étnica procurando sustentação nas fontes linguísticas e epigráficas, nomeadamente através da Ora Marítima de Avieno, a História Natural de Plínio (III, 28), Ptolomeu (II, 6) e o Livro III da Geografia de Estrabão, apelando à interdisciplinaridade entre historiadores, linguistas e arqueólogos (Martins, 1993-94: 50; Silva e Gomes, 1998: 20-21).

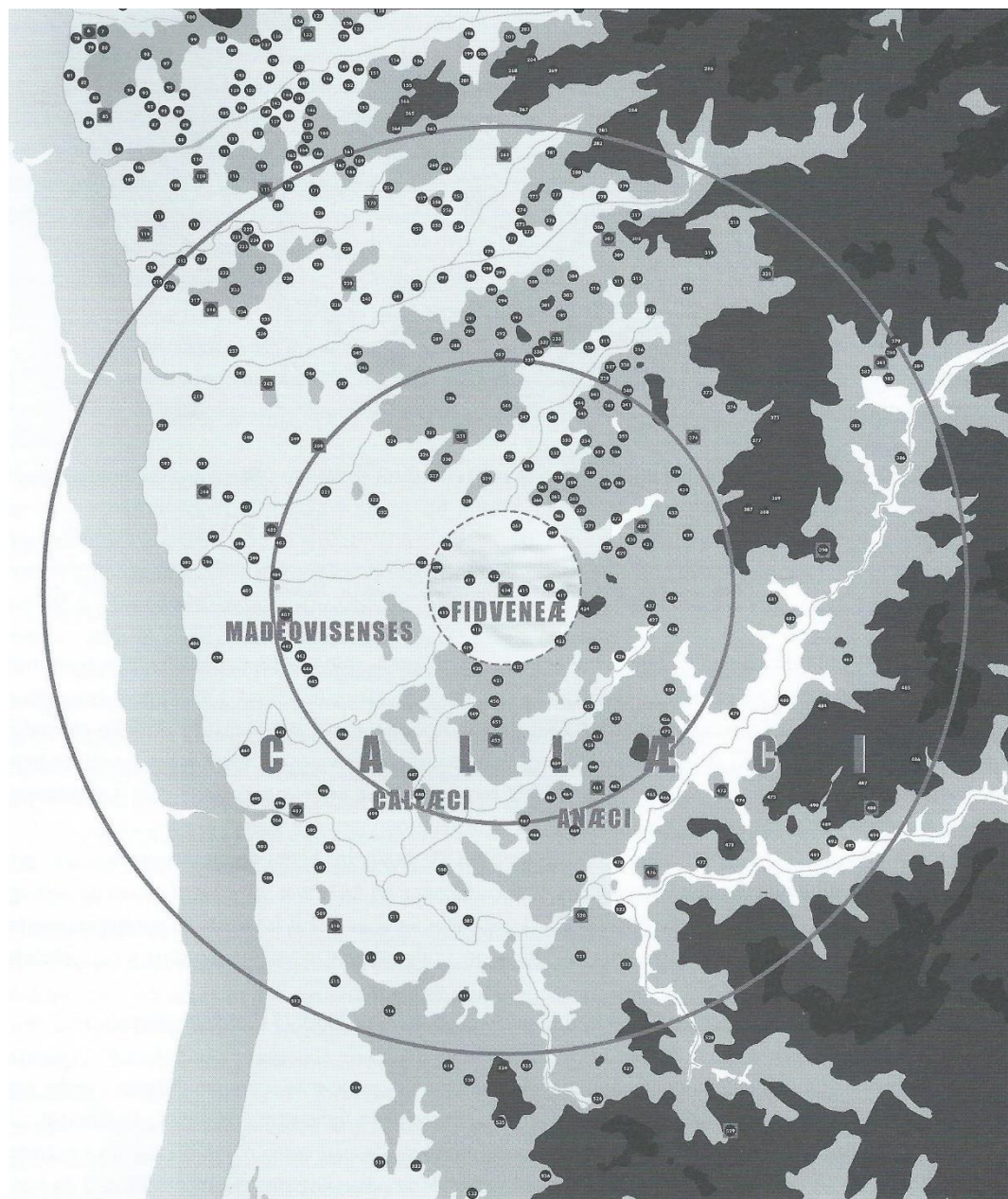


Figura 1- Zona de Influência da Citânia da Sanfins sobre os castros do NO de Portugal (Silva, 2007).

Cabe igualmente destacar que é neste mesmo período que se observa uma mudança de pensamento, integrando o tempo e o espaço como elementos fundamentais na interpretação da Idade do Ferro do NO peninsular. Isto permitiu considerar igualmente a economia, a sociedade e o simbólico na análise da paisagem. Ou seja, o espaço ganha dimensão e surge como parte integrante nos estudos da 'Cultura Castreja' que se identifica, não só pela sua cultura material e pelas características do seu habitat, mas também pelo local onde estes povoados se implantam

(Martins, 1990). Expressa-se assim a importância da temporalidade e espacialidade que se apresenta agora integrada nos trabalhos investigativos (Martins, 1993-94: 54). Neste âmbito, na última década do século XX desenvolveram-se novas linhas de investigação que permitiram assinalar disparidades no progresso das diferentes sub-regiões do NO português, no que respeita à evolução do povoamento desde a Idade do Bronze (Martins, 1990; Bettencourt, 2001: 41). Neste contexto, alguns autores destacaram a necessidade de realizar estudos sobre a paisagem, que envolvessem uma abordagem mais interdisciplinar, pois os castros são verdadeiros miradouros sobre o território (Lemos, 2009: 125). Não obstante, para além do desenvolvimento nos estudos sobre a paisagem observamos também o interesse pelo estudo da arquitetura, que trouxeram um novo olhar às investigações dos castros.

Na Europa e mais concretamente em Inglaterra no século XX, surgem as bases para a Arqueologia da Paisagem, a par do desenvolvimento da arqueologia de campo, abraçando perspectivas intelectuais por parte dos geógrafos e historiadores que se juntaram-se para realizar a primeira análise da distribuição de sítios arqueológicos em termos geográficos (Anschuetz *et al.*, 2001: 168, 173). A designada Arqueologia Espacial, trazida no âmbito da Nova Arqueologia, apresenta-se como uma evolução das perspectivas, percecionando o habitat nos níveis micro e macro, visando recuperar as relações intra-site e inter-site (Martins, 1996: 19).

Já no século XXI, cabe destacar os estudos realizados na Galiza por Alfredo González-Ruibal (2006), por C. Parcero-Oubiña (2002) e, mais recentemente, a tese defendida por Pastor Fábrega-Álvarez (2017). Estes dois últimos trabalhos apresentam-se como importantes guias metodológicos para o desenvolvimento do presente projeto. De igual importância é o trabalho de Brais Currás Refojos (2014) incidindo sobre as transformações sociais e territoriais no Baixo Minho ao longo do primeiro milénio a.C. e durante o processo de romanização.

Em Portugal verifica-se também a existência de trabalhos que integram uma abordagem ao estudo da paisagem. Destacamos a tese de doutoramento de H. Carvalho (2008), bem como os trabalhos que vem desenvolvendo na última década, centrados na evolução do território em torno da cidade romana de *Bracara Augusta*, que coloca em perspectiva a reestruturação do território aquando da romanização através de um enquadramento espacial e paisagístico (Carvalho, 2012; 2016a; 2016b). Nesta mesma perspetiva se enquadra a tese de doutoramento de A. Moreira (2009) sobre o ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave, bem como

de J. Pinho (2009) sobre o I milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave.

É, contudo, no estudo da paisagem que podemos identificar vários cenários da vida das populações tanto a nível temporal como espacial. Para tal é importante compreender as correntes teóricas que mapearam o ideário da Arqueologia da Paisagem e a partir destas construir novas realidades. Neste sentido, surge a necessidade de uma complementaridade de análise dos territórios, procurando-se, por essa via, potenciar novas perspetivas de estudo de cariz social, cultural, político e simbólico. A Arqueologia da Paisagem constitui, por isso, um *corpus* teórico-metodológico fundamental para este tipo de estudos, pois «(...) la construcción del espacio aparece como una parte esencial del proceso social de construcción de la realidad realizada por un determinado sistema de saber y es, así mismo, compatible con la organización socioeconómica y con la definición de individuo vigente en ese contexto; (...)» (Criado-Boado, 1993b: 11).

Integramos neste trabalho um conjunto de referências de autores que nos facultaram uma orientação teórica sobre o conceito de paisagem e de espaço, bem como as bases metodológicas que combinamos para alcançar um modelo interpretativo da área em estudo. F. Criado-Boado trabalhou insistentemente o tema da paisagem, através de inúmeros trabalhos (1991, 1993, 1996, 1999, 2015) sendo uma das principais referências neste estudo. Este autor define o espaço como «(...) un elemento nuclear de la experiencia humana y la sociedad, y de hecho es inherente a las condiciones de posibilidad de la realidad.» (Criado-Boado, 2015: 2). E, como tal, considera que o espaço é um elemento que não se apresenta isolado dos vários sistemas de representação de cada formação sociocultural (Criado-Boado, 2015: 1). Assim sendo, o estudo da paisagem concretiza em si elementos fundamentais para o conhecimento produzido sobre os sítios arqueológicos, pois permite-nos compreender a lógica que se apresenta por detrás da sociedade que habitou e transformou o espaço. Cabe sintetizar que o autor identifica quatro atitudes principais do ser humano em relação à natureza: passiva, participativa, ativa e destrutiva. Cada uma delas caracteriza diferentes momentos culturais no comportamento de aquisição de espaço e de construção de uma paisagem cultural. Afirma que a atitude passiva estaria presente na humanidade caçadora, a participativa seria correspondente à humanidade recoletora, a ativa à humanidade domesticadora e a destruidora à humanidade ligada a sistemas sujeitos a racionalidades potencializadoras (Criado-Boado, 1993b). É também

importante referir que este tipo de estudos trata de realizar uma leitura daquilo que perdura da paisagem antiga, através de uma abordagem histórica, de múltiplas realidades sincrónicas e diacrónicas (Orejas *et al.*, 2002). Consideramos também o trabalho de K. Anschuetz, que reforça a necessidade da abordagem paisagística na investigação arqueológica, sugerindo que esta aproximação permite facilitar o reconhecimento e avaliação das dinâmicas relacionais e interdependências que as comunidades mantinham com as várias dimensões (física, social e cultural) ao longo do espaço e tempo (Anschuetz *et al.*, 2001: 159). Estabelece quatro premissas que fundamentam o paradigma da paisagem: As paisagens não são sinónimas de ambiente natural, mas sim produções culturais, palco de todas as atividades da comunidade e construções dinâmicas, em que cada comunidade e cada geração impõem o seu próprio mapa cognitivo num mundo antropogénico de interconexões, morfologias, disposições e significados coerentes (Anschuetz *et al.*, 2001: 160-161). Os autores apontam o facto de o estudo da paisagem implicar o estudo arqueológico permitindo aceder às dinâmicas ocorridas num determinado espaço que de outra forma não se observariam (Anschuetz *et al.*, 2001: 188). Para a construção da perspetiva teórica apontamos também o trabalho de A. Orejas (1995; 1995-96; 2006) e de J. Soler Segura (2007).

Importante neste contexto são ainda os trabalhos de C. Parcero-Oubiña (2002; 2006) e o de P. Fábrega-Álvarez (2004; 2017). O avanço concebido por C. Parcero-Oubiña no estudo da paisagem social agrária espelha-se na sua obra, referida anteriormente, onde apresenta uma metodologia na qual nos apoiamos, para o cálculo do possível espaço produtivo de cada sítio arqueológico com base na sua tipologia. Integrámos também os recentes avanços de I. Herzog nos estudos concretizados sobre as análises de mobilidade nomeadamente *Least Cost Path* e *Optimal Path Analysis* (2013; 2014). Atendendo a estas perspetivas teóricas, a nossa aproximação à paisagem centra-se nos seguintes aspetos: os elementos que caracterizam a paisagem agrária castreja, como o território, zonas de aptidão agrícola, o tipo de povoado e a exposição solar e a mobilidade dentro do território, intra sítio e entre sítios considerando a topografia e o tempo de deslocação.

Recentemente, considerou-se fundamental integrar no estudo das paisagens antigas os resultados de análises paleoambientais e geoarqueológicas como forma de potenciar a compreensão da sua evolução. Isto deve-se não só ao facto de se compreender que qualquer mudança cultural constitui sempre uma resposta a uma alteração ambiental, mas também que

as transformações culturais podem levar a variações ambientais. Destacamos aqui os estudos paleoambientais e edafológicos concretizados por A. Martínez Cortizas (1988, 2011), bem como o trabalho de M. Martín Seijo (2013), que desenvolveu estudos sobre o uso da madeira como recurso pelas sociedades passadas, sendo que sua tese de doutoramento incidiu sobre a gestão do bosque desde a Idade do Ferro à época romana. Em Portugal realizaram-se estudos concretizados nesse sentido, nomeadamente por João Tereso (2007; 2012) e pela sua equipa no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO) (Vaz *et al.*, 2017). Referimos também a dissertação de mestrado de Luís Seabra (2015) onde concretiza um estudo paleoetnobotânico do povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro. Aos estudos paleoambientais e à aplicação de modelos de análise espacial (Orejas *et al.*, 2002), viria a juntar-se também o estudo da arquitetura, sendo esta igualmente um documento histórico, que contém uma forte relação com a paisagem, visto que o território é a maior condicionante da arquitetura. Neste tema consideramos importante referir os trabalhos realizados por X. Ayán Vila, especificamente a sua tese doutoral, designada de “Casa, familia e comunidad en la Edad del Hierro del NW” (2012) com uma abordagem da casa e do espaço doméstico dos castros do NO peninsular. Importante é também o trabalho de P. Mañana-Borrazás, incidente sobre a Arqueologia da Arquitetura a partir de uma abordagem teórica e uma conceção metodológica inovadora, bem patente no seu artigo “Arquitectura como percepción” (Mañana-Borrazás, 2003) e no artigo conjunto com F. Criado-Boado “Arquitectura como materialización de un concepto. La espacialidad Megalítica” (Criado-Boado e Mañana-Borrazás, 2003). Também o trabalho desenvolvido por R. Blanco-Rotea na sua tese doutoral, designada de “Arquitectura y Paisaje. Fortificaciones de frontera en el sur de Galicia y norte de Portugal” (2015), explora as metodologias da Arqueologia da Arquitectura e da Arqueologia da Paisagem para analisar as fortificações da Guerra da Restauração (1640-1668). Estes três autores produziram em 2002 uma importante publicação designada de “Arqueotectura 1: Bases teórico-metodológicas para una Arqueología de la Arquitectura”, na qual estabelecem uma proposta teórico-metodológica, desdobrando a Arqueologia da Arquitetura como conceito amplo, para o qual existe uma série de definições (Mañana-Borrazás *et al.*, 2002: 14), pelo que procuraram, através do termo ‘Arqueotectura’ agrupar as teorias e metodologias utilizadas tanto na investigação arqueológica como arquitetónica, formulando uma perspetiva integrada de ambas as disciplinas e «(...) cuyo fin último es acceder a la racionalidad de las sociedades pretéritas que han construido y

significado los espacios arquitectónicos» (Mañana-Borrazás *et al.*, 2002: 27). Assim sendo, acreditamos que as construções arquitetónicas representam as modificações do espaço operadas pelas comunidades ao longo dos tempos, tendo como condicionantes a evolução técnica e a conjuntura social, económica e cultural, sendo a arquitetura um dos espelhos da visão de uma sociedade. Apesar de o estudo da arquitetura não se apresentar como foco neste trabalho, consideramos que em trabalhos futuros é necessária a concretização de estudos neste sentido, tentando compreender de que forma se apresenta materializado o pensamento cultural das sociedades da Idade do Ferro.

Este tipo de estudos tem sido desenvolvido de forma sistemática nos últimos anos em Espanha, nomeadamente através do Instituto de Ciencias del Patrimonio (Incipit) do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), do grupo de investigação "Estructura Social y Territorio. Arqueología del Paisaje", também do CSIC, dos grupos de investigação do Instituto de Arqueología de Mérida denominados "Arqueología del urbanismo, la arquitectura, el paisaje y la imagen" e "Arqueología de la Arquitectura y el Territorio" igualmente do CSIC, ou, mais recentemente do "Grupo de investigación en Patrimonio y Paisajes Culturales (Gipypac)" da Universidade do País Basco (UPV). Neste contexto, é importante referir o trabalho de investigação realizado por autores como Felipe Criado-Boado, Almudena Orejas Saco del Valle, César Parcerro-Oubiña, entre outros autores, que contribuíram para a evolução deste tipo de estudos, sendo possível referir também a investigação de João Fonte (2015) sobre o Norte de Portugal, que conduziu à sua tese de doutoramento, defendida na Universidade de Santiago de Compostela.

Em Portugal, e em particular no Norte do país, cabe salientar os trabalhos desenvolvidos por Luís Fontes no âmbito da Arqueologia da Paisagem, numa perspetiva da longa duração, de que são exemplo a sua tese de doutoramento (Fontes, 2012; 2016) e o "Atlas da Arqueologia do Parque Arqueológico do Vale do Terva" (Fontes *et al.*, 2017). Por parte deste mesmo autor e da equipa que dirige na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, são também de destacar os trabalhos realizados sobre a Idade do Ferro, em concreto em diferentes castros localizados no concelho de Boticas dentro do projeto "PAVT: O Parque Arqueológico do Vale do Terva" (Fontes *et al.*, 2017), assim como a sua contribuição para a Arqueologia Portuguesa e a Arqueologia da Arquitetura, sendo de destacar que a sua investigação sobre estas matérias foi pioneira no nosso país (Fontes *et al.*, 2010). Outros trabalhos vêm sendo desenvolvidos dentro

da mesma linha metodológica (Varela, 2000; Silva, 2014), cabendo referir igualmente o recente projeto da Universidade de Évora em colaboração com a Universidade de Leiden, designado por “Frontier Landscape Project” (Stek *et al.*, 2018), que se centra no estudo da ocupação da Idade do Ferro e do período Romano no Alentejo, objetivando compreender as diacronias e sincronias existentes na paisagem, de forma a obter um modelo comparativo com o Mediterrâneo ocidental.

1.2. Castro, Citânia ou *Oppidum*?

Nesta revisão da literatura consideramos importante aprofundar um pouco mais questões relacionadas com a terminologia empregue no estudo dos povoados da Idade do Ferro ao longo do tempo. O uso dos termos ‘Cultura dos Castros’ ou ‘Cultura Castreja’ e de ‘castro’ difundidos a partir do trabalho de P. Bosh Gimpera foram aplicados na generalidade dos estudos a partir do século XX, sendo ainda usados na atualidade. No entanto é importante compreender o que esta ‘cultura’ representa na realidade e se está adequada ao conhecimento existente hoje sobre a Idade do Ferro no contexto português. Para compreendermos este conceito temos necessariamente de começar pelo termo ‘castro’ utilizado primeiramente para assinalar os povoados presentes no NO Peninsular que possuísem certas características, essencialmente relacionadas com o tipo de habitat (linhas de muralha de pedra, casas redondas em pedra, implantação em lugares prominentes, entre outros), apesar de sabermos hoje em dia que estas características correspondem a povoados tardios (Martins, 1990: 32). Ainda assim, apesar de se terem identificado fases distintas de ocupação, poucos questionaram o uso do termo para todos os povoados fortificados integrados no 1º milénio a.C. Este termo foi usado para referir um povoado com determinadas características topográficas, indicar um lugar fortificado, podendo assinalar também um habitat fortificado sem considerar a sua cronologia, apenas com base em aspetos formais. A este universo de povoamento viria a ser adicionada, nos anos 80 do século XX, uma outra realidade arqueológica representada pelos povoados correspondentes à Idade do Bronze, sem preocupações de carácter defensivo.

Mas, o termo castro continuou e continua a ser genericamente utilizado para definir o povoamento do I milénio a.C. do NO peninsular, apesar de ele revelar realidades distintas, o que

decorre da ausência de datações rigorosas de muitos povoados e do desconhecimento das modalidades de ocupação do território (Martins, 1990: 32).

A partir dos anos 80 do século XX vários autores realizaram estudos de síntese que contribuíram para definir o povoamento no norte de Portugal durante a Idade do Bronze e Idade do Ferro, entre os quais podemos referir os trabalhos de A. C. Silva (1986), M. Martins (1988;1988a; 1990; 1991), de C. A. B. Almeida (1996) e de A. Dinis (1993), F. Queiroga (1992), A. Bettencourt (1999) e A. González-Ruibal (2006). Através destes trabalhos foram definidos diferentes tipos de povoados, variando em termos de dimensão, zona de implantação e função, bem como cronologia. Esses trabalhos enfatizaram o papel assumido pelos grandes povoados fortificados, designados em Portugal por ‘Citânias’ e por ‘*Oppida*’ no resto da Europa. São povoados caraterísticos de algumas regiões do Noroeste Peninsular nomeadamente do sul da Galiza e do norte de Portugal. Cronologicamente surgem nos finais do 1º milénio a.C. e perduram até ao século I d.C. e alguns até ao século IV d.C. Aqui não se põe tanto a questão do que é considerado ‘Citânia’ ou ‘*Oppidum*’, ou se ambos representam o mesmo sendo apenas uma questão terminológica, mas a questão de fundo expressa-se naquilo que estes povoados representam e se são ou não uma consequência do processo de romanização, pois é importante compreender quais os fatores sociopolíticos por detrás da existências destes povoados (Parcero-Oubiña *et al.*, 2017: 4). Como é obvio, seria interessante compreender a diferença terminológica e se isso se associa ao próprio fenómeno, mas é algo que deve ser feito em futuros estudos. Neste ponto pretendemos apenas apontar algumas considerações sobre estes sítios.

Os ‘*Oppida*’ são fundados sobre lugares inabitados ou com uma comunidade reduzida, articulados a grandes eixos comerciais ou a ricas planícies cerealíferas (González-Ruibal, 2006: 338). Instalaram-se em montes proeminentes que controlam visualmente grandes extensões e pontos importantes na paisagem como caminhos, portos marítimos, cursos dos grandes rios, minas etc. Tratam-se de grandes povoados situados em locais estratégicos para o comércio, com larga experiência de intercâmbios a longa distância desde o Bronze Final, desempenhando um papel importante de captação e redistribuição de bens (González-Ruibal, 2006: 338). Armando Coelho da Silva aponta o fenómeno das ‘Citânias’ como similar ao da ‘civilização dos ‘*Oppida*’, recorrente na Europa, tratando-se de um sistema de aglomeração de lugares estratégicos suprimindo as unidades castrejas menores próximas, ou então justificadas pelas migrações internas provocadas pelas campanhas sertorianas, ou pelas campanhas de *Brutus*,

em que as fontes explicitamente mencionam deslocações de populações para o Norte (Silva e Gomes 1998: 51). Até este ponto conseguimos perceber que os termos 'Citânia' e '*Oppidum*' não se afastam muito de uma mesma realidade. A. González-Ruibal acredita que por volta do séc. II a.C. já existiriam grandes povoados que agregavam numerosos habitantes, dotados de grandes estruturas públicas monumentais e que conseguem controlar amplos espaços (González-Ruibal, 2006: 318). Há, no entanto, fatores que levam a considerar a emergência destes locais como consequência da romanização, muito embora muitos destes povoados apresentem níveis de ocupação anteriores, datando a fundação de alguns deles desde o Bronze Final, como acontece com a Citânia de S. Julião (Martins, 1990). No entanto, alguns deles oferecem ocupação do século I, como acontece em Sanfins, onde se observam estruturas anteriores a Augusto, que é também quando se realiza uma reforma na muralha do primeiro recinto. O mesmo se concretiza na Cividade de Âncora (Caminha) e no povoado de Monte Mozinho (Vila Real), onde se observam elementos de ocupação durante a época de Augusto e uma ocupação do espaço superior na época Flávia (González-Ruibal, 2006: 319).

Integramos também aqui a referência a autores que, no contexto ibérico, desenvolveram e desenvolvem estudos sobre o fenómeno da 'oppidização' nomeadamente Gonçalo Cruz (2015), M. Almagro Gorbea (1993; 1994; 2017), L. Berrocal-Rangel (2004; 2008), M. Fernández-Götz (2013; 2014; Torres Martínez *et al.*, 2016; Álvarez-González *et al.*, 2017; 2018). Estes autores apresentam propostas de caracterização dos '*Oppida*' não só em termos formais, mas também em relação com os processos que levam ao desenvolvimento destes povoados, apresentando-se ainda hoje uma discussão em aberto face à diversidade de sítios observados por toda a Europa e pela sua variabilidade, mas também pelo ainda reduzido conhecimento arqueológico sobre o processo da conquista romana¹.

¹ O conhecimento produzido sobre processo de conquista romana tem sido revisitado através de recentes descobertas de acampamentos militares romanos que fornecem novos dados sobre a localização, implantação no território e morfologia destes lugares, trazendo à luz do dia novas perspectivas sobre a ocupação romana do território (Costa-García, 2015: 25-44; Blanco Rotea *et al.*, 2016: 72-76).

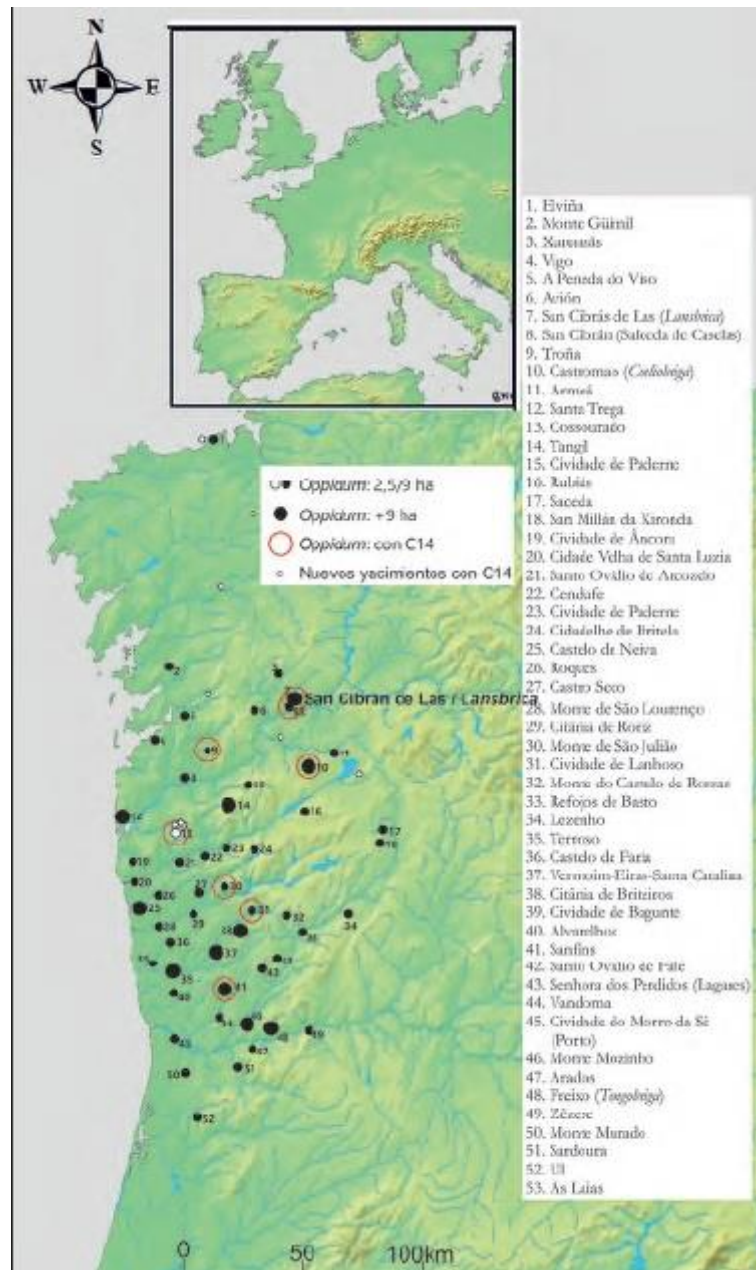


Figura 2- Mapa dos *Oppida* e datações C14 existentes no NO da Península Ibérica (Álvarez-González *et al.*, 2017: 219).

Em síntese, procuramos aqui avaliar, de forma muito genérica, a terminologia utilizada ao longo deste trabalho, apesar de nesta fase ainda não ser possível a concretização de uma análise aprofundada principalmente sobre a relação entre ‘Citânia’ e ‘*Oppidum*’ e sobre quais os elementos caracterizadores destes povoados, levantando-se a questão dos regionalismos possivelmente existentes que diferenciam estes povoados a nível formal e das mudanças sociopolíticas que fomentaram o desenvolvimento destes espaços nomeadamente no caso da Citânia de Sanfins.

1.3 Propostas cronológicas

Julgamos importante enquadrar aqui um breve apontamento sobre os quadros cronológicos propostos e aceites não só em Portugal, mas também na Galiza relativos ao desenvolvimento dos povoados fortificados do No peninsular.

Expomos primeiramente o trabalho de A. Silva (1986) que considera que a 'Cultura Castreja' se apresenta como um fenómeno regional em que as suas transições são explicadas por fatores externos, sendo caracterizada pelo seu tipo particular de habitat, em povoados fortificados, localizados em locais estratégicos, sendo comumente conhecidos por 'castros' (Silva e Gomes, 1998: 23). O quadro evolutivo estruturado por este autor para a cultura castreja no Noroeste de Portugal assenta em três fases distintas. A Fase I, é caracterizada pela emergência dos povoados fortificados e pela formação de identidades regionais, através da implantação dos povoados em posições estratégicas procurando o controlo das bacias fluviais (Silva e Gomes, 1998: 40). Os fundamentos desta fase são baseados nos trabalhos desenvolvidos no Castro do Coto da Pena e Vilarelho em Caminha, nos castros de S. Julião e Barbudo em Vila Verde, no Castro de S. Romão em Seia, Castelejo no Sabugal e Alegrios em Idanha-a-Nova e sobretudo no Castro de Baiões em S. Pedro do Sul. A Fase II está marcada pela evolução do habitat e pela afirmação de fácies regionais, representando uma subunidade meridional, que cobre toda a região Norte até ao Vouga. Assinala-se nesta fase um desenvolvimento das comunidades indígenas sob a ação de estímulos continentais de cariz pós-hallstático ou dos campos de Urnas da Idade do Ferro, de migrações internas como a dos Túrdulos e do comércio púnico, a que se seguiram as primeiras importações itálicas demonstrando contactos diretos entre os romanos e indígenas (Silva e Gomes, 1998: 45). Entramos por fim na Fase III caracterizada pelo proto urbanismo e reordenamento territorial. O autor aponta a campanha militar de Décimo Júnio Bruto (138-136 a.C.) como ponto de viragem, atestando os primeiros contactos entre os romanos e as populações indígenas. Com esta fase estão relacionados os grandes povoados fortificados tipo *oppida*, como é o caso das citânias de Briteiros (Guimarães), Sanfins (Paços de Ferreira), Terroso (Póvoa de Varzim), S. Julião (Vila Verde), Santa Luzia (Caminha), Âncora (Caminha) e Santa Trega (A Guarda), situada em Espanha. O autor considera que este fenómeno é similar ao da 'civilização dos *oppida*' recorrente na Europa. Esta fase proto urbana de grandes povoados, claramente organizados por

um poder central, observável no seu ordenamento geral, nas suas estruturas defensivas e de serviços públicos, conheceu importantes inovações tecnológicas de que ressalta a propagação dos moinhos giratórios, confirmando uma forte organização do sistema de produção e a popularização da metalurgia do ferro (Silva e Gomes, 1998:54).

Manuela Martins (1990) propôs um quadro cronológico para o curso médio do rio Cávado, com base nos trabalhos arqueológicos realizados sobre três sítios: Citânia de S. Julião e Castro de Barbudo em Vila Verde e povoado do Lago em Amares. Através dos dados obtidos nestas intervenções arqueológicas a autora estruturou um quadro cronológico regional para o I milénio a.C., dividido em quatro fases. A primeira fase integra o Bronze Final, entre os séculos X/IX a.C. e VII/VI a.C., quando emergem os primeiros povoados fortificados que traduzem uma rutura com os povoados abertos da Idade do Bronze, observando-se a partir do século VIII a primazia dos povoados em altura, eminentemente fortificados (Martins, 1990: 201-202). A segunda fase está representada por transformações culturais decorridas entre o século VII/VI e II a.C., sendo observável o empobrecimento da cultura material e o aparecimento de novos tipos de cerâmica, sendo que os habitats fortificados aparentemente mantêm-se como o tipo de assentamento exclusivo. A partir do século II a.C. regista-se uma recuperação económica, crescimento que poderá ter proporcionado uma nova fase cultural, correspondendo possivelmente a uma nova organização socioeconómica. Esta terceira fase compreende o século I a.C. e o I d.C. caracterizada por unidades sociopolíticas integrando uma estrutura territorial hierarquizada (Martins, 1990: 203-205). A quarta e última fase caracteriza-se pela ocupação dos povoados em época romana, após a integração da região no Império, sendo o seu *terminus* variável.

Incorporamos por fim o trabalho de A. Gonzalez Ruibal (2006) que caracteriza o conjunto do povoamento da região do NO da Península Ibérica, estabelecendo um quadro cronológico composto por três fases e uma subfase. O autor começa por caracterizar os finais do segundo milénio a.C., onde se observa um aumento da complexidade social e de intercâmbio e a exploração do meio (González-Ruibal, 2006: 154). Considera que é no início do 1º milénio a.C. que surgem os povoados em altura, que apontam características diversificadas, como formas primitivas de monumentalização e defesa. Indica que no Bronze final nos encontramos face a um novo sistema de domínio que não se baseia no parentesco nem nos bens de prestígio, mas sim no território e que este modelo caracteriza toda a Idade do Ferro (González-Ruibal, 2006:

154). Assim, a primeira Idade do Ferro (finais do século IX a finais do século V a.C.) regista a continuidade de certos materiais em bronze e cerâmicas, mas desaparecem elementos que marcavam fortes distinções sociais (González-Ruibal, 2006: 265). O autor considera que o final da primeira Idade do Ferro pode ter sido turbulento, visto terem desaparecido abruptamente certos povoados, substituídos por outros já nos inícios do século IV a.C. com uma morfologia distinta (González-Ruibal, 2006: 266). A segunda Idade do Ferro do Noroeste (inícios do século IV a.C. a inícios do século I d.C.) pressupõe a formação de sociedades mais complexas e desigualitárias, especialmente na metade meridional, assente numa crescente regionalização do território, que resulta na proliferação de grupos étnicos distintos e na variedade da cultura material (González-Ruibal, 2006: 585). Considera haver nesta fase um possível aumento de tensões intra e extracomunitárias, relacionadas com a progressiva implantação de territórios políticos e do aumento demográfico (González-Ruibal, 2006: 586), propondo uma subfase para caracterizar o momento do desaparecimento dos castros, nomeadamente entre os finais do século I a.C. e século II d.C. (González-Ruibal, 2006: 619), apesar de que entre o século II d.C. e o século V ou VI d.C. ainda perdurarem formas de povoamento castrejo em algumas zonas (González-Ruibal, 2006: 620).

Por conseguinte, observamos algumas semelhanças nos quadros cronológicos considerados e aqui explicitados. Acreditamos ainda não estar bem definido o momento concreto da transição da Idade do Ferro para o período romano, tendo por base a emergência dos grandes povoados por volta do século I a.C. com curta duração até século I d.C. E é precisamente nesta última fase onde integramos o estudo da Citânia de Sanfins e das dinâmicas ocorridas no território, em relação com o processo de romanização da paisagem desta zona.

2 Ponto de partida: A relação espacial e territorial da Citânia de Sanfins Entre-Os-Rios Ave e Leça durante Fase III da Idade do Ferro

Partindo da reflexão bibliográfica sobre os trabalhos produzidos nos últimos dois séculos e em particular das perspetivas elaboradas a partir dos anos 80 do último século, reconhecemos a necessidade de analisar o território sobre o ponto de vista da Arqueologia da Paisagem. Apesar de, como já referido, em Portugal se observar uma preocupação com o espaço na concretização

de estudos sobre o povoamento na Idade do Ferro e Romanização, consideramos que há ainda muito trabalho a realizar.

2.1. Delimitação e Caraterização do espaço geográfico

A região de Entre-Douro-e-Minho apresentou-se durante a Idade do Ferro como palco de dinâmicas territoriais. Como tal, a sua geomorfologia ostenta caraterísticas únicas que contribuíram para a evolução dos povoados desde o Bronze Final. Assim valorizamos para este estudo os fatores ecológicos como a topografia e os solos, a sua complexa rede hidrográfica e não menos importante, o clima e a cobertura vegetal. Esta região norte carateriza-se como litoral e de influência atlântica, montanhosa e pluviosa, representando-se como anfiteatro desde o mar ao interior (Martins, 1990: 44). Em relação à litologia, esta zona integra-se no complexo Centro Ibérico, caraterizado por formações xisto-grauváquicas, de tipo Plisch sendo intercetadas por intrusões graníticas estriadas por alinhamentos quartzíticos com orientação O/E e NO/SE (Martins, 1990: 44). Estas caraterísticas permitiram o uso do granito na construção, caraterizando as comunidades desta época como verdadeira “civilização do granito” (Silva *et. al.*, 1998: 11). Encontramos nesta região seis dos mais importantes rios portugueses, sendo eles o rio Minho, Lima, Neiva, Cávado, Ave e Douro, tendo sido referidos por autores clássicos quanto à sua navegabilidade e também pelas suas riquezas auríferas (Silva e Gomes, 1998: 11). O clima predominantemente húmido e frio é propício à formação de uma cobertura vegetal própria, não se apresentando uniforme. Todas as caraterísticas apontadas para esta área geográfica, permitem observar uma heterogeneidade de recursos económicos, agrícolas, pecuários e até mineiros que proporcionam diversidades regionais, sendo fundamental o seu trabalho (Martins, 1990: 43).

Para o presente estudo delimitamos como principais bacias hidrográficas as compostas pelos rios Ave e Leça que circunscrevem a área em análise a norte e sul. O rio Ave tem cerca de 94 km e apresenta uma orientação dominante leste/oeste com uma bacia hidrográfica de cerca de 1 390 km² e compõe a principal forma de escoamento entre a Serra da Cabreira e o oceano atlântico. A sua nascente encontra-se na Serra da Cabreira no concelho de Vieira do Minho, com cerca de 1200 metros de altitude, até à foz no oceano onde desagua entre Vila do Conde e Azurara. Os seus principais afluentes são: o rio Este, o Pele e o Pelhe na sua margem direita e

os rios Selho, o Vizela, o Ribeira de Sedões e o Ribeira de Aldeia na margem esquerda. Relativamente à sua geologia esta bacia desenvolve-se fundamentalmente entre granitos hercínios que ocupam inteiramente o curso inicial e médio observando-se, na parte média e final da bacia uma intrusão da faixa de xistos grauvaques ordovícios e pós-ordovícios. Existem ao longo do rio terraços fluviais formados por depósitos mais recentes, constituídos basicamente por cascalheiras de calhaus rolados que se localizam na zona de Santiago de Bougado, Trofa, Retorta e Vila do Conde (Moreira, 2009: 49).

A área correspondente ao vale do rio Leça centra-se a norte do rio Douro e abrange parte dos concelhos de Matosinhos, Maia, Valongo, Trofa e Santo Tirso. A bacia hidrográfica do rio Leça detém uma área aproximada de 190 km² apresentando-se claramente assimétrica, pelo facto de os afluentes mais relevantes do curso principal se localizarem na margem direita. Esta área pode ser subdividida em três subunidades geomorfológicas, sendo estas a plataforma litoral, o vale do rio Leça e o setor a montante da bacia hidrográfica correspondente à Serra da Agrela e Monte Córdova.

Há uma maior concentração de vestígios arqueológicos na plataforma litoral/relevo marginal, apresentando-se como área aplanada em que as cotas praticamente não ultrapassam os 150 metros, sempre nas proximidades de linhas de água e priorizando locais expostos aos quadrantes Sul e Oeste (Varela e Pires, 2010: 11). Geologicamente a bacia é dominada pela existência de rochas graníticas que ocupam a parte central e ocidental.

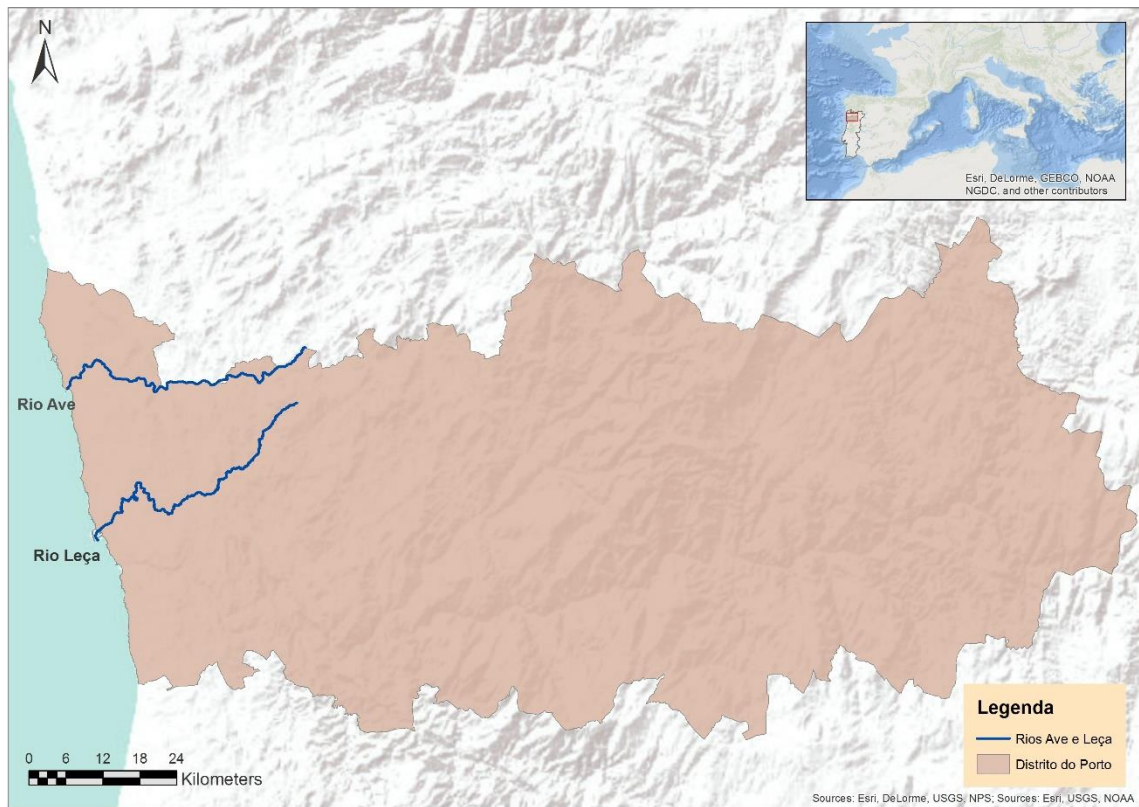


Figura 3- Zona de estudo delimitada pelos rios Ave e Leça definida sobre um Modelo Digital do Terreno (©UAUM).

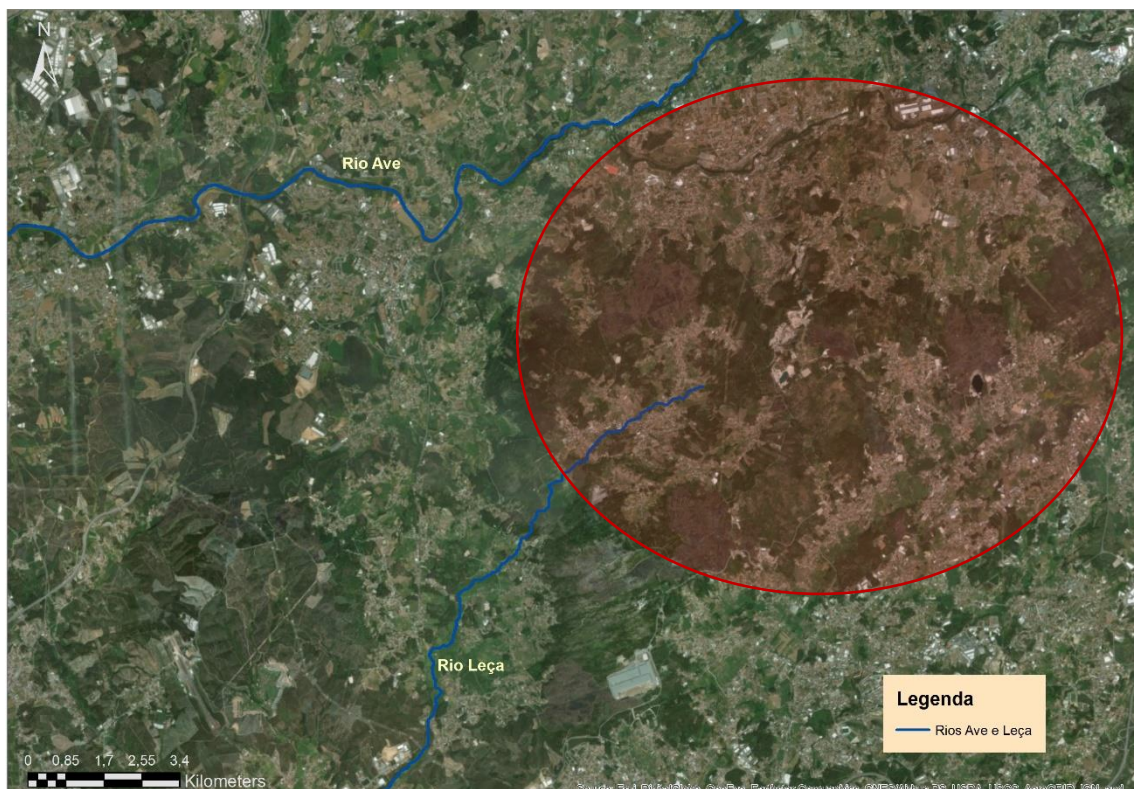


Figura 4- Limite Este da zona de estudo marcado pelo círculo vermelho sobre cadeia montanhosa implantada entre Santo Tirso e Paços de Ferreira (©UAUM).

As características da rede hidrográfica refletem, de forma clara, as características morfológicas e estruturais da área em estudo.

Definimos como objeto principal de estudo a Citânia de Sanfins que se integra nesta área, entre o rio Leça e o rio Ave. Nesta linha teremos primeiramente em consideração povoados com características semelhantes à Citânia de Sanfins, que apresentam ocupação durante o século II a.C. e o século I d.C., nomeadamente o castro do Monte Padrão, o Castro de Alvarelhos e o Castro de Guifões. E, por fim, consideraremos também povoados de menores dimensões, mas que denotam ocupação também dentro da cronologia referida anteriormente.

Em termos litológicos o relevo da área em estudo apresenta características e idades variadas, pois como indicado na cartografia geológica, identifica-se nesta zona uma série de materiais que podem ser subdivididos em três grupos: formações superficiais (fundamentalmente do Quaternário), formações metas sedimentares e rochas granitoides. Os materiais de origem sedimentar condensam-se numa estreita faixa do Carbónico continental (dominantemente do Estefaniano Inferior, recuando a cerca de 300 milhões de anos), assumindo maior expressão para Sul dos limites da bacia hidrográfica do rio Leça (Varela e Pires, 2010: 15).

O clima é mediterrânico e caracteriza-se pela existência de invernos suaves e verões quentes e secos. Ainda assim, podemos observar influências marítimas relevantes, que abrandam o calor e a secura estivais. Essas influências manifestam-se sobretudo na plataforma litoral, onde as temperaturas dos meses mais quentes são expressivamente mais baixas do que nas depressões situadas após o relevo marginal. Ou seja, o padrão da distribuição espacial da precipitação segue o esquema geral do NO de Portugal, aumentando da fachada litoral para o interior, em função das barreiras orográficas (Varela e Pires, 2010: 26-27).

Os rios apresentam-se fundamentais na organização do território pois funcionam primeiramente como recurso natural dos quais as comunidades dependem, atuando como barreira física, delimitando espacialmente o território e podendo também definir limites políticos e administrativos. Permitem a circulação e comunicação através da sua navegabilidade, sendo elementos aglutinadores que possibilitam o desenvolvimento de grandes áreas de influência económico-cultural (Silva e Gomes, 1998: 15).

Em relação ao clima, em Portugal continental as temperaturas são mais amenas no Sul e no litoral, onde se registam também as menores amplitudes térmicas. Diretamente relacionadas ao clima encontram-se os regimes dos solos, a evolução pedológica e a vegetação que, em última análise, refletem as variações da pluviosidade, quer no seu total anual, quer nas suas variações ao longo do ano. Desta forma, em termos gerais, poder-se á afirmar que os rios de caudal forte e regular são os do Norte em oposição com os do sul.

O substrato geológico, a cobertura vegetal e as diferenças climáticas associadas ao comportamento erosivo dos solos, originaram no norte solos relativamente fundos nos vales largos, em contraste com as vertentes, em que os solos são proporcionalmente menos espessos devido à inclinação registada. Entre as espécies vegetais mais características no norte, destacam-se as de folhagem caduca, nomeadamente o carvalho alvarinho e diferentes espécies de tojo. No noroeste é ainda possível observar, embora já em quantidades pouco apreciáveis, bosques de carvalhos negrais e castanheiros, assim como exemplares dispersos pelos campos (Moreira, 2009: 45-46).

A Citânia de Sanfins localiza-se atualmente na freguesia de Sanfins, Codessos e Lamoso, pertencente ao concelho de Paços de Ferreira integrado no distrito do Porto. Suscitou desde cedo interesse pela sua magnitude e imponência evidenciando-se na paisagem. O povoado ocupa uma colina com uma ampla plataforma central, de destacados declives apenas do lado este, com 570 metros de altitude máxima, assinalada com um marco geodésico designado «Citânia» (Silva, 1999a: 7). Está inserida num espaço de montanhas de meia altitude, apresentando em média 500 metros, com afloramentos graníticos vindos desde os montes da Agrela em direção a norte. A sua posição é relativamente central na região de Entre-o-Douro-e-Minho. Com base nesta informação Armando Coelho da Silva definiu quatro escalões na sua zona de influência: o primeiro escalão é a região de Entre-Douro-e-Minho apresentando um raio de cerca de 50 km; a segunda está representada pelas Bacias do Ave/Vizela, Sousa-Ferreira e Leça, correspondendo a um raio de 20/25 km tendo como pontos de referência a Citânia de Briteiros a norte, Monte Mozinho a sul e Alvarelhos a oeste. A terceira zona de influência são as Bacias do Alto Ferreira e Alto Leça, consideradas como o território da Citânia e por último a Citânia e área imediata (Silva, 1998: 213; Silva, 1999a: 6-7).

Encontramos na bibliografia e documentação manuscrita referências à Citânia de Sanfins desde o século XVIII até à atualidade, sendo uma das referências mais antigas a de D.

Jerónimo Contador de Argote (1734) nas “Memórias para a história ecclesiastica do arcebispado de Braga”. Nas memórias paroquiais há referência a uma ‘Cidade de Mouros’ que também designam por ‘Cidade da Citânia’ com vestígios de ser ‘murada à roda’ (Silva, 1999a: 8-9). Arnaldo Gama (1864) no documento “O segredo do abade” faz referência à localização da citânia bem como a elementos arquitetónicos, urbanísticos e defensivos. Posteriormente são inúmeras as referências ao sítio, entre as quais se encontram as de Pinho Leal (1878), Francisco Martins Sarmiento (1895;1902;1905), José de Leite Vasconcelos (1895; 1905) e Cristóvão Ayres de Magalhães Sepúlveda (1896). O decreto nº 35817 (1946), publicado no Diário do Governo, assinala a classificação da Citânia de Sanfins como monumento nacional (Silva, 1999a: 10-11).

Quanto às primeiras intervenções arqueológicas realizadas na citânia, estas reportam aos finais do século XIX e inícios do século XX e foram realizadas por F. Martins Sarmiento, J. de Leite Vasconcelos e F. Alves Pereira, tendo sido concretizadas algumas sondagens arqueológicas. Mas foi em 1944 que este sítio arqueológico começou a ser sistematicamente escavado por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, tendo as campanhas prosseguido até 1959, sendo os trabalhos continuados apenas por Afonso do Paço até 1968. Posteriormente decorreram novos trabalhos arqueológicos realizados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, entre 1972-1973. Os trabalhos foram continuados por Armando Silva até ao presente, com a colaboração de Rui Centeno (Silva, 1999a: 8-13).

Os 15 hectares de extensão escavados da estação arqueológica permitiram enquadrar a Citânia de Sanfins num horizonte cronológico entre os séculos V e III a.C., pensando-se que o seu abandono se terá dado por volta do século IV d.C. Assim a ocupação do povoado enquadrando-se nos critérios gerais da fase III da cultura castreja do Noroeste (Silva, 2007: 58). A citânia possui quatro linhas de muralhas que circundam o povoado, assim como por vários fossos e organiza-se segundo dois eixos principais de circulação intramuros, sendo conhecidos 33 núcleos habitacionais e um balneário. Apresenta ainda vestígios de ocupação medieval/cristã, associados a uma necrópole e a uma possível capela do século XII, dedicada a S. Romão, localizada no ponto mais alto da citânia (Silva, 1980; 1999a).

2.2 Estudos concretizados sobre a zona geográfica em análise

Na tese realizada por Armando Coelho da Silva (1986) foi proposta uma análise feita a partir da Citânia de Sanfins face ao meio ambiente e aos critérios de determinação de hierarquias e zonas de influências dos centros urbanos, tendo-se observado uma equidistância de 25 km a partir de Sanfins (Paços de Ferreira) para Briteiros (Guimarães), Alvarelhos (Santo Tirso), Abujefa/Mozinho (Penafiel) e também ao Castro das Eiras (V.N. de Famalicão), Bagunte (Vila do Conde) e Vandoma (Paredes). Isto corresponderia a um dia de viagem a pé, propondo-se esta medida como uma das formas de ordenamento regional destes povoados. Ao considerar que estes povoados obedecem a uma certa hierarquização, o autor acredita que estes poderão ter desempenhado o papel de 'lugares centrais', com os seus territórios bem demarcados ligados a grupos étnicos, indicando que alguns estão identificados na epigrafia como unidades supra familiares designados especialmente por '*castellum*'. Considera que os grandes povoados como a Citânia de Sanfins, Briteiros, Mozinho entre outros, poderão ter desempenhado um importante papel na fase da proto-urbanização.

Apoiando-se no crescimento demográfico e na romanização Armando Coelho da Silva aponta vários fatores para as mudanças observadas na organização territorial durante a Fase III da Idade do Ferro, sublinhando um possível crescimento de novas aglomerações proto urbanas, como unidades político-administrativas, económicas e religiosas, funcionando como lugares centrais de territórios demarcados (Silva e Gomes, 1998: 51). Considera este acontecimento como um processo de agrupamento e conciliação das populações de unidades castrejas menores num lugar centralizado, ou então como resultado de migrações internas provocadas pelos processos de ocupação peninsular como as campanhas sertorianas, as campanhas de César, e mais tarde a conquista definitiva por Augusto (Silva *et. al.*, 1998: 51). Manuela Martins partilha da mesma opinião, considerando, no entanto, que apenas se observa em grandes povoados o designado proto urbanismo como na Citânia de Sanfins, Citânia de Briteiros e Cidade de Âncora, existindo outros povoados que apesar de demonstrarem significativo crescimento na mesma fase, não apresentam as mesmas características (Martins, 1990: 150). A referida autora considera ainda que para a devida valorização desta hipótese de supressão de pequenos castros em prol da concentração populacional em castros de grandes dimensões, a partir de 138 a.C. após a campanha de Décimo Júnio Bruto, será necessário a realização de um

estudo aprofundado dos povoados situados nas imediações destes ‘lugares centrais’. Manuela Martins considerou, também, com base nas investigações que realizou no povoado do Lago que, a partir do século III a.C., se terá registado a implantação de povoados de baixa altitude, sendo alguns deles ainda ocupados durante o séc. I d.C., como acontece na bacia do Lima. Sugerindo uma dispersão populacional pelos vales, associada à exploração agropecuária, Manuela Martins sublinha um processo de hierarquização paulatino, representado por lugares centrais (povoados tipo A), que controlavam outros mais pequenos (tipo B), mais próximos dos vales, ou mesmo nele implantados (tipo C), o que revelaria uma complexificação das comunidades e das relações entre povoados, processos que associa a dinâmicas políticas, sociais e económicas (Martins, 1990: 150).

Dentro da zona de estudo situam-se alguns dos principais povoados que iremos tentar compreender na sua relação com a Citânia de Sanfins, nomeadamente o Castro do Monte Padrão (Santo Tirso) e o Castro de Alvarelhos (Trofa).

O Castro do Monte Padrão encontra-se implantado no Monte Córdova aproximando-se das bacias hidrográficas do rio Ave e do rio Leça. Destaca-se na paisagem, tendo algum domínio visual sobre as vias naturais e estrutura-se numa plataforma superior de planta oval relativamente plana, possuindo condições naturais de defesa. Apresenta uma longa ocupação desde o Bronze Final até à romanização, reconhecendo-se a sua utilização como necrópole durante a Idade Média. O povoado de Alvarelhos revela igualmente ocupação desde o Bronze Final até ao século V d.C., com posteriores reocupações durante a Idade Média. Este povoado localiza-se no Monte Grande e domina toda a área de vale. Há a possibilidade de ter operado como *vicus viário* devido à sua proximidade à via XVI (*Cale-Bracara*) e à via “*per loca maritima*” (Moreira, 2009: 89).

Enquadramos aqui dois trabalhos já referidos na revisão da bibliografia, que consideramos importantes ter em conta face à área geográfica em que incidem e à perspetiva. Primeiramente referimos o trabalho de Álvaro Moreira (2009), sobre o desenvolvimento do “núcleo urbano secundário de Alvarelhos” tentando compreender o seu papel a nível económico, social e cultural na região em que se integra (entre o rio Ave e o rio Leça) em época romana. Para o efeito o autor analisa a inter-relação entre os povoados e a rede viária, assim como a capacidade e aptidão agrícola dos solos. Depois de definir uma área geográfica que considera como ‘espaço de atração económica’, considerou na metodologia usada fatores como a

distância e a velocidade média de km/hora razoável para o acesso aos mercados, ou seja, entre *Bracara Augusta*, Alvarelhos e *Cale* (Moreira, 2009: 40). Teve também em conta a cultura material presente no povoado de Alvarelhos realizando análises para caraterizar as produções cerâmicas, metalíferas e vidreiras (Moreira, 2009: 40).

Outro trabalho do qual temos também como referência pertence a Jorge Pinho (2009) que usou a metodologia conhecida por 'Site Catchment Analysis', já utilizada por Manuela Martins, nos anos 80 do século XX, para o estudo do vale do Cávado (Martins, 1990), como ferramenta para a compreensão do processo de povoamento, tentando entender a diacronia presente na paisagem da vertente fluvial do rio Ave (Pinho, 2009: 9). Por esta via o autor procurou verificar de que forma os recursos influenciavam a organização do povoamento (Parcero-Oubiña, 2002: 15). Ambos os estudos foram ponto de partida para o nosso trabalho, pois ao estarmos conscientes do tipo de abordagens já concretizadas sobre o território pudemos considerar as melhores opções de análise não caindo em redundâncias.

Posto isto, e com base naquilo que aqui foi referido, considerámos importante tentar compreender questões relacionadas não só com a implantação da Citânia de Sanfins no território, mas também as relações deste povoado com os castros periféricos que conviveram na mesma cronologia, necessitando para isso de realizar um estudo da paisagem integrando o máximo de informação possível sobre o território delimitado entre o rio Leça e o rio Ave. Quanto à cronologia valorizámos os povoados incluídos na fase III da Idade do Ferro, proposta por Armando Coelho da Silva (1986), que foram ocupados entre o séc. II a.C. e o séc. I d.C.

3 Objetivos

Numa tentativa de aproximação à realidade territorial e paisagística da Citânia de Sanfins tivemos em vista realizar uma análise espacial a uma escala macro e semi-micro, integrando a Citânia no território circundante, determinando a sua relação com os recursos e os povoados de envolvimento, tanto os proeminentes como os de menor dimensão.

Propusemo-nos concretizar este estudo tentando compreender a implantação do povoado na área geográfica em análise, determinando, se este detém ou não, uma posição estratégica, em termos defensivos e em relação ao acesso aos recursos naturais. Objetivámos igualmente

compreender os motivos e as condicionantes que levaram à escolha da localização do povoado, tentando descortinar as dinâmicas territoriais e sociais.

Neste sentido, é pertinente tentar compreender de que forma as sociedades da Idade do Ferro perspetivaram a paisagem, assim como, determinar as mudanças significativas que esta sofreu ao longo dos séculos de ocupação da Citânia de Sanfins. Pretende-se perceber a forma de apropriação do espaço e as transformações ocorridas decorrentes da sua utilização. De forma específica, tivemos em vista determinar de que modo a implantação da Citânia de Sanfins contribuiu para modificar o território envolvente, tentando-se entender a relação do povoado com a paisagem e o modo como essa articulação se expressou no sistema de saber-poder do povoado, relativamente à sua envolvente, assim como na modelação do espaço construído.

Procuramos primeiramente através da recolha de dados, quantificar os estudos realizados até ao presente incidentes nos povoados deste território português. Isto leva-nos a ‘Mapear a Bibliografia’ que nos vai permitir perceber não só a quantidade de estudos que incidem sobre cada povoado, mas também relacionar os estudos produzidos face às intervenções realizadas de forma a demonstrar que, por vezes, há elementos que não podem ser comparáveis, devido à ausência de informação.

A definição da área em estudo teve por base critérios cronológicos, tipológicos e espaciais. Neste contexto, foi nossa intenção utilizar determinados critérios de análise, como a proeminência dos sítios face ao território, a sua relação com a área envolvente, tanto de forma direta como indireta, verificando em termos de domínio visual a acessibilidade aos terrenos circundantes e também, no sentido inverso, o tempo e esforço necessários para aceder ao povoado, metodologia que careceu de ser testada em termos práticos. Assim, procurámos compreender o papel da Citânia de Sanfins como um ‘lugar central’ em relação a outros povoados periféricos de menores dimensões que teriam possivelmente sido abandonados com a romanização, procurando-se igualmente determinar as relações espaciais e funcionais entre os diferentes povoados. Para o efeito usámos metodologias geoespaciais, para compreender a relação existente nesta rede de povoados com os recursos naturais e a rede de circulação que estará apoiada sobre os estudos realizados sobre a rede viária romana.

4 Modelo metodológico

As investigações realizadas no âmbito da Arqueologia da Paisagem têm permitido progressos significativos nos últimos anos nomeadamente a nível metodológico. Foram-se desenvolvendo trabalhos que demonstram a utilidade da adoção de certas técnicas e metodologias no que concerne à recolha e análise de dados.

4.1 Recolha e armazenamento de dados

Num primeiro momento, realizámos uma pesquisa exaustiva de informação tanto bibliográfica, como fotográfica e cartográfica, relativa aos estudos realizados em Portugal sobre a Idade do Ferro, tanto sínteses generalistas, como estudos regionais e estudos pontuais. Ou seja, procurámos recolher o máximo de informação disponível sobre este tema não só de forma a garantir a correta estruturação e fundamentação do trabalho, mas também para que possamos perceber as escalas de análise já realizadas sobre a região de Entre-Douro-e-Minho como exposto no ponto 1 da Parte I do presente trabalho.

Procurámos também realizar uma prévia ‘prospecção satélite’ sobre a zona de estudo delimitada, através do uso do *Google Earth*, um programa disponível gratuitamente *online*, localizando os sítios de interesse face ao vale em estudo. Esta ferramenta apresenta-se bastante útil, visto conter informação geográfica atualizada, permitindo também efetuar pequenas medições, pesquisa de toponímia e a recolha de imagens satélite para integração no estudo.

As necessidades de organização da informação foram colmatadas através do uso da Base de Dados 2ArchIS (Sistema de Informação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho) que inclui uma boa base cartográfica e gráfica (Botica, 2017: 387-388). Estamos conscientes de que nos últimos anos tem sido produzida muita informação que carece de suportes e instrumentos digitais, em parte supridos pelos Sistemas de Informação Geográfica, que facilita o armazenamento e organização de toda essa informação. Posto isto, optámos por um sistema que permitiu a sistematização, normalização e registo da informação já existente e a incorporação de novos dados produzidos que resultaram das análises espaciais concretizadas neste projeto (Botica, 2017: 388).

O Sistema de Informação por nós utilizado apresenta como estrutura organizativa o *Back Office* onde pode ser inserida a informação pertinente, com base em descritores pré-definidos, no qual pode ser realizada a sua atualização e consulta. Tem implantadas ferramentas de *Open Source* e de interface *WEB* permitindo a sua utilização por parte de entidades externas (Botica, 2017: 389). A aplicação *Back Office* contém um 'Menu Principal' sendo no nosso caso composto por "Sítio", "Documentação", "Listagens" e "Pesquisa". Dentro do campo "Sítio" podemos encontrar o formulário de registo de um novo sítio e dentro desse sítio podemos encontrar outro formulário com os elementos caracterizadores do mesmo, como a "Tipologia", "Período Cultural", "Contexto Geográfico", entre outros. Estes formulários resultaram de um trabalho prévio de pesquisa e normalização dos campos necessários para o projeto. No campo "Documentação" incorporamos a bibliografia que está associada aos sítios, bem como os registos fotográficos e a cartografia. Nas "Listagens" temos a visualização da informação já integrada no sistema referente a cada sítio. E, por fim, na "Pesquisa" encontramos um motor de busca de fácil acesso. Todos os registos estão georreferenciados e interligados entre si (Botica, 2017: 390-391).

2ArchIS - Unidade de Arqueologia

Sítio Documentação Listagens Pesquisas

Tipologia **Período Cultural** **Contexto Geográfico** **Hidrografia** **Contexto Geológico** **Uso Solo** **Uso Solo Antigo**

Materiais **Intervenções** **Bibliografia** **Relção com outros sítios**

Nome: Citânia de Sanfins *

Topónimo: S. Romão; Cidade Velha; Cidade da Citânia;

Conservação: Regular

Classificação: Monumento Nacional

Cód. Classif. Sítio: 6

Decreto classificação: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/1946/08/18700/07510752.p>

Área: NULL

Coordenada X: -933525.87100

Coordenada Y: 5060232.47300

Altitude: 570.00

Data: 23/02/18

* Campos obrigatórios

Descrição: Povoado composto por quatro linhas de muralha, vários

Interpretação: A cronologia proposta para este sítio situa a sua

Lugar: Paços de Ferreira

Freguesia atual: Sanfins Lamoso Codessos

Freguesia antiga: Sanfins

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a auto-estrada

Tipo de acesso: A estrada de acesso ao parque de estacionamento

Observações: Almeida (1974) em influências meridionais aponta que o

Gravar e Voltar Cancelar

Figura 5 - Imagem do *Back Office* da base de dados 2ArchIS (©UAUM).

A Base de Dados funciona como um sistema aberto podendo ser modificado, no caso da continuação do projeto face a novos objetivos e necessidades. Futuramente, caso seja possível a disseminação dos dados associados a este projeto, podemos facilmente fazê-lo articulando este Sistema de Informação com uma página *web* (Botica, 2017: 396).

4.2 Mapear a bibliografia

Tendo os dados inseridos é possível tirar o maior partido do Sistema de informação, concretizando-se o cruzamento da informação bibliográfica com a informação cartográfica. Na prática utilizámos os SIG, nomeadamente o ArcGIS, para projetar sobre diversos mapas um conjunto de variáveis que nos interessou articular: a quantidade de estudos realizados sobre os sítios em análise; as referências concretizadas sobre os sítios; as intervenções arqueológicas efetuadas e os temas de investigação produzidos.

A utilização dos SIG foi realizada não só para a articulação e geração de dados analíticos, mas também para evidenciar os dados utilizados de uma forma gráfica dando-nos uma visão daquilo que é necessário fazer numa próxima etapa de trabalho.

Ainda nesta linha de trabalho atribuímos especial atenção às carências atuais notadas quanto à preservação, proteção e conservação dos sítios arqueológicos, nomeadamente da Idade do Ferro e no território estudados. Como tal, optámos por mapear, face ao levantamento previamente realizado, as seguintes variáveis: sítios arqueológicos que se encontram classificados; estado atual de conservação; sítios intervencionados através de escavação arqueológica; sítios que sofreram trabalhos de conservação.

4.3 Trabalho de campo

Depois de termos estruturado uma base sólida de trabalho e após procedermos à inserção de toda a informação na base de dados, foi necessária a confirmação *in situ* dos dados recolhidos e a realização de uma análise prévia da paisagem. Para tal, recorreremos à listagem, proveniente da base de dados com a informação sobre os sítios presentes na zona em estudo e completámos os campos definidos na base de dados para a caracterização da paisagem da área em estudo e a relação entre sítios visível no campo.

Neste projeto, pretendemos seguir o modelo de análise espacial concretizado na Arqueologia da Paisagem, o qual procura compreender as relações espaciais entre elementos, de forma a identificar a estrutura espacial do objeto de estudo (Mañana-Borrazás *et al.*, 2002: 16). Dentro desta estrutura espacial podem-se definir três níveis ou escalas: um nível macro que diz respeito às relações entre sítios arqueológicos e entre estes e o território. Neste projeto, isto corresponderia à relação que se estabeleceria entre a Citânia de Sanfins e outros lugares similares, com a mesma cronologia, bem como entre estes e o território no qual se implantam e articulam. A um nível semi-micro valorizámos as relações no interior dos sítios arqueológicos, isto é, entre as estruturas e as atividades humanas o que corresponde à análise do espaço da Citânia. Um nível micro definiria as relações que se produzem dentro das estruturas do sítio arqueológico. No nosso estudo, corresponderia à análise do espaço interno de cada estrutura identificada na Citânia, designadamente as construções (Mañana-Borrazás *et al.*, 2002: 16). Com base neste modelo de análise, e atendendo aos objetivos específicos do projeto, limitaremos o trabalho à escala macro e semi-micro espacial.

Assim sendo, definimos os sítios arqueológicos que se enquadram na cronologia proposta e realizámos a visita aos mesmos, pretendendo concretizar o registo de vários critérios (visibilidade, acessibilidade, implantação, vegetação, arvoredos, entre outros) previamente estipulados numa ficha para ser preenchida em campo.

4.4 Trabalho de gabinete

Assim que obtivemos esta informação complementar de observação direta e definimos as análises a executar, recorreremos às ferramentas de análise geoespaciais. Neste caso, utilizámos os Sistemas de Informação Geográfica, especificamente o ArcGIS. Para tal, através da articulação da informação integrada na base de dados com o programa escolhido realizámos análises espaciais locais, valorizando critérios de visibilidade e mobilidade. Obviamente estes dados são sempre apresentados de forma inter-relacionada com os dados formais dos sítios. Optamos por adequar a escala gráfica à escala de análise, definimos a escala de 10 km quando representamos a totalidade da zona em estudo, aplicamos mapas de 4 km para a zona montanhosa de interior e de 8 km para a zona litoral e aplicamos uma escala de 8 km para as representações relacionadas com os dados bibliográficos. Temos, no entanto, algumas exceções

face ao tipo de análise realizada que necessita de uma alternância de escala como é caso o mapa de linhas isotrópicas (Figura 27) ou o mapa de aptidão agrícola dos solos para a zona montanhosa de interior (Figura 29) entre outros casos que poderão observar na Parte II da presente dissertação.

4.4.1 Análise locacional

Para apresentarmos a análise locacional dos povoados da Fase III da Idade do Ferro que integram a área geográfica de trabalho, necessitamos previamente de projetar num mapa a malha de povoados presentes nesse território e extrair informações importantes como a altitude e a topografia do sítio onde estão implantados (Criado-Boado, 1999; Fábrega-Álvarez, 2004; Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006; Blanco-Rotea, 2015). Para tal subdividimos os povoados por períodos de ocupação cultural: Idade do Ferro; Idade do Ferro e Romano; Romano e Medieval.

4.4.1.1. Acessibilidade e mobilidade

Na tentativa de compreender a acessibilidade não só aos povoados, mas também a possíveis caminhos de passagem, formas de comunicação bem como a mobilidade entre povoados realizámos uma análise, designada por *Least Cost Path*, em que valorizámos fatores como a topografia do terreno, ou os caminhos mais apropriados para a deslocação. Neste sentido produzimos um mapa de linhas anisotrópicas de 15 minutos, que nos indica o tempo necessário para percorrer determinada distância a pé, consoante a topografia, de forma a conseguirmos dados aproximados do tempo necessário para a deslocação não só entre povoados, vias de comunicação e acesso à água, mas também o acesso a possíveis zonas agrárias nas imediações dos povoados (Parcero-Oubiña, 2006; Herzog, 2013; 2014).

Para a mobilidade analisámos as possíveis condições de deslocação entre povoados e a acessibilidade a recursos e a vias de comunicação/trânsito, com base nos mapas produzidos, associados claramente aos dados arqueológicos presentes *in situ* (Parcero-Oubiña, 2006; Herzog, 2013; 2014; Murrieta-Flores, 2014).

4.4.1.2 Visibilidade

A análise da visibilidade permite observar estratégias de controlo a partir de um local sobre a área envolvente destacando a proeminência dos sítios sobre o território imediato (Cisneros Cunchillos *et al.*, 2011: 71). Na circunstância, para a visibilidade avaliámos, primeiramente, o domínio visual da Citânia de Sanfins sobre o território e os sítios de proximidade, bem como a intervisibilidade entre sítios e o domínio visual dos sítios que circundam a Citânia.

4.4.1.3 Conjugação das várias análises

Tendo por base os dados obtidos nas análises anteriormente enunciadas juntámos novos dados, como a carta de utilização de solos, pequenas linhas de água e zonas de possível exploração mineira, bem como a distribuição territorial da rede viária romana. Neste caso, podemos dar um exemplo de uma análise concretizada, em que cruzámos a informação sobre a utilização dos solos e a visibilidade de forma a comprovar os pontos mais controlados visualmente, no meio imediato de cada sítio arqueológico, tentando perceber se essas variáveis se relacionam com as possíveis zonas de uso agrícola dos solos. É também possível cruzar as análises de visibilidade e *Least Cost Path*, bem como as linhas anisotrópicas para determinar as possíveis articulações entre os povoados na cadeia montanhosa de Santo Tirso e Paços de Ferreira.

4.5 Construção de um modelo interpretativo

Os resultados destas análises foram integrados na base de dados, permitindo depois gerar um modelo preditivo dos sítios. Assim conseguimos propor um modelo interpretativo das relações dos sítios entre si e com o território, de forma rigorosa, complementária e objetiva. No entanto, pensamos que será pertinente realizar, num futuro próximo, uma análise numa escala micro-espacial, abordando a longa duração ocupacional da Citânia de Sanfins entre a Idade do Ferro e a Romanização, sendo igualmente importante a compreensão da integração da necrópole e da possível capela nos atuais estudos de cronologia medieval, na linha dos trabalhos propostos por Luís Fontes para o território do Lindoso (Fontes, 2012). Com efeito, importaria

Parte II

Apresentação dos dados

1 Exposição dos dados

A parte fundamental de qualquer investigação prende-se com uma base de trabalho bem estruturada e o mais completa possível. Como tal, nesta parte do estudo apresentamos os dados obtidos através dos vários tipos de fontes, aos quais recorreremos e que já foram mencionados anteriormente, bem como às análises geoespaciais geradas a partir desses mesmos dados. Para uma melhor compreensão da análise dos dados, optamos por dividir esta fase do trabalho em sete pontos essenciais: fontes de informação; caracterização dos povoados proto-históricos; ocupação romana do território; análises geoespaciais; a bibliografia mapeada e a preservação, conservação e proteção dos sítios arqueológicos.

2 Fontes de informação e caracterização dos elementos em análise

2.1 Fontes de informação

Os dados recolhidos para este trabalho são provenientes de diversas fontes, já assinaladas na Parte I, na metodologia proposta. Ainda assim consideramos importante acrescentar um pouco mais de informação sobre as nossas fontes, de forma a permitir um panorama completo sobre a metodologia utilizada para a gestão dessa informação. Este processo permitiu-nos avançar não só para uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, mas também para a construção do esqueleto sobre o qual realizámos as análises geoespaciais.

Imperativamente o ‘Portal do Arqueólogo’, gerido pela DGPC, apresenta-se como uma fonte primordial de informação. É a ferramenta sobre a qual os arqueólogos trabalham, pois integra o registo de todos os sítios arqueológicos do território português. Os dados que compõem esta plataforma são provenientes dos trabalhos arqueológicos realizados em Portugal (escavação arqueológica, sondagem, prospeção, levantamento, conservação e restauro, relocalização), o que se traduz numa heterogeneidade de registos por vezes bastante incompletos.

Posteriormente esta consulta foi complementada com outro portal, o da ‘Direção Geral do Património Cultural’ (DGPC) que contém um pouco mais de informação relativa aos decretos de classificação dos sítios arqueológicos, bem como uma lista um pouco mais extensa da bibliografia.

Deste modo procurámos obter o máximo de informação bibliográfica que nos foi possível consultar, tarefa por vezes complicada devido à antiguidade e inacessibilidade de algumas publicações.

Durante a recolha e análise da informação tivemos necessariamente que concretizar alguns ajustes, face à duplicação de sítios no 'Portal do Arqueólogo', à existência de sítios que não se encontram registados no próprio portal, mas são insistentemente referidos na bibliografia, ou ainda à recorrente existência de referências a sítios inventariados na bibliografia, mas dos quais não detemos qualquer tipo de informação sobre a sua localização ou dados que nos permitam chegar até ela. Neste caso, realizamos uma pesquisa intensiva, tentando localizar através de portais de autarquias, páginas de turismo, entre outras ínfimas páginas de internet que nos pudessem dar alguma informação fidedigna sobre a localização desses locais.

Consultámos, também, as Cartas Militares 1:25 000, da década de 70/80, de forma a identificar os topónimos associados às zonas de implantação dos sítios e fizemos também um recorte, em JPEG, da localização dos sítios na Carta Militar, que se encontra em apêndice, integrado na listagem proveniente da base de dados (ver Apêndice 14).

Seria interessante a consulta de fotografias aéreas do voo americano da década de 50/60, mas não nos foi possível a sua aquisição, esperando-se que numa nova etapa de trabalho seja possível a obtenção dessa informação para complementar o nosso trabalho.

Como já referido todos os dados foram armazenados na base de dados 2ArchIS (Sistema de Informação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho) de forma a poderem ser trabalhados com ferramentas de análise geoespaciais.

Após este trabalho de sistematização da informação, efetuámos a visita aos sítios arqueológicos, o que nos permitiu não apenas observar as características formais dos mesmos, mas também recolher dados sobre os mesmos e sobre a paisagem envolvente de cada sítio descritas no ponto 3 da Parte II deste trabalho.

2.2 Caracterização dos elementos em análise

Neste ponto pretendemos apresentar, em jeito de síntese, os sítios arqueológicos que se enquadram dentro da zona de estudo. Os povoados integram geograficamente os concelhos de Matosinhos, Vila do Conde, Maia, Trofa, Santo Tirso e Paços de Ferreira e encontram-se ordenados pelos respetivos concelhos a que pertencem, pois não consideramos necessária a atribuição de

um número de inventário, uma vez que estes sítios integram uma base de dados (2ArchIS), na qual estão dispostos e são trabalhados por ordem alfabética. Ao todo contamos com dezassete povoados, com ocupação entre a Idade do Ferro, Idade do Ferro e Romano e Idade do Ferro, Romano e Idade Média que estão descritos no ponto seguinte (Ponto 3) e assinalados na figura 6.

De forma a obtermos um trabalho coerente estabelecemos critérios para a seleção dos locais a integrar no nosso estudo, nomeadamente: existência de elementos formais que caracterizem o povoado como sendo da Idade do Ferro; elementos de cultura material associados ao período cultural em estudo; evidências bibliográficas e/ou fontes escritas relativas ao período de ocupação dos sítios e da sua localização.

Face a estes critérios tivemos necessariamente de excluir da lista inicial de vinte e três sítios arqueológicos, alguns povoados (seis) entre eles o sítio de **Angeses**, situado em Matosinhos (Lavra), sobre o qual apenas existe um registo no Portal do Arqueólogo que não apresenta qualquer descrição sobre as características formais ou elementos materiais. Julgamos, com base nas coordenadas apresentadas no Portal do Arqueólogo e na freguesia onde se localiza, que ‘Angeses’ possa corresponder ao povoado ‘Monte Castro’. Excluimos também o **Monte Faro**, localizado na Maia (Gemunde), que apenas aparece mencionado na bibliografia, de forma deficitária, não estando registado no Portal do Arqueólogo (Silva, 1980: 79; Queiroga, 1992: 167; Silva, 2007: 137; Varela e Pires, 2010: 96-97). Igualmente excluído foi **Cidai**, situado na Trofa (Santiago e Bougado), referido primeiramente por Martins Sarmiento (Dinis, 1993: 105), mas que devido à total ausência de vestígios, referida também por A. Dinis (1993), considerámos que não se enquadra nos critérios estabelecidos. Não contemplámos, igualmente, o lugar de **Aldeia Nova**, no concelho de Santo Tirso (Burgães), apenas registado no Portal do Arqueólogo, não tendo sido encontradas referências bibliográficas do mesmo. O sítio de **Santa Cruz I** (Couto), no concelho de Santo Tirso, igualmente referenciado, pela primeira vez, por Martins Sarmiento, que reporta o aparecimento de materiais de construção (fragmentos de telha com rebordo) e alicerces de construção, não oferece garantias que apontem para uma clara ocupação da Idade do Ferro (Dinis, 1993: 106). Para além desta questão, nas imediações deste sítio arqueológico encontra-se também registado Santa Cruz II como casal rústico, existindo a hipótese de serem ambos o mesmo sítio. Por fim não iremos considerar o **Castro de Salgueiros**, enquadrado em Paços de Ferreira (Eiriz), apenas registado no Portal do Arqueólogo, por não apresentar elementos suficientes para

ser incluído no nosso estudo. Ainda assim todos estes sítios foram incorporados na base de dados, para que no futuro possa ser feito um estudo intensivo e a validação destes possíveis povoados.

Neste estudo incluímos o Castro de Guifões que, apesar de se localizar na margem sul do rio Leça, consideramos que se integra no conjunto dos povoados, diretamente articulado com o território em estudo.

Caraterizamos de forma individual cada local, tendo em consideração que a descrição de cada um pode variar em função da informação disponível, pois partimos de documentos bibliográficos e da descrição utilizada no Portal do Arqueólogo. Por outro lado, esta questão depende igualmente do estado de conservação dos povoados e do que pode ou não ser visível no local. Posto isto, estabelecemos os seguintes descritores: localização, geomorfologia e toponímia; caraterísticas formais; interpretações sobre os mesmos; caraterísticas observadas *in situ* como a visibilidade e a ausência ou presença de vestígios na atualidade. Considerámos, também, na descrição de cada local a tipologia atribuída por A. Moreira (2009) e J. Pinho (2009) quando esta existe. Como já foi referido estes dois autores produziram estudos que incidem sobre a nossa área de trabalho e estabeleceram tipologias para os locais existentes. Estas tipologias estão associadas a fatores como a altitude, dimensão do povoado, aptidão dos solos e possível função dos sítios.

No Ponto 4 referimo-nos à ocupação romana do território de entre os rios Ave e Leça (ver figura 24), representadas por elementos habitacionais, necrópoles e outros elementos que nos permitem caraterizar a rede viária e a deslocação dentro desta rede como marcos miliários e pontes. Dedicamos também um pequeno espaço à mineração romana dentro da zona em estudo, considerando as teorias preconizadas na bibliografia sobre a possível rede de mineração e transporte do minério.

Como balizamos o estudo até ao século II d.C. e uma vez que estamos novamente dependentes da ausência de dados optámos por realizar uma análise breve da ocupação romana deste território que gostaríamos de aprofundar no futuro.

Em apêndice encontra-se o catálogo dos sítios que integram a área estudada, disposto em formato de listagem, abarcando toda a informação obtida sobre os mesmos, incluindo mapas e fotografias. Os sítios de ambos os períodos cronológicos que não apresentam coordenadas detêm anexado um extrato da carta arqueológica e do *Google Earth* da freguesia onde possivelmente se localizam.

3 Caraterização dos povoados proto-históricos

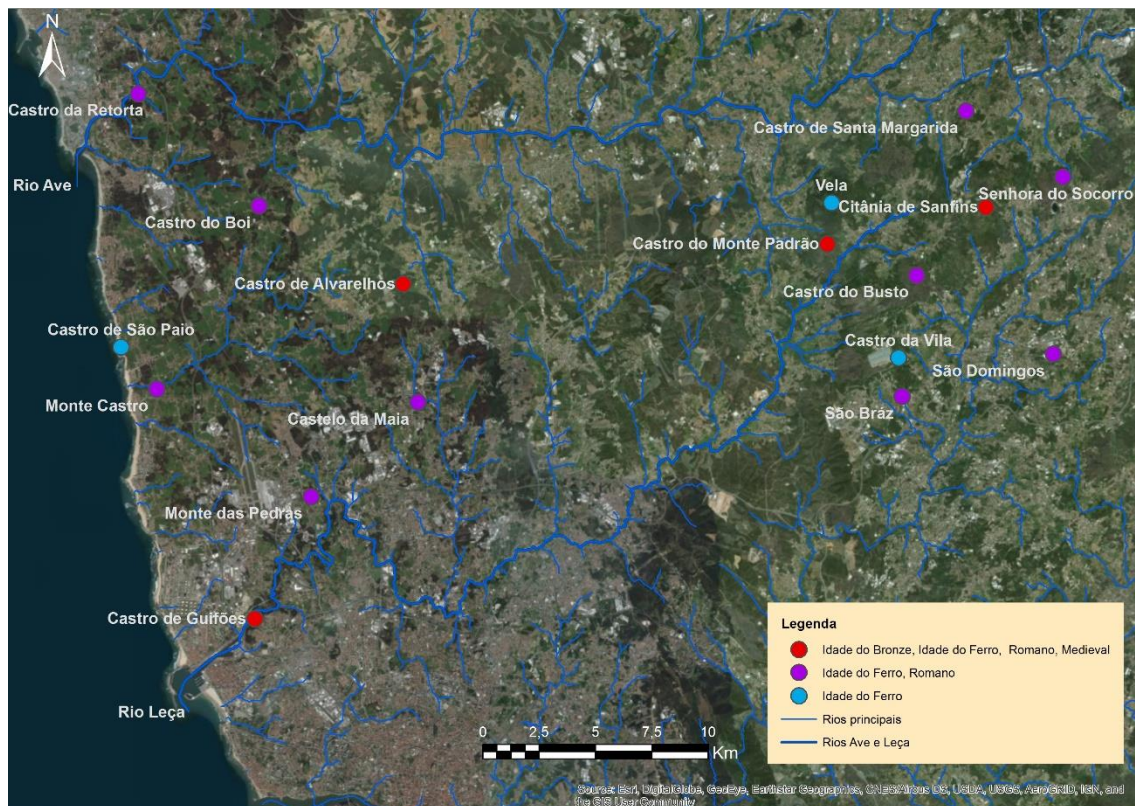


Figura 6 – Localização dos povoados proto-históricos (©UAUM).

3.1 Concelho de Matosinhos

3.1.1 Monte Castro (Lavra)

O sítio de Monte Castro (CNS 26247) caracteriza-se como povoado fortificado de pequenas dimensões, estando localizado na margem esquerda do rio Onda/Ribeira da Lage, na Praia de Angeiras. O rio Onda aparece referenciado como ‘rio Donda’ ou ‘rio Labruge’. Apresenta planta circular com uma curva de nível de 20 metros (Varela e Pires, 2010: 98) e terá cerca de 1 hectare (Moreira, 2009: 78). É também referida a existência de um talude perceptível na vertente sudeste que poderá corresponder à única linha de muralha que rodeava o povoado (Moreira, 2009: 78; Varela e Pires, 2010: 98).

Apresenta caraterísticas de romanização intensa, corroborada pela presença de materiais de superfície, constituídos essencialmente por fragmentos de *sigillata* hispânica, abundante

cerâmica comum e material de construção, nomeadamente telhas e imbrices (Moreira, 2009: 78). Estes indicadores apontam para uma ocupação desde a Idade do Ferro possivelmente até o século I e II d.C. (Varela e Pires, 2010: 98).

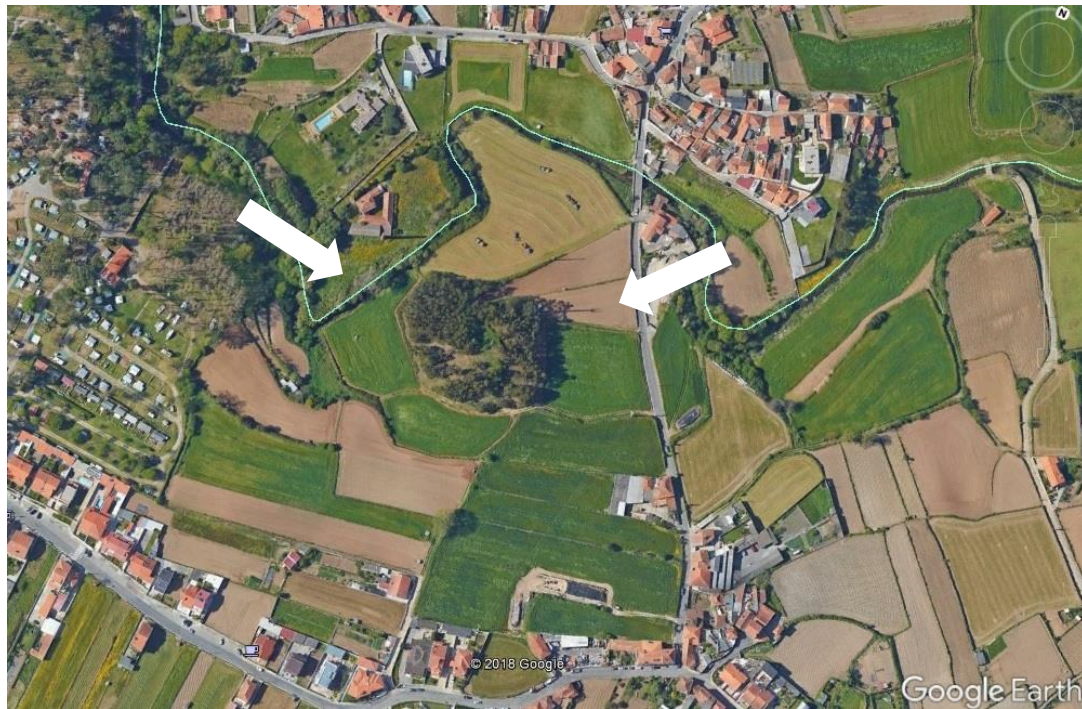


Figura 7 – Localização do Monte Castro (© Google Earth).

Face à sua proximidade em relação ao mar e à sua implantação pensa-se que o povoado teria uma função agrícola, pois encontra-se em terrenos de aptidão moderada (Moreira, 2009: 78). Estaria também vocacionado para a exploração de recursos marinhos (Varela e Pires, 2010: 98).

A. Moreira integra este povoado no Tipo C (com base no esquema que elaborou) que comporta os povoados com altitudes inferiores aos 200 metros, que se podem designar por ‘assentamentos de vale’, de pequenas dimensões e que, por norma, apresentam apenas uma linha defensiva (Moreira, 2009: 78).

É também referida a relativa proximidade deste povoado à *villa* de Fontão (Figura 24), também em Lavra, o que se poderá traduzir uma continuidade da exploração dos recursos naturais da zona, nomeadamente dos recursos marinhos (Varela e Pires, 2010: 98). Atualmente o povoado localiza-se em terreno privado, estando bastante alterado devido à sua utilização para fins agrícolas, bem como pela plantação de eucaliptos. Não nos foi possível identificar qualquer

elemento *in situ* que nos permitisse caraterizar o sítio identificado como povoado fortificado romanizado. Ainda assim tentámos caraterizar o sítio em termos de visibilidade que se apresenta como circular, expondo maior vulnerabilidade na vertente Sul.

3.1.2 Castro de Guifões (Guifões)

O Castro de Guifões (CNS 779), também conhecido como ‘Monte Castelo de Guifões’, encontra-se implantado na vertente sul do rio Leça, a 65 metros de elevação e a aproximadamente 3 km do mar. A sua localização é extremamente favorável, pois beneficia das boas condições de navegabilidade do rio Leça, comprovada pelo menos até à época medieval (Arezes e Varela, 2017: 125). Face às consequências da crescente urbanização da zona e considerando que nos anos 70 foi construído um campo de tiro na parte superior do povoado, este encontra-se bastante modificado, sendo difícil de caraterizar a sua organização interna. A estas circunstâncias junta-se o facto de que os estudos concretizados sobre o povoado terem sido feitos de forma pontual, descontinuada e fragmentada.



Figura 8 - Localização do Castro de Guifões (© Google Earth).

Segundo dados bibliográficos o povoado terá tido ocupação durante a Idade do Ferro, período romano e época medieval, tendo existido um possível castelo ou estrutura fortificada no local (Arezes e Varela, 2017: 126). A abundância de materiais de importação como recipientes de preparados de peixe, produzidos no Norte de África e Bética, entre o século II a.C. e I d.C., bem como a presença de grandes quantidades de ânforas Haltern 70, produzidas na Bética, entre o século I a.C. e I d.C., atestam a ideia de envolvimento do povoado nas trocas comerciais regulares com o sul da Península Ibérica e o Mediterrâneo (Varela e Pires, 2010: 100).

Como já referido anteriormente a zona da acrópole encontra-se ocupada por um campo de tiro, desfigurando a estrutura interna do povoado. Ainda assim, e apesar de atualmente o meio circundante se encontrar fortemente alterado e urbanizado, consideramos que a sua visibilidade seria circular exercendo um domínio sobre o rio Leça. O povoado encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1971, como consta no Decreto n.º 516/71, DG, I Série, n.º 274, o que não impediu a contínua construção não licenciada nas suas imediações (Arezes e Varela, 2017: 129). Ainda assim foi definida uma área de proteção no Plano Diretor Municipal da Câmara Municipal de Matosinhos (Varela e Pires, 2010: 100).

Encontra-se a decorrer um projeto de investigação plurianual (GUIFARQ), concretizado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos, que retomou o estudo do local. Este projeto incide sobre uma área delimitada na vertente nascente do castro, procurando comprovar a presença de elementos inseríveis em diversas cronologias da Idade do Ferro à Alta Idade Média (Arezes e Varela, 2017: 130).

3.2 Concelho de Vila do Conde

3.2.1. *Castro da Retorta (Retorta)*

O povoado de Retorta (CNS 3598) localiza-se numa elevação junto ao rio Ave, a 34 metros de altitude, possuindo uma área de cerca de 1,5 hectares. Segundo A. Dinis o povoado teria forma ovalada, com o seu eixo principal no sentido noroeste-sudeste. O mesmo autor considera que o castro teria possivelmente duas linhas de muralhas (Dinis, 1993: 94), enquanto A. Moreira acredita que o povoado teria apenas uma muralha (Moreira, 2009: 79). Ambos concordam que este teria somente um fosso no lado sudeste (Dinis, 1993: 94; Moreira, 2009: 79). Segundo A.

Moreira o povoado encontra-se numa zona de aptidão agrícola elevada, que se estende sobre a área envolvente do castro. Isto aliado ao facto de se situar próximo da foz do rio Ave e relacionando os materiais arqueológicos recolhidos na superfície, como o conjunto de vidros que integram a coleção de vidros romanos do Museu Martins Sarmiento, estudados por Jorge e Adília Alarcão (Moreira, 2009: 35), leva o autor a acreditar que o povoado se terá mantido durante a ocupação romana (Moreira, 2009: 79). Por fim, o autor inclui este povoado no Tipo C, que, como já referido anteriormente, incorpora os povoados com uma altitude inferior a 200 metros, de reduzidas dimensões e enquadrados em terrenos de aptidão agrícola moderada a elevada (Moreira, 2009: 78).

Em concordância com A. Moreira, J. Pinho integra este povoado na Tipologia C (com base no esquema que o próprio estruturou), considerando-o um povoado associado à prática agrícola (Pinho, 2009: 40).



Figura 9 - Localização do Castro da Retorta (© Google Earth).

O povoado da Retorta poderá ter funcionado como uma primeira barreira de controlo do tráfego fluvial face à posição que ocupa com relativa proximidade à foz do rio Ave (Pinho, 2009: 56). Poderá estar relacionado com uma possível via romana (via *Cale-Tude per loca maritima*),

que passaria nas imediações do povoado, o que apontaria para a sua importância no processo de redistribuição económica romana (Pinho, 2009: 66).

Em visita ao sítio arqueológico deparamo-nos com um terreno privado servindo de local de pastagem para gado bovino, não tendo sido possível a sua visita. Ainda assim e à semelhança do Monte do Castro a sua visibilidade parece ser circular, apenas interrompida atualmente pela vegetação arbórea.

3.2.2 Castro de São Paio (Labruge)

O Castro de São Paio (CNS 3560) encontra-se implantado num esporão rochoso, dispondo-se quase sobre o mar, possuindo com uma elevação de apenas 12 metros. Apresenta-se como um povoado de pequenas dimensões defendido a oeste pelo mar e nas outras vertentes por um talude e fosso, observando-se estruturas de planta circular datadas do séc. I a.C. (Dinis, 1993: 102).



Figura 10 - Localização do Castro de São Paio (©Google Earth).

A. Moreira coloca a hipótese de este povoado ter tido uma ocupação sazonal face às suas reduzidas dimensões e à simplicidade do seu sistema defensivo (Moreira, 2009: 79). Já J. Pinho

integra este povoado na Tipologia C (com base no esquema que o próprio estruturou), considerando-o como um povoado de exploração agrícola (Pinho, 2009: 40).

Na zona da acrópole encontra-se implantada uma capela dedicada a São Paio, construída em 1885, que terá contribuído para a descaracterização do povoado.

Em visita ao sítio observámos que este apresenta visibilidade circular orientada tanto para o controle marítimo como para terra, exibindo claramente uma função relacionada com o mar.

3.2.3. Castro do Boi (Vairão)

O Castro do Boi/Castro Boi (CNS 3634) é também conhecido por ‘Castro de Santo Ovídio’ (Pinho, 2009; Dinis, 1993: 94) e poderá também ter assumido o nome de *Castellum Labrensi* (Moreira, 2009: 110). Situa-se num pequeno promontório com relativa proximidade à costa (cerca de 5.4 km) e detém uma elevação de 123 metros.



Figura 11 - Localização do Castro do Boi (© Google Earth).

O povoado teria forma subcircular, com uma plataforma central circundada por uma muralha, com cerca de 1 hectare de área e uma segunda plataforma cujo talude ainda se observa na vertente sudoeste (Dinis, 1993: 95; Moreira, 2009: 109; Varela e Pires, 2010: 99). O local

nunca foi intervencionado tendo sido caracterizado com base nos materiais de superfície, em concreto materiais cerâmicos atribuíveis à última fase de ocupação castreja, bastante material romano e material de construção, havendo também uma nota sobre alguns alicerces de casas redondas castrejas observáveis à superfície (Varela e Pires, 2010: 100).

A. Moreira considera este povoado integrável no seu Tipo C, dadas as suas pequenas dimensões e altitude inferior a 200 metros, vocacionado para a prática agrícola, sendo que as suas imediações apresentam terrenos de elevada aptidão agrícola (Moreira, 2009:106, 110). Da mesma opinião é J. Pinho (Pinho: 2009: 39-40).

Há a hipótese de o local ter sido ocupado durante a época medieval constituída com base num acervo documental da *Portugaliae Monumenta Historica* que refere as seguintes denominações: *castellum de bove*, *Castro de Bove* e *Kastro de bove* (Moreira, 2009: 106), mas não existem evidências arqueológicas que permitam enquadrá-lo nessa cronologia.

Atualmente a plataforma superior do povoado detém uma capela com cruzeiro e rampa, por onde se faria possivelmente o acesso natural. A implantação da capela no topo, a crescente edificação de habitações, bem como a abertura de caminhos contribuíram para a descaraterização do sítio arqueológico.

In situ observa-se uma visibilidade circular a larga distância, possivelmente focada na costa e também na proximidade que apresenta a uma possível via romana secundária designada por *Karraria Antiqua* (Moreira, 2009: 110).

3.3 Concelho da Maia

3.3.1 Castelo da Maia (Castêlo da Maia)

O Castelo da Maia (CNS 3754) apresenta várias designações, como ‘Castelo’, no Portal do Arqueólogo, ou ‘Castro de Avioso’, na bibliografia (Carvalho, 2008: 68), ou até mesmo ‘Castro de Santo Ovidio’, devido à capela implantada na zona da acrópole dedicada a Santo Ovidio. Localiza-se na margem esquerda da ribeira do Arquinho, um afluente do rio Leça, encontrando-se implantado a 94 metros de altitude. A sua acrópole, de forma ovalada, ocupa cerca de 1 hectare de área (Moreira, 2009: 108). Aparece também caracterizado como Casal do Tipo A devido à recolha de materiais de superfície compostos por tégula e cerâmica comum (Varela e Pires, 2010:

142). Estaria relacionado com a necrópole da Forca, localizada a cerca de 1 km de distância do povoado (Moreira, 2009: 108; Varela e Pires, 2010: 142). A este povoado está também associado um conjunto de moedas tardo-romanas (Moreira, 2009: 108).



Figura 12 - Localização do Castelo da Maia (© Google Earth).

O povoado encontra-se completamente alterado pela construção da capela dedicada a Santo Ovídio. Detém uma visibilidade circular, privilegiando a via XVI (atual N14), estando a pendente mais suave virada para o acesso à via, a sul, enquanto para nordeste está orientado para a Trofa/Paços de Ferreira, observando-se os limites montanhosos.

3.3.2. Monte das Pedras/Pedras Rubras (Moreira)

O sítio do Monte das Pedras (CNS 3539) surge designado por 'Pedras Rubras', ou também por 'Crestins' (Varela e Pires, 2010: 97). Localiza-se numa pequena plataforma de forma oval, próxima do rio Leça (a menos de 1 km), com uma elevação de 70 metros (Varela e Pires, 2010: 97). Foram recolhidos materiais na sua superfície, nomeadamente cerâmica comum romana e fragmentos de telha (Varela e Pires, 2010: 97).



Figura 13 - Localização do Monte das Pedras/Pedras Rubras (©Google Earth).

A. Moreira caracteriza o povoado no Tipo C, que abrange povoados com altitudes inferiores aos 200 metros e de pequenas dimensões e que neste caso apresenta terrenos de aptidão agrícola moderada (Moreira, 2009: 78). A oeste do povoado passaria a via romana secundária, *Cale-Tude per loca maritima*, que passaria também junto ao Castro da Retorta (www.viasromanas.pt).

O sítio onde se implantou o povoado apresenta-se bastante descaracterizado não só pelo crescimento urbano, mas também pela construção de estradas nas imediações do mesmo. No local não se observam quaisquer elementos que permitam caracterizar a ocupação do sítio em estudo.

3.4 Concelho da Trofa

3.4.1. Castro de Alvarelhos (Alvarelhos)

O Castro de Alvarelhos (CNS 791), também designado por 'Castro de São Marçal' (Dinis, 1993: 96; Moreira, 2009: 17), *Castellum Madiaea* e 'Monte Grande' (Moreira, 2009:17), encontra-se implantado num contraforte da Serra de Santa Eufémia dominando visualmente o vale da ribeira da Aldeia, afluente do rio Ave (Dinis, 1993: 96). O ponto mais alto do povoado tem 181 metros e

nas suas imediações podemos encontrar solos de elevada aptidão agrícola, mais concretamente na Veiga da ribeira do Arquinho, afluente do rio Leça, e na zona já referida da ribeira da Aldeia (Moreira, 2009: 63).



Figura 14 - Localização do Castro de Alvarelhos (© Google Earth).

O povoado apresenta uma longa ocupação tendo sido transformado com a intensa ocupação romana da vertente mais baixa do outeiro. Terá ocupação desde o Bronze Final, sendo bem conhecida a sua importância devido à remodelação urbanística sofrida no século I d.C. decorrente do florescimento económico do local, observável no registo arqueológico (Moreira, 2009; 73), associado à sua provável função de *vicus* (Carvalho, 2008).

Em termos formais observam-se no povoado pelo menos três terraços que seguem o esporão onde poderá ter estado implantado o castro na sua fase inicial. A ocupação romana desenvolveu-se na parte mais baixa do outeiro, onde ainda se observam alguns elementos da arquitetura da Idade do Ferro. Esta zona é atualmente a parte mais intervencionada e estudada do sítio arqueológico.

A. Dinis salienta alguns achados importantes descobertos neste sítio arqueológico, sendo a maioria deles datada de época romana, nomeadamente: um marco miliário do Imperador Adriano (proveniente da via XVI *Cale-Bracara* que passaria nas imediações do povoado); um

tesouro de cerca de cinco mil denários e nove ponderais em prata, apresentando dois deles o nome *CAESAR* grafitado numa das faces; uma lápide que refere *MADEQUISENSES*; uma ara dedicada ao *GENIUS*; o fundo de uma pátera de prata; uma estatueta em bronze, representando uma Nereida; objetos em bronze dos quais sobressai um umbo e elementos de sítulas (Dinis, 1993: 96-97).

J. Pinho integra o povoado no Tipo A (segundo a estrutura que formulou), constituído por povoados que possuem uma posição destacada na paisagem e que apresentam um desenvolvimento considerável nos últimos dois séculos a.C. e na primeira metade do século I d.C. (Pinho 2009: 38), estando em concordância com o trabalho de A. Moreira que aponta o Castro de Alvarelhos como um ‘lugar central’ na última fase de ocupação da Idade do Ferro e também durante o período romano, tendo sido transformado num ‘aglomerado urbano secundário’ (Moreira, 2009: 74).

Visitando o sítio conseguimos perceber que este apresenta visibilidade em leque, apesar de que a vegetação arbórea, nomeadamente composta por eucaliptos, cortar parte dessa visibilidade. Na figura 14 assinalamos com a seta da direita o outeiro onde estará possivelmente implantada a acrópole do povoado.

O Castro de Alvarelhos está classificado como Monumento Nacional desde 1910, através do Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910.

3.5 Concelho de Santo Tirso

3.5.1. Castro de Santa Margarida (Negrelos)

O povoado de Santa Margarida (CNS 3527) situa-se num pequeno outeiro pertencente à vertente norte do maciço montanhoso do Monte Córdova. Apresenta-se sobranceiro ao rio Vizela afluente do rio Ave e dispõe de uma elevação de 270 metros.

O povoado fortificado exhibe uma forma oval, com maior extensão no sentido norte/sul e duas linhas de muralha de blocos graníticos com 1.5 metros de largura, bem como várias estruturas habitacionais na plataforma superior e nas vertentes. Segundo a informação disponível no *sítio* do Museu Municipal Abade Pedrosa (<http://mmap.cm-stirso.pt/castro-sta-margarida-s-tome-negrelos/>) até ao momento estão identificadas cinco estruturas circulares com muros de

dupla face e aparelho original. O material cerâmico recolhido enquadra-se na Fase II e III da Cultura Castreja.



Figura 15 - Localização do Castro de Santa Margarida (© Google Earth).

O povoado encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público, desde 1990, pelo Dec. N.º 29 / 90, DR n.º 163 de 17 de julho de 1990.

Ao visitar o local não nos foi possível aceder ao topo face à vegetação, mas consideramos que apresenta uma visibilidade circular. Observam-se pelo menos três plataformas.

3.5.2. Castro de Monte Padrão (Monte Córdova)

O Castro do Monte Padrão (CNS 792), também designado por 'Monte Córdova' (Dinis, 1993: 98), situa-se no esporão rochoso do maciço montanhoso de Monte Córdova a uma cota de 410 metros. Está implantado no limite das bacias hidrográficas do rio Ave e Leça, observando-se a norte do povoado a rede de drenagem do rio Ave e a sul do rio Leça (Varela e Pires, 2010: 92). É uma zona bastante rica em recursos hidrográficos. A oeste domina visualmente a faixa costeira

marítima. Já para leste a sua visibilidade é limitada face ao desenvolvimento de zonas de planalto (Varela e Pires, 2010: 92).



Figura 16 - Localização do Castro de Monte Padrão (© Google Earth).

O sítio arqueológico é composto por um recinto central de forma ovalada, rodeado por uma muralha. Esta plataforma desenvolve-se no sentido norte/sul com um comprimento máximo de 183 metros e no sentido este/oeste com 101 metros, totalizando uma área de 14.776 m² (Varela e Pires, 2010: 92). Dispõe de mais duas plataformas e taludes que supõem a existência de mais duas linhas de muralha (Dinis, 1993: 99).

Este povoado apresenta ocupação desde o Bronze Médio/Final que se prolonga até começos do século XVII com a construção de uma capela dedicada ao Senhor do Padrão (Varela e Pires, 2010: 93). Desdobrando a cronologia em fases, apresenta-se bem documentada a fase inicial entre 1100/700 a.C. e 500 a.C., através de cerâmicas com decoração Boquique do tipo «Cogotas I», cerâmicas decoradas do tipo «Baiões» e também material lítico como mós de naveta, machados polidos e lâminas de sílex (Varela e Pires, 2010: 93). Apesar do material recolhido não foram identificadas estruturas deste período. A fase seguinte decorre entre 500 a.C. e 136 a.C., observando-se na plataforma superior na vertente nordeste a presença das primeiras estruturas habitacionais pétreas e uma estrutura que poderá ter correspondido ao primeiro elemento

defensivo do povoado (Varela e Pires, 2010: 94). Há ainda uma terceira fase identificada entre 138/136 a.C. relacionada com as campanhas de *Decimus Junius Brutus* tendo sido esta a fase de apogeu do povoado, à qual pertencem a maioria das estruturas habitacionais identificadas na parte superior do povoado (Varela e Pires, 2010: 95). A partir desta fase observa-se uma reestruturação do povoado com a construção de edifícios romanos. Estão ainda referenciadas uma quarta fase com o domínio de Tibério/Cláudio até à primeira metade do século II d.C., uma pequena fase entre a segunda metade do século II e meados do século III. Seguindo-se depois o momento de ocupação do povoado por uma necrópole entre 900 e finais do século XII e uma fase final entre os finais do século XII e XVI com a construção da já referida capela dedicada ao Senhor do Padrão (Varela e Pires, 2010: 94).

A. Moreira integra este povoado no Tipo B caracterizados por se implantarem em elevações de média altitude no rebordo de rechãs e próximos a vales (Moreira, 2009: 76). Aponta ainda que este povoado se encontra implantado em terrenos sem aptidão agrícola (Moreira, 2009: 76).

Apresenta visibilidade circular, sendo possível observar a Citânia de Sanfins na vertente este. Nas imediações passaria uma via romana secundária *Cale -Vimaranis* (www.viasromanas.pt).

O povoado encontra-se classificado como Monumento Nacional em 16 de julho de 1910 e foi retificada a sua designação através do Dec. Lei n.º 38.491, art.º 3. Beneficia ainda de Zona Especial de Proteção desde 2011.

3.5.3. Vela (Monte Córdova)

O povoado da Vela (CNS 3531) aparece também designado por ‘Mouro’ ou ‘Morro da Vela’ (Dinis, 1993: 105), Senhora da Assunção (Queiroga, 1992: 173). Localiza-se a oeste na Serra do Monte Córdova, ocupando um esporão rochoso (Moreira, 2009: 270).

Os materiais recolhidos atestam a sua antiguidade ocupacional tendo sido encontrados materiais líticos, cerâmica castreja em menor número e cerâmica medieval.

Apresenta-se completamente alterado com a implantação de um santuário dedicado à Nossa Senhora da Assunção. Exibe visibilidade em leque.



Figura 17 - Localização de Vela (©Google Earth).

3.6 Concelho de Paços de Ferreira

3.6.1. Castro da Vila (Penamaior)

O Castro da Vila (CNS 13083) localiza-se no maciço rochoso que se desenvolve desde a Serra da Agrela para noroeste. Está relativamente próximo da nascente do rio Leça e implanta-se a uma altitude de 420 metros. Segundo a informação disponível no Portal do Arqueólogo este povoado é de pequenas dimensões, desenvolvendo-se em plataforma, sendo visível no limite da mesma, alinhamentos da muralha, pelo menos ao nível do alicerce, sendo também observável um muro de habitação

M. Dinis considera que o local foi ocupado durante a romanização (Dinis, 1976: 512) e refere a existência de uma muralha principal que circunda todo o povoado, com um perímetro de 90 metros no alinhamento norte, onde revela uma espessura que ultrapassa 1 metro, possuindo a nascente um perímetro de 80 metros, de 100 metros a sul e 85 metros na parte ocidental (Dinis, 1976: 513). O autor afirma ainda que recolheu cerâmica grossa de grandes vasos, cerâmica de pasta fina, bastante quantidade de ‘telhões’ fragmentados com marca de oleiro e partes de telha

de 'meia cana' também conhecido por imbrices e por fim, escória de ferro (Dinis, 1976: 513). Indica ainda ter sido encontrado no local uma 'púcara cheia de moedas' contendo pequenos bronzes do Baixo-império, dos quais guardou dezanove do período de Constantino (Dinis, 1976: 513). Relaciona este sítio com uma necrópole na aldeia da Vila que terá sido destruída, mas parte do material arqueológico terá sido recolhido pelo próprio.



Figura 18 - Localização do Castro da Vila (© Google Earth).

Observa-se a plantação de eucaliptos por todo o monte, o que dificulta não só o acesso ao mesmo, mas sobretudo a sua perceção visual. Na vertente S/N não apresenta visibilidade face à vegetação e às casas. No sentido O/E corre um pequeno ribeiro. Observa-se nas imediações marcas da prática de extração de pedra.

3.6.2. Castro do Busto (Penamaior)

O Castro do Busto (CNS 4289) localiza-se no maciço rochoso que se desenvolve desde a Serra da Agrela para noroeste na linha onde se encontra implantada a Citânia de Sanfins.

Segundo a informação disponível no Portal do Arqueólogo trata-se de um povoado de média a pequena dimensão, sendo ainda possível observar uma estrutura defensiva composta por muralha e por talude em terra.



Figura 19 - Localização do Castro do Busto (© Google Earth).

Atualmente o local configura-se como uma zona de plantação de eucaliptos o que condiciona a perceção da implantação do povoado. Ainda assim observamos que a sua visibilidade se apresenta em semicírculo. Verifica-se na zona a prática de extração de pedra

3.6.3. Citânia de Sanfins (Sanfins)

A Citânia de Sanfins (CNS 6) é também conhecida por ‘S. Romão’, ‘Cidade Velha’ e ‘Cidade da Citânia’ (Silva, 1999a: 8-11). Está implantada numa cadeia montanhosa que cruza o concelho de Paços de Ferreira, detendo uma altura de 570 metros assinalados por um marco geodésico. Encontrando-se próximo da nascente do rio Leça, exhibe uma zona rica em recursos hidrográficos, dela sendo possível desfrutar de uma visão panorâmica sobre a região de Entre-Douro-e-Minho, o que deverá ter sido o fator estratégico para o desenvolvimento e manutenção deste povoado (Silva, 1999a: 8-11; Varela e Pires, 2010: 90).



Figura 20 – Localização da Citânia de Sanfins (seta da esquerda) e Penedo das Ninfas (seta da direita) (© Google Earth).

Foram concretizadas cerca de quarenta campanhas de trabalhos arqueológicos neste povoado, as quais puseram a descoberto cerca de 15 ha de vestígios intramuros, o que faz com que este povoado seja um dos maiores povoados intervencionados até ao momento (Silva, 1999a: 15). A área descoberta apresenta planta regular e é composta por quatro linhas de muralha e vários fossos. Compreende seis arruamentos e cerca de trinta e três unidades habitacionais. O povoado apresenta-se organizado em torno de um arrumamento principal no sentido N/S, chegando a ter 4 metros de largura, articulada com arruamentos transversais, por vezes lajeados, sendo que a sua largura varia entre os 2 e os 2.5 metros (Silva, 1999a: 8-11; Varela e Pires, 2010: 90).

A sudoeste encontra-se um balneário abastecido por uma nascente de água, dividido em quatro espaços. Exibe uma pedra formosa decorada.

A nordeste da Citânia, a meio quilómetro, encontra-se um monumento epigráfico, designado de 'Penedo das Ninfas', com uma inscrição votiva, que segundo A. Silva será dedicado à divindade *Cosunea* pelos *Fidueneae* (Silva, 1999a: 64).

Também na Citânia de Sanfins foram descobertos quatro fragmentos de uma estátua de guerreiro galaico, tendo o fragmento da base sido encontrado *in situ* frente a uma entrada da Citânia (Silva, 1999a: 34).

Observam-se na zona da acrópole do povoado vestígios de ocupação medieval/cristã associados à necrópole e às ruínas de uma capela do século XII dedicada a S. Romão.

A cronologia proposta para este sítio situa a sua ocupação entre o século V a.C. e III d.C., tendo sido abandonado no século IV. A sua ocupação desenvolve-se em cinco fases, correspondendo a primeira ao período entre os séculos V e III a.C. (Varela e Pires, 2010: 91). Num segundo momento, balizado entre o século II/I a.C., o povoado terá crescido face ao sinecismo das comunidades que habitariam na periferia da Citânia, consequência da campanha de Décimo Júnio Bruto (Varela e Pires, 2010: 91). Numa terceira fase, correspondente ao século I, o povoado terá passado a simples aldeia ocupando apenas a zona da muralha central. Com as reformas flavianas o povoado terá entrado em declínio até ao seu abandono no século IV d.C., o que define uma quarta fase de ocupação (Varela e Pires, 2010: 91). Posteriormente implantou-se na zona da acrópole a capela dedicada a S. Romão e a necrópole já sem qualquer relação com a ocupação anterior (Varela e Pires, 2010: 91).

A Citânia de Sanfins apresenta um conjunto rico de material arqueológico desde gravuras rupestres a peças líticas, elementos de prisão de gado e mós. O conjunto cerâmico apresenta-se diverso com cerâmicas produzidas com roda de oleiro, de pastas grosseiras, observando-se tanto recipientes de grandes dimensões para armazenagem, como vasos de ir ao lume, panelas de suspensão e recipientes de pequenas dimensões, como taças, que apresentam diversas técnicas decorativas, assim como marcas de oleiro e grafitos. Entre o espólio arqueológico contam-se elementos de fiação e tecelagem, como cossoiros e pesos de tear. São igualmente variados os utensílios e materiais de fundição, como rilheiras de granito, escórias de ferro e tenazes em ferro, machados e um alvião. Entre os adereços contam-se as fibulas, contas de colar e alfinetes. Foram igualmente identificados um punhal com cabo e um fragmento de torques (Silva, 1999a: 36 - 54). Foi também encontrado um tesouro monetário guardado num vaso de cerâmica que se encontrava escondido junto à muralha, composto por trezentos e três denários e três quinários de prata, datados entre 209 e 25-23 a.C. (Silva, 1999a: 57).

A norte do povoado passaria a via romana secundária *de Cale-Vimaranis*, podendo estar relacionada com a importância económica, social e política deste sítio (www.viasroamanas.pt).

Este povoado encontra-se classificado como Monumento Nacional desde 1946 através do Decreto n.º 35 817, DG, I Série, n.º 187, de 20-8-1946.

3.6.4. São Bráz (Frazão e Arreigada)

O povoado de São Bráz (CNS 3954) ou 'S. Brás' localiza-se no maciço rochoso que se desenvolve desde a Serra da Agrela bastante próximo da nascente do rio Leça.

Segundo M. Dinis a identificação deste povoado partiu do topónimo 'Crasto' na localidade de S. Brás (Dinis, 1976: 217). Reporta ainda no declive do outeiro a sul um achado importante composto por cerâmica romana e um denário de prata (Dinis, 1976: 221).



Figura 21 – Localização de Castro de São Bráz (© Google Earth)

Segundo H. Carvalho este sítio caracteriza-se como castro romanizado, onde se encontrou uma ara epigrafada: EX V/M F D (Carvalho, 2008: 73). A autora refere a existência de necrópoles romanas nas imediações do povoado, tendo sido mesmo encontrado um prato de *sigillata* clara D associada a uma sepultura (Carvalho, 2008: 73).

In situ o povoado apresenta uma visibilidade em leque, voltada ao outeiro a SE. Na vertente E/O apresenta uma zona de plantação de eucaliptos o que faz com que a visibilidade seja reduzida, não nos tendo sido possível identificar estruturas, observando-se apenas a presença de cerâmica.

3.6.5. São Domingos (Ferreira)

O povoado de São Domingos (CNS 13073) localiza-se a sudeste da cadeia montanhosa que delimita a área de estudo, mas ainda relativamente próximo, pelo que optámos por o incorporar no nosso estudo por se enquadrar ainda no limite visual dos povoados circundantes.



Figura 22 – Localização de São Domingos (©Google Earth).

Segundo a informação disponibilizada no Portal do Arqueólogo o castro desenvolve-se numa pequena elevação com boas condições de defesa em todas as vertentes. São observáveis alguns alinhamentos de estruturas, uma das quais com uma extensão de 8 metros que poderá corresponder à muralha.

No local observam-se bastantes afloramentos rochosos. O povoado apresenta uma visibilidade circular. No topo do povoado está implantada uma capela que descaracterizou a sua parte superior.

3.6.6. Senhora do Socorro (Lamoso)

O povoado da Senhora do Socorro (CNS 3756) é também designado por ‘Capelo Vermelho’ e localiza-se num esporão destacado, sendo que a nordeste o relevo torna-se praticamente inacessível. Estando implantado a uma altitude de 423 metros detém uma boa visibilidade sobre as bacias de Vizela e do Ave, observando-se ainda “as cristas rochosas do Gerez” (Dinis, 1971: 289).

A primeira referência sobre o povoado foi feita em 1751 por Padre Luís Cardoso (Dinis, 1971: 288), tendo sido referido posteriormente por vários estudiosos que se interessaram pelo local, fazendo visitas e recolhendo materiais, entre os quais “nacos de vasilhas, pedaços de mós e possíveis moedas” (Dinis, 1971: 289). Duas mós castrejas terão sido levadas para o Seminário Maior do Porto (Dinis, 1971: 289).



Figura 23 - Localização de Senhora do Socorro (©Google Earth).

Considerando as informações disponíveis no Portal do Arqueólogo o castro será de média dimensão possuindo duas linhas de muralhas, a primeira a delimitar a zona da acrópole e a segunda assente sobre um talude. São observáveis vestígios de superfície, nomeadamente elementos de construções habitacionais e fragmentos de cerâmica castreja).

M. Dinis aponta para a existência de três linhas de muralha, sendo observável em alguns pontos da segunda muralha um “aparelho denticulado” (Dinis, 1971: 289). Terá também identificado três casas circulares, com diâmetros entre 4/4.5 metros (Dinis, 1971: 289) e encontrado diversos materiais, designadamente parte de uma mó manual, fragmentos de cerâmica e escória de ferro (Dinis, 1971: 289).

O povoado apresenta visibilidade circular e ampla, destacando-se pela sua privilegiada localização sobre toda a região. Detém uma pendente abrupta para noroeste e suave no sentido sudeste. Este povoado localiza-se entre duas possíveis vias romanas secundárias: a oeste a via *Cale-Vimaranis* e a este a via *Vizela-Penafiel*.

4 Ocupação romana do território

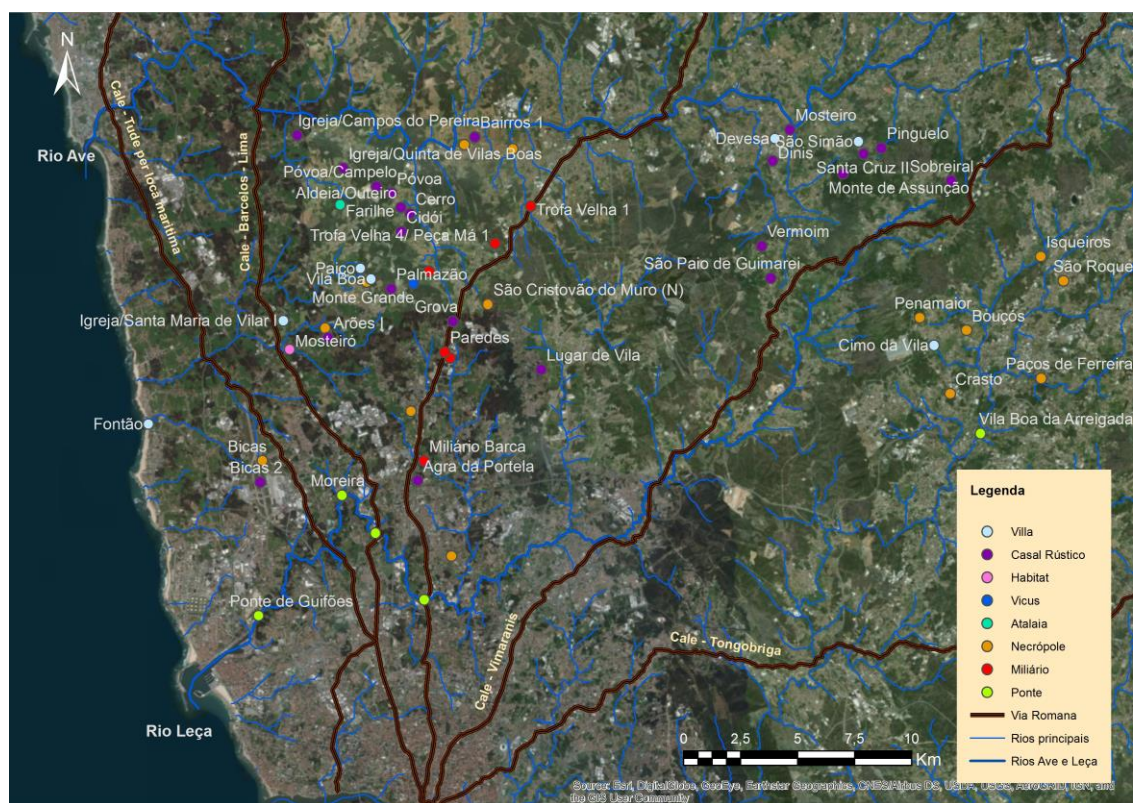


Figura 24- Mapa de ocupação romana do território entre os rios Ave e Leça (©UAUM).

4.1 Caraterização do território

A ocupação romana do noroeste português teve como consequência profundas alterações na estrutura organizativa do território a vários níveis: político, económico, social e simbólico. A nova estratégia organizativa operou com base em centros urbanos articulados por uma rede viária que permitiram o desenvolvimento económico com o usufruto das riquezas naturais através da mineração, a agricultura e a exploração dos recursos marinhos (Varela e Pires, 2010: 115).

Para melhor caracterizar e compreender as dinâmicas que decorreram na área em estudo aquando da presença romana, consideramos essencial integrar no estudo elementos identificadores de ocupação romana, tendo em vista compreender as diacronias e sincronias que decorreram na zona em estudo. Para tal, nesta fase iremos analisar elementos como *villae*, casais e outras formas de *habitat*, necrópoles, miliários, pontes e complexos mineiros, bem como as vias romanas, tendo por base os dados disponibilizados pelo projeto www.viasromanas.pt e os mapas elaborados para a compreensão da evolução da paisagem através da integração de todos os dados disponíveis para esse período que, posteriormente, irão ser analisados de maneira conjunta com os dados da Idade do Ferro.

4.2 Elementos selecionados

Para efeitos de análise consideramos as seguintes ***villae***: de Matosinhos: Fontão; de Vila do Conde: Vila Boa, Paiço, Igreja/Santa Maria de Vilar I; da Trofa: São Simão; de Santo Tirso: Devesa; de Paços de Ferreira: Cimo da Vila. Temos ainda referência bibliográfica da *villa* de ‘Sobre Sá’, localizada em Alvarelhos, no concelho da Trofa (Carvalho, 2008: 81) mas não dispomos de informações suficientes que justifiquem a sua integração neste trabalho.

Como **casais rústicos** selecionamos os seguintes sítios de Vila do Conde: Igreja/Campos do Pereira, Igreja/Quinta de Vilas Boas, Arões, Palmazão, Póvoa/Campelo; da Maia: Agra da Portela, Bicas 2; da Trofa: Aldeia/Outeiro, Bairros 1, Cerro, Cidói, Grova, Póvoa, Lugar de Vila; de Santo Tirso: Dinis, Monte de Assunção, Mosteiro, Pinguelo, Santa Cruz II, São Paio de Guimarei, Sobreiral, Vermoim.

Relativamente à categoria de outras formas de **habitat** identificamos em Vila do Conde o sítio de Mosteiró, não tendo sido valorizados, por falta de informação os seguintes locais da Maia: Souto; de Vila do Conde: Caldas, Montinho, Santa Maria de Vilar e Padrão.

Tivemos ainda em linha de conta um **vicus**, localizado na Trofa, designado de Monte Grande e uma **atalaia**, em Farilhe situada em Vila do Conde.

Em relação às **necrópoles** integramos as identificadas no concelho da Maia: Bicas, Necrópole da Forca e Necrópole da Quelha Funda; no concelho de Vila do Conde: Arões II e Guilhabreu; no concelho da Trofa: Rodrigo Velho, Bairros, São Cristóvão do Muro (N); no concelho de Paços de Ferreira: Bouçós, Isqueiros, Penamaior, Crasto e São Roque. Não podemos considerar, por falta de informação, as seguintes necrópoles: Vila do Conde: Canidelo, Monte Grande (V.C.), Soutelo de Fornelo, Vila Verde; Maia: Agra da Portela; de Paços de Ferreira: Boavista, Bouçamonte, Devesa Grande, Outeiro dos Foguetes, Reguengo, Eiriz.

Foram ainda integrados neste estudo alguns **miliários** encontrados no território de diferentes concelhos. Assim, considerámos, em Matosinhos: São Mamede; na Maia: Miliário da Barca, Paredes, Via de Braga-Porto; na Trofa: Quinta do Paiço, Trofa velha 1, Trofa Velha 2/ Lantemil, Trofa Velha 3/ Sedões e Trofa Velha 4/ Peça Má 1. Não foram considerados, por falta de informações fidedignas, os seguintes miliários de Matosinhos: Adriano; da Maia: Igreja de Avioso; da Trofa: São Cristóvão do Muro (M), Trofa Velha 5 e Trofa Velha 6.

Por fim, tivemos em consideração um conjunto de **pontes**, designadamente no concelho de Matosinhos: Ponte de Guifões, Ponte dos Ronfes; no concelho da Maia: Ponte da Pedra; de Paços de Ferreira: Vila Boa da Arreigada.

4.3 Mineração romana

Desde a antiguidade que se conhece a riqueza de minérios metálicos existentes em Portugal, a abundância de ouro, chumbo, cobre, estanho, ferro e tungsténio que terá contribuído para a sua procura e consequente exploração no nosso território (Martins, 2014: 16). Observamos no Norte e Centro do país a predominância de ouro e do chumbo, assim como a existência de tungsténio e a norte do rio Douro o estanho. Por fim, no leste transmontano constatamos a existência de ferro e a sul do Tejo do cobre.

Como indica Carla Martins denota-se desde a época romana a exploração destes minérios metálicos a uma escala “proto industrial”, atividade que se desenvolve até ao século XX, sendo de destacar pela sua importância a exploração aurífera, com impactos na paisagem e nas dinâmicas ocupacionais do território vocacionadas para a mineração (Martins, 2014: 16).



Figura 25 - Mapa da Península Ibérica com a localização das principais zonas mineiras (Orejas e Sánchez-Palencia, 2014: 321).

Existem relativamente poucos trabalhos produzidos sobre a mineração romana para a zona de Entre-Douro-e-Minho, sabendo-se, no entanto, da existência de complexos mineiros explorados durante a época romana e possivelmente conhecidos desde a Idade do Ferro. Esta riqueza, presente na Península Ibérica, aparece retratada desde cedo por autores gregos e latinos como Possidônio de Apameia (c. 135-51 a.C.), Artemidoro de Éfeso (finais do séc. II) e também por Estrabão na sua obra *Geografia* e por Plínio na sua obra *Historia Naturalis* (Martins, 2014: 18). Consideramos importante referenciar o projeto PoPaTERVA (Fontes *et al.*, 2015a; 2015b; 2017), inserido no Parque Arqueológico do Vale Superior do rio Terva/PAVT que procura

compreender os fatores que levaram à implantação dos povoados da Idade do Ferro nessa zona, verificando se esta se articulou e dependeu da exploração realizada dos recursos minerais existentes no vale, caracterizando também o contacto existente entre o povoamento proto-histórico e a ocupação romana do espaço. Este projeto tem trazido à luz do dia dados interessantes que demonstram alterações na estratégia de povoamento relacionadas com a proximidade e domínio de um território rico em recursos minerais (Osório, 2018: 126-141).

Neste sentido, achamos pertinente enquadrar neste contexto os complexos mineiros conhecidos até ao momento situados na proximidade da zona em estudo, questionando-nos sobre a relação existente entre os povoados da Idade do Ferro, a exploração desses minérios bem como a ocupação e distribuição de sítios romanos em função da atividade mineira, com destaque para a exploração aurífera. Apenas pretendemos chamar a atenção para esta questão, uma vez que diversos autores colocam a hipótese de articulação entre os locais com ocupação romana e a proximidade de recursos minerais (Dinis, 1993; Martins, 2008; Moreira 2009; Pinho, 2009).

Assim, tivemos em consideração alguns complexos mineiros, bem como fojos, que apresentam uma relativa proximidade em relação à zona em estudo, nomeadamente os do concelho de Valongo (Santa Justa/ Fojo das Pombas), do concelho de Paredes (Mina da Serra de Banjas) e do concelho de Barcelos (Mina da Lagoa Negra).

A. Moreira faz referência ao lugar da Cruz, em Água Longa, pertencente a Santo Tirso, diretamente ligada à nossa área de estudo, onde foram feitas sondagens que atestam a potencialidade mineira da zona, particularmente da prata e onde se observaram também vestígios de explorações (Moreira, 2009: 97). É também conhecida nas proximidades de Póvoa de Varzim, no sítio da Lagoa Negra, a existência de vestígios de explorações mineiras do ouro. Seguindo esta hipótese, J. Pinho estabeleceu uma rota natural de intercâmbio comercial em que o ouro extraído do sítio de Lagoa Negra seria transportado por S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), Penices, Facho, S. Miguel-o-Anjo (Vila Nova de Famalicão), Torre Alta e Padrão (Santo Tirso), sendo o último ponto a Citânia de Sanfins em Paços de Ferreira (Pinho, 2009: 64).

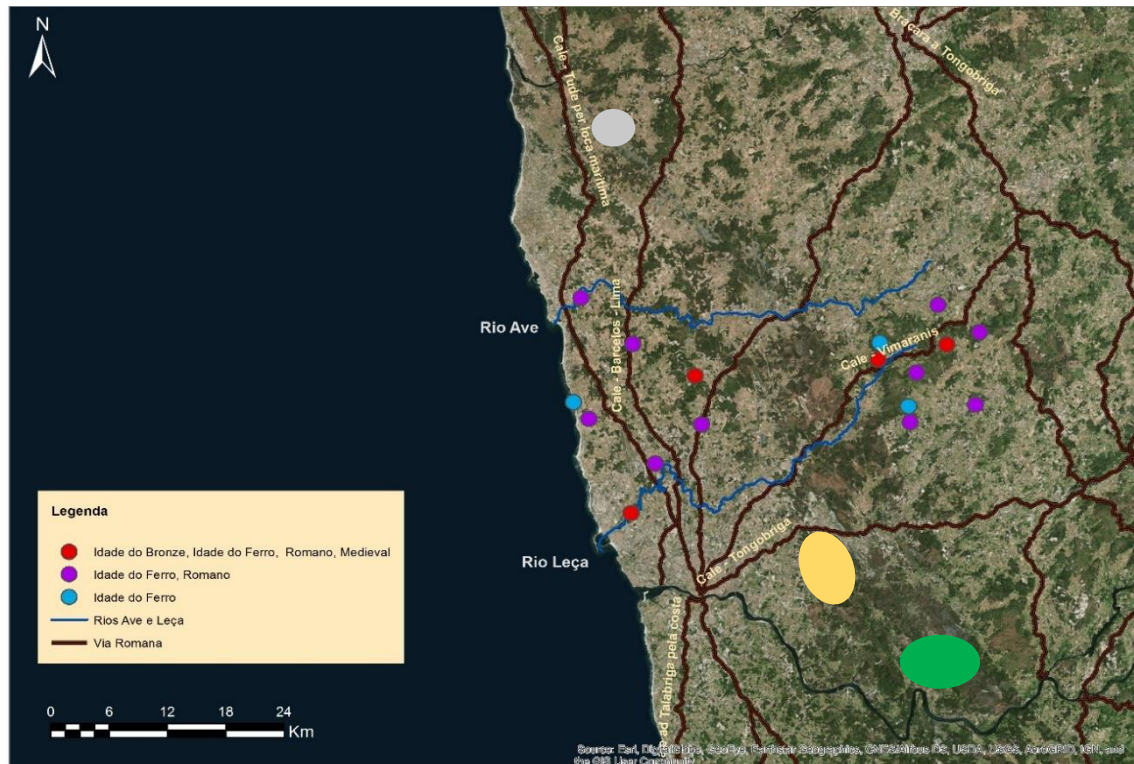


Figura 26 - Mapa representando a localização das três principais minas referidas na bibliografia estando representada por um círculo cinzento a mina da Lagoa Negra, de forma oval a amarelo as minas de Santa Justa e Pias e a verde as minas da Serra de Banjas (©UAUM).

Não se dispendo de elementos suficientes para concretizar qualquer tipo de análise aprofundada sobre a exploração mineira no território estudado limitamo-nos a chamar a atenção para a potencialidade de exploração destes recursos conhecidos e explorados, possivelmente, desde a Idade do Ferro e durante a ocupação romana.

5 Análises geoespaciais

Ao projetarmos sobre um mapa os sítios arqueológicos que acabámos de referir deparamo-nos, com base na caracterização geomorfológica da região e na localização dos sítios com a existência de duas áreas distintas: uma situada na zona litoral, com povoados implantados em locais de menor altitude e com proximidade ao mar e uma outra, a nascente, que revela uma concentração de povoados mais interiores, situados a cotas mais elevadas e próximos de rios principais.

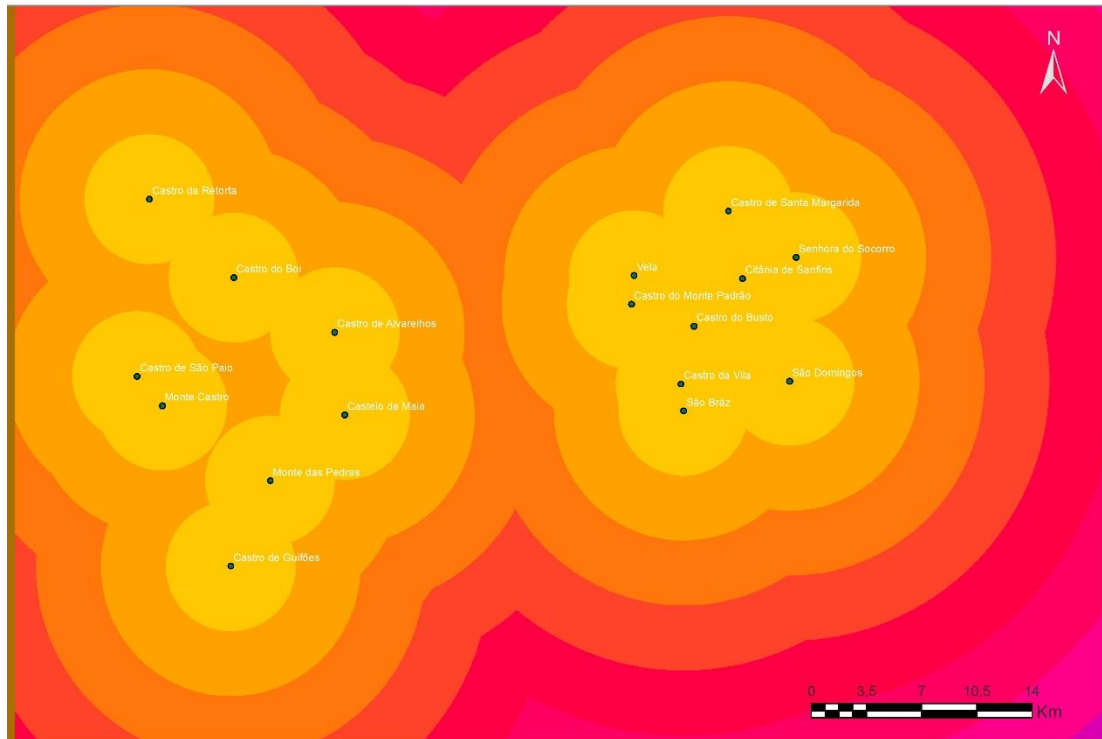


Figura 27 - Mapa de linhas isotrópicas da zona montanhosa de interior e da zona de litoral onde se observam distintas formas de ocupação do espaço (©UAUM).

Observando este contraste, representado nas figuras 6 e 27, optámos por valorizar as características do território, já que desta forma, conseguimos identificar padrões que nos permitam afinar as análises que melhor fomentam a compreensão da relação entre os sítios. Esta lógica de trabalho é observável nos estudos produzidos por C. Parcero-Oubiña (2002) e P. Fábrega-Álvarez (2004; 2005) em que o ponto de partida é sempre a análise individual de cada povoado das zonas em estudo, pois, se os povoados forem trabalhados em conjunto os resultados obtidos representam a totalidade, não discriminando por consequência, as diferenças existentes entre eles (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 75).

Como tal, dividimos o território em duas micro zonas procedendo a uma análise pormenorizada de cada uma delas. Assim, procederemos, primeiramente, a uma análise a um nível semi-micro para depois compreender as diacronias e sincronias no seu conjunto a um nível macro espacial. Dentro da análise semi-micro apresentamos sempre em primeiro lugar a análise realizada na zona interior e em seguida a análise realizada sobre a zona litoral. Optámos, também, por desenvolver mais detalhadamente algumas análises nos povoados que oferecem uma cronologia ampla, uma vez que temos por objetivo compreender essencialmente o papel da Citânia

de Sanfins no território e a sua interação não só com os outros povoados de longa duração, mas também com os povoados do meio envolvente, ainda que ofereçam cronologias mais curtas.

Assim sendo designamos a primeira área como ‘Zona montanhosa interior’ sobre a qual realizámos uma análise locacional, como base na altitude, aptidão de solos, mobilidade e acessibilidade e também a visibilidade. Após a concretização destas análises optámos por operar a conjugação de vários fatores, nomeadamente a relação entre a aptidão dos solos, a visibilidade e a acessibilidade, mas também a visibilidade sobre o *Least Cost Path* e a via romana que cruza o território entre a Citânia de Sanfins e o Castro de Monte Padrão. Na segunda zona assinalada como ‘Zona litoral’ caracterizamos a altitude e a acessibilidade, apenas através do critério anisotrópico, a visibilidades e a aptidão dos solos. Procedemos, seguidamente, a uma articulação dos dados relativos à ocupação romana da área em estudo, conjugado os povoados que permaneceram no período romano e os sítios de cariz habitacional que se desenvolveram durante a ocupação romana. Ao contrastar estes dados pretendemos observar a existência de descontinuidades ou continuidades de ocupação de alguns locais.

5.1 Zona montanhosa interior

5.1.1 *Análise Locacional*

O primeiro passo neste trabalho analítico consiste na concretização das análises locacionais. Estas permitem caracterizar o contexto onde se encontram inseridos os povoados possibilitando inferir em que medida as condições de localização podem corresponder a certas escolhas relacionadas ou não com questões como a prática produtiva e o sistema defensivo (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 72). Partimos do princípio que a escolha desses locais não foi aleatória e que representa uma lógica social que desconhecemos, representada por fatores locacionais corporizados através das condições materiais (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 72). Tentamos assim identificar esses fatores para conseguir avaliar os critérios que podem ter condicionado a implantação dos sítios. Como tal, foram estabelecidos como fatores locacionais a altitude, a acessibilidade e mobilidade, a visibilidade e a aptidão agrícola dos solos.

5.1.1.1 Altitude

Para a verificação e representação da altitude dos povoados realizámos primeiramente um Modelo Digital de Elevações a 30 metros e sobre o mesmo posicionámos os sítios inventariados na base de dados. Esta projeção foi feita com base no sistema de coordenadas ETRS98 (ver Figura 28).

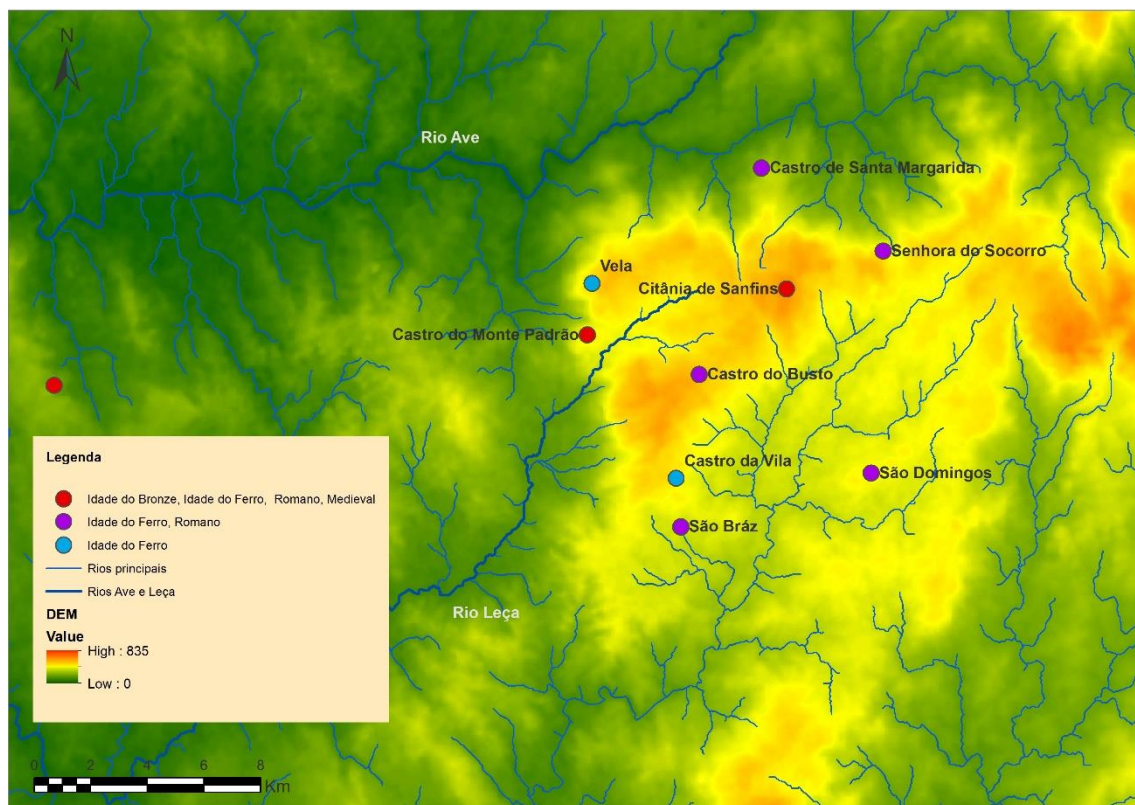


Figura 28 - DEM da zona montanhosa interior (©UAUM).

É possível observar na tabela de altitudes da Zona montanhosa interior (ver Apêndice 4) que a Citânia de Sanfins é o povoado que se implanta a maior altitude, a 570 metros, seguindo-se o Castro do Busto, a 471 metros, alinhado no eixo NE com a Citânia de Sanfins. Segue-se o Castro de Senhora do Socorro, com 423 metros. Dentro do conjunto de povoados, com ocupação do período entre a Idade do Ferro e a época romana, localizados em locais com altitudes significativas (ver Figura 28), encontramos ainda o Castro do Monte Padrão, implantado a 410 metros, seguido do Castro de São Domingos, com 371 metros e o de São Bráz, com uma elevação de 318 metros. O povoado de Santa Margarida implanta-se a 270 metros de altitude, sendo esta

uma cota bastante inferior comparada com os valores observados nos outros povoados. Entre os povoados com ocupação exclusiva da Idade do Ferro encontram-se os povoados da Vela, a 426 metros e o Castro da Vila, com 419 metros.

Deste conjunto de povoados destacamos dois, nomeadamente Citânia de Sanfins e o Castro do Busto que apresentam os valores altimétricos mais elevados aliados à aparente centralidade destes dois sítios face aos restantes.

5.1.1.2 Aptidão agrícola do solo

Considerámos importante caraterizar a paisagem desta microunidade como espaço de possível desenvolvimento de atividades de subsistência como a agricultura, sendo que apenas pudemos valorizar a aptidão agrícola do solo. C. Parcero-Oubiña carateriza a paisagem produtiva durante a I Idade do Ferro, composta por espaços de exploração essencialmente extensiva, havendo um investimento limitado nas condições indispensáveis de trabalho, derivado de uma prática de produção agrícola apoiada em cultivos com ciclos de pousio plurianual (Parcero-Oubiña, 2006: 3). Na II Idade do Ferro seria feita a produção em terrenos profundos e pouco drenados, suscetíveis de serem explorados em ciclos curtos de pousio. Isto requereu o desenvolvimento de sistemas agrários mais complexos e a construção de estruturas e elementos artificiais mais visíveis, estáveis e permanentes (Parcero-Oubiña, 2006: 3).

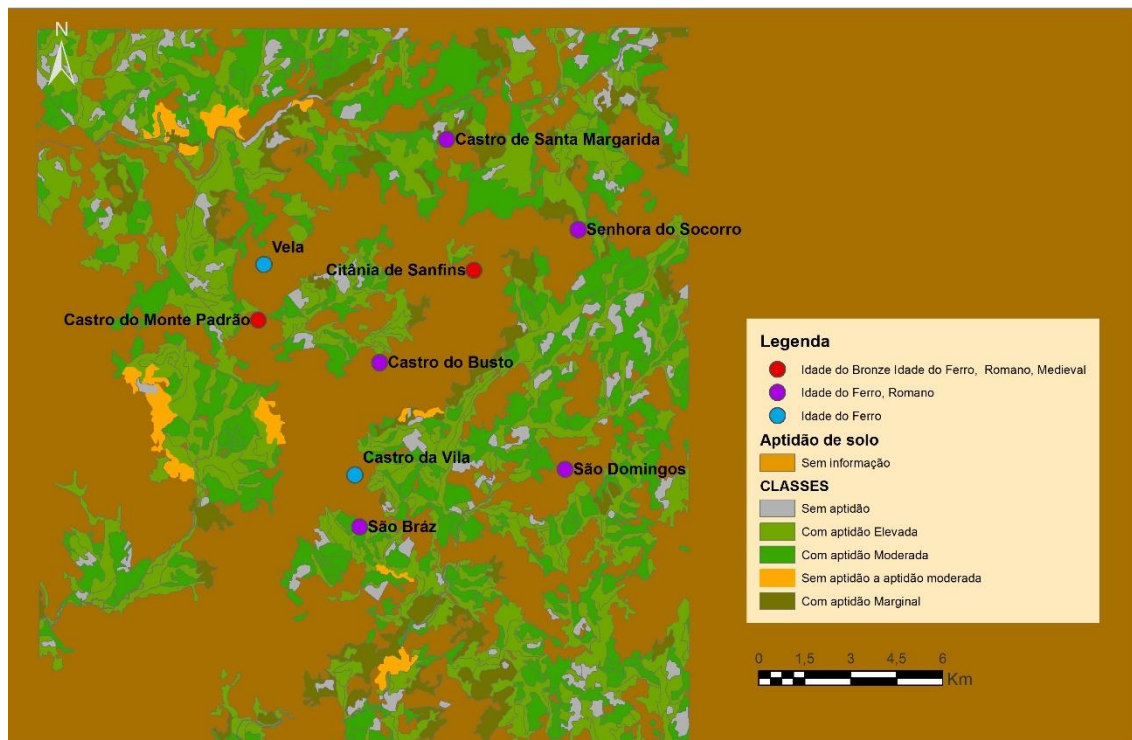


Figura 29- Mapa vetorizado da Carta de Aptidão Agrícola de Solos da D.R.A. de Entre-Douro-e-Minho (2018) (©UAUM).

Para caracterizarmos a aptidão do solo da Zona montanhosa interior recorreremos à Carta de Aptidão Agrícola, em formato digital, apresentada à escala 1:100000¹. Ao obtermos a cartografia necessária para a concretização deste tipo de análise apercebemo-nos que esta informação se apresenta incompleta, não tendo sido cobertos todos os espaços correspondentes à área em estudo. Por outro lado, sendo a cartografia disponível atual é importante ter em conta que esta informação deve ser cruzada com os dados polínicos e carpológicos disponíveis, tirando o maior partido destes para uma caracterização mais elaborada da paisagem agrária do passado (Parcero-Oubiña, 2002: 39-45). Consideramos que poderá ser uma via de trabalho pertinente a abordar no futuro. Ainda assim através da informação existente iremos tentar fazer uma caracterização da aptidão dos solos nesta área em estudo.

A zona montanhosa interior apresenta-se heterogénea (ver Figura 29), observando-se que os povoados se distribuem em zonas de aptidão elevada a moderada, havendo alguns espaços sem aptidão, ou com aptidão moderada e marginal. Contudo, neste mapa não dispomos de informação para a zona onde se implanta a maioria dos povoados, sendo apenas possível sugerir

¹ Este ficheiro foi cedido gentilmente pela Direção Regional da Agricultura de Entre-o-Douro-e-Minho.

que a maioria dos povoados se localiza próximo de zonas com aptidão, muitas delas utilizadas hoje com esse mesmo fim. Ao cruzarmos esta informação com a visibilidade e as linhas anisotrópicas poderemos obter mais algumas considerações sobre esta questão.

Sabemos que na Citânia de Sanfins foi descoberto um silo, com cerca de 100 kg de cereal, o qual foi analisado, revelando a presença de *Triticum compactum*, *Hordeum vulgare*, *Vicia faba*, talvez *Avena* e outras espécies menos comuns com *Echium Lycopsis*, *Lolium rigidum* e *Pholuris brachystachys* (González-Ruibal, 2006: 283-284). Isto apenas reforça a necessidade de aprofundar os estudos sobre esta zona, de forma a compreender o sistema produtivo praticado por estas comunidades durante a Idade do Ferro, seguindo a linha de estudos já iniciados por João Tereso e a sua equipa de trabalho do CIBIO, sobre o Castro de Cidadelhe (Vaz *et al.*, 2016: 59-69) e sobre a Citânia de Briteiros (Tereso e Cruz, 2014: 83-91).

5.1.1.3 Acessibilidade

De forma a complementar e valorizar os dados obtidos pela implantação dos sítios é importante determinar a acessibilidade aos mesmos. Por acessibilidade compreendem-se as condições de mobilidade entre um sítio e o seu meio imediato (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 76), que permite perspetivar as condições defensivas, determinando a maior ou menor acessibilidade ao mesmo. Segundo C. Parcero-Oubiña (2002) os critérios que determinam a acessibilidade do terreno são a pendente e os cursos de água, sendo considerado que a mobilidade é mais fácil por caminhos planos do que abruptos (Parcero-Oubiña, 2002: 67).

Foi analisada a acessibilidade dos povoados ao meio imediato através do critério Anisotrópico, e através do perfil topográfico reproduzido no *Google Earth* orientado N/S e E/O, que descrevemos de seguida.

5.1.1.3.1 Critério anisotrópico

Através da aplicação deste critério conseguimos observar vários fatores pertinentes, designadamente o tempo necessário para a deslocação de um povoado a outro e para alcançar os principais rios, tendo sido possível caracterizar a pendente dos sítios. Iremos articular o tempo deslocação com a pendente, uma vez que as disposições das linhas anisotrópicas nos indicam a

topografia do terreno e a facilidade e ou dificuldade de deslocação (Fábrega-Álvarez, 2005: 130), o que pode ser confirmado com a leitura dos perfis topográficos.

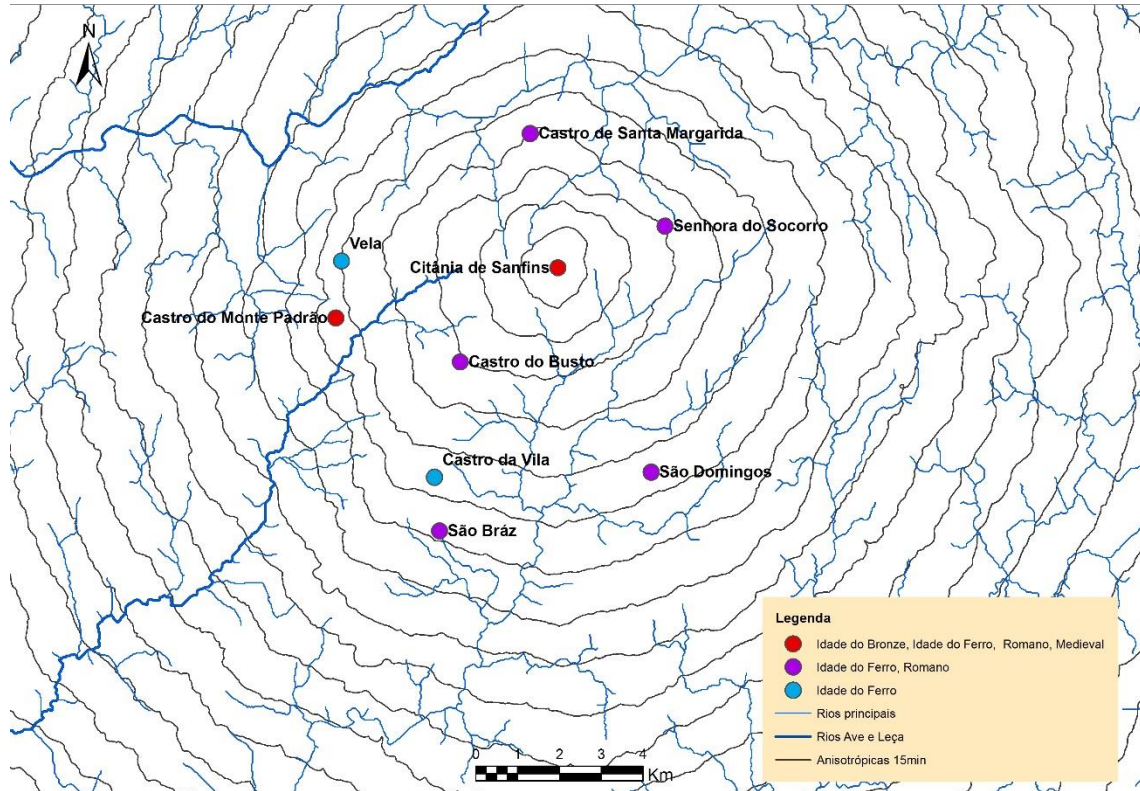


Figura 30 - Mapa de linhas anisotrópicas que tem como ponto de partida a Citânia de Sanfins (©UAUM).

Elaboramos também um pequeno exercício sobre a Citânia de Sanfins para demonstrar a diferença entre a aplicação das linhas isotrópicas que não consideram as características topográficas do terreno e o modelo de linhas anisotrópicas que considera esse fator (ver apêndice 5). Aplicámos o critério anisotrópico da seguinte forma: tempo de deslocação da Citânia de Sanfins aos restantes povoados; tempo de deslocação do Castro de Monte Padrão aos restantes povoados; tempo de deslocação generalizada dos povoados aos principais cursos de água; caracterização da pendente de cada povoado, com base no maior ou menor espaço que é possível ser percorrido em 15, 30 e 45 minutos².

Na primeira análise verifica-se que da Citânia de Sanfins (ver Figura 30) o tempo de deslocação para os povoados envolventes varia entre os 45 minutos e 1.40h. Os povoados

² A relação de distância da Citânia de Sanfins e do Castro de Monte Padrão aos povoados pode ser observada sobre a forma de tabela presente no apêndice 7.

alcançáveis em 45 minutos são Castro do Busto e Senhora do Socorro, estando estes implantados na mesma cadeia montanhosa que Sanfins. De seguida a 1 hora de distância temos o Castro de Santa Margarida e a 1.15h o povoado da Vela. Na mesma linha de distância de 1.20h de Sanfins temos o Castro da Vila e o povoado de São Domingos, localizados a uma relativa proximidade de cerca de 5.2 km. A cerca de 1.20h temos o Castro do Monte Padrão, estando o povoado mais distante de São Bráz a 1.40h de Sanfins.

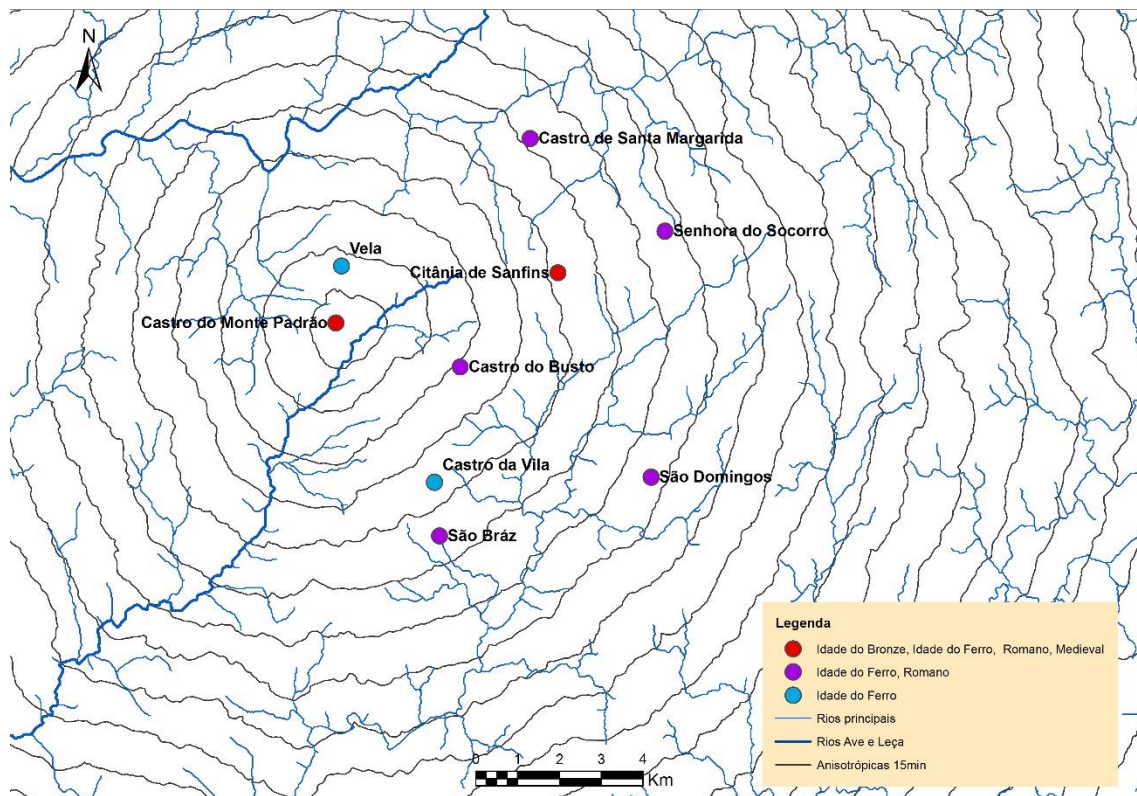


Figura 31 - Mapa de linhas anisotrópicas que tem como ponto de partida o Castro do Monte Padrão (©UAUM).

Tendo agora como ponto de partida o Castro de Monte Padrão (ver Figura 31) observamos que a proximidade aos povoados varia entre os 25 minutos e 1.55h. Os povoados de maior proximidade são o povoado da Vela, implantado a menos de 25 minutos, seguindo-se do Castro do Busto localizado a 45 minutos. De seguida apenas encontramos povoados a uma distância de 1.10h, como o Castro da Vila. A 1.15h encontramos Sanfins. Na linha de 1.20h encontramos São Bráz, ao qual se segue o Castro de Santa Margarida a 1.30h. Por fim, os povoados mais longínquos são o povoado de Senhora do Socorro a 1.50h e São Domingos que se apresenta a 1.55h de distância.

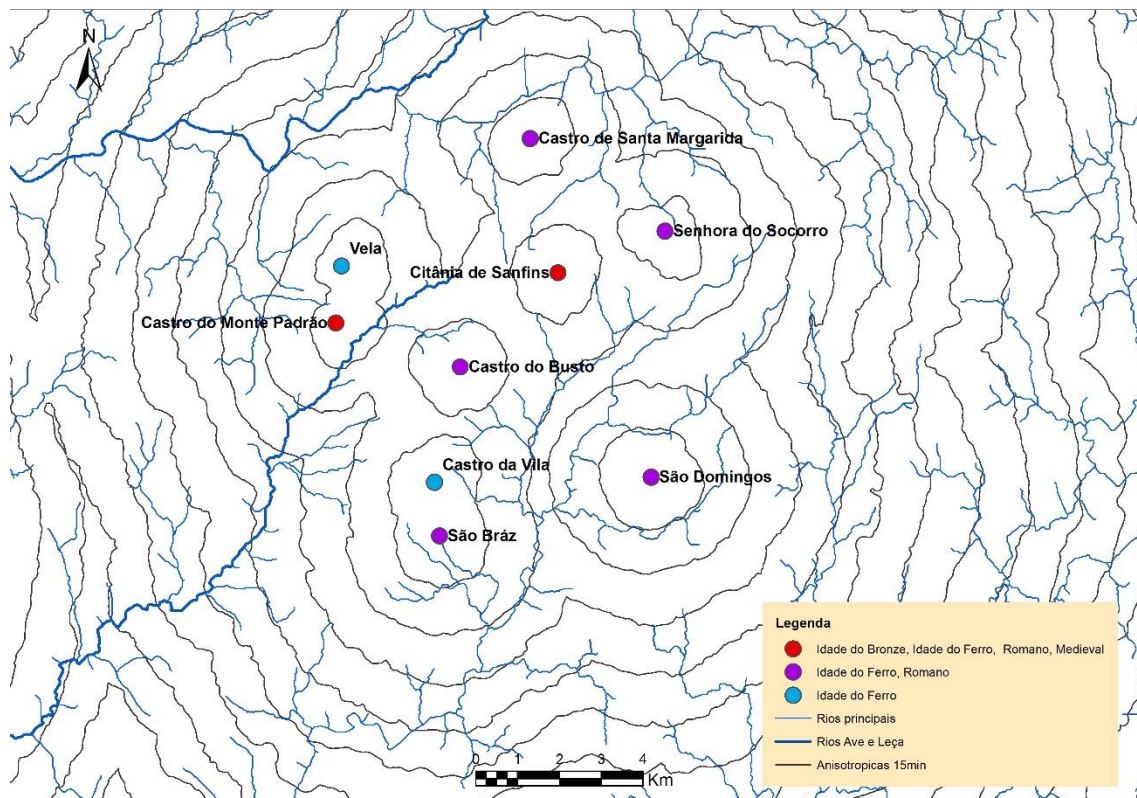


Figura 32- Mapa representativo das linhas anisotrópicas para cada povoado da zona montanhosa interior (©UAUM).

Posto isto e considerando a localização destes dois principais povoados observamos que há uma maior proximidade da Citânia de Sanfins relativamente aos povoados da zona montanhosa de interior do que ao Monte Padrão, chegando a atingir quase duas horas a distância relativamente ao povoado de São Domingos. Note-se que existe uma diferença de cerca de cinco minutos ao percorrer a distância entre Sanfins e o Monte Padrão, o que se justifica com as condições do terreno, permitindo que o povoado de Sanfins seja mais facilmente acedido desde o Castro do Monte Padrão. Observamos ainda que existem dois povoados em que as linhas anisotrópicas de 15 minutos se sobrepõem, estando agrupadas, como é o caso de São Bráz e o do Castro da Vila (ver Figura 32). E o mesmo sucede com o Castro de Monte Padrão e o de Vela, que se agrupam, pois, a distância entre estes é de apenas 25 minutos.

Prosseguimos para a caracterização das acessibilidades dos povoados relativamente às principais linhas de água, observando-se que todos os povoados se situam a 15 minutos das linhas de água principais. A menos de 45 minutos do Castro de Santa Margarida é alcançável uma parte considerável do rio Ave e em 45 minutos o rio é atingível a partir do Castro do Monte Padrão e do povoado da Vela. Observamos igualmente que a nascente do rio Leça é acessível a cerca de 15

minutos a partir do Castro do Monte Padrão e entre os 15/20 minutos a partir do povoado da Vela. A nascente do rio Leça pode também ser alcançada em cerca de 30/45 minutos a partir da Citânia de Sanfins e do Castro do Busto. Apesar da abundância de cursos de água, reparamos que o Castro do Monte Padrão e o povoado da Vela são privilegiados por se encontrarem a curta distância dos grandes rios Ave e Leça.

5.1.1.3.2 Perfil Topográfico

A caracterização da pendente dos sítios, considerando o perfil topográfico de cada um deles, foi feita com base no *Google Earth*, através da ferramenta ‘régua’, que nos permite definir dois pontos que se convertem em linhas, neste caso orientados no sentido N/S e E/O.

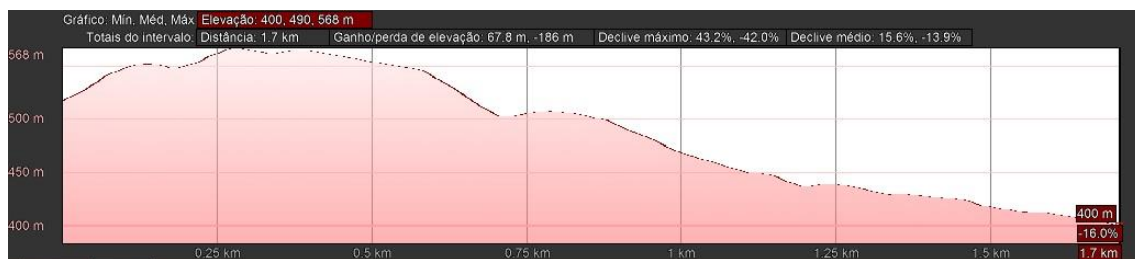


Figura 33 - Perfil topográfico da Citânia de Sanfins orientado N/S (© *Google Earth*).

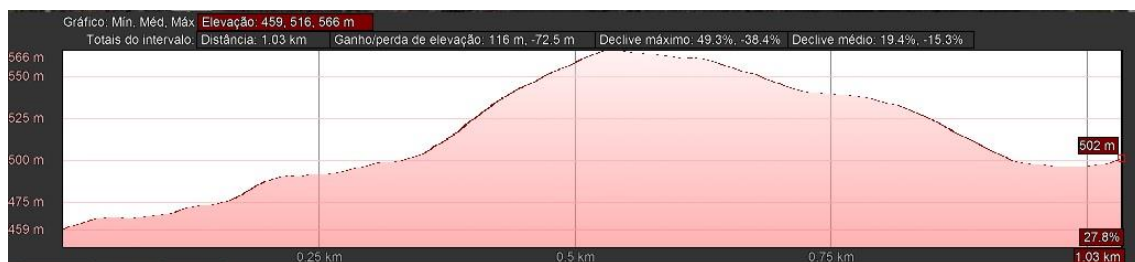


Figura 34 - Perfil topográfico da Citânia de Sanfins orientado E/O (© *Google Earth*).

Começando pelo perfil N/S da Citânia de Sanfins (ver Figura 33), verifica-se que o povoado apresenta um cume de grande altitude, entre os 568/570 metros, seguindo-se uma zona relativamente aplanada. Aproximadamente a partir dos 0.6 km observa-se um declive acentuado e uma zona côncava e depois convexa. Segue-se uma descida suave até alcançar os 374 metros. No perfil E/O (ver Figura 34) observamos uma subida suave entre os 459 e os 566 metros, seguida de uma elevação abrupta entre os 0.5/0.6 km, acaçando uma zona elevada, mas

relativamente aplanada e, de seguida, uma pendente suave entre os 0.75/1.03 km a oeste, correspondendo à zona onde se encontra uma das principais portas do povoado e igualmente implantada a quarta linha de muralha e o balneário castrejo (ver Apêndice 6).



Figura 35 - Perfil topográfico do Castro do Busto orientado N/S (© Google Earth).



Figura 36 - Perfil topográfico do Castro do Busto orientado E/O (© Google Earth).

No perfil topográfico N/S do Castro do Busto (ver Figura 35) notamos até aos 100 metros de distância uma subida irregular com um pequeno trecho aplanado seguindo-se de uma pequena depressão que transita para uma subida suave até aos 471 metros de altura, onde há um pequeno cume, seguido novamente de uma descida irregular, sendo possível atingir a cerca de 600 metros de distância uma superfície relativamente aplanada.

Já no perfil E/O (ver Figura 36) verificamos uma pendente suave com uma subida entre os 437 e os 482 metros, havendo no ponto mais alto uma zona aplanada, sendo possivelmente, a vertente nascente, a mais desprotegida.



Figura 37 - Perfil topográfico do povoado da Senhora do Socorro orientado N/S (© Google Earth).

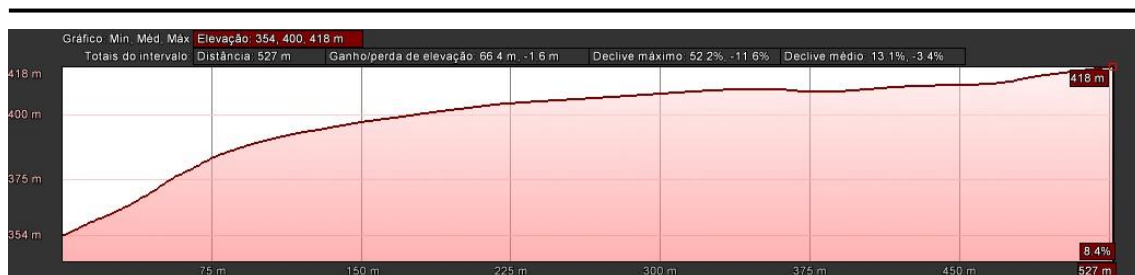


Figura 38 - Perfil topográfico do povoado da Senhora do Socorro orientado E/O (©Google Earth).

No povoado da Senhora do Socorro notamos no perfil N/S (ver Figura 37) uma pendente abrupta havendo uma subida dos 375 para os 406 metros. De seguida nota-se uma zona aplanada, entre os 75 e os 200 metros, seguida de uma descida para os 398 metros, mantendo uma descida irregular com variações de 2 metros, mantendo-se na média de altitudes entre os 390 e 385 metros. É necessário percorrer uma maior distância até atingir cotas mais baixas. Já o perfil E/O (ver Figura 38) apresenta-se um pouco mais regular havendo uma subida ligeiramente inclinada entre os 354 e os 380 metros, sendo a subida sempre regular até atingir os 418 metros, a oeste, registando-se nesta vertente a continuidade de zonas elevadas integradas na cadeia montanhosa que atravessa Paços de Ferreira.



Figura 39 - Perfil topográfico do Castro da Vila orientado N/S (©Google Earth).

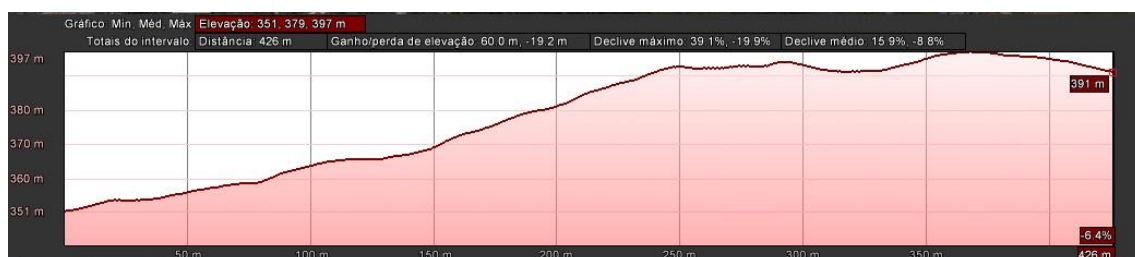


Figura 40 - Perfil topográfico do Castro da Vila orientado E/O (©Google Earth).

No perfil N/S do Castro da Vila (ver Figura 39) observa-se uma zona elevada, que não chega aos 400 metros de altitude, que se prende com o facto deste povoado se encontrar anexo à cadeia montanhosa de Paços de Ferreira. Observa-se uma continuada subida até atingir a média dos 414 metros (a sua altitude máxima são 419 metros). Após este pico verifica-se uma descida acentuada, suavizando até atingir os 391 metros de elevação. No perfil E/O (ver Figura 40) observamos uma subida suave com um patamar na linha dos 390 metros, continuando para uma zona ligeiramente convexa até atingir os 397 metros de altitude, observando-se de seguida uma depressão entre os 300 e os 350 metros e uma nova subida até atingir os 397 metros de altitude, seguindo-se uma ligeira descida.



Figura 41 - Perfil topográfico do povoado de São Bráz orientado N/S (© Google Earth).



Figura 42 - Perfil topográfico do povoado de São Bráz orientado E/O (© Google Earth).

Constatamos no perfil topográfico N/S do povoado de São Bráz (ver Figura 41) uma subida acentuada entre os 352 e os 370 metros, observando-se uma zona de cume, seguida de uma descida acentuada de aproximadamente 10 metros. Segue-se uma zona relativamente plana e uma superfície ligeiramente irregular de altos e baixos até aos 450 metros. Observa-se depois uma descida suave até aos 337 metros. O perfil topográfico E/O é bastante irregular (ver Figura 42), com sucessivos espaços côncavos e convexos que vão variando e descendo até aos 329 metros, dificultando a mobilidade neste espaço.

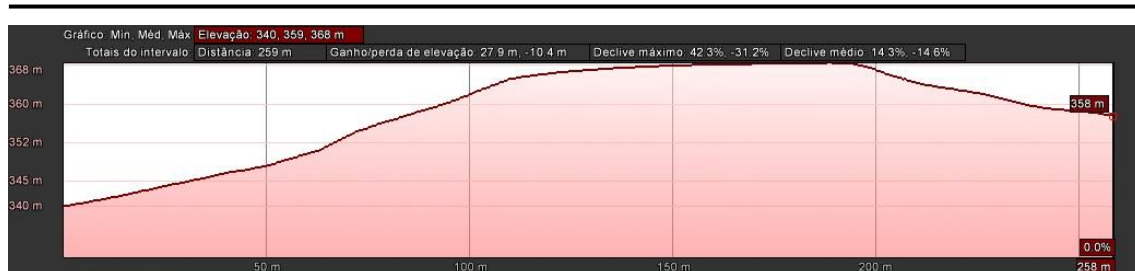


Figura 43 - Perfil topográfico do povoado de São Domingos orientado N/S (© Google Earth).



Figura 44 - Perfil topográfico do povoado de São Domingos orientado E/O (© Google Earth).

No caso do povoado de São Domingos verificamos no sentido N/S (ver Figura 43) uma pendente suave alcançando os 368 metros. Observa-se uma zona elevada e relativamente regular numa distância de 100 metros, seguida novamente de uma descida igualmente regular.

No sentido E/O (ver Figura 44) observa-se também uma zona relativamente plana aos 365 metros de altitude e depois um pico que atinge os 373 metros. Imediatamente a seguir há uma descida abrupta até aos 355 metros para uma zona de depressão, havendo nova subida, mas desta vez suave até aos 370 metros.

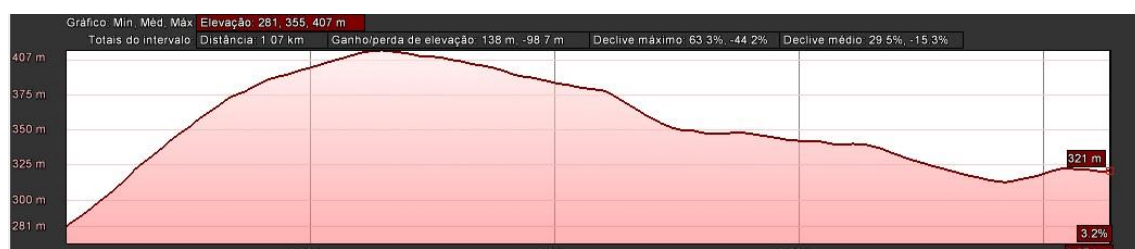


Figura 45 - Perfil topográfico do Castro do Monte Padrão orientado N/S (© Google Earth).

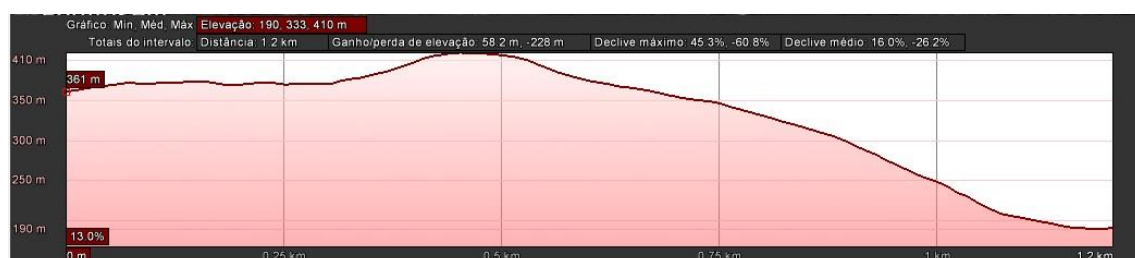


Figura 46 - Perfil topográfico do Castro do Monte Padrão orientado E/O (© Google Earth).

No perfil topográfico N/S do Castro do Monte Padrão (ver Figura 45) observa-se uma subida acentuada, passando dos 281 metros de elevação para os 407 metros. Segue-se uma pendente suave aos 0.30 km e um declive acentuado, seguido de uma zona relativamente aplanada, observando-se novamente uma pequena subida entre os 300 e os 321 metros. Fazendo uma leitura no eixo E/O (ver Figura 46) observamos uma zona relativamente aplanada, seguida de uma subida entre os 350 e os 410 metros e depois uma suave descida bastante regular até aos 190 metros, apresenta-se se bastante regular.



Figura 47 - Perfil topográfico do povoado da Vela orientado N/S (© Google Earth).



Figura 48 - Perfil topográfico do povoado da Vela orientado E/O (© Google Earth).

O perfil topográfico N/S do povoado da Vela apresenta-se assimétrico (ver Figura 47), começando com uma subida dos 308 para os 400 metros, seguindo-se uma zona de superfície pouco irregular e uma subida até atingir os 441 metros. A 0.75 km assiste-se a uma descida irregular estabilizada até aos 1.25 km, com nova subida que se mantém até aos 1.5 km voltando a haver uma descida para os 378 metros. No perfil E/O (ver Figura 48) a superfície encontra-se a uma cota elevada a cerca de 466 metros seguida de uma zona relativamente plana e de uma descida suave até aos 149 metros.

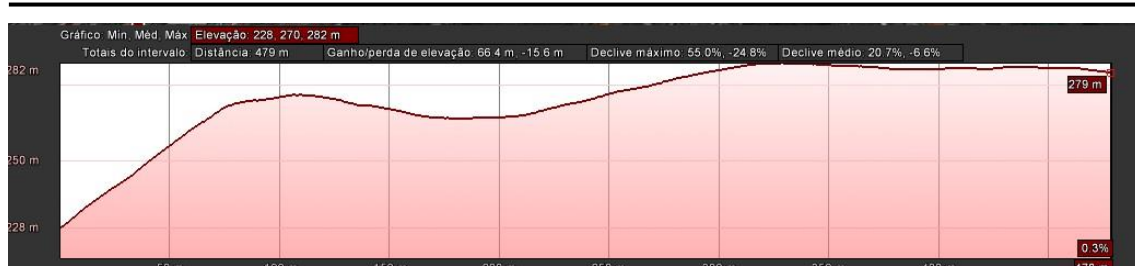


Figura 49 - Perfil topográfico do povoado de Santa Margarida orientado N/S (©Google Earth).



Figura 50 - Perfil topográfico do povoado de Santa Margarida orientado E/O (©Google Earth).

É possível observar no perfil topográfico do povoado Santa Margarida (ver Figura 49) uma subida abrupta no sentido N/S. Segue-se uma zona de ligeira depressão verificando-se de seguida uma subida até aos 282 metros de altitude. Já no sentido E/O (ver Figura 50) há uma ligeira subida entre os 240 e os 260 metros, observando-se uma zona ligeiramente plana com um pequeno declive. O cenário repete-se uma vez mais até se registar uma subida acentuada até aos 282, em forma de pico, seguida de uma descida abrupta até aos 243 metros.

5.1.1.3.3 Least Cost Path

Para caraterizar as mobilidades no espaço existem ferramentas integradas nos SIG que consideram conceitos economicistas para identificar o custo, como *Cost Surface* e o *Least Cost Path (LCP)*, havendo uma preocupação pela relação entre o esforço (tipo de custo) e a deslocação (Fábrega-Álvarez, 2016: 162). O objetivo desta ferramenta é identificar possíveis vias de passagem e de comunicação, com base no ponto de partida e chegada, permitindo estudar o movimento e as interações entre os sítios e a paisagem. Este cálculo depende de vários fatores como a resolução e precisão do *DEM* ou o cálculo do declive (Herzog e Posluschny, 2011: 236). Neste trabalho concretizamos o cálculo *LCP* na expectativa de se compreender a forma de comunicação e

mobilidade entre a Citânia de Sanfins e o Castro do Monte Padrão, visto serem dois povoados de relativa proximidade e de longa ocupação temporal e espacial.

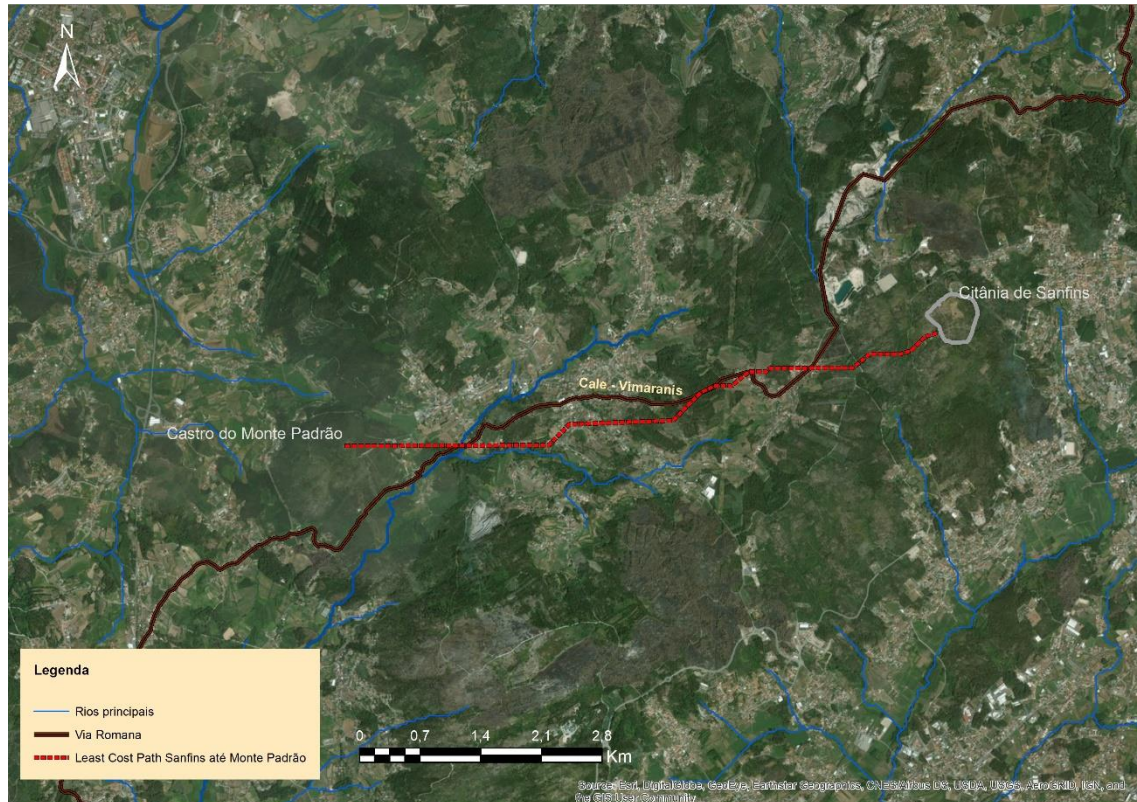


Figura 51 – Mapa do *Least Cost Path* entre a Citânia de Sanfins e o Castro do Monte Padrão (©UAUM).

Para esse fim definimos a terceira linha de muralha da Citânia de Sanfins como o ponto de partida e o ponto mais alto do Castro do Monte Padrão como o ponto de chegada.

Podemos observar no mapa (ver Figura 51) que o ponto de partida da *LCP* em Sanfins assenta sobre uma das principais portas do povoado, pela vertente SSE. Este trajeto acompanha partes da possível via romana *Cale-Vimaranis* sendo observável que estas se cruzam em três pontos ficando, um deles na passagem do rio. J. Pinho apresenta através do *Google Earth* um pequeno traçado presente no terreno pertencente ao provável traçado desta via, mesmo nas imediações do Castro do Monte Padrão como se pode observar na figura 52.



Figura 52 – Provável alinhamento da via romana *Cale-Vimaranis* (Pinho, 2009: Anexo 5).

5.1.1.4 Visibilidade

Foi analisada a visibilidade desde os povoados de forma quantitativa, ou seja, realizou-se o cálculo das superfícies visíveis desde cada povoado (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 76). J. García Sánchez considera que durante a Proto-história a visibilidade terá sido um elemento fundamental de controlo sobre o território, já que se observa desde a Pré-história uma grande heterogeneidade nos locais de implantação dos povoados, sendo a visibilidade um fator decisivo nessa implantação (García Sánchez, 2009: 84).

Para a concretização da análise da visibilidade procedemos ao cálculo da visibilidade a média distância (2 km) para todos os sítios e concretizámos outra análise específica para a Citânia de Sanfins e para o Castro de Monte Padrão onde estabelecemos a visibilidade máxima (15 km) como critério, cruzando essas visibilidades de forma a compreender se o domínio visual de ambos se cruza e/ou articula de forma a contrastar com o que já foi observado em campo. Esta análise

serve para valorizar a visibilidade entre povoados em dois sentidos: a capacidade/condições defensivas e o controlo estabelecido sobre as terras de cultivo (Fábrega-Álvarez, 2005: 130). Com este tipo de análises pretendemos não só compreender o alcance visual dos sítios, mas também a sua distribuição (Parcero-Oubiña, 2002: 90).

No caso particular da Citânia de Sanfins determinamos como ponto de visibilidade a segunda linha de muralha, presumindo a sua altura em quatro metros e um metro e meio para a altura média do observador (Parcero-Oubiña, 2002: 68). C. Parcero-Oubiña no seu trabalho adicionou 5 metros acima do nível do terreno considerando a possibilidade de existência de estruturas naturais ou artificiais de observação (Parcero-Oubiña, 2002: 69), o que apenas pode ser aplicado no caso da Citânia de Sanfins pois este é o único povoado do qual dispomos informação detalhada. Para os outros povoados estabelecemos como ponto de visibilidade o ponto mais alto dos mesmos, cabendo destacar que esta abordagem constitui um mero ensaio teórico e não uma representação do real.

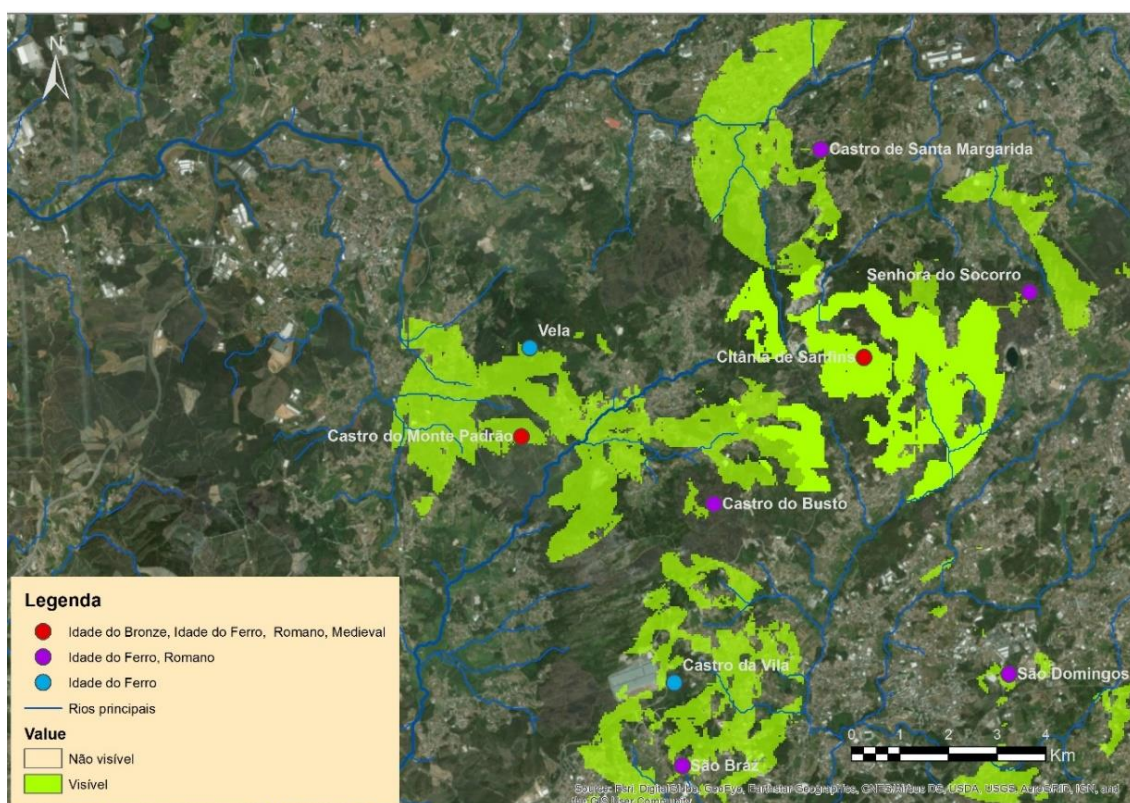


Figura 53 – Mapa de visibilidades num raio de 2 km (©UAUM).

Partindo para a descrição dos mapas gerados podemos observar que (ver Figura 53) a 2 km algumas zonas de domínio visual se sobrepõem e que, na sua generalidade, as visibilidades são parciais, ou seja, nenhum dos povoados apresenta visibilidade total a 2 km.

Os povoados que detêm maior cobertura visual no raio de 2 km, considerando a figura 53 (orientada a norte), são a Citânia de Sanfins e o Castro de Monte Padrão. O que difere entre eles é a orientação da visibilidade, começando por Sanfins, que detém visibilidade em leque, para NE/SE e, de forma condicionada, no sentido O/E, alcançando também uma pequena mancha a sudoeste. Já o Castro do Monte Padrão possui uma visibilidade em leque, tanto para NE/SE como para O/NO, partilhando uma pequena zona de visibilidade a norte com o povoado da Vela. O Castro do Busto apresenta uma situação intermédia entre Sanfins e o Monte Padrão, pois partilha a nordeste visibilidade com Sanfins numa pequena zona, espaço esse que não é observável de Monte Padrão. Ainda na visibilidade em leque, esta observa-se no Castro de Santa Margarida, abarcando o norte, oeste e a sul. Já o Castro da Vila tem visibilidade orientada a norte, este e sudeste, sendo que neste último eixo a visibilidade é partilhada com o Castro de S. Bráz. Este último tem ainda visibilidade sobre a zona sudoeste a oeste. Por fim o Castro de São Domingos detém uma visibilidade limitada, orientada a sul e a sudeste.

Todos os povoados possuem visibilidade sobre os principais rios num raio máximo de 2 km, sendo que o Castro do Monte Padrão tem visibilidade sobre o rio Leça a menos de 2 km.

Seguidamente apresentamos um mapa onde concretizamos a visibilidade alcançável a 15 km da Citânia de Sanfins e do Castro de Monte Padrão (ver Figura 54).

Comparando as duas visibilidades podemos notar que da Citânia de Sanfins há um claro predomínio visual de forma quase circular sobre o espaço envolvente, enquanto a visibilidade do Castro do Monte Padrão está virada para norte, oeste e sul, abrangendo também a zona a este, onde passaria a possível via *Cale-Vimaranis*, estendendo o seu domínio visual até à Citânia de Sanfins. A visibilidade deste povoado, tendo como distância máxima o 15 km, alcança a via XVI, sendo o único castro que, nesta lógica e nesta zona, detém amplitude visual sobre duas vias.

Se conjugarmos ambas as visibilidades destes locais percebemos que elas se cruzam sobre um troço da possível via romana *Cale-Vimaranis*.

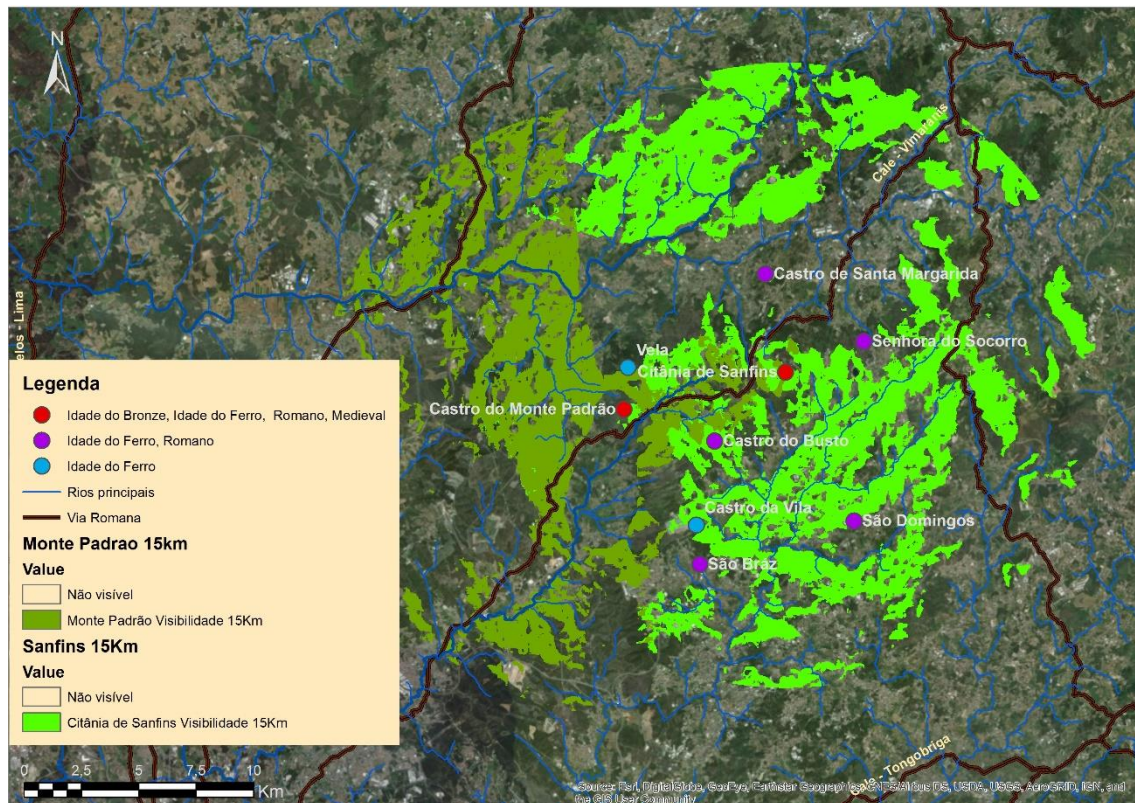


Figura 54 – Mapa de visibilidades da Citânia de Sanfins e Monte Padrão num raio máximo de 15 km (©UAUM).

5.1.2 Conjugação de várias análises

Após concretizarmos análises que nos permitem extrair informação sobre os fatores como a altitude, visibilidade e acessibilidade, consideramos importante conjugar estas variáveis. Entendemos interessante, por exemplo, articular a acessibilidade à potencialidade produtiva do solo, o que nos permite detetar a possível prioridade de acesso sobre determinados tipos de terreno (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 76). Mas de momento limitamo-nos a dois tipos de análises: a articulação do mapa de aptidão de solos, com as linhas anisotrópicas e a visibilidade a 2 km e articular o *LCP* calculado com as visibilidades. Desta forma pretendemos perceber se os terrenos de aptidão agrícola se localizam a meia hora de distância e se estão dentro do raio de visibilidade estipulada, ou se existe uma visibilidade orientada aos terrenos de maior aptidão. Por outro lado, tentámos perceber se há domínio visual sobre o *LCP* e a via romana que este cruza.

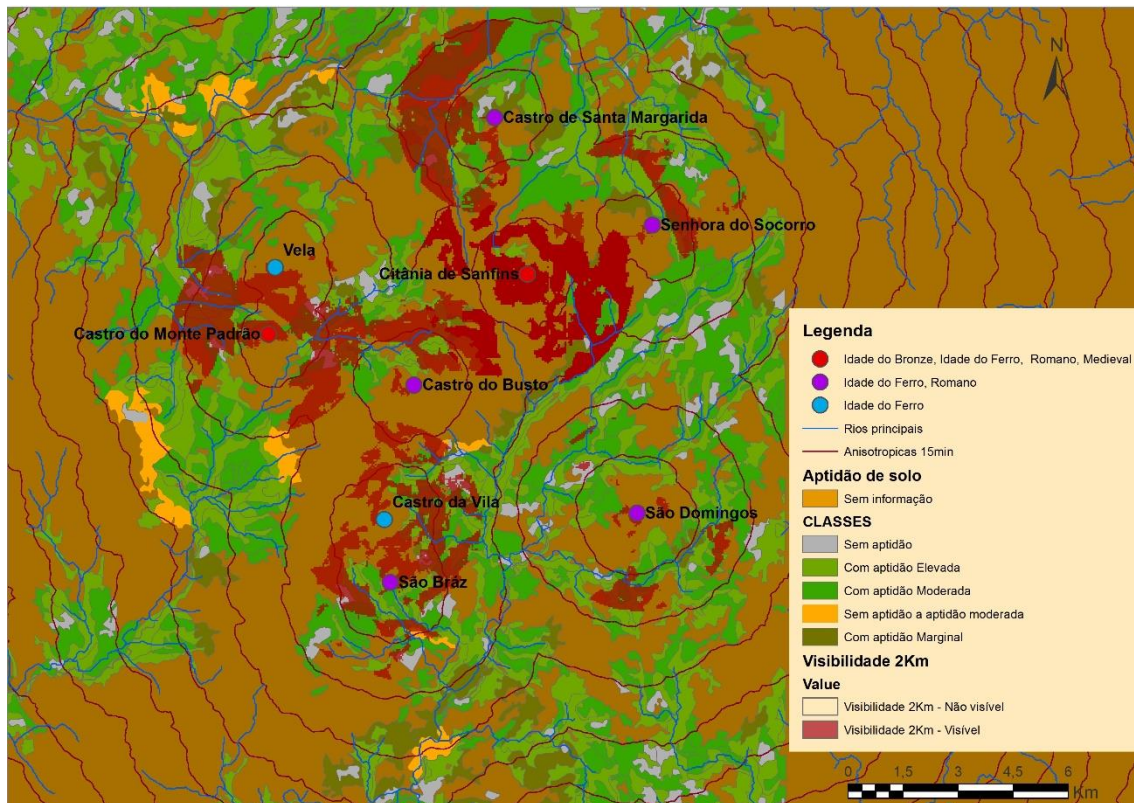


Figura 55 – Mapa de aptidão agrícola com a sobreposição do critério anisotrópico e visibilidades a 2 km (©UAUM).

Analisando primeiro o mapa de aptidão agrícola (ver Figura 55) observamos que dentro da linha anisotrópica todos os povoados detêm acesso a uma parte ou grandes parcelas de terreno com aptidão elevada e moderada. E todos eles dentro dos 15 minutos detêm visibilidade sobre partes significativas de terrenos com boa aptidão agrícola, igualmente coincidente com os cursos de água, sendo perceptível que a visibilidade de alguns povoados ultrapassa o território de 30 minutos sobrepondo-se como é o caso da Citânia de Sanfins e do Castro do Busto (ver Figura 55).

Passando para a análise da visibilidade sobre o *LCP* e sobre a possível via *Cale-Vimaranis* (ver Figura 56) consideramos interessante o facto de tanto a Citânia de Sanfins como o Monte Padrão dominarem visualmente partes do *LCP* e da via e que, no ponto intermédio, a visibilidade do Castro do Busto se articula com ambos os povoados havendo um controlo visual sobre aquele espaço de circulação.

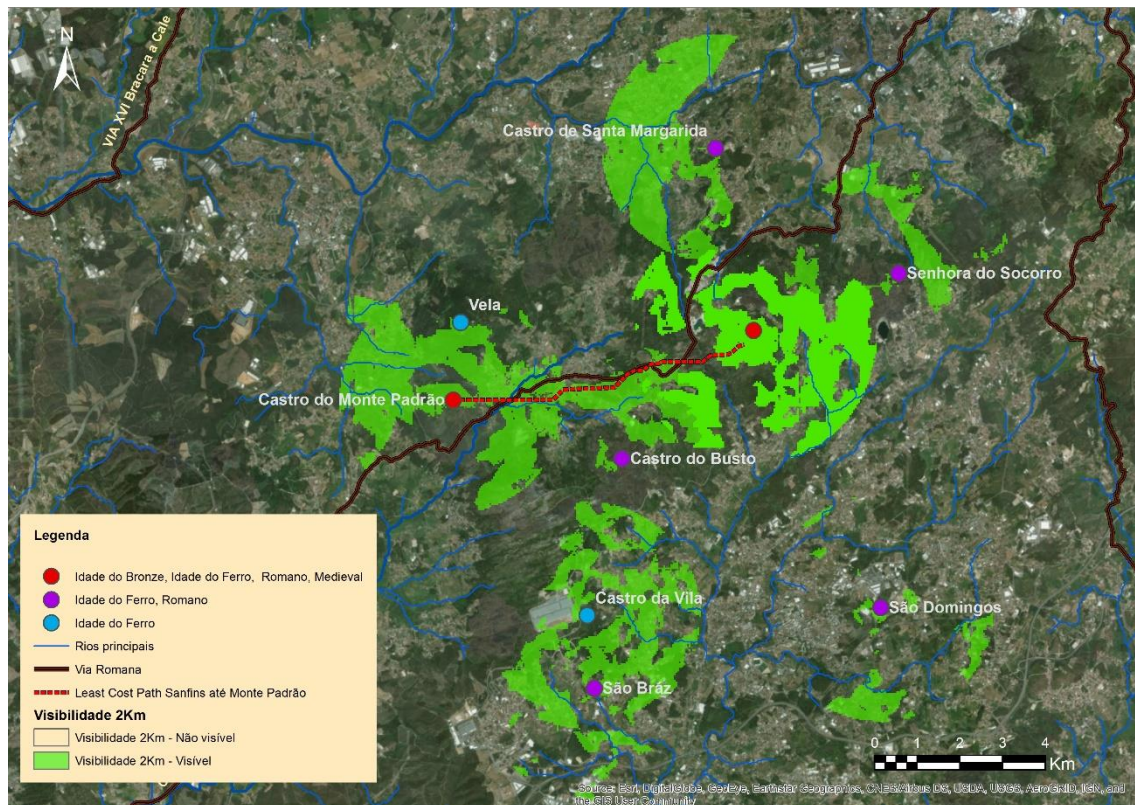


Figura 56 – Mapa do Cálculo de *Least Cost Path* traçado entre a Citânia de Sanfins e o Castro de Monte Padrão com a sobreposição das visibilidades a 2 km (©UAUM).

5.2 Zona Litoral

5.2.1 Análise Locacional

5.2.1.1 Altitude

Os povoados de proximidade ao mar não apresentam altitudes superiores a 200 metros. Começando pelos povoados mais distantes da costa, como Castro de Alvarelos (ver Figura 57), que apresenta uma elevação de 181 metros, seguido de Castro do Boi, com 123 metros de altitude e o Castelo da Maia com 93 metros. As altitudes dos sítios vão diminuindo à medida que nos aproximamos da costa como é o caso de Monte das Pedras que se implanta a 70 metros, passando para o Castro de Guifões, localizado na vertente sul do rio Leça, com 65 metros. E, na vertente sul do rio Ave, encontramos o povoado da Retorta com 34 metros. Restam-nos os dois

povoados com a menor elevação registada nesta zona que são o Monte Castro, com 20 metros e o Castro de São Paio implantado sobre o mar com 14 metros.

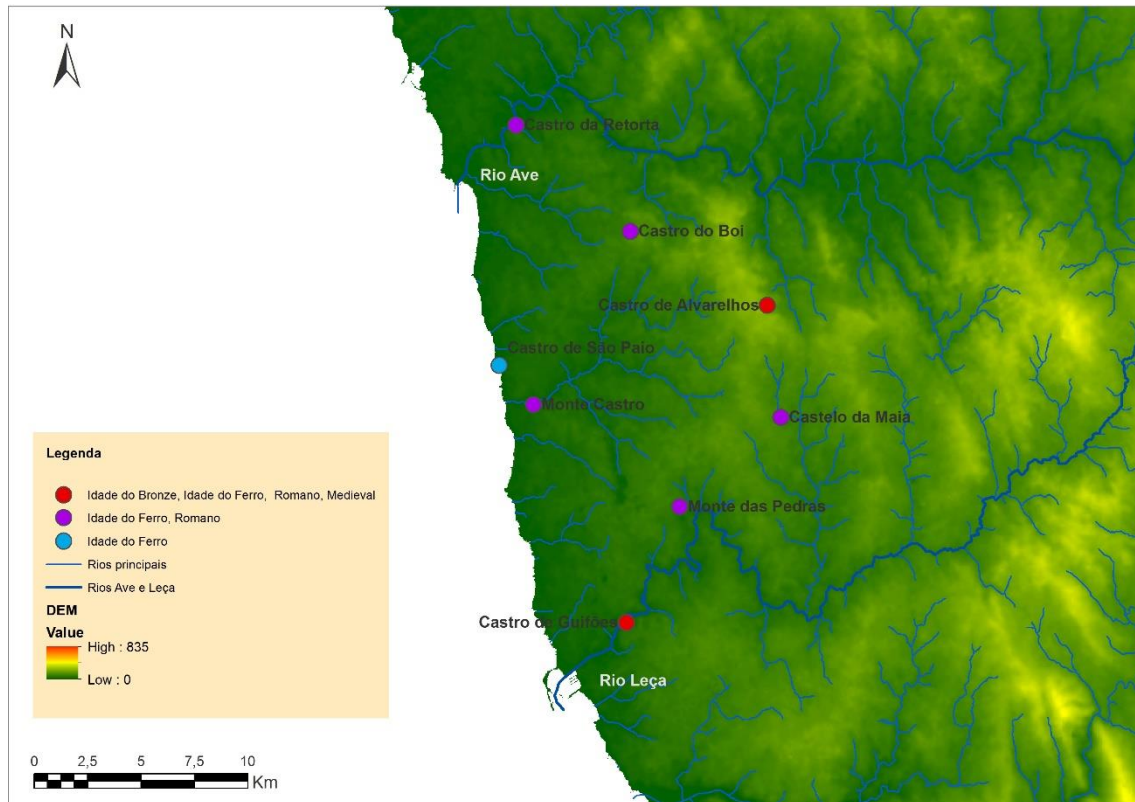


Figura 57 - *DEM* da zona litoral (©UAUM).

5.2.1.2 Aptidão agrícola do solo

Para caracterizarmos a aptidão agrícola do solo da zona de litoral tivemos de recorrer à Carta de Aptidão do Solo elaborada pela Direção Regional da Agricultura de Entre-o-Douro-e-Minho e publicada na tese doutoral de A. Moreira (2009), uma vez que atualmente a Carta não se encontra disponível em formato digital para poder ser utilizada sobre uma plataforma SIG. Sobre a Carta projetamos os sítios (ver Figura 58) e conseguimos observar que, com exceção do Castro de Guifões e Monte das Pedras, para os quais não detemos informação e do Castro de Alvarelhos que se encontra numa área classificada como sem aptidão agrícola, com com aptidão moderada, todos os outros sítios se encontram em zonas de aptidão agrícola elevada a moderada.

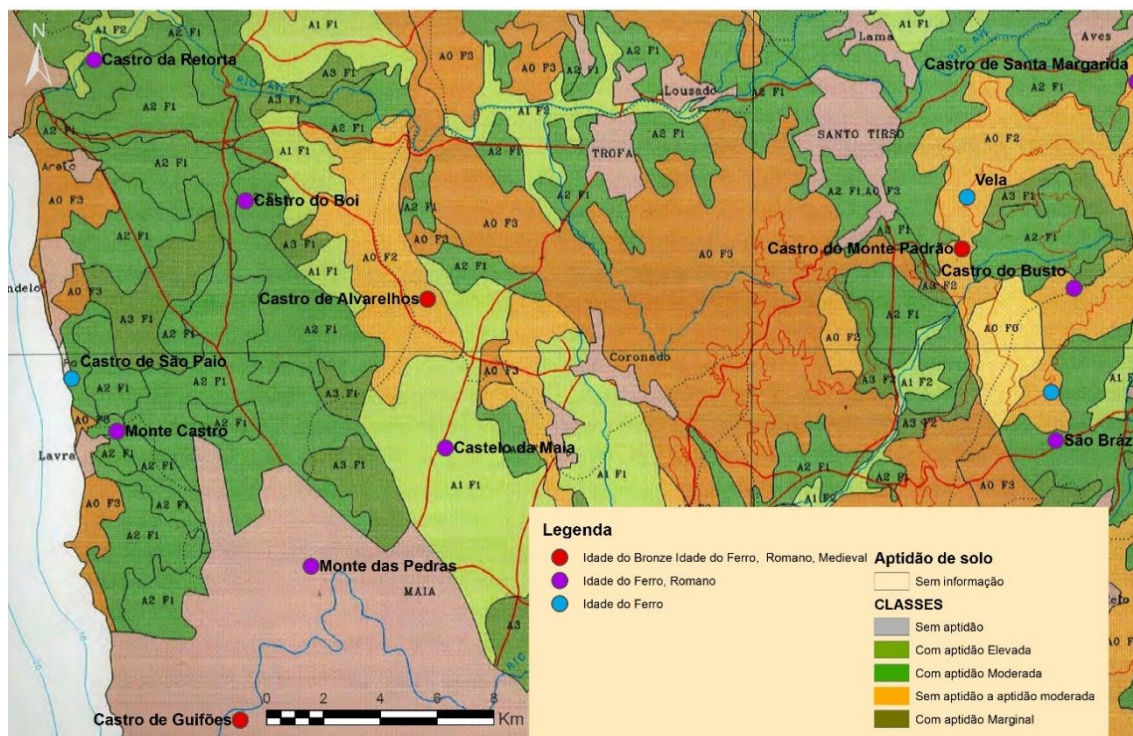


Figura 58 - Carta de Aptidão de Solos da D.R.A. de Entre-Douro-e-Minho, Folha 9, Esc. 1:100000. Fonte: Moreira, 2009 e ©UAUM.

5.2.1.3 Acessibilidade

5.2.1.3.1 Critério Anisotrópico

Aplicando as linhas anisotrópicas podemos observar que os povoados se dispõem em forma de semicírculo entre a foz do rio Leça e a foz do rio Ave, formando uma aparente 'barreira' (ver Figura 59). Estes povoados encontram-se dispostos quase de forma equidistante sendo alcançáveis a 45 minutos de marcha. O povoado do Monte Castro e o Castro de São Paio agrupam-se na linha de 15 minutos, o mesmo sucedendo na linha dos trinta minutos para o Castro de Guifões e o povoado do Monte das Pedras e entre o Castelo da Maia e o Castro de Alvarelhos. A distância vai-se alongando entre Castro de Alvarelhos e o Castro Boi, sendo de 1.10h e entre Castro Boi e Retorta com cerca de 1.20h. Dois povoados encontram-se implantados praticamente na foz do rio Ave e do rio Leça, estando os rios no seu alcance imediato, sendo estes o Castro da Retorta e o Castro de Guifões. Observamos que o Monte das Pedras detém dentro da linha de 15

minutos um segmento do rio Leça. À exceção do Castro de São Paio, localizado praticamente sobre o mar, todos os outros povoados detêm acesso aos principais rios a 15 minutos.

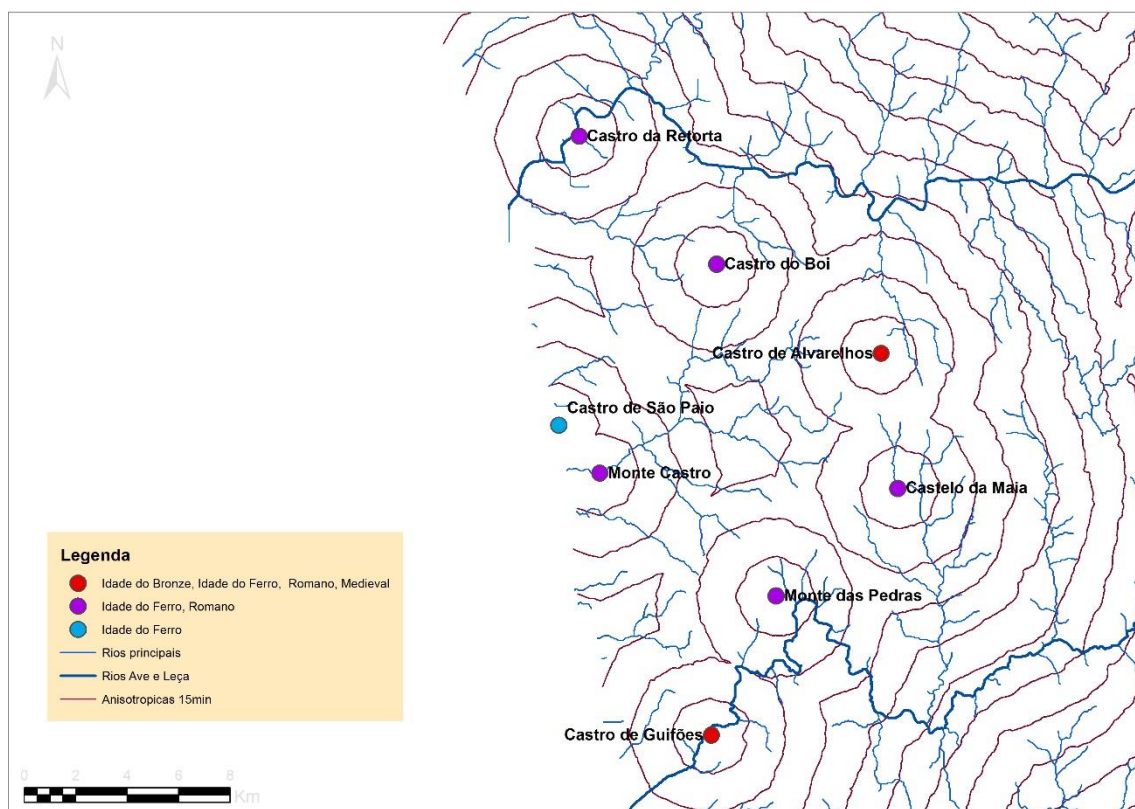


Figura 59 -Mapa de linhas anisotrópicas da zona litoral (©UAUM).

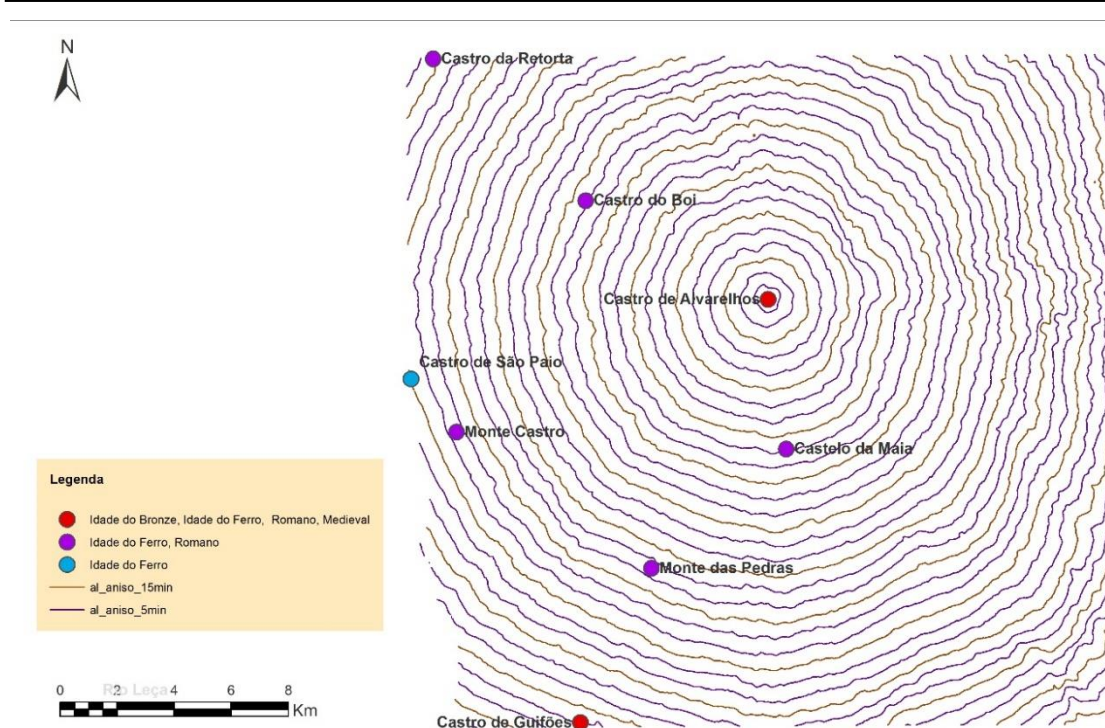


Figura 60 - Mapa de linhas anisotrópicas do Castro de Alvarelhos com distâncias de 5 e 15 minutos (©UAUM).

O Castro de Alvarelhos parece ocupar uma posição central na Zona litoral, uma vez que se situa a cerca de 2 horas da costa. Para além desta questão, este apresenta uma posição quase equidistante face ao Castro da Retorta, situado a 2.15h e do lado oposto face ao Castro de Guifões situado a 2.30h (ver Figura 60).

5.2.1.3.2 Perfil Topográfico

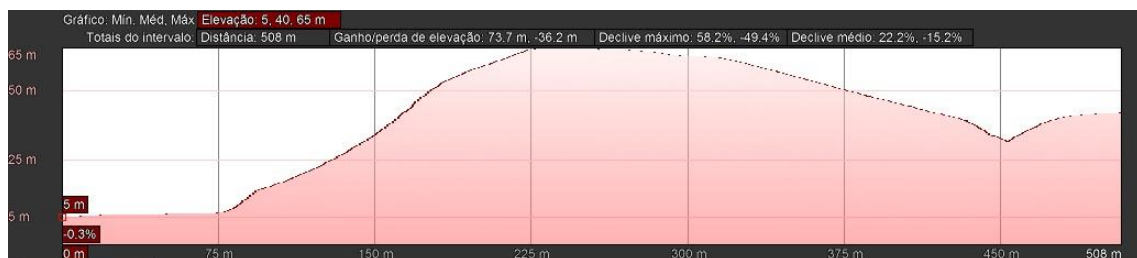


Figura 61 - Perfil topográfico do Castro de Guifões orientado N/S (©Google Earth).



Figura 62 - Perfil topográfico do Castro de Guifões orientado E/O (©Google Earth).

Ao verificarmos o perfil topográfico N/S do Castro de Guifões (ver Figura 61) percebe-se que este apresenta uma zona de baixa altitude correspondente à zona onde passa o rio Leça e ao terreno atualmente cultivado. Há de seguida uma subida até aos 65 metros, que representa a altitude máxima do povoado, mantendo-se entre os 225 e 300 metros, observando-se um declive até aos 30 metros e uma nova subida para os 40 metros.

No sentido E/O (ver Figura 62) observamos um cenário semelhante, havendo uma subida suave até aos 65 metros, seguido de uma zona aplanada e de um declive acentuado em que no final se encontram os terrenos agricultados mesmo na bordadura do rio Leça.

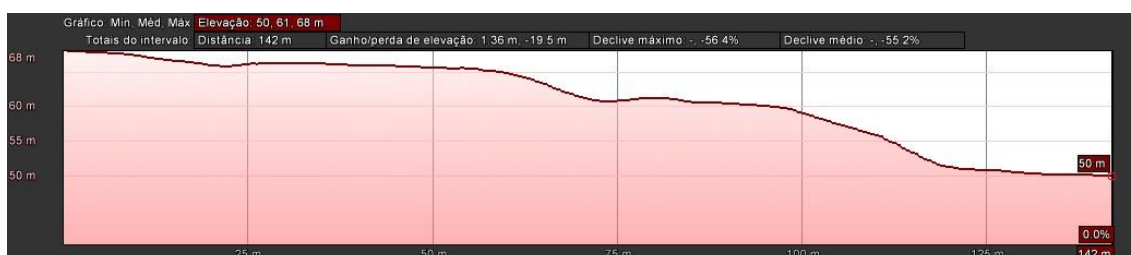


Figura 63 - Perfil topográfico do povoado do Monte das Pedras orientado N/S (©Google Earth).



Figura 64 - Perfil topográfico do povoado do Monte das Pedras orientado E/O (©Google Earth).

Relativamente ao perfil topográfico N/S do povoado do Monte das Pedras (ver Figura 63) é-nos difícil determinar o seu limite norte, uma vez que a zona se encontra urbanizada. A norte o perfil inicia-se com uma altitude de 68 metros, decrescendo suavemente com algumas depressões

até aos 50 metros. No sentido E/O (ver Figura 64) o perfil assemelha-se, havendo uma suave subida dos 56 metros para os 70 metros de altitude, sem grandes alterações na sua morfologia.



Figura 65 - Perfil topográfico do povoado do Castelo da Maia orientado N/S (©Google Earth).



Figura 66 - Perfil topográfico do povoado do Castelo da Maia orientado E/O (©Google Earth).

As condições para a determinação do perfil topográfico do povoado do Castelo da Maia, não são igualmente favoráveis uma vez que este se implanta numa zona extremamente urbanizada e está atualmente delimitado por estradas. Podemos apenas afirmar que no sentido N/S o povoado apresenta uma zona de elevação de cerca de 94 metros, que se estende e eleva dos 25 aos 100 metros apresentando depois um pequeno declive (ver Figura 65). Já no sentido E/O (ver Figura 66) o perfil apresenta-se um pouco irregular, sendo visível uma subida suave entre os 90 e os 94 metros, seguida de um pequeno pico e de uma descida abrupta, de cerca de 3 metros. Há depois um espaço relativamente plano voltando a observar-se uma subida até aos 93 metros de altitude.

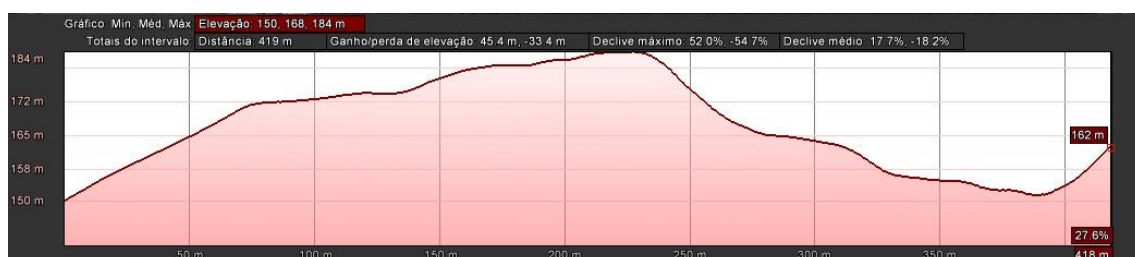


Figura 67 - Perfil topográfico do Castro de Alvarelhos orientado N/S (©Google Earth).



Figura 68 - Perfil topográfico do Castro de Alvarelos orientado E/O (© Google Earth).

Ao analisarmos o perfil N/S do Castro de Alvarelos (ver Figura 67) percebemos que este é irregular, apresentando uma subida abrupta entre os 150 e os 172 metros, seguido de um patamar e uma nova subida um tanto suave até alcançar os 184 metros de altitude. De seguida há novamente uma descida abrupta e irregular até aos 168 metros onde encontramos uma zona com um ligeiro declive, mas aplanada. Segue-se uma nova subida até aos 162 metros. Já no sentido E/O (ver Figura 68) o perfil apresenta-se regular, havendo uma ligeira subida, seguida de uma depressão e depois uma subia gradual até atingir os 165 metros de elevação.



Figura 69 - Perfil topográfico do Castro do Boi orientado N/S (© Google Earth).



Figura 70 - Perfil topográfico do Castro do Boi orientado E/O (© Google Earth).

Observamos no perfil N/S do Castro do Boi (ver Figura 69) uma subida íngreme, entre os 110 e os 116 metros de elevação. Notamos de seguida um ligeiro declive seguido de nova depressão e novamente uma elevação na linha dos 110 metros e novo declive até encontrarmos

uma zona ligeiramente aplanada. No sentido E/O (ver Figura 70) encontramos igualmente uma elevação até aos 116 metros e depois um declive até alcançar os 76 metros de altitude.



Figura 71 - Perfil topográfico do povoado da Retorta orientado N/S (© Google Earth).

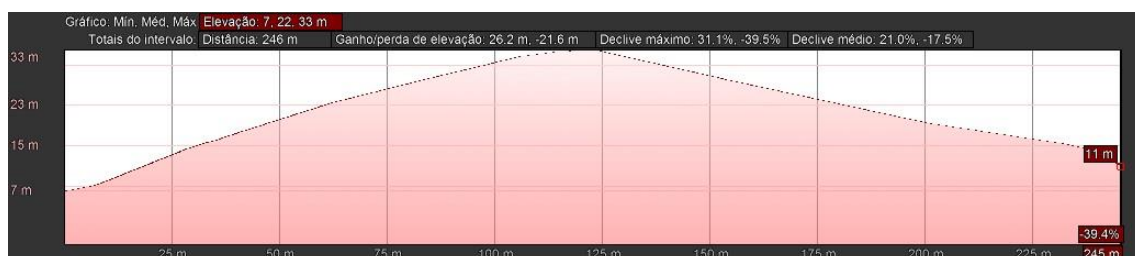


Figura 72 - Perfil topográfico do povoado da Retorta orientado E-O (© Google Earth).

Ao examinar tanto o perfil N/S (ver Figura 71) como E/O (ver Figura 72) do povoado da Retorta observamos uma certa regularidade e semelhança. O povoado localiza-se num pequeno outeiro na proximidade do rio Ave. O rio apresenta-se na vertente norte, estando a sua proximidade refletida na baixa altitude da vertente (4 metros) observando-se uma subida até aos 36 metros com um pequeno espaço aplanado, seguido de uma vertente íngreme e depois uma descida regular. No perfil E-O (ver Figura 72) denota-se uma subida entre os 7 e os 33 metros, seguido de uma zona de cume e depois uma descida suave até aos 11 metros.

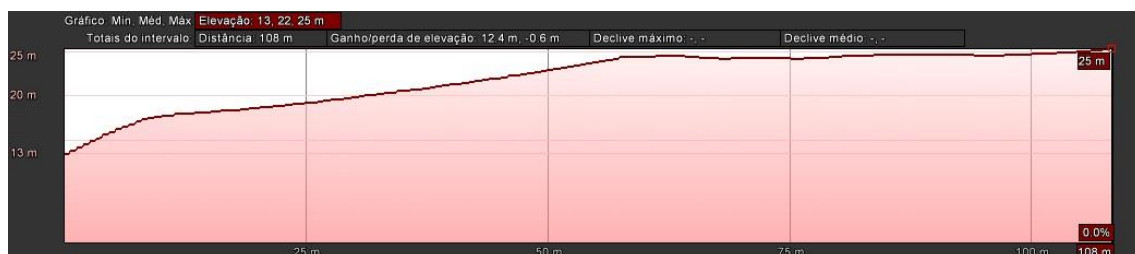


Figura 73 - Perfil topográfico do Monte do Castro orientado N/S (© Google Earth).



Figura 74 - Perfil topográfico do Monte do Castro orientado E/O (© Google Earth).

Atualmente os terrenos que rodeiam o Monte do Castro estão bastante agricultados, sendo difícil compreender os limites do mesmo. Observamos no sentido N-S (ver Figura 73) uma subida gradual a partir dos 13 metros de altitude até atingir os 25 metros. No sentido E-O (ver Figura 74) encontramos o cenário inverso partindo de uma altitude de 22 metros passando para um declive até aos 7 metros e verificando-se uma superfície aplanada entre os 75 e os 127 metros de distância.

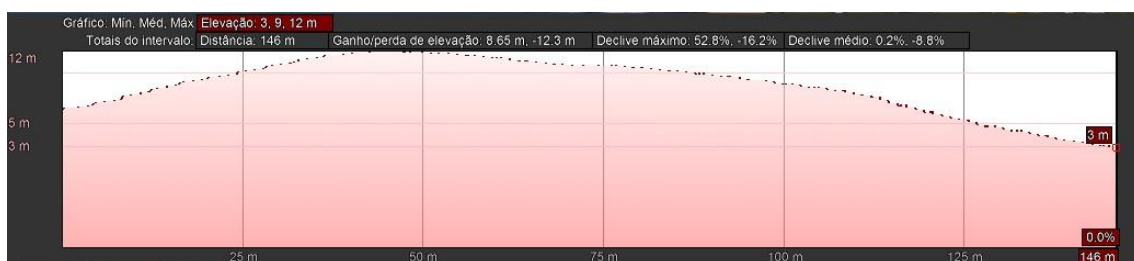


Figura 75 - Perfil topográfico do Castro de São Paio orientado N/S (© Google Earth).

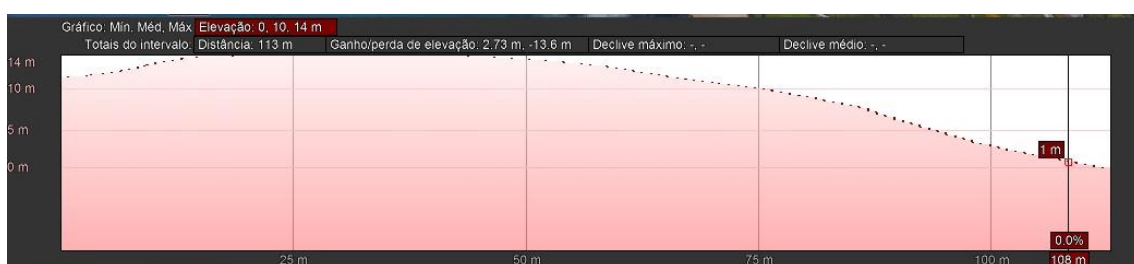


Figura 76 - Perfil topográfico do Castro de São Paio orientado E/O (© Google Earth).

O Castro de São Paio é um povoado que se implanta sobre o mar apresentando tanto no sentido N/S (ver Figura 75), como no sentido E/O (ver Figura 76) pequenas variações. Apenas a norte se regista uma elevação alcançando os 14 metros de altitude, descendo de forma gradativa até a 1 metro. No sentido oposto observa-se a descida dos 14 metros de altitude até ao mar.

5.2.1.4 Visibilidade

Para a concretização da análise de visibilidade optamos por implementar um critério diferente do aplicado à Zona montanhosa interior, uma vez que estes povoados são de altitudes menores e em termos defensivos apresentam entre uma e duas linhas de muralha. Como tal, optamos por realizar uma análise de visibilidade a 2 km, pressupondo a altura do observador de 1.5 metros do ponto mais alto do povoado.

Neste caso verificamos que a visibilidade é pouco abrangente e direcionada para pequenos espaços à exceção da visibilidade do Castro de Alvarelhos (ver Figura 77) que se apresenta em leque direcionada a NE/SE abarcando parte da via romana XVI. Também o Castro da Retorta aparenta dispor de uma visibilidade orientada ao controlo da foz do rio Ave, detendo visibilidade sobre o rio e a vertente norte. A visibilidade dos restantes povoados parece favorecer os principais rios, detendo domínio visual sobre várias linhas de água.

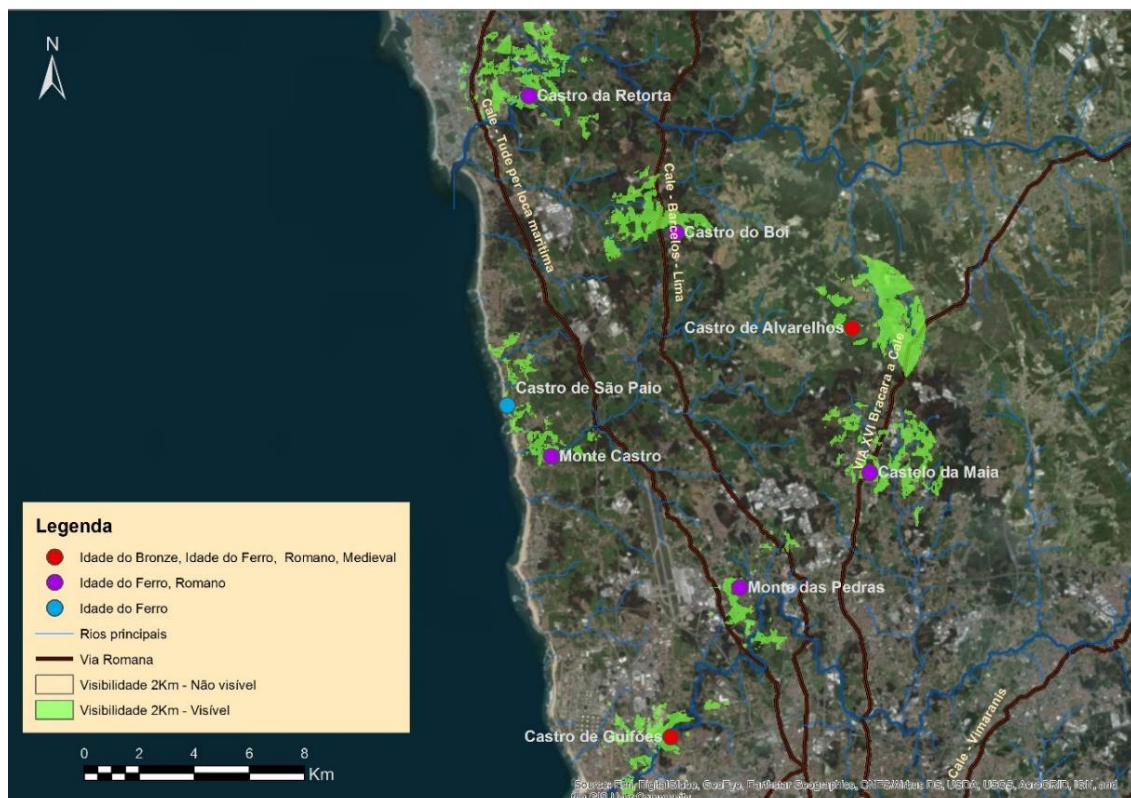


Figura 77 – Mapa de visibilidades a 2 km da zona litoral (©UAUM).

5.2.2 Conjugação de várias análises

Consideramos importante cruzar as visibilidades com o critério anisotrópico, pois desta forma conseguimos confirmar que para além da facilidade de acessibilidade aos principais rios dentro da linha dos 15 minutos todos os povoados controlam visualmente uma ou mais linhas de água, prevalecendo sem dúvida o acesso rápido e fácil aos cursos de água. Verificamos também que apesar da aparente proximidade entre todos os povoados as visibilidades não se cruzam estando orientadas em diversos sentidos, dominando visualmente pequenas áreas (ver Figura 78).

Escolhemos também articular a carta de aptidão de solos com as linhas anisotrópicas e as visibilidades, percebendo-se que na linha dos 15 e 30 minutos de distância todos os povoados detêm acesso a solos de aptidão elevada e moderada à exceção do Castro de Guifões e do Monte das Pedras dos quais não detemos informação. Constatamos igualmente que a maioria dos povoados apresenta uma visibilidade orientada dentro dos 30 minutos de deslocação para terrenos das categorias assinaladas, sendo possível uma acessibilidade de 30 minutos do povoado a terrenos com boa aptidão para cultivo (ver Figura 79).

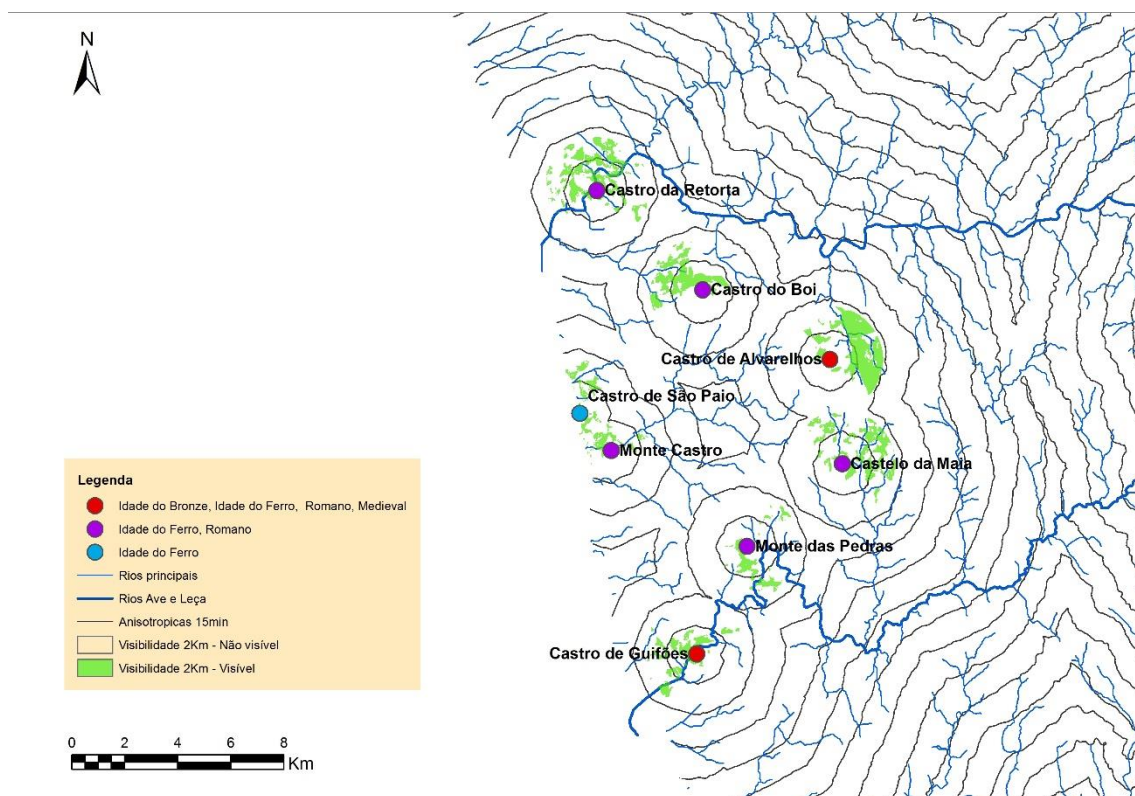


Figura 78 – Mapa de visibilidades a 2 km e linhas anisotrópicas da zona litoral

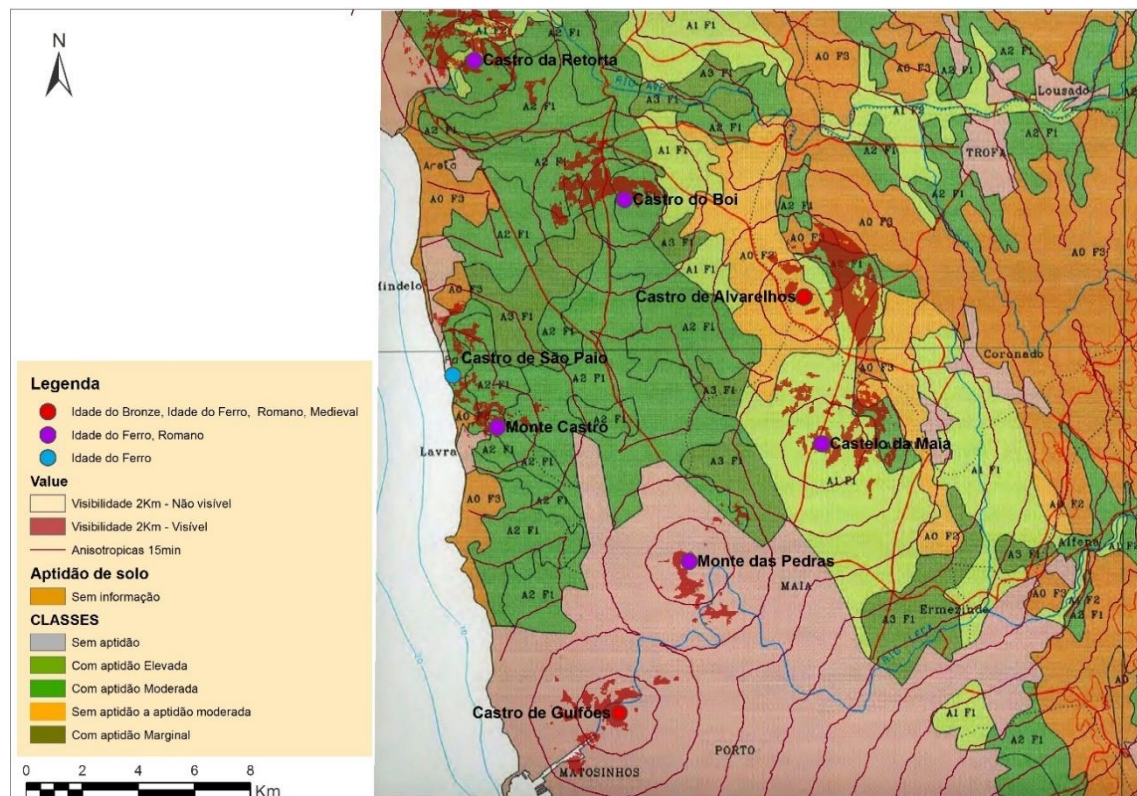


Figura 79 – Mapa de aptidão agrícola com a sobreposição do critério anisotrópico e visibilidades a 2 km (©UAUM).

É de destacar o Castro de Alvarelhos pois a sua visibilidade incide precisamente sobre a zona onde estão localizados os terrenos com aptidão elevada a moderada a uma distância de 30 minutos. O mesmo acontece no Castro do Boi em que a sua visibilidade é orientada apenas para os terrenos de aptidão elevada, possuindo, também, nas imediações terrenos com aptidão moderada, os quais não controla visualmente. Destacamos também o facto de, neste caso, os terrenos de aptidão elevada se encontrarem no seu território imediato de 15 minutos e também 30 minutos.

5.3 Comparação dos sítios da Idade do Ferro e romanos

Após a concretização das análises sobre as áreas semi-micro definidas como ‘Zona litoral’ e ‘Zona montanhosa interior’ para os povoados com ocupação desde a Idade do Ferro até época medieval, optámos por cartografar (ver Figura 80) a ocupação romana da mesma área integrando apenas elementos habitacionais de forma a comparar com os dados existentes.

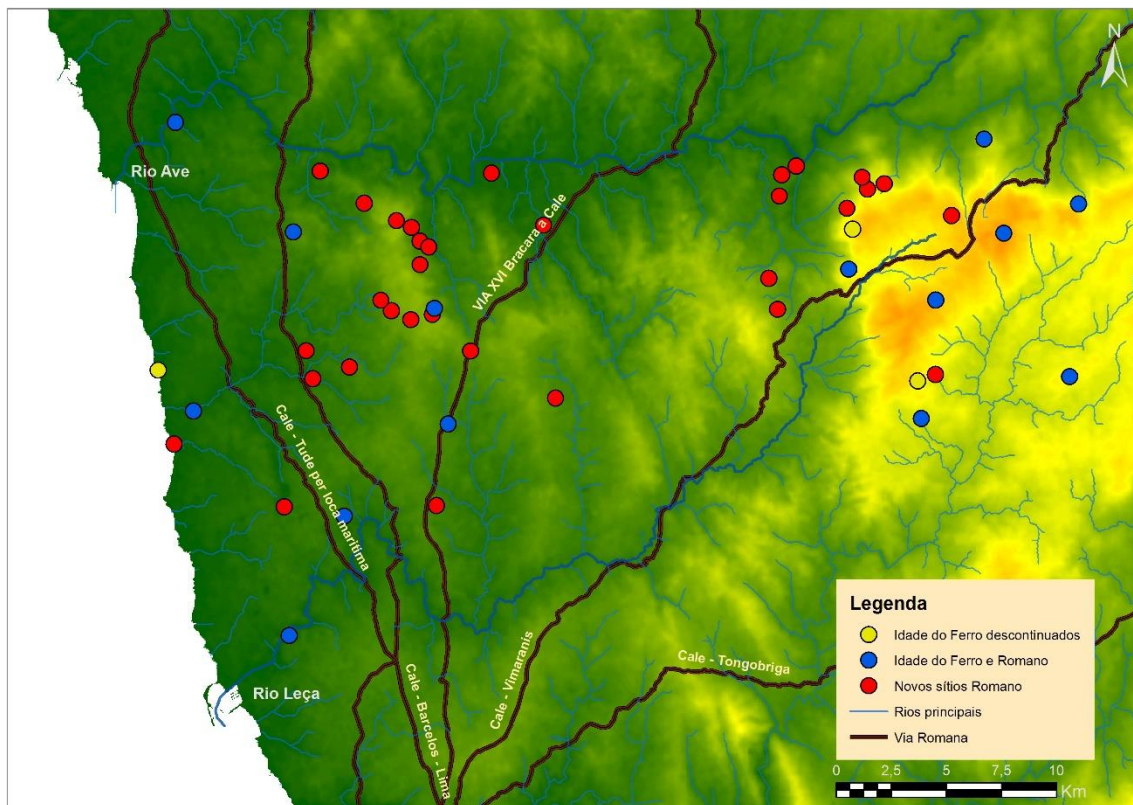


Figura 80 – Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios (©UAUM).

Numa abordagem quantitativa sabe-se que do total dos dezassete povoados, três foram descontinuados, sendo que os restantes 14 mantêm ocupação durante o período romano e surgiram 32 novos locais habitados. Como podemos observar na figura 80 o novo modo de ocupação romana mantém uma disposição semelhante à ocupada pelos povoados da Idade do Ferro, concentrados na Zona litoral e Zona montanhosa interior à exceção de um casal rústico designado de Lugar da Vila. No geral podemos observar a implantação dos sítios habitacionais romanos a cotas mais baixas, junto a linhas de água, privilegiando o acesso imediato aos rios principais e em alguns casos articulados com as vias romanas.

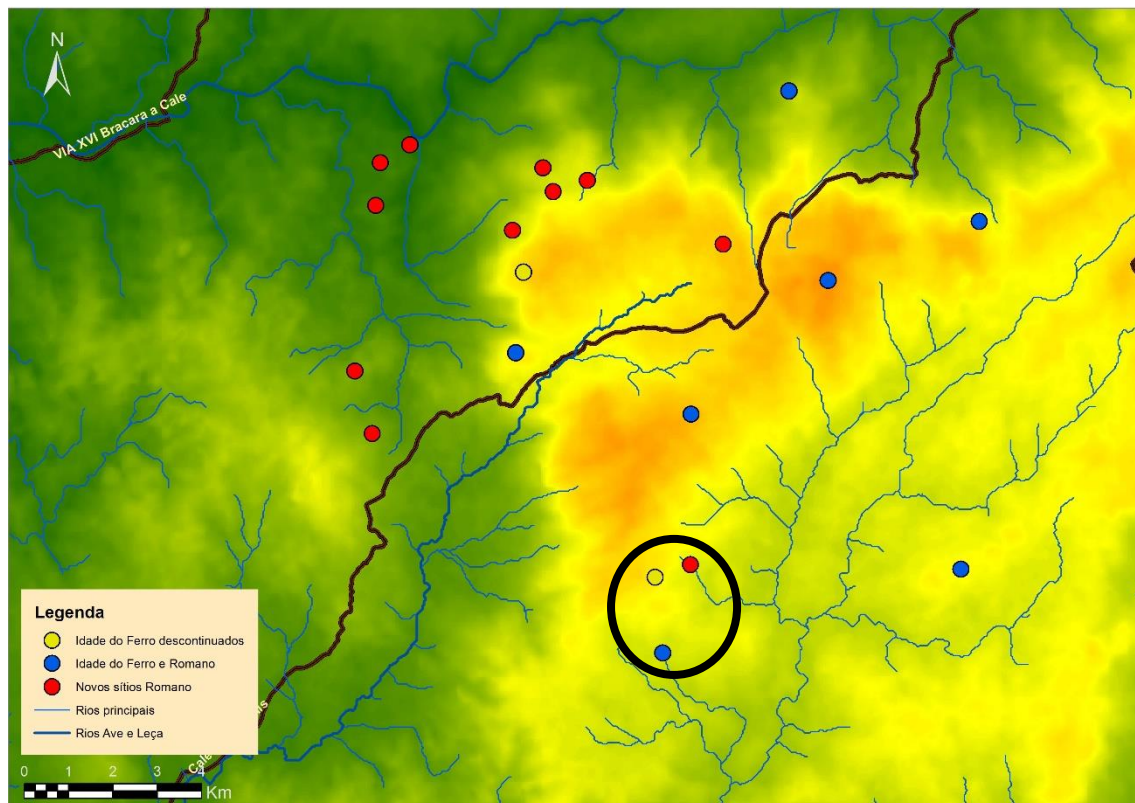


Figura 81 – Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios da zona montanhosa interior (©UAUM).

Na figura 81 constatamos que há uma maior concentração de sítios romanos no lado esquerdo da via possivelmente pela proximidade não só à via, mas também ao rio Ave. Os sítios surgem implantados em altitudes bastante inferiores, à exceção do sítio do Sobreiral, o único integrado na mancha de altitudes superiores. Salta-nos à vista três sítios de relativa proximidade, que integramos num círculo preto (ver Figura 81). Nesta mesma zona existia um povoado da Idade do Ferro, descontinuado aquando da implantação dos novos sítios romanos.

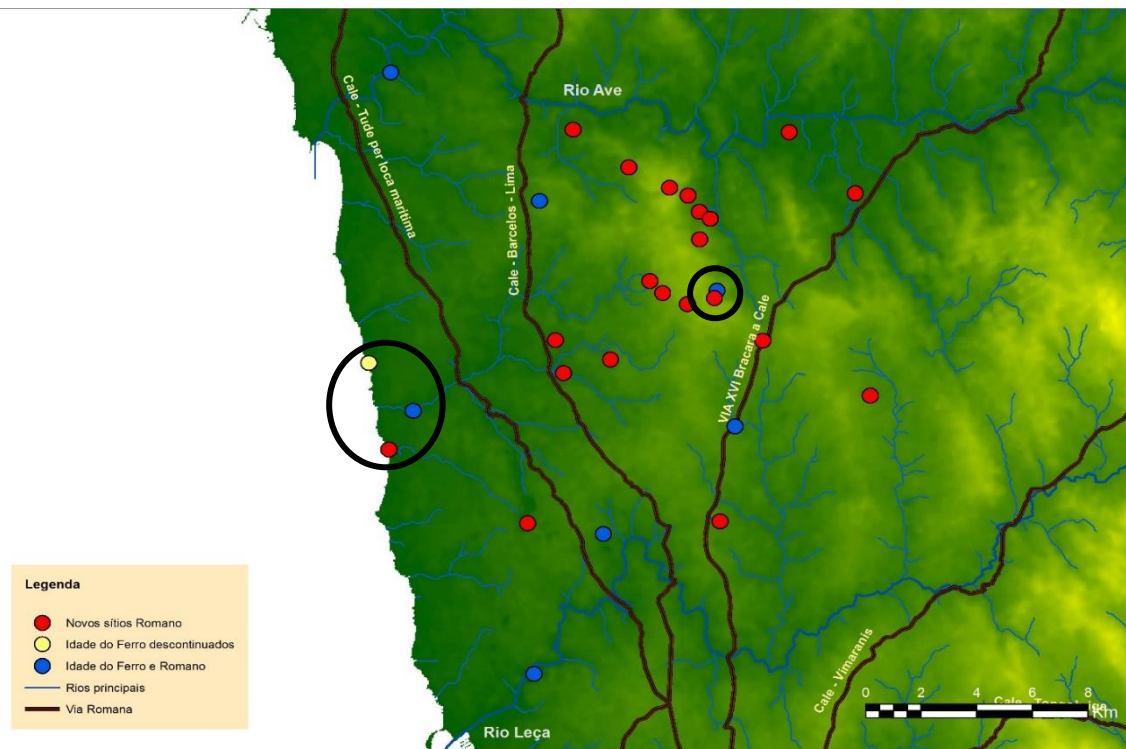


Figura 82 – Mapa da ocupação romana articulada com a ocupação da Idade do Ferro, as vias romanas e principais rios na zona litoral (©UAUM).

Na figura 82 observamos uma maior concentração de sítios do período romano entre a via *Cale-Barcelos* e a via XVI. Na zona costeira assinalada com um círculo preto encontramos um cenário semelhante ao observado na Zona montanhosa interior, sendo que há um povoado que terá sido abandonado na época romana (Castro de São Paio). Observamos a existência de um novo sítio romano, neste caso a *Villa* do Fontão, com relativa proximidade a um povoado que permanece ocupado durante o período romano, sendo este o Monte Castro que apresenta sinais de intensa romanização. Situação semelhante, também demarcada por um círculo preto, ocorre com um outro sítio romano e um povoado da Idade do Ferro que foi romanizado. Nesta zona é também visível a clara articulação espacial entre os novos sítios romanos e as vias romanas.

6 A bibliografia mapeada

Centrando-nos na informação sistematizada e normalizada obtivemos um conjunto de mapas que nos permitiram colocar em perspetiva o leque de análises concretizadas sobre a área em estudo. Ao mapear a informação disponível estamos a visualizar graficamente a informação e a realizar uma interpretação dos dados que nos permite identificar padrões, bem como perceber as

falhas existentes na investigação, facultando a futura adoção de estratégias para novas intervenções arqueológicas.

Como tal, primeiramente elaboramos um mapa no qual pretendíamos observar a quantidade de estudos e Inventários (Portal do Arqueólogo e DGPC) executados sobre o território em análise, quantificando-os. De seguida fizemos um mapa apenas de citações. Por conseguinte produzimos outro mapa com os temas sobre os quais esses estudos/citações incidiram de forma a compreender as linhas de investigação operadas. Para tal, definimos os tipos de temas que nos interessavam, tendo sido escolhidos os seguintes: i) **povoamento**, um tema genérico que integra todos os estudos sobre povoamento, ordenamento, território e paisagem que estão, por conseguinte, articulados e que se podem englobar num só tipo; ii) **sítio**, em que contemplamos os estudos pontuais sobre os sítios de forma a diferenciar estudos de nível micro e macro; iii) **materiais**, em que englobámos os estudos feitos sobre a cultura material seja cerâmica, numismática, epigrafia, entre outros.

Partindo para a análise do mapeamento dos temas referidos observamos claramente uma concentração de estudos na zona interior montanhosa, mais concretamente sobre a Citânia de Sanfins, havendo entre 13 a 26 estudos e nas imediações o Castro de Monte Padrão, sobre o qual foram realizados entre 5 a 12 estudos (ver Figura 83). Na zona de litoral o maior volume de estudos incide sobre o Castro de Alvarelhos, o Castro do Boi, Castro da Retorta e o Castro de São Paio. Todos os pontos verdes representam os sítios arqueológicos que estão inventariados através do Portal do Arqueólogo e/ou do site da DGPC.

No que respeita às citações constatamos existirem 13 a 26 referências sobre a Citânia de Sanfins, seguindo-se 2 a 4 referências sobre o Castro de Alvarelhos e alguns sítios com apenas uma referência (ver Figura 84).

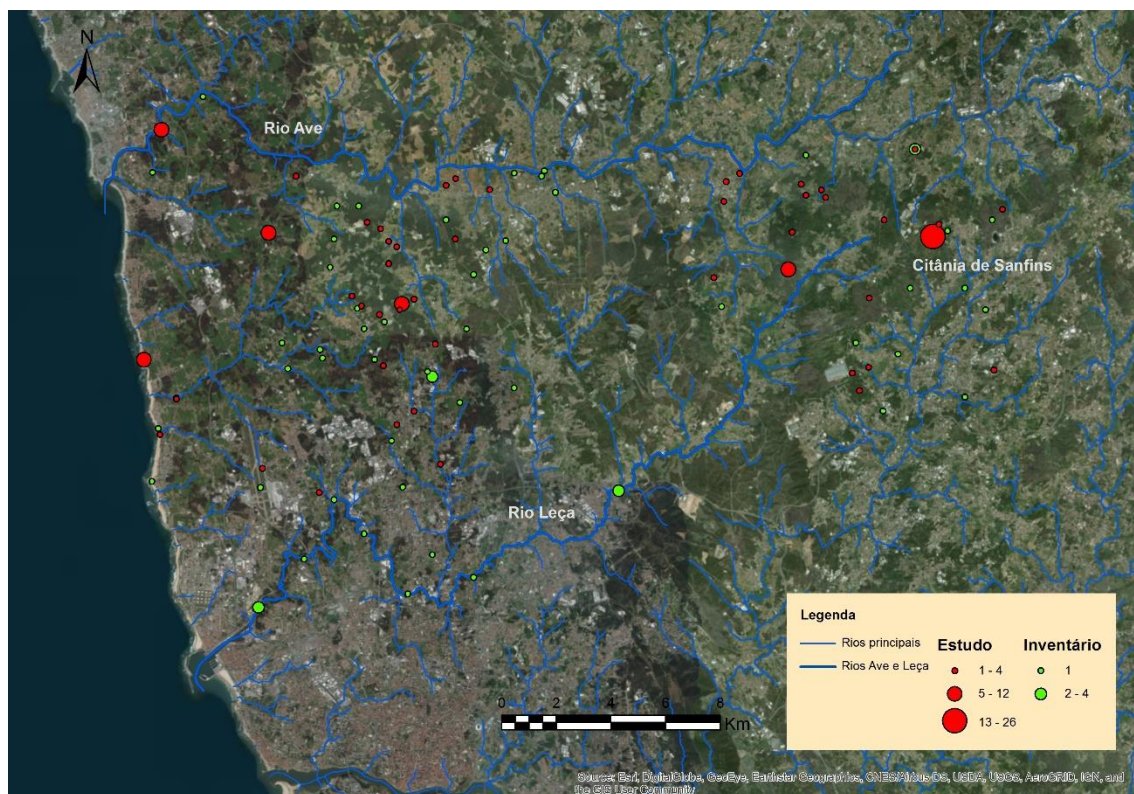


Figura 83 – Mapeamento dos inventários e estudos realizados até ao momento sobre os sítios em análise (©UAUM).



Figura 84 – Mapeamento das citações realizadas até ao momento sobre os sítios em análise (©UAUM).

Ao analisarmos o tipo de tema que foi trabalhado nestes estudos percebemos que a maioria deles se debruçou sobre o ‘Povoamento’, um tipo de estudo que abarca várias vertentes, verificando-se que a maioria dos estudos de cariz pontual foram concretizados sobre a Citânia de Sanfins, sobre a qual identificámos entre 6 a 17 estudos (ver Figura 85). O mesmo se observa para o estudo de materiais.

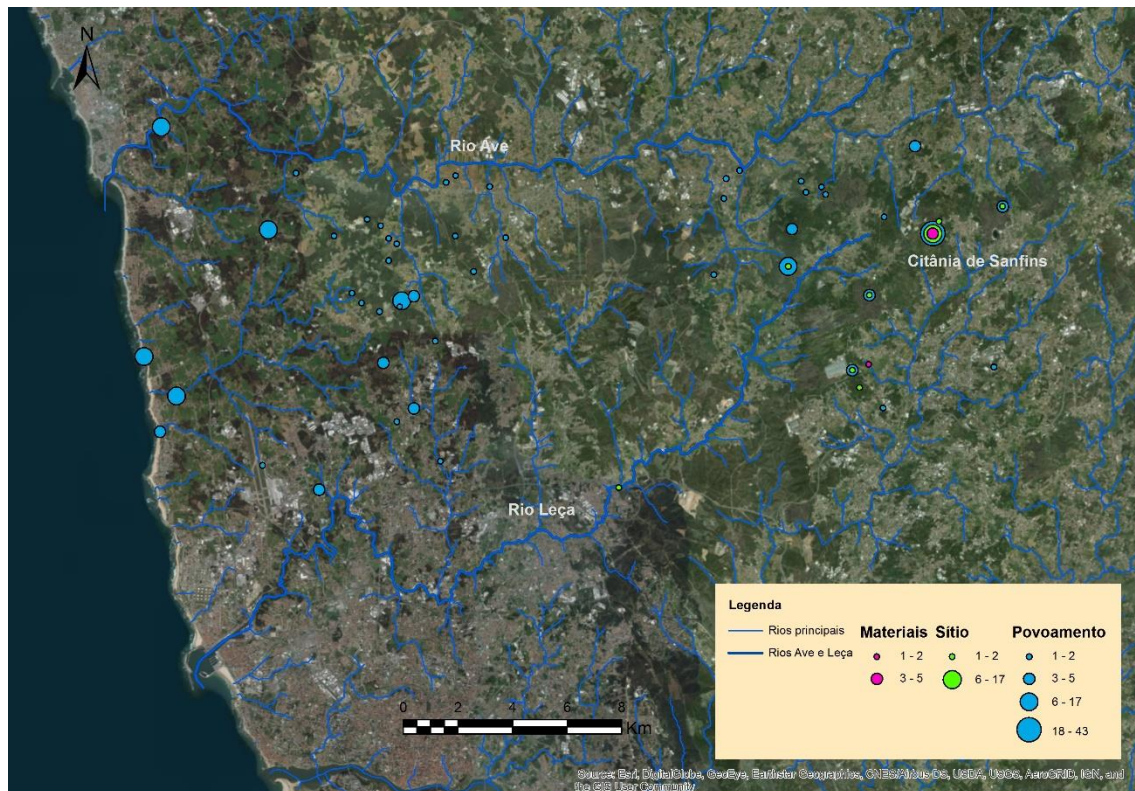


Figura 85 – Mapeamento dos temas trabalhados até ao momento sobre os sítios em análise (©UAUM).

7 Preservação, conservação e proteção dos sítios arqueológicos

Em maio de 2004 foi iniciado um projeto designado “A Rede dos Castros do Noroeste” que teria por objetivo formular uma candidatura dos Castros do Noroeste a Património Mundial. Esta candidatura teve por objetivo consciencializar as populações locais e visitantes da ‘riqueza científica’ e da enorme herança cultural materializada pelos castros do I milénio a.C. (Pinho, 2008: 228). Apresentava-se como um projeto de grandes dimensões que requeria uma grande articulação e cooperação por parte das entidades envolvidas. Desde então o projeto foi sendo desenvolvido e amadurecido e a rede dos castros chegou efetivamente a ser estabelecida entre os

municípios de Monção, Boticas, Esposende, Paços de Ferreira, Penafiel, Póvoa do Varzim, Santa Maria da Feira, Santo Tirso, Trofa e Vila do Conde. Passados catorze anos do início do projeto, observa-se um generalizado abandono e degradação dos povoados da Idade do Ferro, mas dos sítios arqueológicos no geral.

Procuramos aqui apresentar apenas um breve testemunho sobre as visitas realizadas aos sítios no âmbito desta dissertação. Durante o levantamento de informação sobre os sítios arqueológicos que integram a zona em estudo constatamos que parte deles se encontram em abandono e em perigo iminente, uma vez que muito deles não tem qualquer proteção. Para melhor demonstrar esta situação decidimos representar através de mapas, os sítios que estão classificados, o estado atual de conservação e as intervenções que neles foram realizadas, através da informação disponível no Portal do Arqueólogo e no *síte* da DGPC, o que foi igualmente testemunhado durante o trabalho de campo com a visita realizada aos sítios. Acreditamos que ao mapear esta informação podemos demonstrar o panorama atual do estado dos locais, mas também disponibilizar dados para que possa ser estabelecida uma estratégia de atuação sobre os sítios. Fundamental para este processo será também aliar os dados obtidos neste ponto, com as análises já concretizadas sobre a bibliografia mapeada. Temos desta forma uma boa ferramenta que nos permite gerir o património arqueológico de forma a proteger, salvaguardar e conservar esses locais.

Acreditamos primeiramente que através da Arqueologia da Paisagem podemos estabelecer modelos preditivos de localização de sítios de forma a facilitar e melhorar os sistemas de prospeção e inventário (Criado-Boado, 1993a: 60). E partindo desta estratégia podemos apresentar argumentos compreensíveis para o público em geral, envolvendo-os na estratégia de recuperação e rentabilização do património arqueológico (Criado-Boado, 1994: 58), como pode ser o caso desenvolvido em Castrolandín (González Méndez *et al.*, 2002).

Observando o mapa da classificação dos sítios arqueológicos analisados neste trabalho constatamos que nesta zona apenas três locais estão classificados como Monumento Nacional, sendo estes o Castro de Alvarelhos, o Castro do Monte Padrão e a Citânia de Sanfins, os mais analisados pela bibliografia. Encontramos dois outros locais classificados como Imóvel de Interesse Público, na circunstância o Castro de Guifões e o Castro de Santa Margarida. Os restantes 12 sítios arqueológicos não possuem qualquer tipo de classificação, sendo, contudo, importante perceber se existe alguma medida de proteção dos mesmos a nível local e quais as medidas

implementadas para a sua proteção. Sabemos também que alguns destes locais se situam em terrenos privados, o que pode explicar a inexistência de medidas que permitam a salvaguarda e estudo dos sítios.

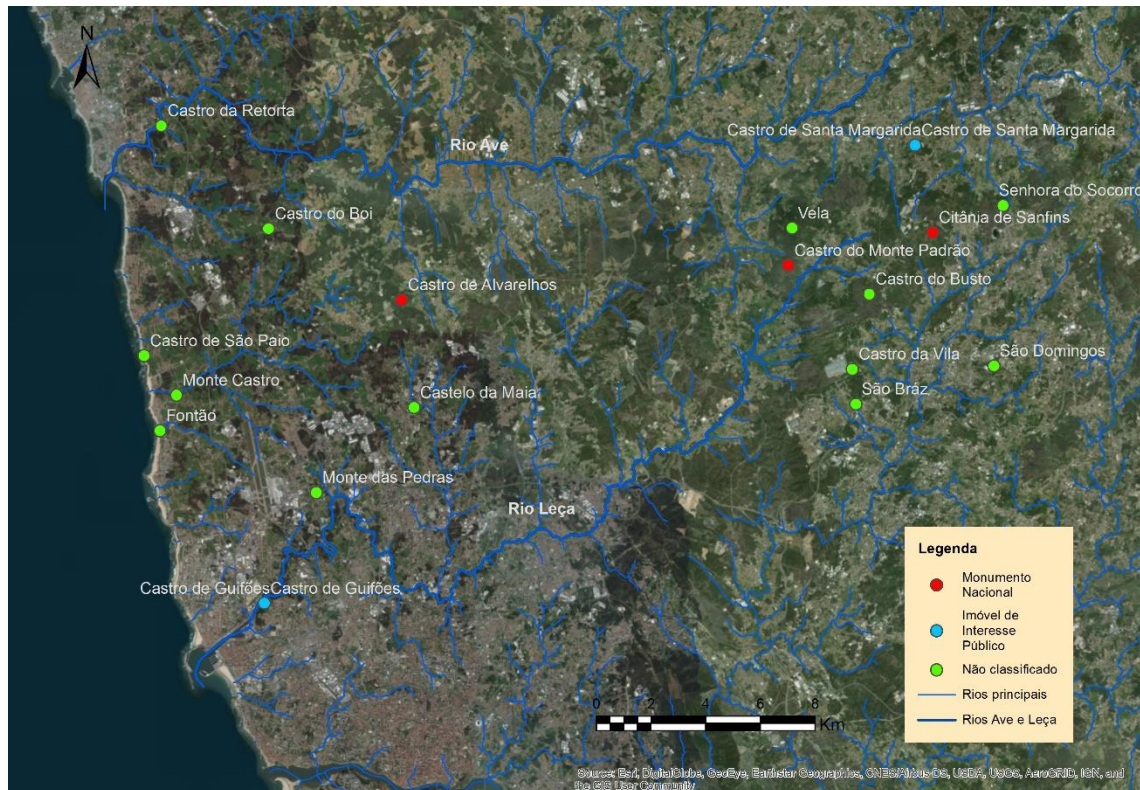


Figura 86 – Classificação dos sítios em análise (©UAUM).

No presente mapa (ver Figura 87) podemos constatar que o quadro do estado atual dos sítios arqueológicos se apresenta pouco positivo, uma vez que apenas um sítio arqueológico exhibe bom estado de conservação, o Castro de São Paio. Temos três sítios em que o estado de conservação é 'Regular' sendo estes o Castro de Alvarelhos, Castro do Monte Padrão e a Citânia de Sanfins. Identificámos ainda cinco sítios em que o estado de conservação é 'Mau', sendo eles o Castro do Boi, o Castro da Vila, o Castro do Busto, o povoado de São Domingos e o da Senhora do Socorro. O Castro da Retorta encontra-se em 'Perigo'. E por fim detetámos cinco povoados em que o estado de conservação não se encontra registado, levando-nos a crer que o cenário não será muito melhor do que os povoados que estão nas categorias de 'Mau' ou 'Em Perigo'.

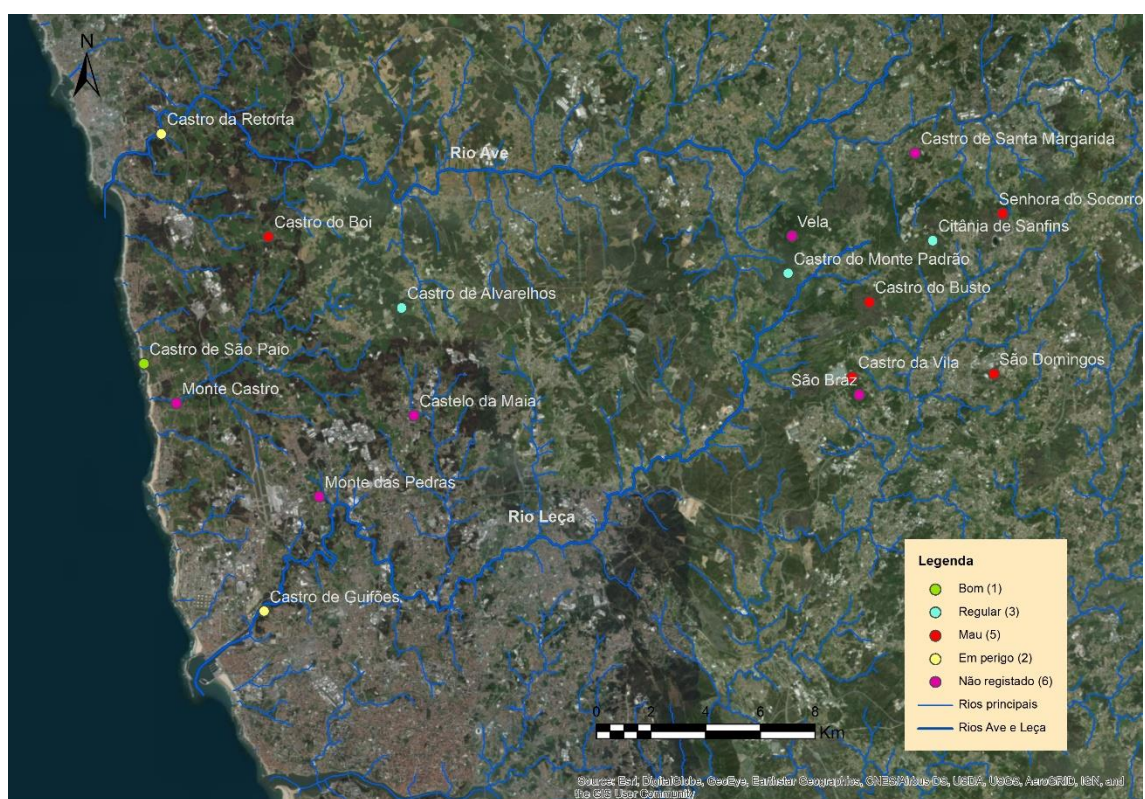


Figura 87 – Estado de conservação dos sítios em análise (©UAUM).

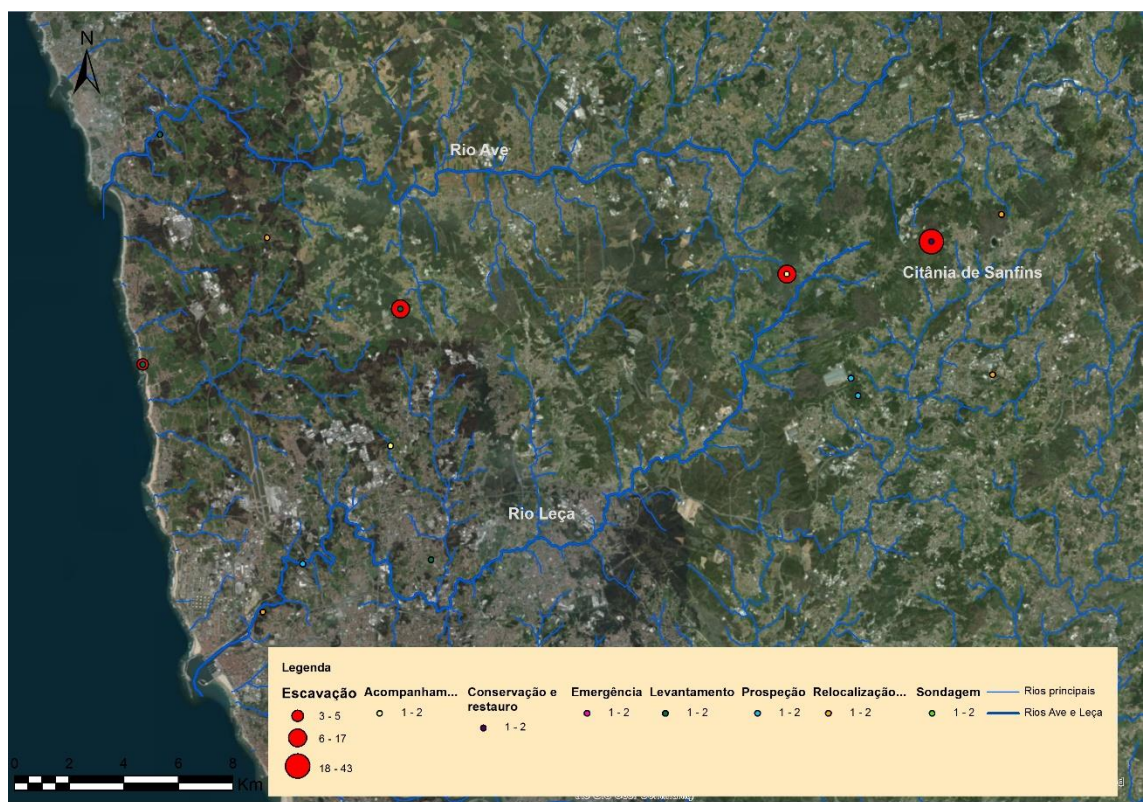


Figura 88 – Tipo de intervenção realizada sobre sítios em análise (©UAUM).

Por fim apresentamos um mapa com as intervenções concretizadas sobre os sítios em estudo (ver Figura 88), sendo observável que na Citânia de Sanfins foram efetuadas bastantes escavações, entre 18 a 43, seguindo-se do Castro do Monte Padrão e o Castro de Alvarelhos, com um número variável de intervenções entre 6 e 17. De forma geral conseguimos perceber que os sítios arqueológicos analisados foram objeto de um número reduzido de intervenções e de estudos.

Parte III

A construção do modelo interpretativo

1 Desconstruir a paisagem da Idade do Ferro para construir um modelo interpretativo

Encontramos no Norte de Portugal um conjunto de testemunhos arqueológicos de variadas tipologias caraterizadoras das comunidades que ocuparam o espaço durante o I milénio a.C., mas em que são dominantes os povoados fortificados, conhecidos por castros. Estas comunidades transformaram a paisagem no seu quotidiano, moldando-a através da objetificação de práticas sociais de caráter material e imaginário (Criado-Boado, 1993a: 59).

O estudo da ‘Cultura Castreja’ em Portugal esteve intimamente ligado ao interesse demonstrado pelos arqueólogos desde o século XIX, que teve em Martins Sarmento o primeiro grande impulsionador, com o início das escavações da Citânia de Briteiros e do castro de Sabroso. Estamos conscientes que os estudos produzidos desde esse momento permitiram a evolução do conhecimento sobre as sociedades da Idade do Ferro e todos eles detêm importância pois permitiram a colocação de novas questões dando lugar a novos conhecimentos, traduzindo-se num processo de investigação evolutivo e positivo. Como tal indicamos o trabalho de alguns investigadores não só no âmbito português, mas também espanhol, nomeadamente de F. Martins Sarmento, Mário Cardoso, A. Viana, A. Paço, C. Hawkes, C. A. F. de Almeida, A. Silva, M. Martins, C. A. B. Almeida e F. S. Lemos. Gostaríamos também de referir os trabalhos mais recentes de L. Fontes, C. Parcero-Oubiña, A. González-Ruibal, H. Carvalho, M. Fernández-Götz ou P. Fábrega-Álvarez. Estes são apenas alguns dos autores de entre uma panóplia que gostaríamos de apontar, tendo em conta que sem estes estudos não teríamos atualmente bases para a construção do trabalho que aqui concretizamos.

Ainda assim consideramos que há algumas questões que necessitam de ser estudadas e articuladas sobre os estudos da Idade do Ferro no território português, sendo necessário investir em estudos regionais e micro regionais, que forneçam novas informações a vários níveis¹, suscetíveis de serem conjugadas para a construção de modelos hipotéticos que compreendam as diacronias e sincronias decorridas durante a Idade do Ferro e o período Romano no NO português.

¹ A nível formal, incluindo os estudos de materiais e em termos locais correlacionados com as Arqueociências.

1.1 A hipótese formulada e os objetivos estipulados

O nosso trabalho insere-se no contexto dos estudos regionais tendo visado o estudo do povoamento da Idade do Ferro e a romanização, tomando por referência a Citânia de Sanfins, utilizando para o efeito a metodologia de trabalho no âmbito da Arqueologia da Paisagem.

Apoiados nesta linha de trabalho, julgamos fundamental o enquadramento da paisagem no registo arqueológico, pois o espaço constitui parte integrante dessa realidade (Fábrega-Álvarez, 2004: 9), encontrando-se em constante mudança, sofrendo processos de apropriação e transformação, que o converte em paisagem. Assim, procuramos através do estudo da paisagem aceder à lógica que está por detrás das transformações concretizadas por parte das sociedades ao longo do tempo. Isto é possível recorrendo a ferramentas específicas para detetar, perceber e interpretar a ação das comunidades sobre o meio natural, que foi sendo transformado em paisagem cultural. Para a sua compreensão é fundamental a interdisciplinaridade.

A arqueologia permite-nos estudar a paisagem a cinco dimensões importantes: ambiental, social, económica, política e simbólica (Parcero-Oubiña, 2002: 18). A título de exemplo, podemos referir F. Criado-Boado que considera que o contexto cultural castrejo se caracteriza por uma atitude de agressão progressiva sobre a natureza, com a realização de obras de alteração e modificação do meio que o adaptaram às necessidades produtivas desse período, traduzindo-se na construção de estruturas visíveis e manifestas das quais atualmente seriam perceptíveis vestígios no terreno como por exemplo terraços de cultivo (Criado-Boado, 1993b). Isto para mostrar que ao estudarmos estas dimensões podemos obter informação a vários níveis que permitem a estruturação de um modelo interpretativo do território. Para tal é necessário recorrer a ferramentas que nos permitam obter dados e analisar os vários cenários, como acontece com os SIG, um importante instrumento ao serviço da interpretação de várias variáveis que podem ter influenciado os comportamentos das sociedades passadas.

Julgamos fundamental combater a ideia de que os sítios arqueológicos são estáticos e que apenas se articulam com o espaço imediato em que se implantam, sendo possível através da Arqueologia da Paisagem revelar complexos sistemas artificializados dos quais os sítios arqueológicos representam apenas uma parte desse sistema (Parcero-Oubiña, 2006: 2).

Considerámos, pois, que a aproximação teórica e metodológica da Arqueologia da Paisagem nos podia ajudar a compreender a paisagem em estudo durante o período de mudança da Idade do Ferro para a romanização. Procurámos igualmente aproximarmo-nos à realidade territorial e paisagística da Citânia de Sanfins, analisando as relações do povoado com o território envolvente, explorando as potencialidades dos Sistemas de Informação Geográfica. Desta forma procuramos estabelecer um modelo hipotético de ocupação da paisagem que será exposto no seguinte ponto.

1.2 Resultados

A zona em estudo integra-se no distrito do Porto e tem como limites naturais, a norte, o rio Ave, a sul, o rio Leça, a oeste, o Oceano Atlântico e, a este, a cadeia montanhosa que atravessa o concelho de Paços de Ferreira, onde está implantada a citânia de Sanfins, como já se comentou no ponto 2.1 da Parte I.

Tendo a área de estudo definida deparamos-nos com uma distribuição diferente dos sítios entre a zona costeira e a zona de interior, estando estes concentrados numa rede de ocupação relacionada com a zona montanhosa e com a zona litoral, não se tendo detetado ocupação da Idade do Ferro na zona intermédia entre elas. Como tal, dada a distinção territorial e ocupacional observável à primeira vista, optámos por dividir o nosso estudo em duas zonas, designadas de ‘Zona montanhosa interior’ e a segunda ‘Zona litoral’.

Começando pela altitude (ver Figura 28) percebemos claramente, face à geomorfologia do terreno, que à medida que nos aproximamos de sítios implantados na zona litoral as altitudes vão descendo, variando entre os 570 metros, altitude representada no sítio onde está implantada a Citânia de Sanfins (ver Figura 28) e os 14 metros, cota a que se instala o Castro de São Paio (ver Figura 57) situado na costa. O sítio arqueológico que detém a segunda maior altitude é o Castro do Busto, implantado na mesma zona montanhosa que a Citânia de Sanfins, detendo estes dois povoados uma óbvia ‘centralidade’ sobre a restante paisagem.

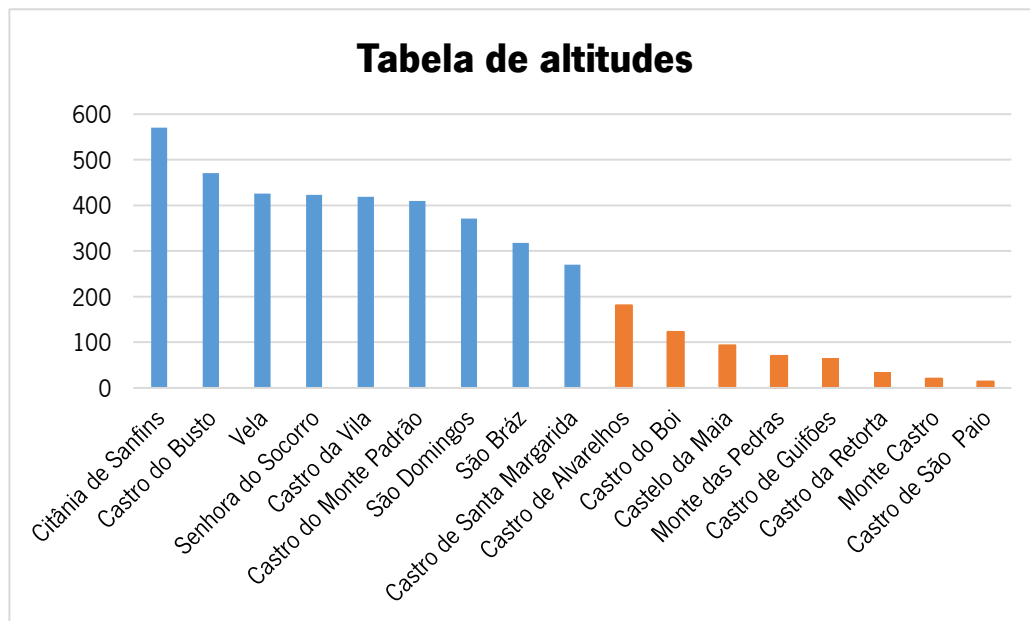


Figura 89 - Tabela com o valor das altitudes da zona montanhosa interior a azul e da Zona litoral a cor-de-laranja.

Ao compararmos as duas zonas consideramos que possivelmente existe um padrão de implantação diferenciado, uma vez que os povoados da zona montanhosa interior privilegiam a implantação em altura, articulada com a função defensiva, mas também com a sua importância estratégica, socioeconómica e simbólica.

Na análise da aptidão dos solos de ambas as zonas, tivemos em conta os trabalhos desenvolvidos por C. Parcero-Oubiña (2002; 2006) e P. Fábrega-Álvarez (2004; 2005), tendo como ideia inicial articular vários dados para caracterizar os possíveis espaços produtivos, com base nos modelos estabelecidos por C. Parcero-Oubiña. Mas, esse objetivo foi fortemente limitado pelo carácter incompleto da informação existente. Conseguimos obter a vectorização do mapa de aptidão de solos da zona de interior, mas constatamos que há zonas no mapa sobre as quais não detemos informação. Para a zona litoral não nos foi igualmente fácil encontrar uma carta de aptidão de solos, pelo que tivemos de recorrer à carta publicada na tese de doutoramento de A. Moreira (2009). No entanto, é possível realizar algumas observações sobre os dados existentes. Assim, verificamos que na zona montanhosa interior os espaços diferem entre zonas de aptidão elevada a moderada, havendo alguns espaços sem aptidão e outros com aptidão moderada e marginal. É igualmente observável que a maioria dos povoados se localiza com relativa proximidade a zonas com solos de aptidão tanto moderada como elevada. A Zona de litoral apresenta uma vasta mancha com solos de aptidão moderada a marginal onde se

encontram os povoados de Monte Castro, Castro de São Paio e Castro do Boi. Depois temos o Castro da Retorta que se encontra numa zona de aptidão elevada e moderada. O castelo da Maia apresenta-se numa extensa área de aptidão elevada, enquanto o Castro de Alvarelhos está implantado numa zona sem aptidão a aptidão moderada, muito embora nas suas imediações existam solos com aptidão elevada. Não dispomos igualmente de informação para o Monte das Pedras e para o Castro de Guifões. Mais adiante iremos apresentar os dados resultantes do cruzamento de várias análises com a carta de aptidão de solos.

Prosseguimos para os dados obtidos através da aplicação do critério anisotrópico, concretizado primeiramente tendo como ponto de partida a Citânia de Sanfins. Depois esse critério foi aplicado a outros povoados, com o ponto de partida no Castro do Monte Padrão e por fim, foi gerado um mapa com as linhas anisotrópicas gerais.

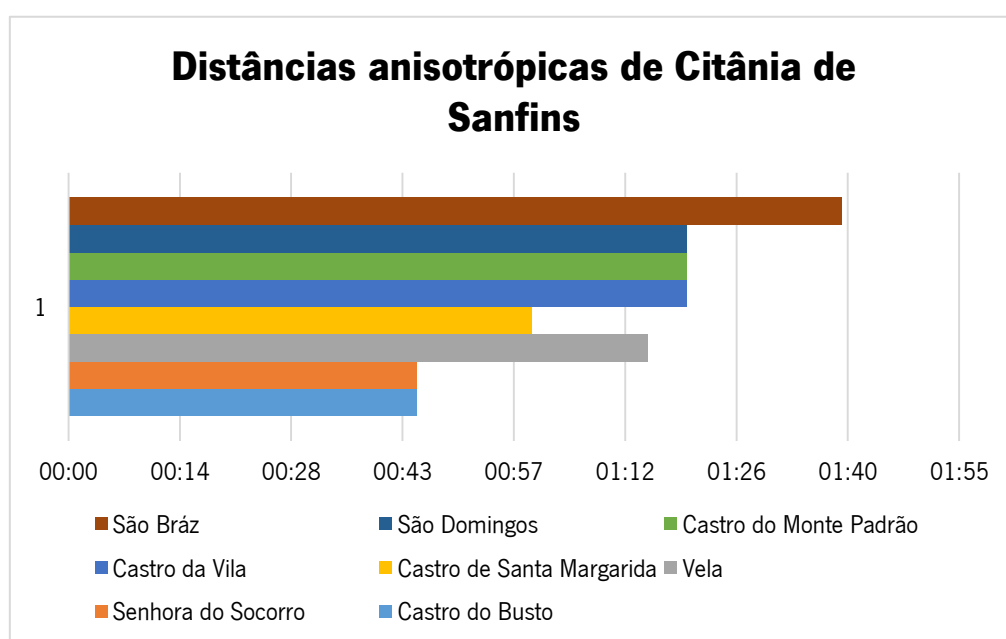


Figura 90 – Tabela de distâncias anisotrópicas da Citânia de Sanfins aos restantes povoados.

Ao analisarmos o tempo de deslocação partindo da Citânia de Sanfins percebemos que os povoados se apresentam relativamente próximos situando-se a distâncias de 45 minutos e 1.40h. Os povoados alcançáveis em 45 minutos são Castro do Busto e Senhora do Socorro, estando estes implantados na mesma cadeia montanhosa onde se ergue a Citânia que Sanfins e ambos detiveram ocupação durante a Idade do Ferro e o período romano. Ou seja, seria necessário percorrer menos de 5 km para alcançar cada povoado. É observável na figura 90 que há uma relativa proximidade dos povoados estando a 1 hora o Castro de Santa Margarida e a

1.15h o povoado da Vela. Na mesma linha de distância de 1.20h temos o Castro da Vila, São Domingos e o Castro do Monte Padrão. O povoado mais distante da Citânia de Sanfins é São Bráz, situado a 1.40h.

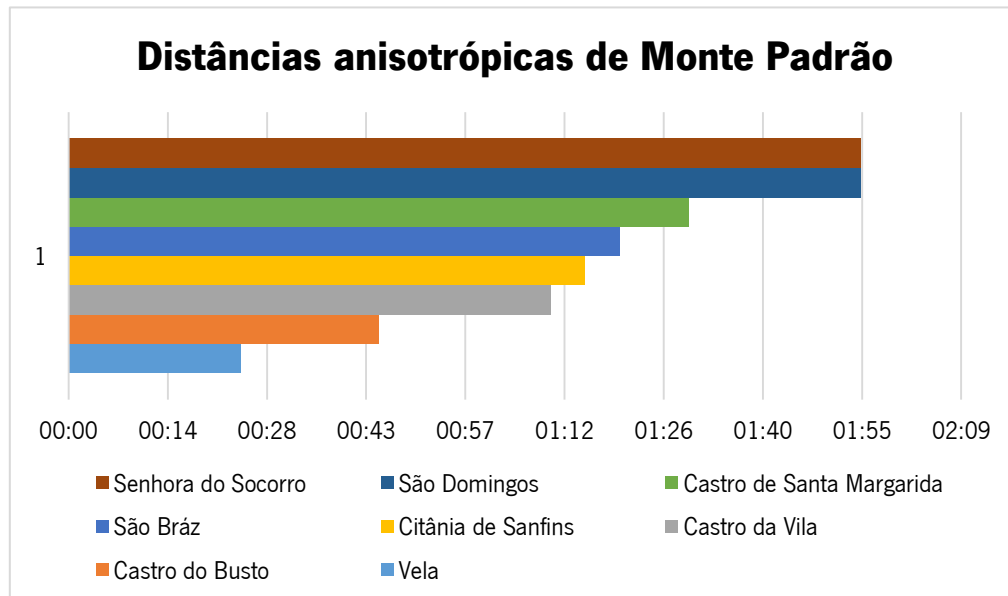


Figura 91 – Tabela de distâncias anisotrópicas do Castro do Monte Padrão aos restantes povoados.

Ao compararmos na figura 91 as distâncias entre o povoado do Monte Padrão e os restantes povoados percebemos que as realidades locais entre este povoado e a Citânia de Sanfins são distintas. Neste caso, o povoado mais próximo é Vela e fica a 25 minutos de distância, enquanto que o mais longínquo é São Domingos a cerca de 1.55h. Relativamente próximo encontramos o Castro do Busto, a 45 minutos. Os restantes povoados encontram-se a distâncias de 1.10h e 1.55h. São eles: o Castro da Vila, o povoado de São Bráz, o Castro de Santa Margarida, o povoado de Senhora do Socorro e o de São Domingos.

Prosseguindo para o critério da visibilidade para a zona interior observamos através do mapa das visibilidades a 2 km (ver Figura 53) que algumas zonas de domínio visual se sobrepõem e que nenhum dos povoados apresenta visibilidade total a 2 km. Os povoados com maior cobertura visual são a Citânia de Sanfins e o Castro do Monte Padrão, sendo contudo diferente a orientação da respetiva visibilidade, pois Sanfins detém visibilidade em leque, dominando a área E/S e também NO. Já o Castro do Monte Padrão possui uma visibilidade em leque, e tanto para NE/SE como para O/NO partilhando uma pequena zona de

visibilidade a norte com o povoado da Vela. Calculamos também a visibilidade a 15 km de distância para os povoados de Monte Padrão e Sanfins e constatamos que a Citânia de Sanfins detém um predomínio visual de forma quase circular sobre o espaço. Já o Castro do Monte Padrão possui um domínio visual para N/O e sul, abrangendo também a zona nascente onde passaria a possível via *Cale-Vimaranis*, estendendo o seu domínio visual até à Citânia de Sanfins. A visibilidade deste povoado, tendo como distância máxima 15 km, alcança a via XVI. Observamos que os povoados de Vela, Monte Padrão, Castro do Busto, Citânia de Sanfins, Senhora do Socorro e Castro de Santa Margarida partilham entre si o território de 30 minutos, bem como a visibilidade dentro desse território. Dentro das visibilidades apresentadas a 15 km (ver Figura 54) é a Citânia de Sanfins que detém o maior alcance visual sobre alguns povoados.

Partindo para a conjugação de todos os fatores iremos caracterizar primeiramente os sítios da Zona montanhosa interior e depois os povoados da Zona litoral.

No que concerne à Citânia de Sanfins a acessibilidade a norte é mais difícil, pois detém um declive acentuado observável no perfil topográfico e também através das linhas anisotrópicas nota-se um estreitamento das linhas a 30 e 40 a NE, o que se traduz numa menor porção de terreno alcançável naquela vertente, ou seja, há uma maior dificuldade de acesso. A vertente mais desprotegida localiza-se entre S e SO, descendo a uma cota de 400 metros, de forma suave, para uma zona relativamente aplanada. Se olharmos para a planta da Citânia de Sanfins observamos que na vertente SO se localizam as principais portas de acesso ao povoado. É também desta vertente que parte o *Least Cost Path*, estabelecido entre a Citânia de Sanfins e o Castro de Monte Padrão, reforçando a ideia de que a acessibilidade tanto ao povoado como para fora deste seria mais adequada por SO. Voltando às linhas anisotrópicas encontramos na linha dos 15 minutos um dos principais rios e já dentro da linha dos 30 minutos detetámos quatro linhas de água. O acesso às mesmas poderia ser feito a N/NO ou a S/SE, sendo possivelmente entre S/SE que se faria o acesso mais fácil, não sendo ocasional a implantação do balneário nessa zona. Verificamos também que é no sentido E/SE, que se localizam os terrenos de maior aptidão agrícola dentro da linha anisotrópica de 30 minutos. Ao conjugarmos a visibilidade, com a visibilidade a 2 km percebemos que esta alcança grande parte dos terrenos de aptidão, bem como as linhas de água.

O Castro do Busto apresenta dentro do território de 15 minutos entre N/NO várias linhas de água e também o acesso ao rio Leça, já incluído no território de 30 minutos. Isto articula-se com a maior acessibilidade ao povoado a N e a E, sendo o declive ligeiro facilitador do acesso do povoado aos recursos. A isto junta-se o facto de os terrenos com aptidão moderada e elevada estarem localizados a N e NO do povoado. A visibilidade dentro do território de 15 minutos é limitada estando orientada a NE, já na linha dos 30 minutos, abrangendo tanto a zona a NO, como a NE e um pouco a E. Se avançarmos para o território de 30 minutos a N/NO observamos uma maior concentração de terrenos de boa aptidão agrícola, cruzando os terrenos acessíveis do povoado da Vela também na linha dos 30 minutos.

O povoado da Senhora do Socorro detém dentro da linha de 15 minutos o acesso a um dos principais rios e dentro do território de 30 minutos encontramos várias linhas de água. Isto conjuga-se com os terrenos de maior aptidão que se apresentam no sentido N/E e S e a visibilidade também está orientada neste sentido. Mas focamos a atenção na zona entre N e E onde se localiza a linha de água e é também sobre este espaço que o povoado tem também visibilidade sobre a mesma. Através do perfil topográfico verificamos que a N a pendente é abrupta, mas NE/E é suave. Se avançarmos para a o território de 30 minutos o padrão mantém-se, apesar de que entre S e SE existirem terrenos de aptidão moderada e elevada sobre os quais passa uma extensa linha de água. Difere o facto de o povoado não apresentar visibilidade sobre este espaço. O povoado da Senhora do Socorro partilha o território de 30 minutos com a Citânia de Sanfins no sentido O/SO.

O Castro da Vila partilha a linha de 15 minutos com o povoado de S. Bráz e o território de 30 minutos com o Castro do Busto. Dentro da linha de 15 minutos detém acesso às principais linhas de água. Também dentro da linha dos 15 minutos no sentido NE/SE observam-se os terrenos de aptidão elevada a moderada e é precisamente nesse área onde se encontram as linhas de água, sendo uma zona visualmente abrangida pelo povoado. Através do perfil topográfico confirmamos que a pendente mais suave dispõe-se no sentido E.

O povoado de S. Bráz detém dentro do território de 15 minutos uma grande área de terreno de aptidão moderada a elevada, isto no sentido E/S e S/O. É também nessa zona que se implantam os dois rios principais do território. A visibilidade é parcial sobre esses

terrenos. Ao analisarmos o perfil topográfico percebemos que as zonas de melhor acesso ao povoado partem de S e E, sendo precisamente nessa zona que se localizam os melhores terrenos agrícolas.

O povoado de São Domingos apresenta dentro do território de 15 minutos zonas de aptidão moderada e elevada bem como dois rios principais. Através do perfil topográfico observamos que a acessibilidade possivelmente se faria a partir do eixo N/E. Dentro do território dos 30 minutos situam-se terrenos com aptidão moderada a elevada e uma maior quantidade e extensão de linhas de água, sendo observável que a visibilidade, apesar de limitada está orientada para o território de 30 minutos para S e também para SE.

Passando ao Castro do Monte Padrão verificamos a existência de terrenos com aptidão moderada a elevada, na linha dos 15 minutos, que são atravessados pelo rio Leça. Como já referido, o Monte Padrão partilha o território de 15 minutos com o povoado da Vela e o território de 30 minutos daquele povoado, o que nos leva a questionar sobre a forma como este espaço seria gerido. Ainda assim o povoado apresenta a NO/SO espaços com boa capacidade agrícola e bastantes linhas de água, sobre os quais detém uma boa visibilidade. O perfil topográfico indica-nos que o acesso seria mais fácil pela vertente S/O.

Para o povoado da Vela não temos muito a acrescentar, uma vez que já referimos que partilha muitas das variáveis abordadas para o Castro de Monte Padrão, importando referir que este não apresenta nenhum rio principal dentro do espaço de 15 minutos, ao contrário de todos os outros povoados. Mas no seu território de 30 minutos tem acesso ao rio Leça e a outras linhas de água. Quanto ao seu perfil observamos que a vertente N é bastante acentuada e o acesso mais fácil poderia ser feito pela vertente oeste.

Por fim, o povoado de Santa Margarida disporia de terrenos com aptidão elevada a 15 minutos, muito embora existam zonas com reduzida capacidade no mesmo raio de ação. Dentro da linha dos 30 minutos a situação mantém-se e é importante referir que esta linha é partilhada a S/SE com o povoado da Senhora do Socorro. No entanto a visibilidade é em leque e está orientada a N/O. O perfil S/O apresenta a N um declive acentuado, sendo que é a oeste que se verifica um declive suave propício ao acesso ao povoado.

Prosseguimos agora para a caracterização dos povoados implantados na Zona de litoral.

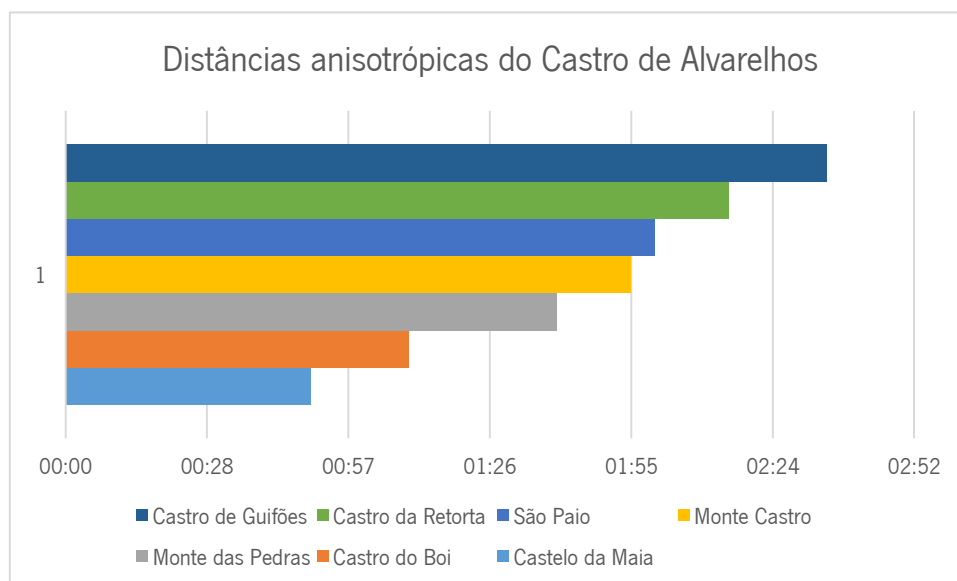


Figura 92 – Tabela de distâncias anisotrópicas do Castro do Alvarelhos aos restantes povoados.

De acordo com os dados apresentados na Parte II sobre as distâncias anisotrópicas no território litoral, observamos a posição central estratégica do Castro de Alvarelhos, uma vez que a partir deste é possível aceder em 2.15h à foz do rio Ave e em 2.30h à foz do rio Leça onde estão implantados os povoados da Retorta e o Castro de Guifões, respetivamente. O povoado de maior proximidade é o Castelo da Maia, alcançável a 50 minutos, estando possivelmente ambos articulados com a via romana XVI, que passaria nas imediações do Castelo da Maia e seguiria para norte, passando nas imediações do Castro de Alvarelhos. Outro aspeto interessante é o facto de o Castro de Alvarelhos se encontrar a cerca de 2 horas da costa, beneficiando possivelmente desse contacto.

A conjugação dos diversos fatores permite observar que as condições naturais do Castro de Guifões facilitam o acesso ao povoado pela vertente N, onde passa o rio Leça e pelo mesmo motivo a oeste. Observamos que uma parte considerável do rio está integrado no território dos 15 minutos do povoado, sobre o qual existe uma boa visibilidade. Não nos é possível caracterizar a aptidão dos solos, mas atualmente é visível em campo que a zona relativamente plana observada nas imediações do rio está dedicada à agricultura.

Prosseguimos para o povoado do Monte das Pedras sobre o qual também não dispomos de informação relativa à aptidão do solo, sendo apenas possível apontar que um troço do rio Leça é acessível na linha dos 15 minutos e uma zona ainda mais abrangente do rio é alcançável a 30 minutos, sendo boa a visibilidade sobre o mesmo.

O Castelo da Maia encontra-se implantado numa zona de aptidão dos solos elevada tanto a uma distância de 15, como de 30 minutos, possuindo também acesso a vários rios principais. É um povoado difícil de caracterizar em termos de acessibilidade pois atualmente encontra-se numa zona bastante alterada e urbanizada. A visibilidade apresenta-se fragmentada a NO/SE.

O Castro de Alvarelos, como já referido, apresenta-se numa posição de destaque, apesar de estar implantado numa zona sem aptidão, ou com aptidão moderada, detendo ainda num raio de ação de 15 minutos solos de elevada aptidão e, a 30 minutos, acesso a solos com aptidão moderada sobre os quais apresenta boa visibilidade. É precisamente nesse espaço que se situa o território com melhor qualidade que se encontra a maior extensão dos rios principais.

O Castro do Boi encontra-se numa zona onde abundam solos de aptidão moderada, num raio de ação 30 minutos no sentido N/E. A visibilidade cobre parte do território acessível em 15 minutos, estando orientada principalmente a N-O, mas não se encontra articulada com solos de elevada aptidão.

O Castro da Retorta apresenta um cenário semelhante ao do Castro de Guifões, pois como já referido está implantado sobre o rio Ave. Detém uma boa acessibilidade a solos de elevada e moderada capacidade, tanto no território de 15 minutos como no de 30 minutos. A sua visibilidade está orientada ao rio Ave e aos terrenos adjacentes. Em relação à acessibilidade apresenta uma pendente suave a norte, face à proximidade ao rio.

O Monte Castro localiza-se relativamente próximo da costa, situando-se na proximidade de terrenos de aptidão agrícola moderada dentro, acessíveis entre 15 a 30 minutos. A sua visibilidade é reduzida e incide sobre o terreno imediato. A acessibilidade é mais fácil pela vertente oeste, possivelmente pela sua proximidade à costa.

O povoado de São Paio encontra-se na costa, nas imediações do mar. A cerca de 15 minutos situam-se terrenos com aptidão agrícola moderada e a sua visibilidade apesar de incidir sobre esta zona é fragmentária.

Relativamente à ocupação romana cabe destacar que 6% dos povoados da Idade do Ferro foram descontinuados, não tendo sido romanizados, o que ocorre com o povoado de São Paio no litoral e com os povoados da Vela e Castro da Vila no interior. Verificamos também que 29% dos povoados manteve ocupação durante o período romano, o que se traduz num total de 14 povoados. No entanto, a paisagem da época romana é dominada por novas formas de ocupação

desde aglomerados abertos, tipo *vici*, a casas e *villae* que ocuparam predominantemente as zonas dos vales.

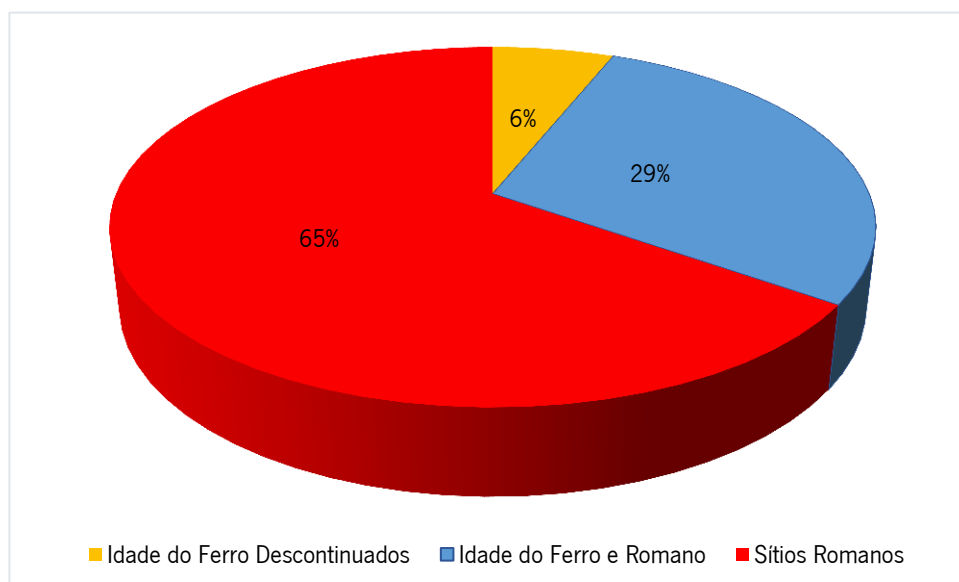


Figura 93 – Gráfico representativo da descontinuidade e continuidade dos povoados da Idade do Ferro durante o período romano e o surgimento de novos locais romanos.

A partir dos inícios do século I da nossa Era devem ter começado a surgir novos locais de ocupação de diferente tipologia, que perfazem um total de 32 sítios, de difícil classificação que corresponde a cerca de 65% dos sítios ocupados na época romana no território estudado. Constatamos igualmente que existe uma diferença na forma de ocupar o espaço, sendo que os sítios do período romano optam por se instalar em altitudes menores, nas imediações dos rios e alguns detiveram como critério a proximidade às vias romanas. Não deixa de ser curioso verificar que a mancha de espaço existente entre o litoral e a zona interior onde não se observava a existência de povoados da Idade do Ferro continua sem ocupação durante o período romano. É certo que isto pode estar articulado com a simples ausência de dados ou pode também ser reflexo de um padrão de implantação dos sítios. No entanto, a explicação pode relacionar-se com a natureza dos terrenos, constituídos por leptossolos formados por terrenos quartzo-xistosos, característica que se traduz numa menor capacidade do solo para agricultura. Como tal, seria um espaço de terreno baldio entre as comunidades de Alvarelhos e Monte Padrão podendo ter funcionado como fronteira entre os territórios dos dois povoados (Pinho, 2009: 58).

Quando analisamos o nível de estudo concretizado para a zona em análise a partir da bibliografia percebemos uma clara preferência pelo estudo da Citânia de Sanfins e do Castro de Monte Padrão, dois sítios com uma longa tradição de investigação e com várias intervenções arqueológicas que puseram a descoberto numerosas estruturas. Na zona de litoral os dados disponíveis já se apresentam mais dispersos, existindo informação sobre o Castro de Alvarelhos, o Castro do Boi, Castro da Retorta e o Castro de São Paio. Quando analisamos as citações feitas aos sítios o padrão apresenta-se de forma semelhante. E quando analisamos os temas de estudo percebemos que a maioria se integra em temáticas relativas ao povoamento, sendo poucos os estudos que incidem sobre os sítios e ainda menos os que se referem aos materiais neles recolhidos.

Após a análise de todos os povoados e conjugando todos os fatores locais acreditamos poder tecer algumas considerações gerais sobre a ocupação da nossa área de estudo.

Observamos a uma escala macro a clara distinção organizacional do território entre o rio Ave e o rio Leça, existindo dois conjuntos de povoados agrupados na zona litoral e na zona interior, apesar de existir uma articulação entre a zona litoral e interior, pois os povoados costeiros deveriam ter funcionado como intermediários nas relações comerciais entre a fachada atlântica e o Mediterrâneo, assegurando a distribuição dos produtos que circulavam entre essas regiões entre as comunidades do interior. No entanto, não dispomos atualmente de dados suficientes para analisar o território nessa perspetiva. Apenas temos referência a uma possível rota comercial de ouro entre a mina de Lagoa Negra (Póvoa de Varzim), passando por S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim), Penices, Facho, S. Miguel-o-Anjo (Vila Nova de Famalicão), Torre Alta e Padrão (Santo Tirso) sendo o último ponto a Citânia de Sanfins. Mas para podermos considerar este tipo de informação necessitam de ser feitos estudos mais aprofundados, articulando a cultura material ao estudo da paisagem.

Passando para a análise semi-micro, de acordo com os dados apresentados, consideramos que na 'Zona montanhosa interior' que em termos locais há dois povoados que se apresentam proeminentes: a Citânia de Sanfins e o Castro do Busto. A dificuldade em podermos assumir a centralidade da Citânia de Sanfins e do Castro do Busto está nas características formais de cada um deles. De facto, conhecemos bem a estrutura da Citânia de Sanfins, um povoado que detém pelo menos 15 ha, que foram habitados durante a Idade do Ferro e no período romano. E a sua centralidade e imponência não passou despercebida ao longo do

tempo, como acontece com alguns destes povoados ao verificarmos a implantação de uma necrópole e uma capela durante a Baixa Idade Média na zona da acrópole. Pelo contrário, no Castro do Busto apenas se conhece uma estrutura defensiva composta por muralha e talude em terra. Atestamos através do mapa de isotrópicas e anisotrópicas, bem como através do mapa das visibilidades a 15 km que há um domínio espacial e visual da Citânia de Sanfins sobre o território envolvente. Dentro da área abrangida visualmente a partir do povoado encontramos oito povoados que apresentam características locais semelhantes: implantação em altitudes elevadas, acessibilidade a solos de aptidão elevada a moderada a uma distância de 15 e 30 minutos, presença dos principais rios a um alcance de 15 minutos e visibilidade possivelmente orientada às zonas de exploração agrícola. Destacamos deste conjunto o Castro do Monte Padrão pois, apesar de não ocupar uma posição central no território face aos outros povoados, dispõe também de um certo controlo territorial pela sua proximidade ao rio Ave e à nascente do rio Leça, pela sua proximidade à via romana *Cale-Vimaranis* e pela sua visibilidade que apesar de não ser tão ampla como a da Citânia de Sanfins, apresenta um bom controlo sobre o território a oeste, abarcando ambos os rios, num raio de ação de 15 km. Ou seja, de certa forma este povoado acaba por controlar um espaço não dominado pela Citânia de Sanfins, pelo que poderiam funcionar de forma complementar.

Para a 'Zona litoral' destacamos o Castro de Alvarelhos, pela sua centralidade face aos sete povoados que coexistem nas suas imediações. A partir deste povoado podemos alcançar tanto o rio Ave como o rio Leça, a cerca de 2.30h, sendo interessante essa equidistância, possivelmente estratégica, uma vez que este é o único povoado que se implanta numa zona com solos sem aptidão, ou com aptidão moderada, o que poderá reforçar a ideia de que a sua implantação não teve como principal critério a exploração agrícola. Como sabemos é um povoado que deteve um grande desenvolvimento durante o período romano, beneficiando do facto de se encontrar próximo da via romana XVI. Destacamos também o Castro da Retorta pela sua posição estratégica nas imediações do rio Ave, podendo ter funcionado como zona de controlo ao tráfego fluvial. O mesmo poderíamos dizer do Castro de Guifões, junto ao rio Leça, que poderia ser um posto não só de controlo, mas também de contacto de trocas comerciais. Relativamente aos restantes povoados gostaríamos de apontar que estes estariam possivelmente vocacionados para um sistema agropecuário, aproveitando a qualidade dos solos e a proximidade em relação à costa para valorizar estes dois recursos. Ainda assim consideramos o caso do Castro de São Paio

particular, uma vez que se localiza mesmo nas imediações do mar, podendo eventualmente deter uma funcionalidade vocacionada apenas para a exploração de recursos marinhos.

Com a ocupação romana apercebemo-nos que as dinâmicas ocupacionais do espaço se alteraram havendo uma procura pela implantação em baixas altitudes, junto a linhas de água e valorizando também a proximidade das principais vias romanas.

1.3 Aplicação de análises geoespaciais

Como já referido anteriormente, para a concretização deste estudo utilizamos um conjunto de ferramentas que conjugadas nos permitiram obter os dados acima apresentados, tendo-se utilizado a Arqueologia da Paisagem como estratégia de investigação e os SIG como ferramenta de análise (Fábrega-Álvarez, 2004: 9).

A primeira etapa deste processo correspondeu como previsto ao levantamento de informação de diversa natureza, bibliográfica, cartográfica e fotográfica. Acreditamos que não será apenas nossa impressão de que esta parte do processo é bastante morosa e nem sempre fácil, dada à heterogeneidade e dispersão dos dados. Desta forma, deparámo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente quanto ao cruzamento da informação bibliográfica com a informação presente no Portal do Arqueólogo e na página da DGPC. Encontramos referências bibliográficas de sítios não disponíveis no Portal do Arqueólogo e vice-versa, sendo muitas vezes a informação do Portal insuficiente para caracterizar os sítios. Todas estas situações de certa forma condicionam o trabalho de um investigador, não apenas pelo tempo despendido na procura e verificação de dados, mas pela perda de informação. Estas questões levaram-nos a considerar a forma de armazenamento e informação de dados, tendo-se optado, no nosso caso, pela base de dados 2ArchIS (Sistema de Informação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho). Acreditamos essencial a utilização de um sistema homogéneo, aberto e complementar que possa tanto ser armazenador de dados, mas permita também a sua pesquisa e disseminação.

Esta questão remete-nos para uma outra decorrente da necessidade de perceber em que medida os sítios arqueológicos foram inventariados, estudados, citados. Então dentro da base de dados foi criado um campo de 'Documentação', como suprarreferido na metodologia enunciada na Parte I, no qual integramos toda a bibliografia encontrada e utilizada, associando-a aos

respetivos sítios referidos. Ora isto permitiu-nos mapear a informação existente sobre os sítios de forma a visualizar claramente o tipo e temáticas de estudo concretizados. Esta ferramenta torna-se extremamente útil pois permite identificar padrões e lacunas na investigação feita até ao momento, viabilizando o planeamento e organização estratégica de futuros estudos e intervenções sobre a área em estudo, possibilitando, por outro lado, a partilha dessa informação com a comunidade. Outra vantagem é a capacidade e o nível de detalhe que poderemos obter no futuro. Podemos perspetivar de forma geral e, a título de exemplo, a quantidade e tipo de estudos realizados sobre a Idade do Ferro, tal como podemos também avaliar uma região, ou um sítio arqueológico e estabelecer camadas de tipos de estudos² e intervenções.

Refletindo um pouco sobre as análises geoespaciais consideramos que estas aportam informação pertinente não só pela abordagem que nos permitem concretizar, mas também pela possibilidade de articulação dos dados obtidos com os dados arqueológicos, tendo sido um elemento fundamental para este estudo. Os SIG, utilizados já com frequência na arqueologia, não são uma forma de reprodução da realidade, mas sim um sistema de representação da mesma (Parcero-Oubiña e Fábrega-Álvarez, 2006: 76).

Por fim, cremos que as análises locais concretizadas permitiram, umas mais que outras, integrar informação relevante no estudo. As análises que consideramos mais interessantes e que mais informação nos trouxeram foram o cálculo das linhas anisotrópicas e do *Least Cost Path*. A primeira análise permitiu-nos perceber as relações espaço-temporais existentes entre os povoados e os recursos e a segunda análise permitiu-nos apresentar um caminho hipotético de comunicação entre dois povoados de longa ocupação. As análises de visibilidade são também interessantes na medida em que nos permitem perceber se esta foi ou não um critério decisivo na escolha do local de implantação. Ficou por realizar uma análise do espaço produtivo em consequência de ausência de informação.

² Por exemplo dentro do estudo de materiais podemos perceber quais os materiais estudados sobre o sítio e quais as carências nesse sentido. E o mesmo se pode aplicar a uma infinidade de aspetos.

2 Questão Patrimonial

Ao visitarmos os sítios arqueológicos para a confirmação e complementação da informação recolhida, deparamo-nos essencialmente com dois problemas: a inacessibilidade ao sítio face à inexistência de intervenção sobre o mesmo e o mau estado de conservação de alguns dos locais. Assim sendo consideramos mapear neste estudo o património da Idade do Ferro classificado, o estado de conservação dos sítios segundo o Portal do Arqueólogo e o tipo de intervenções concretizadas sobre os mesmos.

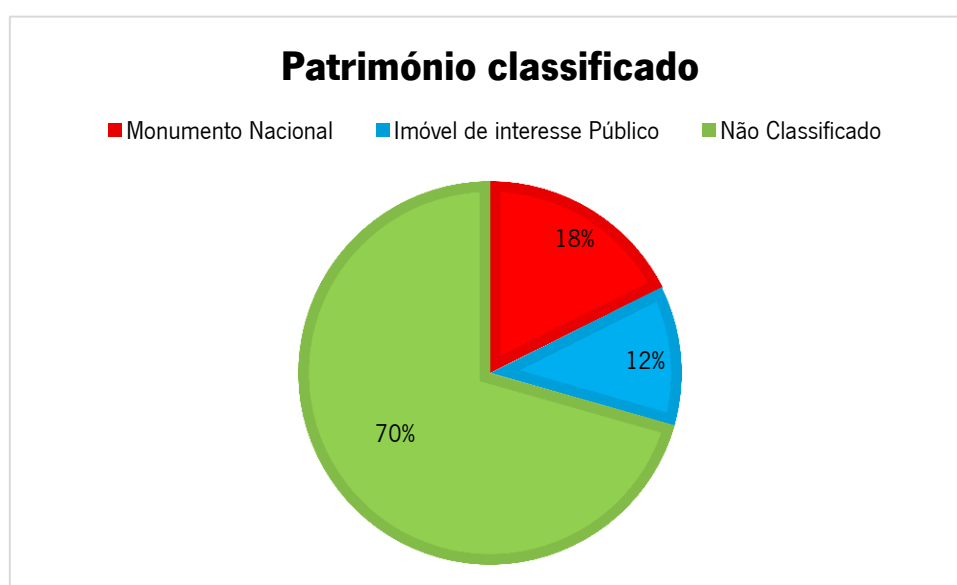


Figura 94 – Gráfico representativo da classificação dos sítios da zona em estudo.

Analisando a figura 94 podemos perceber que 12% dos sítios se encontra classificado como 'Imóvel de Interesse Público' o que corresponde apenas a dois sítios, nomeadamente, o Castro de Santa Margarida e o Castro de Guifões. De seguida notamos que 18% dos sítios se encontra classificado como 'Monumento Nacional', correspondendo a três dos dezassete sítios em estudo, sendo estes a Citânia de Sanfins, Castro do Monte Padrão e Castro de Alvarelos. E por fim, percebemos que 70% dos sítios não tem qualquer tipo de classificação, o que corresponde a um total de 11 sítios arqueológicos. Agora cruzando esta informação com o estado de conservação dos mesmos constatamos que a situação se apresenta de facto preocupante.

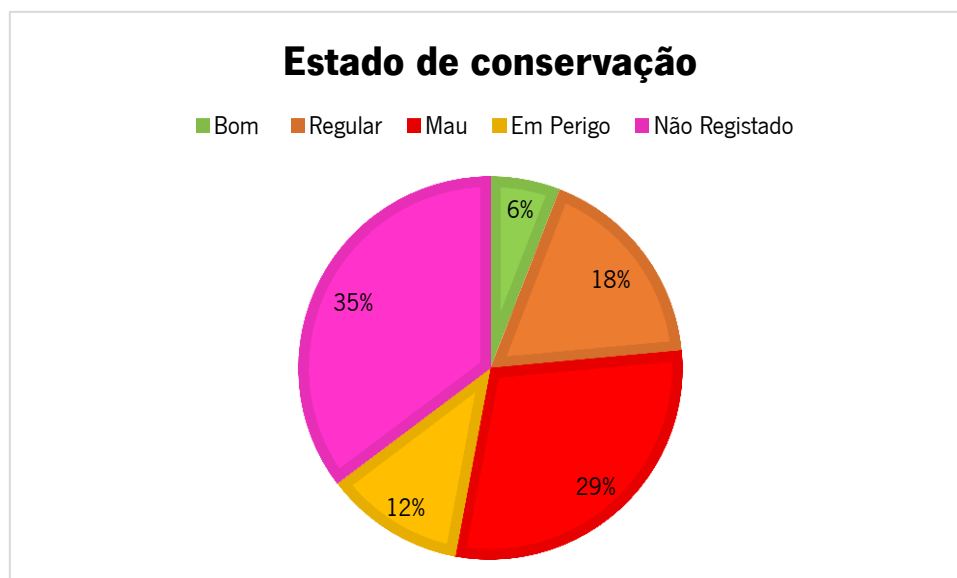


Figura 95 – Gráfico representativo do estado de conservação sítios da zona em estudo.

Apenas 6% dos povoados apresenta-se em ‘Bom’ estado de conservação, o que, na realidade, corresponde apenas a um sítio arqueológico, o Castro de São Paio. Seguem-se os sítios com estado de conservação ‘Regular’, correspondendo a 18%, o que se traduz em três sítios apenas, sendo eles o Castro de Alvarelhos, o Castro do Monte Padrão e a Citânia de Sanfins. Note-se que estes três sítios estão classificados como ‘Monumento Nacional’ havendo um conjunto de obrigações impostas com essa classificação que não se espelham no estado atual dos sítios. Prosseguimos para os sítios que se encontram ‘Em Perigo’, correspondendo a 12%, sendo eles o Castro de Guifões e o Castro da Retorta. Aqui recordamos que o Castro de Guifões está classificado como ‘Imóvel de Interesse Público’. Observamos que 29% dos povoados se apresenta em ‘Mau’ estado de conservação o que corresponde a um total de cinco sítios, sendo eles o Castro do Boi, o Castro da Vila, o Castro do Busto, o povoado de São Domingos e o povoado de Senhora do Socorro. Por fim, 35% dos sítios não regista qualquer nota sobre o seu estado de conservação, o que representa um total de seis dos dezassete sítios em estudo.

Relativamente às intervenções concretizadas sobre os sítios concluímos 76% correspondem a escavações, 7% são ações de realocização/identificação, 4% corresponde a prospeção, outros 4% a levantamentos e também 4% foram sondagens. Verificamos que 3% foram acompanhamentos e por fim 1% traduz-se em trabalhos de emergência e outros 1% trabalhos de conservação e restauro (ver Figura 96). A grande maioria das intervenções foram

realizadas na Citânia de Sanfins (27), no Castro do Monte Padrão (19), Castro de Alvarelhos (9) e Castro de São Paio (6).

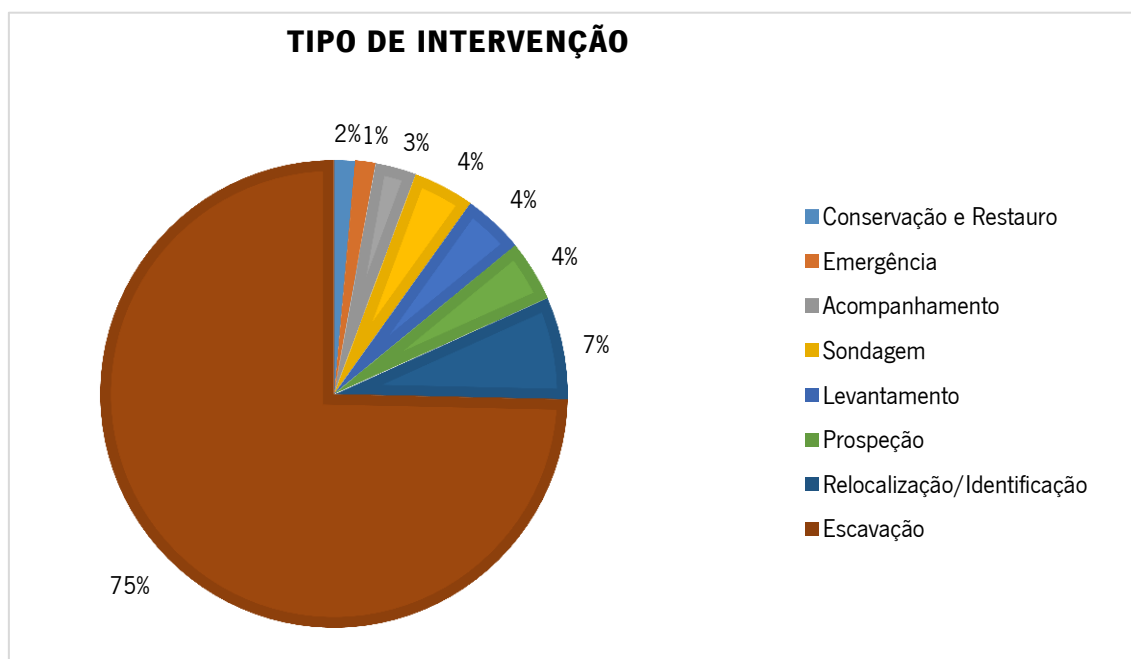


Figura 96 – Gráfico representativo do tipo de intervenções realizadas sobre os sítios.

Posto isto, acreditamos que podemos recorrer à Arqueologia da Paisagem como ferramenta de gestão patrimonial. Neste sentido penso que dispomos das bases para a estruturação de uma estratégia de ação sobre o território, apoiada no modelo preditivo estruturado neste trabalho e também nos dados obtidos sobre o estado atual dos sítios e o tipo de intervenção efetuada sobre cada um deles. No futuro tencionamos aplicar esta análise à ocupação romana do território.

3 Conclusões e bases para a investigação futura

Durante a execução do presente trabalho foram surgindo novas questões e novos modos de continuar a desenvolver este tema, mas face à limitação de tempo imposta e ao formato de trabalho optámos por estruturar um ponto onde introduzimos as bases para a continuação da investigação deste trabalho.

Consideramos pertinente o modelo de análise implementado, mas é um facto que este depende da existência de dados. Assim admitimos que o trabalho foi condicionado aos dados existentes e de fácil acesso, como já referido e apresentado no ponto 1.1 e 1.3 da presente

Parte I. De forma a combater esta situação propomos a continuidade da recolha de informação bibliográfica existente de forma exaustiva, frisando mais uma vez que há bibliografia antiga difícil de aceder ou encontrar. Por estes e por outros motivos defendemos um sistema partilhado de informação de forma a facilitar o trabalho do investigador. Acreditamos que é necessário continuar a mapear a informação de forma a permitir no futuro a planificação de estudos e intervenções.

O modelo estruturado teve por objetivo uma análise macro e semi-micro da paisagem, o que é de facto fundamental para a compreensão dos particularismos regionais existentes na paisagem da Idade do Ferro e das alterações provocadas com a romanização. Ainda assim consideramos que devemos no futuro aprofundar o trabalho concretizando a um nível micro espacial, determinando as relações espacialmente existentes dentro de cada sítio de modo a caracterizar o quotidiano das comunidades. Para a concretização desta análise surge-nos logo um primeiro entrave, a necessidade de intervenções arqueológicas sobre os sítios, dos quais não temos perceção da estrutura interna ou dados que nos permitam conhecer a sua cronologia e a evolução do espaço interno no tempo. Ou poderemos também propor a estruturação de uma nova metodologia não invasiva que nos permita obter mais dados para fomentar esta nova perspetiva de análise, como é o caso da prospeção intensiva, utilização de drone, para recolha de imagens aéreas e LiDAR. É certo que nem todos estes métodos são eficazes dependendo muito do estado de cada sítio e por consequência são métodos para os quais é necessário investimento financeiro muitas vezes inexistente. Este tipo de análise seria bastante importante, uma vez que ao observarmos diferentes modelos de organização formal dos povoados podemos intuir diferenças sociais, políticas e ideológicas de cariz local e regional.

Propomos que seja continuada a aplicação dos SIG procurando novas análises e novas linhas de trabalho que se enquadrem com os estudos que pretendemos executar. Esta ferramenta é sem dúvida fundamental no estudo da paisagem porque se apresenta como a representação que mais se poderá aproximar à realidade e com a qual podemos trabalhar estabelecendo modelos hipotéticos da paisagem deste período.

Posto isto, acreditamos que o presente trabalho é apenas o início de um estudo mais aprofundado e amplo sobre as comunidades que habitaram e transformaram o território de entre o Ave e Leça durante a Idade do Ferro e sob domínio romano. E esperamos poder começar a aplicar a Arqueologia da Paisagem como uma estratégia de gestão patrimonial.

Considerações finais

O estudo da paisagem na Idade do Ferro e da romanização no Norte de Portugal apresenta-se como uma linha de investigação ainda muito embrionária, devido à diversidade das temáticas que pode contemplar, desde as formas de organização territorial, ao quotidiano das populações, aos processos de mudança, aculturação e identidade, mas também pelas lacunas existentes no registo arqueológico, que nos dificultam a compreensão deste complexo período.

A principal contribuição desta dissertação prende-se com a aplicação das metodologias da Arqueologia da Paisagem, como marco teórico e conceptual, em articulação com as ferramentas geoespaciais, usadas como instrumento que proporciona uma nova forma de perspetivar e analisar o território, até agora objeto de estudos de povoamento centrados nos grandes povoados de longa ocupação. Acreditamos que os estudos regionais possibilitam uma leitura particular das diversidades do território e dos seus micro contextos ocupacionais presentes na paisagem.

O trabalho desenvolvido permitiu elaborar uma proposta de análise progressista e em certo momento arriscada, pelo carácter fragmentário e lacunar dos dados referentes aos sítios arqueológicos, mas também a levantamentos de fotografia aérea e LIDAR, ou a dados de natureza ambiental que permitam recriar as paisagens do passado.

Estabelecemos como objetivo a compreensão das dinâmicas de ocupação do território entre a Idade do Ferro e a romanização, tomando como ponto de partida a Citânia de Sanfins, para caraterizar o território envolvente do povoado, procurando descortinar as possíveis relações entre a Citânia de Sanfins e os restantes povoados, bem como a sua relação com os recursos e o restante território.

O estudo incidiu sobre a área entre o rio Ave e o rio Leça tendo como limite a oeste a zona costeira e a este a zona de montanha do concelho de Paços de Ferreira. No total contabilizámos dezassete povoados da Idade do Ferro, dos quais apenas três não mantiveram ocupação durante o período romano. No restante grupo estão integrados quatro povoados com uma longa ocupação, sendo estes o Castro de Guifões, Castro de Alvarelhos, Castro do Monte Padrão e Citânia de Sanfins.

Através das análises geoespaciais conseguimos identificar dois núcleos de povoamento diferenciados entre a área litoral e a zona de interior montanhosa que parecem definir dois padrões de ocupação. Um deles caracteriza-se pela implantação dos povoados em zonas altas, possivelmente articulada com necessidades defensivas e de demarcação territorial. O outro,

caracteriza-se pela sua disposição em leque na zona litoral, favorecendo claramente a orientação para o mar e para as vias de comunicação N/S. A nível semi-micro observamos na zona litoral a centralidade do Castro de Alvarelhos essencialmente por dois motivos: pelo facto de estar implantado quase de forma equidistante às vertentes tanto do rio Ave como do rio Leça e aos povoados que aí se implantam e controlam os tráfegos dos rios e pelo facto de se situar num terreno sem aptidão agrícola, o que poderá indicar que a intenção principal da implantação naquele espaço não terá estado diretamente articulada com a exploração agrícola. Já na zona de interior destacamos a centralidade da Citânia de Sanfins face aos restantes povoados, mas também do Castro do Busto, beneficiando de características de implantação semelhantes às da Citânia de Sanfins. Também nesta zona observamos que o Monte Padrão se encontra implantado num local estratégico, tendo no seu território envolvente, a uma distância de 15 minutos acesso ao rio Leça, dominando visualmente a metade oeste do território que não é alcançável visualmente pela Citânia de Sanfins, a uma distância de 15 km.

Efetuámos uma análise comparativa da implantação dos povoados da Idade do Ferro e a localização dos novos sítios habitacionais do período romano, tendo-se constatado que o padrão de povoamento é distinto, uma vez que a lógica de ocupação e exploração do território no período romano apresenta uma matriz diferente daquela que conformava as lógicas e práticas características da Proto-História. Isto porque através da análise que realizámos verificamos a preferência pela implantação dos novos sítios romanos em zonas de menor altitude, com proximidade em relação aos principais rios e às vias romanas. Em três situações a localização de novos sítios romanos situa-se nas imediações de povoados da Idade do Ferro que permaneceram ocupados durante o período romano.

Como parte integrante deste trabalho dedicamos um ponto à nova abordagem que realizámos sobre a bibliografia disponível, dados de classificação e intervenção sobre os sítios que são de grande valor para estabelecer um programa de trabalho face ao futuro. Optámos por mapear a produção bibliográfica produzida sobre a zona em estudo por categorias, neste caso se é inventário, estudo ou citação e por tema como povoamento, sítio e materiais. Percebemos que a maioria dos estudos incidem sobre a Citânia de Sanfins, Castro de Monte Padrão, Castro de Alvarelhos e alguns sobre o Castro de São Paio. Em relação às temáticas é claro o predomínio dos estudos gerais de povoamento face aos estudos monográficos de sítios, que recaem predominantemente sobre a Citânia de Sanfins, ou aos estudos de materiais, sendo

igualmente claro que a maioria dos estudos de materiais foram produzidos na década de 50 do século passado, existindo apenas um trabalho produzido na década de 80.

Por fim optámos por mapear informação relativa à classificação dos povoados, estado de conservação e tipo de intervenção realizada, uma vez que ao visitar os sítios percebemos que a maioria não apresenta as melhores condições e alguns dos locais encontravam-se quase inacessíveis. De um total de dezassete povoados, dois estão classificados como Imóvel de Interesse Público, três como Monumento Nacional e os restantes onze não possuem qualquer classificação conhecida. Quanto ao estado de conservação o Castro de São Paio, cabe registar que é o único que se apresenta como em ‘Bom’ estado, existindo três sítios com um ‘Regular’, estado de conservação, registando-se dois em ‘Perigo’, nomeadamente o Castro de Guifões e o Castro da Retorta e cinco em ‘Mau’ estado. Os restantes seis povoados não registam qualquer nota sobre o seu estado de conservação. Quanto ao tipo de intervenção de que foram objeto percebemos que a grande parte corresponde a escavações. Posto isto, consideramos preocupante o estado dos sítios e acreditamos que através destes dados e recorrendo à Arqueologia da Paisagem como ferramenta de gestão patrimonial passamos a dispor de bases para a estruturação de uma estratégia de intervenção sobre o território.

Em jeito de conclusão acreditamos que a paisagem foi o palco das ações quotidianas das comunidades da Idade do Ferro e período Romano, que moldaram o espaço de acordo com as suas necessidades, construindo um território social, económico, político e simbólico que importa compreender de forma aprofundada através de estudos regionais. As transformações e construções estratificaram-se e podem ser identificadas na paisagem através da sua desconstrução, a qual, aliada às análises geoespaciais, pode permitir a construção de modelo interpretativos e preditivos.

Acreditamos que com este estudo construímos as bases para dar continuidade a uma linha de investigação mais aprofundada sobre o território e as paisagens da Idade do Ferro e da Romanização entre Ave e Leça. Destacamos por fim o papel fundamental que a Arqueologia da Paisagem poderá ter como ferramenta de gestão sobre o património que se apresenta na maioria dos casos muito fragilizado, carecendo de ser protegido, conservado e valorizado de forma a servir o conhecimento e a preservação da memória.

Bibliografia

-
- Almagro Gorbea, M. (1993). Segrobriga: cabeza de la celtiberia, *Revista de arqueología*, nº 145: pp. 18-35.
- Almagro Gorbea, M. (1994). El urbanismo en la Hispania Céltica: castros y oppida en la Península Ibérica, In Almagro-Gorbea, M. e Martin Bravo, A. (eds.), *Castros y oppida en Extremadura*, Madrid: Editorial Complutense: pp. 13-75.
- Almagro Gorbea, M. (2017). "Oppida" célticos y ciudades mediterráneas, *Desperta Ferro. Arqueología e História*, nº 15: pp. 38-42.
- Almeida, C. A. B. (1990). Proto-história e romanização da bacia inferior do Lima, *Estudos Regionais*, número especial 7-8, Viana do Castelo, Centro de Estudos Regionais.
- Almeida, C. A. B. (1996). *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*, Tese de doutoramento policopiada, Faculdade de Letras do Porto, Universidade do Porto, Porto.
- Almeida, C. A. F. (1973-1974). Influências meridionais na cultura castreja, *Revista da Faculdade de Letras*, vol. 04-05 (1), Porto: pp. 197-211.
- Almeida, C. A. F. e Acuña Castroviejo, F. (1996/1997). A cultura castreja – ontem e hoje, *Portugália*, vol.17-18, Porto: pp. 97-99.
- Álvarez-González, Y., López González, L., Fernández-Götz, M., García Quintela, M. (2017). El oppidum de San Cibrán de Las y el papel de la religión en los procesos de centralización en la Edad del Hierro, *CuPAUAM*, 43, Madrid: pp. 217–239.
- Anschuetz, K., Wilshusen, R., Scheick, C. (2001). An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions, *Journal of Archaeological Research*, Vol. 9 (2), Nova Iorque: pp.157-211.
- Arezes, A., e Varela, J. (2017). Castro de Guifões (Matosinhos) – das primeiras notícias os resultados preliminares de um projeto de investigação, *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa: pp. 125 – 136.
- Ayán Vila, X. (2012). *Casa, familia y comunidad en la edad del hierro del Noroeste*, Tese de doutoramento, Faculdade de Xeografia e Historia de la Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Berrocal-Rangel, L. (2004). La defensa de la comunidad: sobre las funciones emblemáticas de las murallas protohistóricas en la Península Ibérica, *Gladius*, XXIV: pp. 27-98.

- Berrocal-Rangel, L. (2008). Episodios de guerra en los poblados indígenas de Hispania Céltica: criterios para la identificación arqueológica de la conquista romana, *Saldvie: Estudios de prehistoria y arqueología*, nº 8: pp. 181-192.
- Bettencourt, A. (1999). *O Homem e a Paisagem no vale do Cávado entre II e o I milénio a.C.*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- Bettencourt, A. (2001). Considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro inicial no Noroeste Português, *Arqueologia*, 26: pp. 41-55.
- Blanco-Rotea, R. (2015). *Arquitectura y paisaje. Fortificaciones de frontera en el sur de Galicia e norte de Portugal*, Tese de doutoramento, Universidade do País Vasco.
- Blanco-Rotea, R., Costa-García, J., Fonte, J., Gonzálvez Álvarez, D., Menéndez Blanco, A., Gago Mariño, M., Álvarez Martínez, V. (2016). RomanArmy.eu: A multivocal research project on the Roman army presence in NW Iberia from the margins of Academia, *TEA*: pp. 72-76.
- Botica, N. (2017). Contributo do Sistema de Informação 2ArchIS para o conhecimento das cidades romanas de Braga e Lugo, In Dopico Caínzos, M. e Villanueva Acuña, M. (eds.), *In Roma nata, per Italiam fusa, in provincias manat. A cidade romana no noroeste: novas perspectivas*, Philtáte. Studia et acta antiquae Callaeciae, Vol. 2, Lugo, Servizo de Publicacións da Deputación de Lugo: pp. 387-397.
- Carvalho, H. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Convuentus Bracarensis*, Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.
- Carvalho, H. (2012). Marcadores da paisagem e intervenção cadastral no território próximo de Bracara Augusta (Hispania Citerior Tarraconensis), *Archivo Español de Arqueología*, 85: pp. 129-146.
- Carvalho, H. (2016a). Bracara Augusta e as transformações do território. Homogeneização e diversidade, in *Clausus est lanus. Augusto e a transformación do noroeste hispano*, Philtáte, 1, Lugo: pp. 285-305.
- Carvalho, H. (2016b). *The Roman Settlement Patterns in the Western Façade of the Conventus Bracarensis*, British Archaeological Reports (BAR International Series), 2789, Oxford.
- Cisneros Cunchillos, M., García Sanchez, J., Hernández Domínguez, I. (2011). Los Oppida del sector central de la cordillera Cantábrica: síntesis y nuevas investigaciones, *Palaeohispanica*, vol. 11: pp.61-83.

-
- Costa-García, J. (2015). Asentamientos militares romanos en el norte peninsular: aportes de la fotografía aérea histórica, la fotografía digital y el LiDAR aérea, *Férvedes*, 8: pp. 25-44.
- Currás Refojos, B. (2014). *Transformaciones sociales y territoriales en el Baixo Miño entre la Edad del Hierro y la integración en el imperio romano*, Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.
- Criado-Boado, F. (1991). Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje, *Boletín de antropología americana*, 24, Instituto Panamericano de Geografía e Historia: pp. 5-30.
- Criado-Boado, F. (1993a). Visibilidad e interpretación del registro arqueológico, *Trabajos de Prehistoria*, 50: pp. 39-65.
- Criado-Boado, F. (1993b) Límites y Posibilidades de la Arqueología del Paisaje, *SPAL, Revista de Prehistoria y Arqueología*, vol. 2: pp. 9-55.
- Criado-Boado, F. (1996). El futuro de la arqueología, ¿la arqueología del futuro?, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 53, nº 1: pp. 15-35.
- Criado-Boado, F. (1999). Del Terreno al Espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje, *CAPA (Cadernos de Arqueoloxía e Patrimonio)*, 6: pp. 1-90.
- Criado-Boado, F. (2015). Arqueológicas del espacio: aproximación a los modos de existencia de los “xscapes”, In Flores Blanco, L. (ed.), *Lugares, monumentos, ancestros. Por una Arqueología Andina del paisaje*: pp. 61-83.
- Criado-Boado, F. e Mañana-Borrazás, P. (2003). Arquitectura como materialización de un concepto. La espacialidad Megalítica, *Arqueología de la Arquitectura*, 2: pp. 103-111.
- Dinis, A. (1993). *O ordenamento do território do baixo Ave no 1º milénio a.C.*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras do Porto, Universidade do Porto, Porto.
- Dinis, M. (1971). O Castro do Capelo Vermelho: em codessos, Paços de Ferreira, In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, Ministério da Educação Nacional: pp. 287-291.
- Dinis, M. (1976). O Castro de S. Brás: Frazão, Paços de Ferreira, *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVI: pp. 217-222.
- Fábrega-Álvarez, P. (2004). Poblamiento y Territorio de la Cultura Castreña en la comarca de Ortegal, *CAPA (Cadernos de Arqueoloxía e Patrimonio)*, 19, pp. 1-82.

- Fábrega-Álvarez, P. (2005). Tiempo para el espacio. Poblamiento y territorio en la Edad del Hierro en la comarca de Ortegal (A Coruña, Galicia). *Complutum*, 16, pp. 125-148.
- Fábrega-Álvarez, P. (2016). Un alto en el camino. Notas acerca del uso de SIG en los análisis de movilidad en arqueología, In Mínguez García, M. (coord.), *Manual de Tecnologías de la Información Geográfica aplicadas a la Arqueología*, Comunidad de Madrid, Museo Arqueológico Regional: pp. 159-182.
- Fábrega-Álvarez, P. (2017). *Recorriendo y observando paisajes digitales: una aproximación al análisis arqueológico con Tecnologías de la Información Geográfica*, Tese de doutoramento, Universidade de Jäen.
- Fernández Götz, M. (2013). Una nueva mirada sobre los “oppida” de la Europa Templada, *Complutum*, vol. 24, nº 1: pp. 131-150.
- Fernández-Götz, M. (2014). *Identity and Power: The transformation of Iron Age societies in northeast Gaul*, Amsterdam Archaeological Studies 21, Amsterdam University Press, Amsterdam.
- Fernández-Götz, M. (2018). From Iron Age Oppida to Roman Cities: The Transformation of Cultural Landscapes in Europe (2nd century BC – 2nd century AD), In Fontes, L., Cruz, G., Alves, M. (orgs.), *Actas do Simpósio Internacional “Interações Culturais e Paisagens em mudança na Europa (séc. 2º a.C./ séc. 2º d.C.)*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga: pp. 22-39.
- Fonte, J. (2015). *Paisagens em mudança na transição entre a Idade do Ferro e época romana no alto Tâmega e Cávado*. Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela.
- Fontes, L. (2011). *Arqueologia, Povoamento e Construção de Paisagens Serranas. O Termo de Lindoso, na Serra Amarela*, Tese de doutoramento, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga.
- Fontes, L., Catalão, S., Alves, M. (2010). Arqueologia da Arquitetura em Contexto Urbano: reflexões a partir de três exemplos da cidade de Braga, Portugal, *Arqueología de la Arquitectura*, 7: pp. 105-128.
- Fontes, L., Alves, M., Osório, B., Guerreiro, M. (2015a). Povoamento e paisagens no Vale Superior do Rio Terva, Boticas: projecto de investigação plurianual em arqueologia

-
- (PoPaTERVA 2013-2016): trabalhos arqueológicos no povoado das Batocas: relatório 2013-2014.
- Fontes, L., Alves, M., Osório, B. (2015b). Povoamento e paisagens no Vale Superior do Rio Terva, Boticas: projecto de investigação plurianual em arqueologia (PoPaTERVA 2013-2016): trabalhos arqueológicos no Castro de Sapelos: relatório 2014.
- Fontes, L., Alves, M., Osório, B. (2017a). Projeto de investigação plurianual em arqueologia: Povoado de Batocas: relatório final 2015.
- Fontes, L., Osório, B., Alves, M., Guerreiro, M. (2017b). *Atlas da Arqueologia do Parque Arqueológico do Vale do Terva*, Boticas, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- García Sánchez, J. (2009). El Poblamiento y la explotación del paisaje en la Meseta Norte entre la Edad del Hierro y época romana altoimperial: una aproximación a través de la Arqueología Espacial. *Zephyrus*, 64: pp. 81-96.
- García Sánchez, J. (2013). Metodologías de prospección a escala regional y arte-factual en la comarca. La prospección del Ager Segisamonensis; comarca Odra-Pisuerga (Burgos), *Complutum*, Vol. 24 (1): pp.9-28.
- González Méndez, M., Prieto-Martínez, M. P., Parceros-Oubiña, C., Otero Vilariño, C. (2002). Pasado e futuro de Castrolandín (Cuntis): Unha proposta de recuperación e revaloración. *TAPA*, 29.
- González-Ruibal, A. (2006). Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.), *Brigantium*, vol. 18: pp. 5-678.
- Herzog, I. (2013). The potential and limits of optimal path analysis. In Bevan, A., Lake, M. (eds.), *Computational Approaches to Archaeological Spaces*, Routledge: pp. 179-211.
- Herzog, I. (2014). A review of case studies in archaeological least-cost analysis. *Archeologia e Calcolatori*, vol. 25: pp. 223-239.
- Herzog, I. e Posluschny, A. (2011). Tilt – Slope-dependent Least Cost Path Calculations Revisited, Proceeding of the 36th International Conference Budapest, April 2-6, 2008, *Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology (CAA)*, Budapest: pp. 236-242.
- Lemos, F. (1993). *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.

- Lemos, F. (2009) A cultura castreja no Minho. Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste peninsular, In Pereira, P. (coord), *Minho. Traços de Identidade*, Braga, Conselho Cultural da Universidade do Minho: pp.122-213.
- Maciel, T. (1997). *Padrões de povoamento proto-histórico no Vale do Neiva*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras do Porto, Universidade do Porto, Porto.
- Mañana-Borrazás, P. (2003). Arquitectura como percepción, *Arqueología de la Arquitectura*, 2: pp. 177-183.
- Mañana-Borrazás, P., Blanco-Rotea, R., Ayán Vila, X. (2002). Arqueotectura 1: bases teórico-metodológicas para uma Arqueologia de la Arquitetura, *TAPA (Traballos de Arqueoloxía e Patrimonio)*, 25: pp. 1-105.
- Martínez Cortizas, A. (1988). *Evaluación y cartografía de recursos edáficos. La comarca de Lalín*, Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Martínez Cortizas, A. (2011). What is natural: the role of palaeoenvironmental research in reconstructing the history of continental ecosystems, *Saguntum*, nº extra 11: pp. 55-56.
- Martins, C. (2008). *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*, Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, C. (2014). O enquadramento da investigação com as paisagens mineiras em Portugal. In Fontes, L, Martins, C. (Eds.) Simpósio Internacional "*Paisagens Mineiras Antigas na Europa Ocidental: Investigação e Valorização Cultural*", Boticas: pp. 16- 25.
- Martins, M. (1988). A Arqueologia dos Castros do Norte de Portugal: Balanço e Perspectivas de Investigações, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto: pp. 11-35.
- Martins, M. (1988a). O povoado fortificado do Lago, Amares, *Cadernos de Arqueologia*, Monografias 1, Universidade do Minho, Braga.
- Martins, M. (1990). O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado, Col. *Cadernos de Arqueologia*, Monografias, 5. Braga, Universidade do Minho.
- Martins, M. (1991). O povoado de Santo Ovídio (Fafe). Resultados dos trabalhos realizados entre 1980-1984, *Cadernos de Arqueologia-Monografias*, 6, Braga.

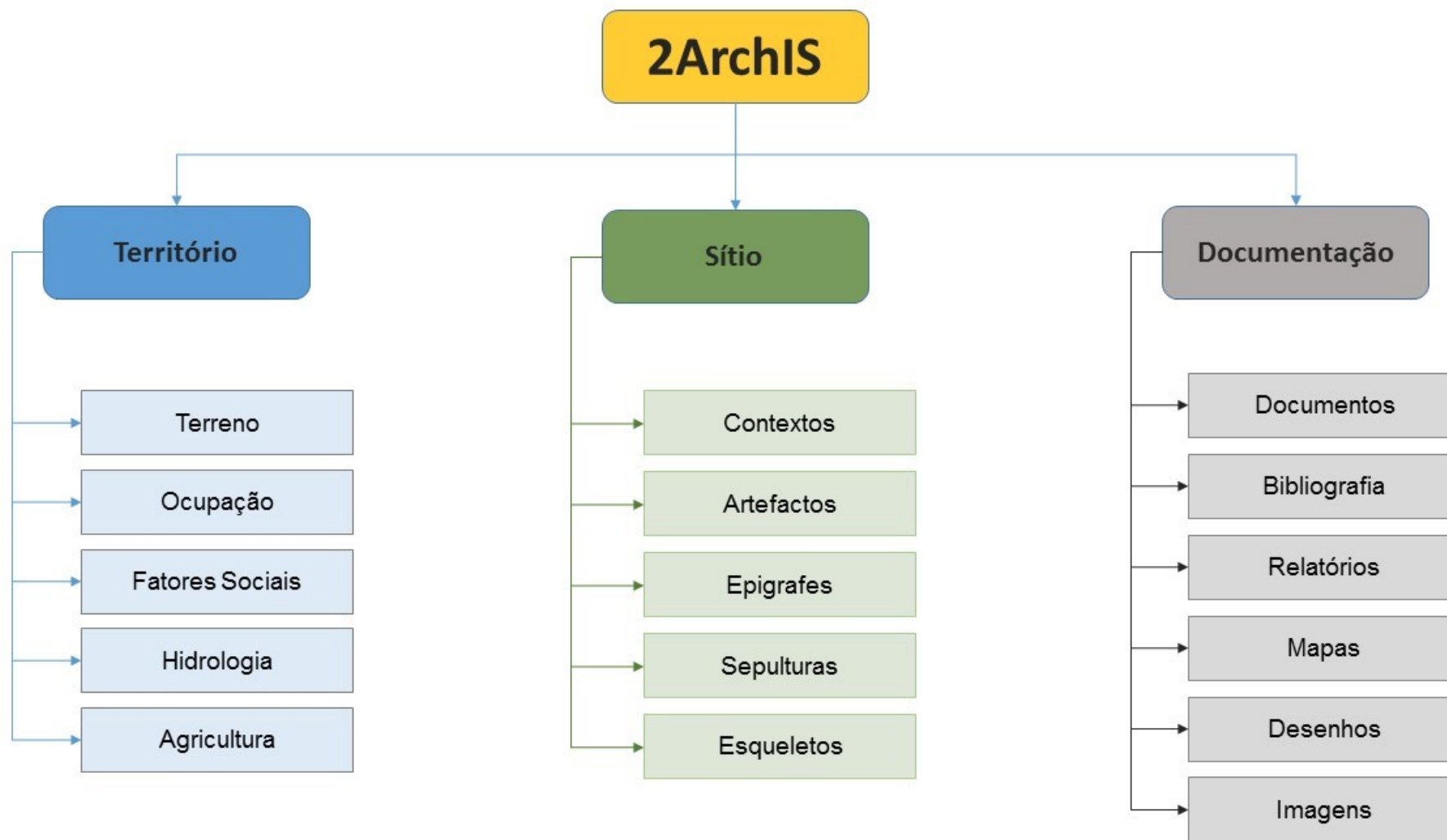
-
- Martins, M. (1993-94). Continuidade e mudança no I milénio a.C., no Noroeste Português. Os diferentes cenários de representação do discurso arqueológico, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 10-11: pp. 41-64.
- Martins, M. (1996). Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a.C., In *De Ulisses a Viriato*, O primeiro milénio a.C., Museu Nacional de Arqueologia, pp. 118-133.
- Martin Seijo, M. (2013). *A xestión do bosque e do monte dende a Idade do Ferro á época romana no noroeste da península Ibérica: consumo de combustibles e produción de manufacturas en madeira*, Tese de doutoramento, Facultade de Xeografía e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Moreira, A. (2009). *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre o Leça e Ave*, Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Murrieta-Flores, P. (2014): Developing computational approaches for the study of movement: The impact of visibility in terrestrial navigation during Iberian Late Prehistory, In Polla, S. e Verhagen, P. (Eds.), *Computational Approaches to the Study of Movement in Archaeology. Theory, Practice and Interpretation of Factors and Effects of Long-Term Landscape Formation and Transformation*. Berlin, Boston. De Gruyter: pp. 99–132. DOI: 10.1515/9783110288384.99
- Osório, B. (2018). The construction of the Terva Valley cultural landscape between the 2nd century B.C. and 2nd century A.D., In Fontes, L., Cruz, G., Alves, M. (orgs.), *Actas do Simpósio Internacional “Interações Culturais e Paisagens em mudança na Europa (séc. 2º a.C./séc. 2º d.C.)*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga: pp. 22-39.
- Orejas, A. (1995). Arqueología del paisaje: de la reflexión a la planificación, *Archivo Español de Arqueología*, 68: pp. 215-224.
- Orejas, A. (1995-96). Territorio, análisis territorial y Arqueología del Paisaje, *Studia Historica. Historia Antigua*, 13-14: pp.61-68.
- Orejas, A. (2006). Arqueología de los paisajes agrarios e historia rural, *Arqueología espacial*, 26: pp. 7-19.

- Orejas, A., Ruíz Del Árbol, M., López Jiménez, O. (2002). Los Registros del Paisaje en la Investigación Arqueológica, *Archivo Español de Arqueología*, vol. 75, 185-186: pp. 287-311.
- Orejas, A., Sánchez-Palencia, F. J. (2014). Los Paisajes Mineros de Hispania y la investigación en Arqueominería. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*, 24: pp. 319-344.
- Parcero-Oubiña, C. (2002). *La construcción del Paisaje Social en el Edad del Hierro del NW Ibérico*. Ortigueira (Corunha), Instituto de Estudios Galegos Padre Sarmiento (CSIC-Xunta de Galicia).
- Parcero-Oubiña, C. (2006). Los paisajes agrários castreños. Modelos de construcción del espacio agrario a lo largo de la Edad del Hierro del noroeste, *Arqueología espacial*, 26: pp. 57-85.
- Parcero-Oubiña, C., Armada, X., Ayán Vila, X. (2017). Castros en la escalera: el Noroeste entre la normalidad y la indiferencia, In Celestino, S. (ed.), *La Protohistoria en la Península Ibérica*: pp. 815-878.
- Parcero-Oubiña, C. e Fábrega-Alvarez, P. (2006). Diseño metodológico para el análisis locacional de asentamientos a través de un SIG de base 'raster', In Grau Mira, I. (ed.), *Serie Arqueológica*, La aplicación de los SIG en la Arqueología del Paisaje, Alicante: pp. 69-89.
- Pinho, J. (2009). *O 1º milénio a.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pinto, P. (2008). A Rede dos Castros do Noroeste. Um projeto em desenvolvimento, *Oppidum*, Edição Especial: pp. 227-236.
- Queiroga, F. (1992). *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*, Tese de doutoramento, Univeridade de Oxford.
- Sarmiento, F. (1999). *Antíqua - Aportamentos de Arqueologia*, Guimarães, Sociedade Martins Sarmiento.
- Seabra, L. (2015). *Estudo paleoetnobotânico do povoado da Idade do Ferro do Crastoeiro (Noroeste de Portugal)*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga.
- Silva, A. (1980). Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave, *Portugália*, vol. 01: pp. 79-90.

-
- Silva, A. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.
- Silva, A. (1999a). *Citânia de Sanfins. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*. Camara Municipal de Paços de Ferreira: Edições ETNOS.
- Silva, A. (1999b). A cultura castreja no Norte de Portugal, *Revista de Guimarães*, volume especial, I, Guimarães: pp. 111-132.
- Silva, A. (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, Paços de Ferreira.
- Silva, A. e Gomes, M. (1998). *Proto-História de Portugal*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Silva, J. (2014). *Uma Abordagem do Conceito de Paisagem Cultural em Arqueologia Pré-Histórica. Da Perceção ao Conhecimento*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras do Porto, Universidade do Porto, Porto.
- Silva, M. (1994). O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação, *Cadernos de Arqueologia*, Monografias 2, Câmara Municipal de Paredes de Coura, Paredes de Coura.
- Soeiro, T. (1984). Monte Mozinho. Aparentamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana, *Penafiel: Boletim Municipal da Cultura*, 3ª série, vol. I, Penafiel: pp. 5-232.
- Soler Segura, J. (2007). Redefiniendo el registro material. Implicaciones recientes desde la Arqueología del Paisaje Anglosajona, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 64, nº1: pp. 41-64.
- Stek, Tesse D., García-Sánchez, J., Carneiro, A. (2018). The archaeology of Roman colonialism in the Fronteira area, ancient Lusitania (Northern Alentejo region, Portugal, 2018), *Tijdschrift voor Mediterranean Archeologie*, 59: pp. 55.
- Teixeira, R. (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves: povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras do Porto, Universidade do Porto, Porto.
- Tereso, J. (2007). Economia agrícola das comunidades romanas do NW peninsular: dados carpológicos da Terronha de Pinhovelo (Bragança, Portugal), *Recursos Rurais*, 1 (3): pp. 13-21.

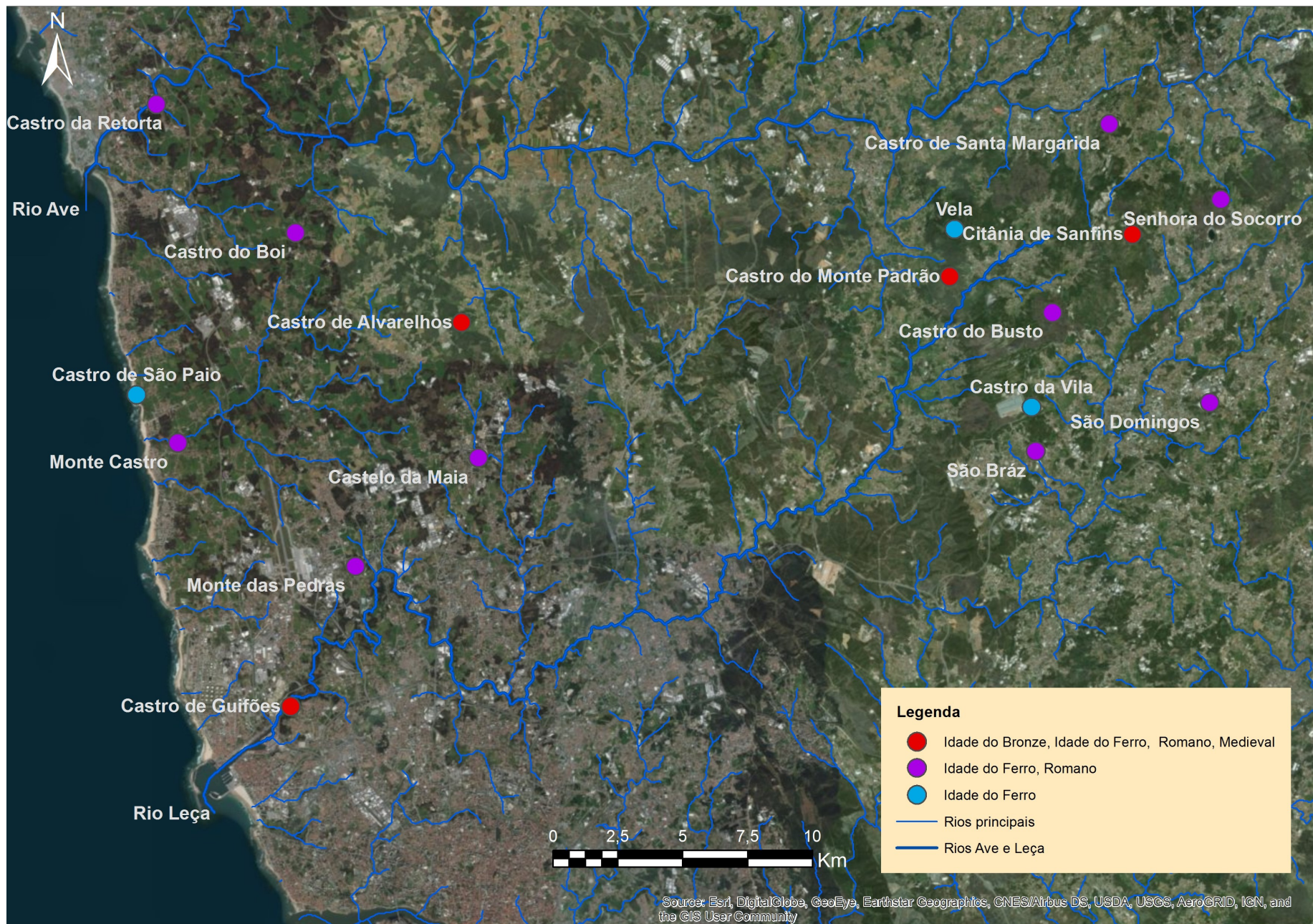
- Tereso, J. (2012). *Environmental Change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity*. Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Porto.
- Tereso, J. & Cruz, G., (2014). Frutos e Sementes da Idade do Ferro e Época Romana da Citânia de Briteiros, *Al-Madan*, 19: pp. 83-91.
- Torres Martínez, J., Fernandez-Götz, M., Sobremazas Martínez, J. (2016). Los nombres del Oppidum de Monte Bernorio (Villarén, Palencia). Las denominaciones de los oppida célticos del norte de la Península Ibérica: estructura política e identidad étnica, *Onoba: revista de arqueología y antigüedad*, nº 4: pp. 163-180.
- Valera, A. (2000). Em torno de alguns fundamentos e potencialidades da Arqueologia da Paisagem, *Era Arqueologia*, 1, Lisboa, Edições Colibri e Era Arqueologia: pp. 112-121.
- Varela, J. e Pires, C. (eds.) (2010). *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*, Matosinhos, Câmara Municipal de Matosinhos- Gabinete Municipal de Arqueologia e História.
- Vasconcelos, J. (1895). “Cidade velha” de Monte-Cordova, *O Archeologo Portuguez*, 1: pp. 12-13.
- Vasconcelos, J. (1905). *Religiões da Lusitânia*, 2, Lisboa.
- Vaz, F., Tereso, J., Lemos, P., Abranche, P. (2016). Estudo Arqueobotânico do Castro de Cidadelhe (Mesão Frio): Resultados preliminares. *Estudos do Quaternário*, 15: pp. 59-69.
- Vaz, F., Tereso, J., Martín-Seijo, M., Pereira, S., Gaspar, R., Seabra, L., Sastre-Blanco, J. (2017). Iron Age ovens and hearths from the hilltop of Quinta de Crestelos, Sabor Valley (NE Portugal): Na archaeobotanical approach on typology, functionality and firewood use, *Quaternary International*, vol. 458: pp. 75-93.

Apêndices



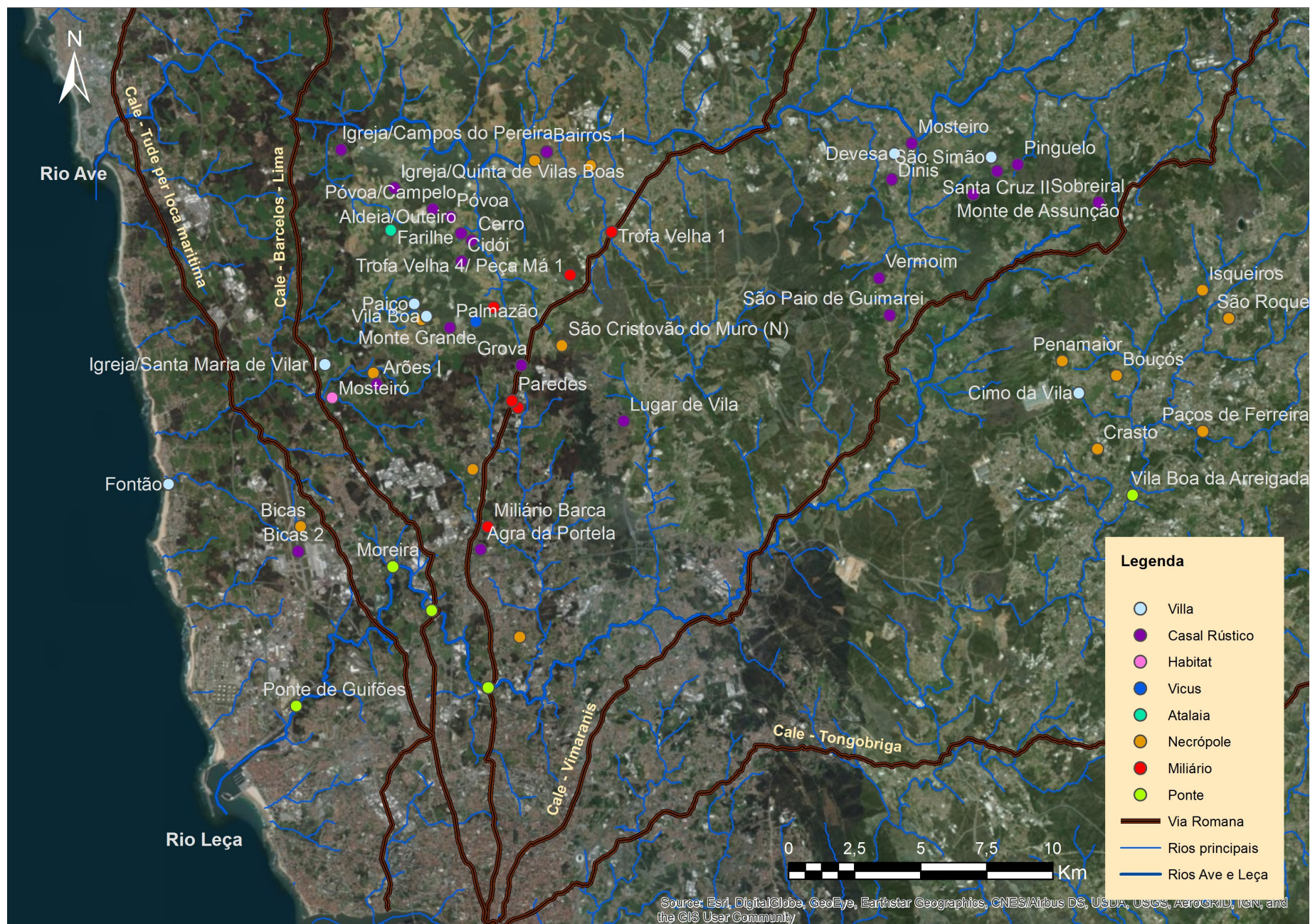
Apêndice 1

Estrutura da base de dados 2ArchIS (©UAUM).



Apêndice 2

Localização dos povoados proto-históricos (©UAUM).



Apêndice 3

Mapa da ocupação romana do território entre os rios Ave e Leça (©UAUM)

Apêndice 4

Tabela das altitudes da zona de montanhosa de interior.

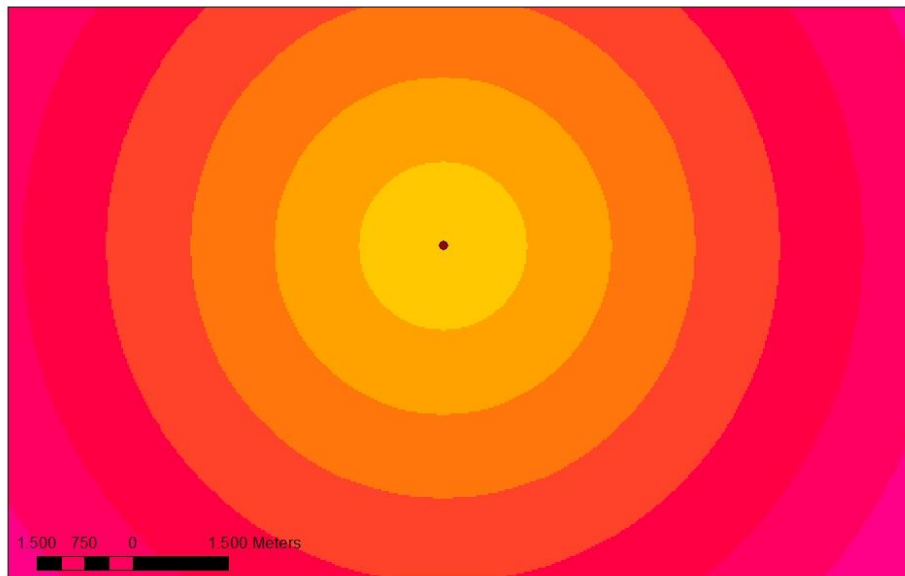
Sítio	Altitude
Citânia de Sanfins	570
Castro do Busto	471
Vela	426
Senhora do Socorro	423
Castro da Vila	419
Castro do Monte Padrão	410
São Domingos	371
São Bráz	318
Castro de Santa Margarida	270

Tabela das altitudes da zona de litoral.

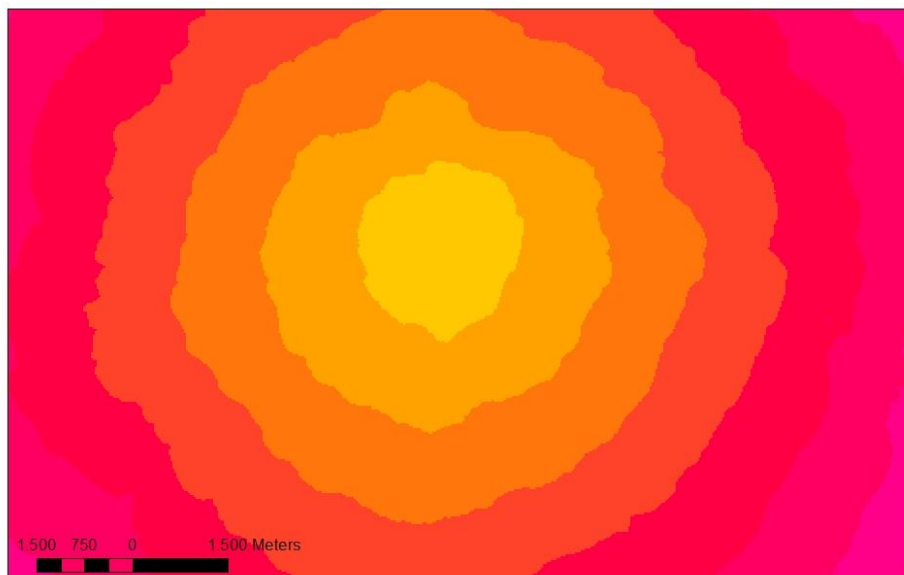
Sítio	Altitude
Castro de Alvarelhos	181
Castro do Boi	123
Castelo da Maia	93
Monte das Pedras/Pedras Rubras	70
Castro de Guifões	65
Castro da Retorta	34
Monte Castro	20
Castro de São Paio	14

Apêndice 5

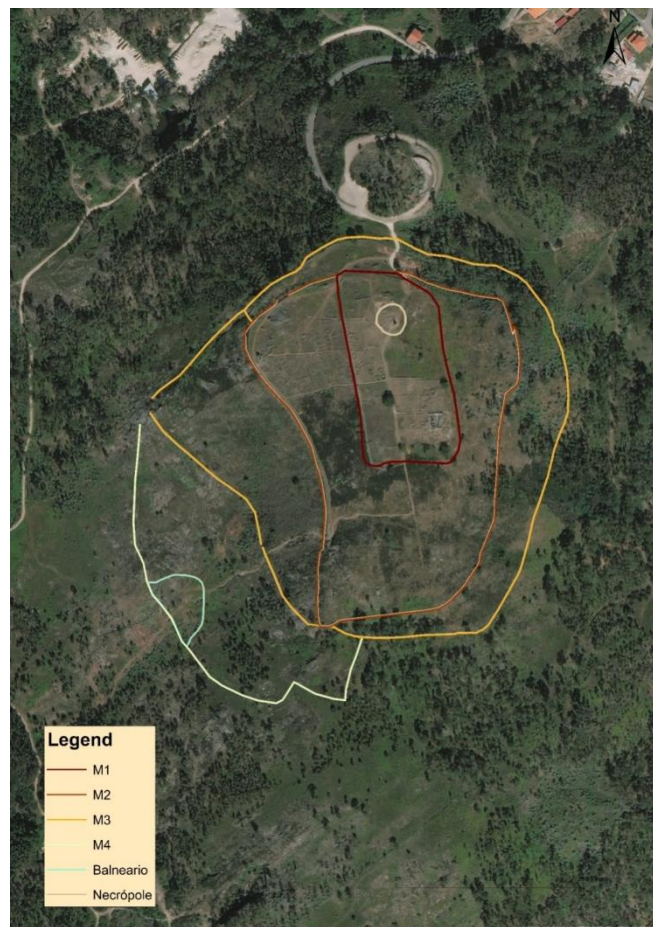
Linhas isotrópicas sobre a Citânia de Sanfins (©UAUM).



Linhas anisotrópicas sobre a Citânia de Sanfins (©UAUM).



Apêndice 6



Planta da área escavada sobre imagem satélite (à esquerda) e planta com a delimitação das linhas de muralha, zona de balneário e necrópole medieval da Citânia de Sanfins (à direita) (©UAUM).

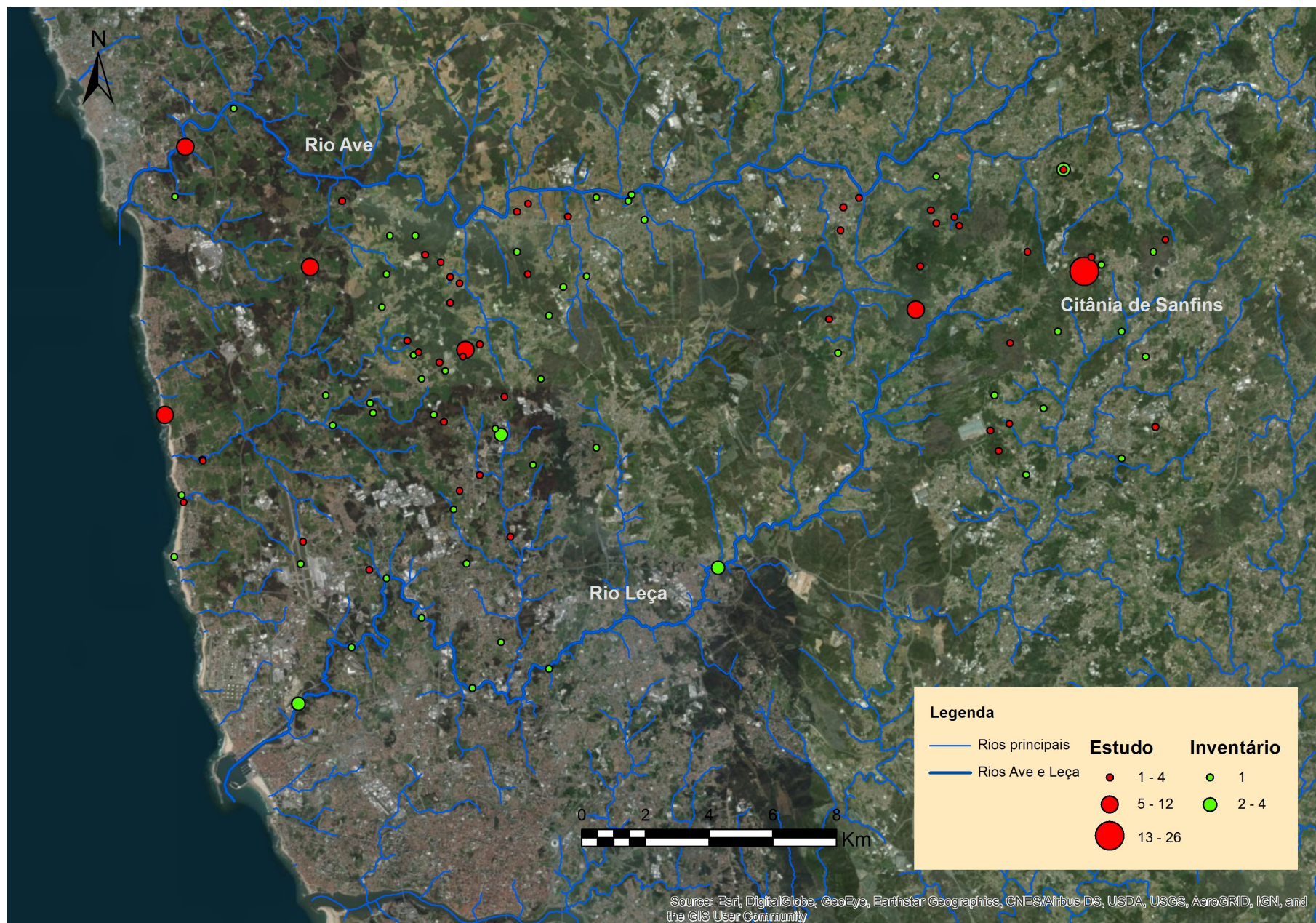
Apêndice 7

Distâncias a partir das linhas anisotrópicas de 15 minutos partindo da Citânia de Sanfins e do Castro do Monte Padrão

	Castro do Busto	Vela	Senhora do Socorro	Castro da Vila	São Domingos	São Bráz	Castro de Santa Margarida
Citânia de Sanfins	45 min	1h15	45 min	1h20	1h20	1h40	1 h
Castro do Monte Padrão	45 min	25 min	1h55	1h10	1h55	1h20	1h30

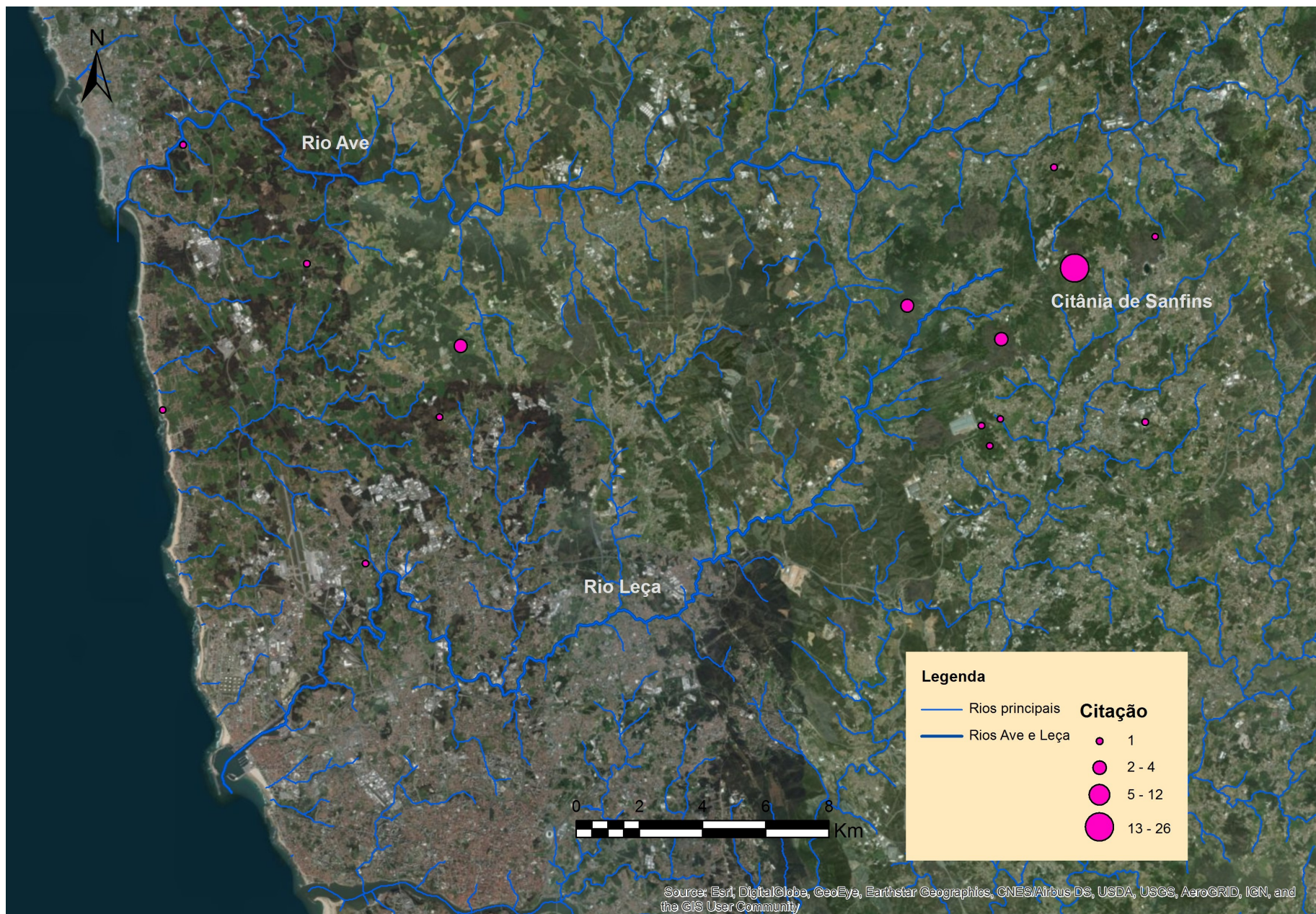
Distâncias a partir das linhas anisotrópicas de 15 minutos partindo do Castro de Alvarelhos

	Castelo da Maia	Castro do Boi	Monte das Pedras	Monte Castro	Castro de São Paio	Castro da Retorta	Castro de Guifões
Castro de Alvarelhos	50 min	1h10	1h40 min	1h55	2h00	2h15	2h35



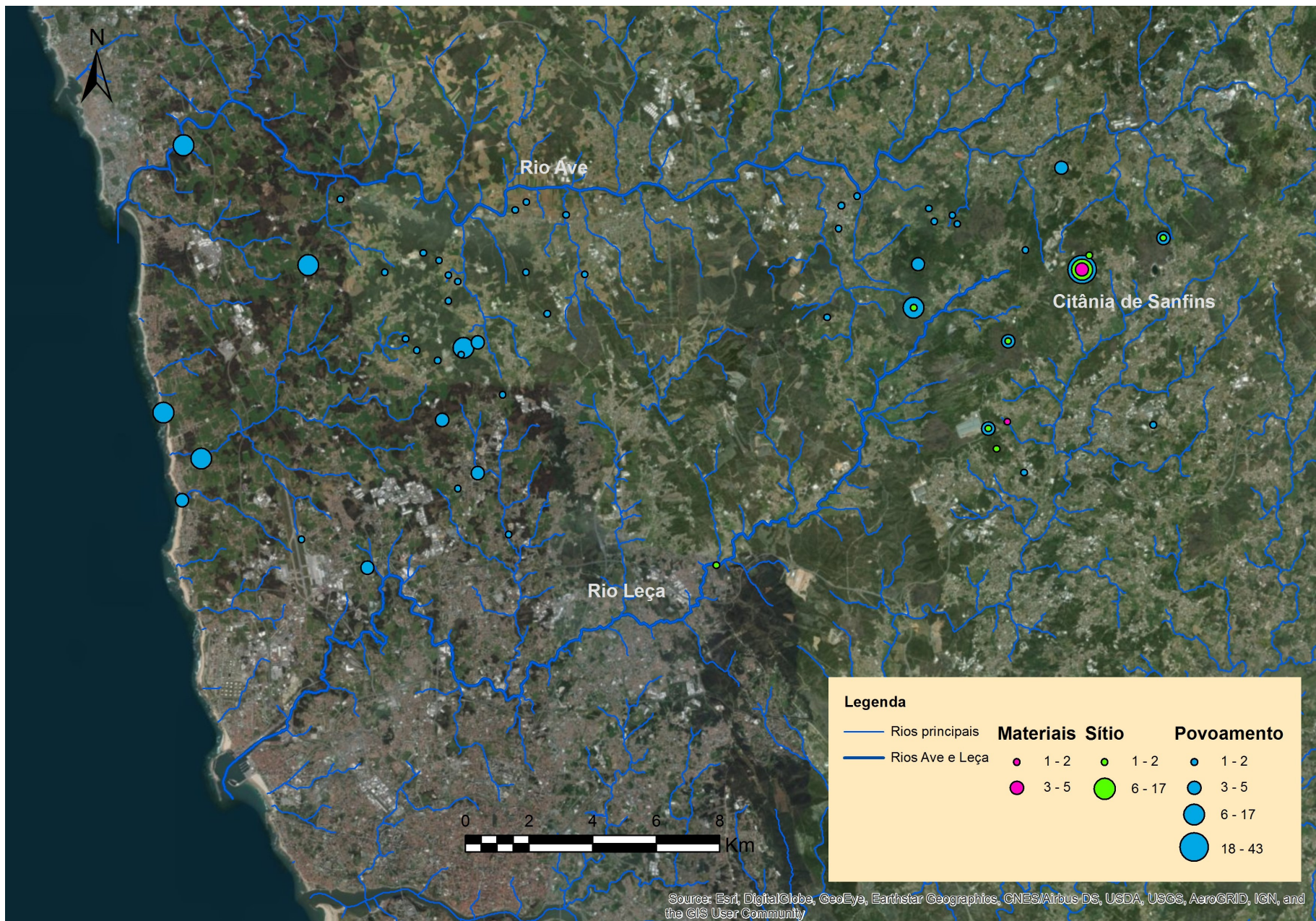
Apêndice 8

Mapa dos sítios inventariados e dos estudos produzidos (©UAUM).



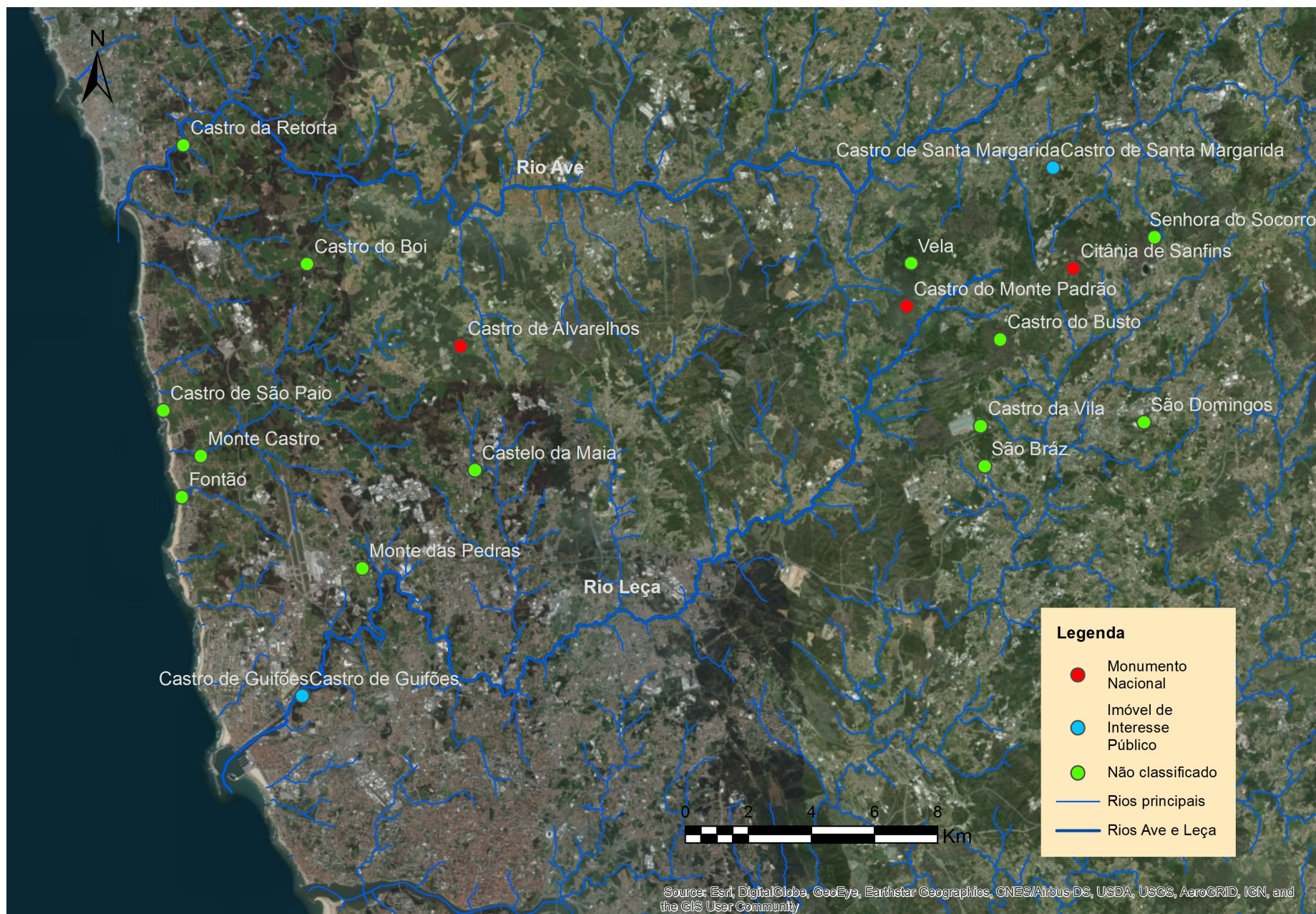
Apêndice 9

Mapa das citações por sítio (©UAUM).



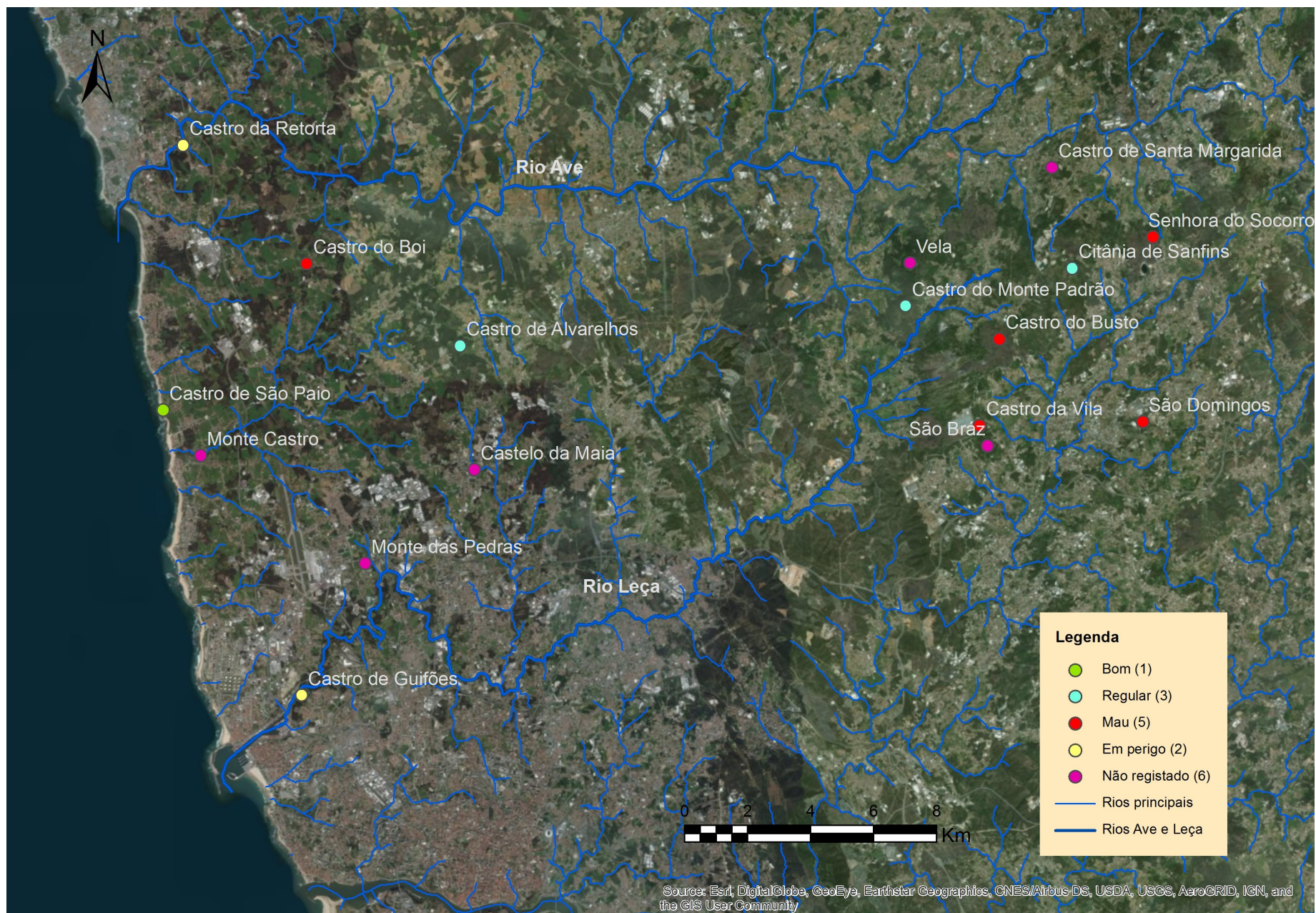
Apêndice 10

Mapa da bibliografia por tema (©UAUM).



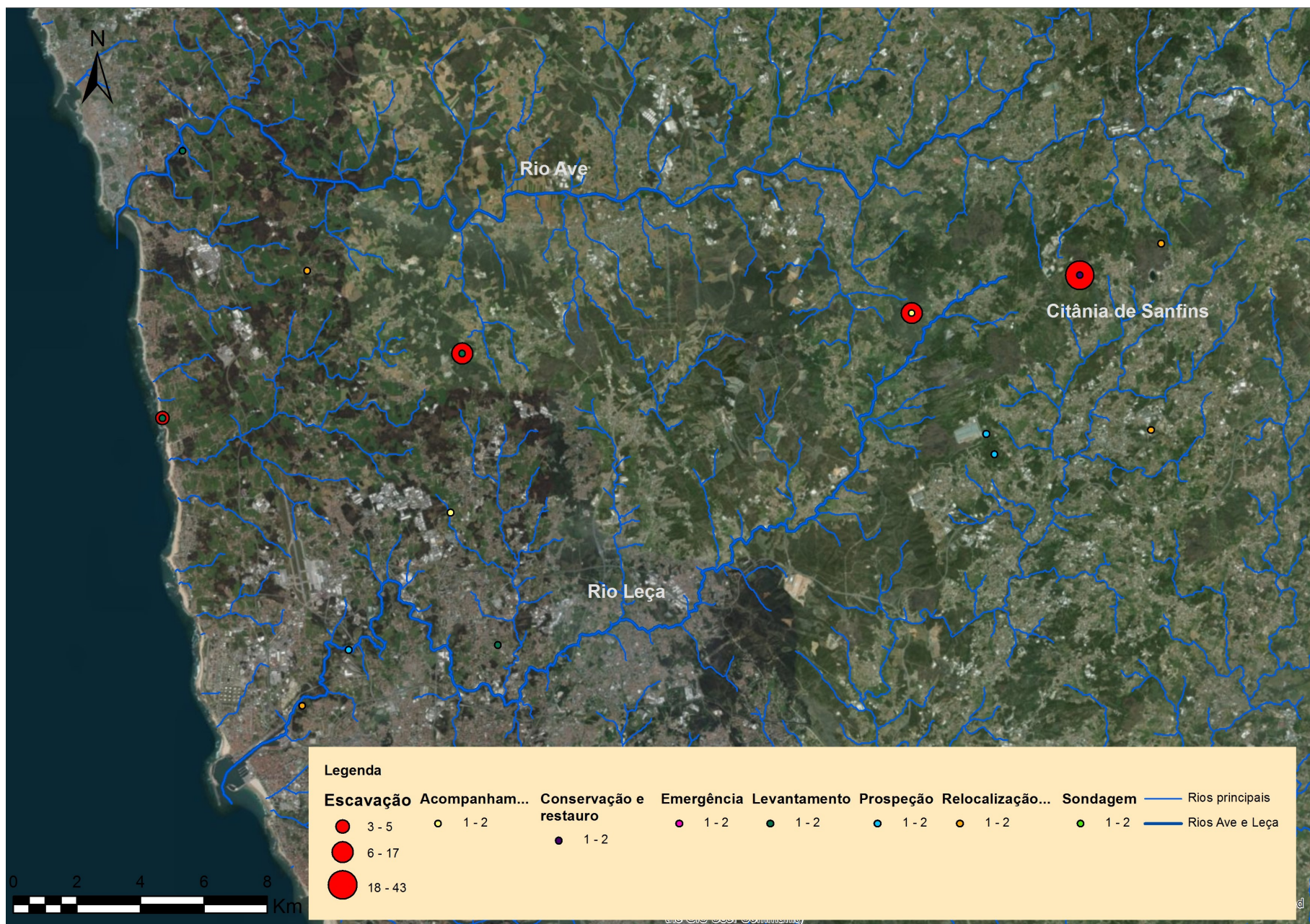
Apêndice 11

Mapa da classificação dos sítios arqueológicos (©UAUM).



Apêndice 12

Mapa do estado de conservação dos sítios arqueológicos



Apêndice 13

Mapa do tipo de intervenção realizada sobre os sítios arqueológicos (©UAUM).

Apêndice 14



Lista de Sítios

Adriano	Topónimo: Não registado
----------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3883
Concelho: Matosinhos
Freguesia: São Mamede de Infesta e Senhora da Hora

Acessos: Não registado
Tipo de acesso: Não registado
Tipologia: Miliário
Período Cultural: Romano
Intervenções arqueológicas
Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Porto, folha nº122 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps das freguesias de São Mamede Infesta e de Senhora da Hora.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49980>.
Vários (): *Hispania Epigraphica* p. [http://eda-bea.es/pub/record_card_1.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch_simple.php&field\[1\]\[type\]=7&field\[1\]\[ID\]=1&field\[2\]\[ID\]=2&field\[2\]\[text\]=Adriano&field\[3\]\[ID\]=3&field\[3\]\[text\]=Mili%C3%A1rio&field\[4\]\[ID\]=4&field\[5\]\[ID\]=5&field\[6\]\[ID\]=6&field\[7\]\[ID\]=7&field\[12\]\[ID\]=12&field\[13\]\[ID\]=13&rec=10407](http://eda-bea.es/pub/record_card_1.php?refpage=%2Fpub%2Fsearch_simple.php&field[1][type]=7&field[1][ID]=1&field[2][ID]=2&field[2][text]=Adriano&field[3][ID]=3&field[3][text]=Mili%C3%A1rio&field[4][ID]=4&field[5][ID]=5&field[6][ID]=6&field[7][ID]=7&field[12][ID]=12&field[13][ID]=13&rec=10407).
Vários (): *Vias Romanas* p. <http://www.viasromanas.pt/>.

Agra da Portela	Topónimo: Não registado
------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3830
Concelho: Maia
Freguesia: Cidade da Maia
Coordenadas: **X:** -959274.56 **Y:** 5047895.14 **Cota:** m

Acessos: Não registado
Tipo de acesso: Não registado
Tipologia: Casal Rústico
Período Cultural: Romano
Intervenções arqueológicas

Sondagem Ano: 2006 Responsável : Pedro Miguel Gonçalves dos Santos Costa e Sónia Carla de Caldas Pereira

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49880>.

Aldeia Nova	Topónimo: Carvalhido (C.M., 1977:98)
--------------------	---------------------------------------------

Atualmente no topo do sítio encontra-se implantada a capela de S. João de Carvalhido. Tanto o topo como as imediações encontram-se bastante alteradas. Apresenta visibilidade circular obstruída atualmente pela vegetação arborea.

Classificação: Não **CNS:** 3532

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -939717.71 **Y:** 5064191.11 **Cota:** 247 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a A20/IC23 através da rampa para A1/Lisboa/A4/P.te Freixo/V. Real/A3/Braga. Siga pela A3/E1. Siga pela saída 5 para N104 em direção a Vila do Conde/S.to Tirso/Trofa. Siga pela N104 e N105 para a R. São João

Tipo de acesso: O acesso faz-se através de uma estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Materiais

Observações : Construíram nas imediações um palco, um coreto, um café, uma estrutura para churrasqueira e bancos de pedra.



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:25 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():Portal do Arqueólogo p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios.resultados&subsid=49223>.

Aldeia/Outeiro	Topónimo: Não registado
-----------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26309

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos e Guidões

Coordenadas: **X:** -960020.4 **Y:** 5059879.12 **Cota:** 85 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica	Cronologia : Romana	Comum
Cerâmica	Terra Sigillata Hispânica (fragmentos)	
Cerâmica	Terra Sigillata Clara D	



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 113- 115, 118.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620496>.

Angeiras	Topónimo: Não registado
-----------------	--------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo neste local encontra-se um conjunto de 23 tanques de salga possivelmente dos séculos III a IV d.C.

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 778

Concelho: Matosinhos

Freguesia: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo

Coordenadas: **X:** -971192.43 **Y:** 5050681.69 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Cetária

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Escavação	Ano: 1983	Responsável : Fernando Augusto Pereira da Silva e Isabel Maria de Almeida Carvalho da Rocha Figueiras
Escavação	Ano: 1991	Responsável : Joel Alves Cerqueira Cleto
Sondagem	Ano: 2008	Responsável : orge Manuel Vieira Fonseca, José Manuel Pinto Varela, Maria da Conceição Leite Pires, Marta Manuela Graça Piedade e Vítor José Jesus da Fonseca

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Lavra, folha nº109 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56171>.

Vários (): *DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71211>.

Angeses	Topónimo: Não registado
----------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3550

Concelho: Matosinhos

Freguesia: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo

Coordenadas: **X:** -970313 **Y:** 5052174.49 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Prospecção Ano: 1987 Responsável : Eduardo Jorge Lopes da Silva

Materiais

Observações : Não dispomos de informação sobre o sítio.



Bibliografía

Moreira, A. (2009):*Castellum Madaiae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 75, 78, 81, 84, 108-109, 111.

Queiroga, F (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.

Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 136.

Vários (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 98, 132, 133.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49282>.

Vários ():*Vias Romanas* p. <http://www.viasromanas.pt/>.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619385>.

Arões I	Topónimo: Arões (C:M., 1975:97)
----------------	----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26433

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Vilar e Mosteirão

Coordenadas: **X:** -963216.38 **Y:** 5054166.73 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Tégulas

Cerâmica Comum



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2622307>.

Arões II	Topónimo: Arões (C.M., 1975:97)
-----------------	----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3828

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Vilar e Mosteirão

Coordenadas: **X:** -963345.51 **Y:** 5054585.97 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 85.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49878>.

Bairros	Topónimo: Bairros (C:M., 1975:97)
----------------	------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3812

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -957242.98 **Y:** 5062627.61 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000







Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 81.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49842>.

Bairros 1		Topónimo: Bairros (C.M., 1975: 97)
Classificação: Não Concelho: Trofa Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)		CNS: 26265
Coordenadas:	X: -956778.78	Y: 5062964.18
		Cota: m
Acessos: Não registado		
Tipo de acesso: Não registado		
Tipologia: Casal Rústico		
Período Cultural: Romano		
Intervenções arqueológicas		
Materiais		
		
Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000		Vista aérea do Google Maps.
Bibliografia		
Pinho, J. (2009): <i>O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial</i> Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117-118.		
Vários () : <i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619742 .		
Bicas	Topónimo: Não registado	

Classificação: Não Concelho: Maia Freguesia: Vila Nova da Telha		CNS: 21574
Coordenadas:	X: -966099.56	Y: 5048768.63
		Cota: m
Acessos: Não registado		
Tipo de acesso: Não registado		
Tipologia: Necrópole		IV/V d.C. (Carvalho, 2008: 68)
Período Cultural: Romano		
Intervenções arqueológicas		
Levantamento	Ano: 2003/2004	Responsável : Luís André Tato Marinho Tomé Ribeiro
Prospecção	Ano: 2010	Responsável : Luciana Paula Ribeiro de Jesus
Materiais		
		
Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000		Vista aérea do Google Maps.
Bibliografia		
Carvalho, H. (2008): <i>O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis</i> p. 68.		
Vários () : <i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2404785 .		
Bicas 2	Topónimo: Não registado	

Classificação: Não Concelho: Maia Freguesia: Vila Nova da Telha		CNS: 26246
Coordenadas:	X: -966193.07	Y: 5047835.93
		Cota: m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619377>.

Boavista	Topónimo: Não registado
-----------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:**

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Frazão Arreigada

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps das freguesias de Frazão e Arreigada

Bibliografia

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 73.

Bouçamonte	Topónimo: Não registado
-------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** Não registado

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Sanfins Lamoso Codessos

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps com as freguesias de Sanfins, Lamoso e Codessos.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 74.

Bouçós	Topónimo: Devesa Grande (P.A.)
---------------	---------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3355

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Meixomil

Coordenadas: **X:** -935207.29 **Y:** 5054488.2 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Intervenções arqueológicas

Prospecção	Ano: 2009	Responsável : Paula Cristina Martins Barreira Abranches
Relocalização/Identificação	Ano: 1999	Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materiais

Cerâmica	Pequenas Infusas
Cerâmica	Terra Sigillata (Fragmentos)
Metal	Objeto em Ferro
Objecto diverso	Lascas de Osso
Vidro	Bracelete de Vidro Preto



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56410>.

Canidelo	Topónimo: Canidelo (C:M., 1975:97)
-----------------	-------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 1667

Concelho: Vila do Conde
Freguesia: Malta e Canidelo

Coordenadas: **X:** -962871.29 **Y:** 5058592.61 **Cota:** m

Acessos: Não registado
Tipo de acesso: Não registado
Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Indeterminado

Intervenções arqueológicas

Escavação Ano: Sem ano Responsável : Manuel Domingues de Sousa Maia

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=47770>.

Castelo da Maia	Topónimo: Castro de Avioso (Carvalho, 2008: 68); Santo Ovídeo (C. M. 1975, nº110).
------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------

Povado composto por acropole de forma ovalada, ocupa cerca de 1 hectare de área (Moreira, 2009: 108).

Interpretação:Casal do Tipo A (Varela e Pires, 2010: 142).

Classificação: Não **CNS:** 3754

Concelho: Maia
Freguesia: Castêlo da Maia

Coordenadas: **X:** -958739.89 **Y:** 5051585.96 **Cota:** 93 m

Acessos: Partindo do centro da cidade do Porto deve dirigir-se para a Via Norte e N14. Siga sempre pela N14, ao km 5.3 mantenha-se à esquerda para permanecer na N14. Poucos metros à frente vire à direita em direção a Praça 5 de Outubro.
Tipo de acesso: O acesso faz-se por estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado
Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Moreira, A. (2009):*Castellum Madaiae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 108, 111.
Queiroga, F (1992):*War and castros: New approches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 167.
Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.
Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 137.
Vários (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 97.
Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56559>.

Castro da Retorta	Topónimo: Castro Celoria (Moreira, 2009: 110); Azenha da Retorta (C.M., 1975: 96)
--------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------

Povoado de forma ovalada sendo o seu eixo principal noroeste-sudeste. Teria possivelmente duas linhas de muralha e um fosso (Dinis, 1993: 94).

Interpretação:Povoado Tipo C (Pinho, J. 2009:41).

Classificação: Não

CNS: 3598

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Retorta e Tougues

Coordenadas: **X:** -971125.63

Y: 5065267.13

Cota: 34 m

Acessos: Partindo do centro da cidade do Porto deve dirigir-se para a A28 para Fajozes. Siga pela saída 14 em direção a N13/Mindelo/N104/S.to Tirso/Trofa. Siga pela R. Varziela, N104, R. do Corgo e R. Profa. Maria Isabel para a R. da Igreja em Retorta.

Tipo de acesso: O acesso faz-se por terra batida.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Levantamento

Ano: 2005

Responsável : José Miguel da Costa Rodrigues

Materiais

Cerâmica Cronologia : séc. I

2 Taças Caneladas

Cerâmica Cronologia : séc. I

1 Taça

Vidro Cronologia : Romano

Vidro

Observações : O povoado encontra-se em terreno privado servindo de local de pastagem, não tendo sido possível a sua visita



Extrato da Carta Militar de 1975 de Vila do Conde, folha nº96 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 85.

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 174.

Dinis, A. (1993):*Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 93-94, 144, 157, 164, 167.

Moreira, A. (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 35, 75, 78-79, 81, 84, 108, 110-111.

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 41, 44, 56, 65-66, 115, 124.

Queiroga, F (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 174.

Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal.* 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 133.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49379>.

Castro da Vila	Topónimo: Não registado
-----------------------	--------------------------------

Povoado de média dimensão no qual ainda são visíveis alinhamentos da muralha, pelo menos ao nível do alicerce e um muro de habitação visível (Portal do Arqueólogo <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56375>).

Classificação: Não **CNS:** 13083

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Penamaior

Coordenadas: **X:** -937423.66 **Y:** 5053547.54 **Cota:** 419 m

Acessos: Partindo do centro da cidade do Porto deve dirigir-se para a A20/IC23 a partir da Av. da França. Conduza na A3/E1 e A41 para Lordelo. Tome a saída 2 da A42. Siga pela Av. Central de Seroa/N207, R. de São Mamede de Seroa e R. da Recta da Tapada para a R. da Vila em Penamaior

Tipo de acesso: O acesso faz-se a partir da estrada alcatroada.

Tipologia: Necrópole

Tipologia: Povoado Fortificado

Tipologia: Tesouro

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Ano: 1999 - Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria
Relocalização/Iden

Prospecção Ano: 2006 Responsável : Paula Alexandra Chagas Perdigão

Materiais

Cerâmica Castreja



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 73.

Dinis, M. (1966): *O castro da Vila (Penamaior - Paços de Ferreira)* Lucerna p. 512-518.

Dinis, M. (1971): *O castro do Capelo Vermelho* II Congresso Nacional de Arqueologia p. 288.

Queiroga, F (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 169.

Silva, A.C.F. (2007): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 135.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56375>.

Castro de Alvarelos	Topónimo: Castro de São Marçal (Dinis, 1993: 96; Moreira, 2009: 17); Monte Grande (Moreira, 2009:17)
----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Povoado de longa duração transformado com intensa ocupação romana, na vertente mais baixa do outeiro, estando ainda por explorar a acrópole do povoado e a sua implantação durante a Idade do Ferro. Nas imediações passa a via XVI (Cale-Bracara).

Interpretação: Povoado Tipo A (Pinho, J. 2009:39).

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 791

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelos e Guidões

Coordenadas: **X:** -959377.95 **Y:** 5056830.08 **Cota:** 181 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para a Via Norte e N14 para a R. Central da Carriça/N318 em Muro. Continue na N318. Dirija-se para a R. Sobre-Sá em Alvarelos. Vire à esquerda em direção a R. Central da Carriça/N318. Vire à direita em direção a R. do Palmazão. Continue até R. Sobre-Sá, encontrando-se o povoado à esquerda.

Tipo de acesso: O povoado encontra-se à beira da estrada de paralelos, tendo acesso a pé em terra batida.

Tipologia: Povoado Bronze final até séc. V d.C. (Pinho, 2009)

Período Cultural: Idade do Bronze ; Idade do Ferro ; Idade Média ; Romano

Intervenções arqueológicas

Escavação	Ano: 1992	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1993	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1994	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1995	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1996	Responsável : Álvaro de Brito Moreira

Acompanhamento	Ano: 2011	Responsável : Ana Rita Antunes Canedo Filipe
Relocalização/Identificação	Ano: 2001	Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria
Sondagem	Ano: 1999	Responsável : Joel Alves Cerqueira Cleto e José Manuel Pinto Varela

Materiais

Cerâmica	Cronologia : Fase I (?)	Fragmento de pote
Cerâmica	Cronologia : Fase II	Fragmento decorado
Cerâmica	Cronologia : Fase II	Fragmento decorado
Cerâmica	Cronologia : Fase II	Fragmento decorado
Cerâmica	Cronologia : Fase II	Fragmento decorado
Cerâmica	Cronologia : Fase II	Fragmento decorado
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze (Bronze F	Recipiente cerâmico: Pote
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze (Bronze F	Recipiente cerâmico: Púcaro
Lítico	Cronologia : Fase III	Elemento Insulturado (granito)
Lítico	Cronologia : Fase III	Prisão de Gado Longitudinal (granito)
Lítico	Cronologia : Fase III	Mó Rotativa (elemento movente em granito)
Lítico	Cronologia : Fase III	Mó Rotativa (elemento movente em granito) dormente
Lítico	Cronologia : Fase III	Pio (granito)



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Almeida, C. A. F. de** (1974): *Influências meridionais na cultura castreja* Revista da Faculdade de Letras p. 205.
- Almeida, C. A. F. de** (1975): *Cerâmica romana tardia de Guifões* Archeologica Opuscula p. 49-58.
- Arezes, A., Varela, J.** (2017): *Castro de Guifões (Matosinhos) - Das Primeiras Notícias aos Resultados Preliminares de um Projecto de Investigação*. Arqueologia em Portugal - Estado da Questão p. 123 - 136.
- Cleto, J., Varela, J.** (1999): *O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmento às investigações da atualidade*. Revista de Guimarães p. 2-19.
- González Ruibal** (2006): *Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C - 50 d.C.)* Brigantium p. 335, 442.
- Moreira, A.** (2009): *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 25, 30, 33, 51, 69, 97.
- Pinho, J.** (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 60, 63, 92, 124.
- Queiroga, F** (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.
- Santos, J. N. Dos** (1963): *Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiformes do castro de Guifões* Lucerna p. 136-156.
- Santos, J. N. Dos** (1963): *Cobertura vitrificada em louça doméstica do castro de Guifões* Lucerna p. 157-166.
- Silva, A. C. F.** (1980): *Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79, 88.
- Silva, A.C.F.** (1983): *A cultura castreja no noroeste de Portugal : habitat e cronologias* Portugalia Universidade do Porto. Faculdade de Letras p. 123.
- Silva, A.C.F.** (2007): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 136, 207.
- Vários** (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 7, 39, 47, 81-83, 85, 87-88, 100-102, 107, 109, 122-123, 129-132.
- Vários** (): *DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69737>.
- Vários** (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=55812>.

Castro de Santa Margarida	Topónimo: Santa Margarida (C:M., 1977:98)
----------------------------------	--------------------------------------------------

Povoado fortificado com duas linhas de muralha de blocos graníticos.

Classificação: Imóvel de Interesse Público **CNS:** 3527

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Negrelos (S. Tome)

Coordenadas: **X:** -934413.58 **Y:** 5064504.85 **Cota:** 270 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para a A20/IC23 a partir da Av. da França. Siga pela A3/E1. Tome a saída 5 da A3/E1. Siga pela saída 5 para N104 em direção a Vila do Conde/S.to Tirso/Trofa. Siga pela N104 e N105 para a R. do Castro em São Tomé

Tipo de acesso: O acesso faz-se a partir da estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Queiroga, F (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 173.

Santo Tirso ():*Museu Municipal Abade Pedrosa* p. <http://mmap.cm-stirso.pt/castro-sta-margarida-s-tome-negrelos/>.

Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 134.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios.resultados&subsid=54131>.

Vários ():*DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73739>.

Castro de São Paio	Topónimo: S. Paio (C.M.P, 1975, nº109);
---------------------------	------------------------------------------------

Povoado de pequenas dimensões defendido a oeste pelo mar e nas outras vertentes por um talude e fosso, observando-se estruturas de planta circular datadas do séc. I a.C. (Dinis, 1993: 102). Nas imediações encontra-se implantada uma capela dedicada a S. Paio.

Interpretação:Povoado Tipo C vocacionado para a atividade pesqueira (Pinho, J. 2009:41).

Classificação: Não **CNS:** 3560

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Labruge Labruge

Coordenadas: **X:** -971909.54 **Y:** 5054031.38 **Cota:** 14 m

Acessos: Partindo do centro da cidade do Porto dirija-se para a autoestrada A28 para Lavra. Saia na 12. Siga pela R. da Cruz, R. Angeiras, R. do Moinho do Sol Posto, R. de Calvelhe e R. 25 de Abril até chegar à R. de Baixo.

Tipo de acesso: O acesso faz-se pelo passadiço da praia de São Paio.

Tipologia: Povoado Fortificado séc. I a.C.

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Escavação	Ano: 1993	Responsável : Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Jorge de Lemos Costa Pinto
Escavação	Ano: 1994	Responsável : Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Jorge de Lemos Costa Pinto
Escavação	Ano: 1995	Responsável : Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Jorge de Lemos Costa Pinto
Escavação	Ano: 1996	Responsável : Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paulo Jorge de Lemos Costa Pinto
Levantamento	Ano: 2005	Responsável : José Miguel da Costa Rodrigues
Sondagem	Ano: 2004	Responsável : Pedro Miguel Dias Brochado de Almeida

Materiais

Cerâmica Cronologia : Idade do Ferro

Cerâmica Cronologia : Idade Média

Lítico Talhados

Lítico Lascas

Lítico Pico Asturiense



Bibliografía

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis* p. 174.

Dinis, A. (1993): *Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 101-102, 156, 165.

Martins, M. (1990): *O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado*. p. 85.

Moreira, A. (2009): *Castellum Madiae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 75, 79-81, 84, 119.

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 41, 65.

Queiroga, F (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 173.

Silva, A. C. F. (1980): *Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 133.

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 99.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49316>.

Castro do Boi	Topónimo: Castro de Santo Ovídio (Pinho, 2009; Dinis, 1993:94); Castellum Labrensi (Moreira, 2009:110)
----------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Muito descaracterizado pela implantação de uma capela e edificação de habitações, bem como abertura de caminhos, ainda é possível detectar vestígios de cerâmicas à superfície. Segundo A. Dinis (1993: 95) o povoado teria forma subcircular com uma plataforma central circundada por uma muralha e uma segunda plataforma cujo talude ainda se observa.

Interpretação: Povoado Tipo B (Pinho, J. 2009:39).

Classificação: Não

CNS: 3634

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Fornelo e Vairão

Coordenadas: X: -965875.7

Y: 5060278.3

Cota: 123 m

Acessos: Partindo do centro da cidade do Porto deve dirigir-se para a autoestrada A28 para a N13 em Modivas. Tome a saída 13 na A28. Siga pela R. da Campa e R. da Joudina/N306 para a R. da Moura Encantada em Vairão.

Tipo de acesso: O acesso faz-se por uma estrada alcatroada.

Tipologia: Castelo

Tipologia: Povoado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Relocalização/Identificação Ano: 2000

Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materials



Bibliografía

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis* p. 85.

Dinis, A. (1993): *Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 30, 46, 94-95, 144, 164-165.

Moreira, A. (2009): *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leca e Ave* p. 53, 71, 75, 78-79, 81, 84, 108-110.

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 34, 39-40, 42, 44, 62-63, 123-124.

Queiroga, F (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 174.

Silva, A. C. F. (1980): *Organizações gentílicas entre o Leca e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 134.

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 99, 100, 133-134.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49476>.

Castro do Busto	Topónimo: Não registado
------------------------	--------------------------------

Castro de pequena / média dimensão, com estrutura defensiva ainda visível, composta por muralha e por talude em terra.

Classificação: Não **CNS:** 4289

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Penamaior

Coordenadas: **X:** -936611.03 **Y:** 5057218.85 **Cota:** 471 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para a A20/IC23 a partir da Av. da França. Utilize a faixa da direita para convergir com A20/IC23 através da rampa para A1/Lisboa/A4/P.te Freixo/V. Real/A3/Braga. Conduza na A3/E1 e A41 para Lordelo. Tome a saída 2 da A42. Siga pela R. de São Domingos para a Av. Águas Altas/N319 em Meixomil

Tipo de acesso: O acesso faz-se a partir da estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Ano: 1999 - Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria
 Relocalização/Iden

Materiais

Cerâmica



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Dinis, M.** (1964):*O castro de Busto (Penamaior - Paços de Ferreira)* Lucerna p. 189-195.
- Martins, M.** (1990):*O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado.* p. 36.
- Queiroga, F** (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 169.
- Silva, A.C.F.** (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal.* 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 135.
- Vários ()**:*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49534>.

Castro do Monte Padrão	Topónimo: Padrão (C.M.P.,1977, nº98); Monte Córdova (Dinis, 1993: 98)
-------------------------------	------------------------------------------------------------------------------

Povoado composto por um recinto central rodeado por uma muralha de forma ovalada, contendo mais duas plataformas e taludes que supõe a existência de mais duas linhas de muralha (Dinis, 1993: 99).

Interpretação:Povoado Tipo A (Pinho, J. 2009:39).

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 792

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Monte Cordova

Coordenadas: **X:** -940568.78 **Y:** 5058605.05 **Cota:** 410 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para a A20/IC23 através da rampa para A1/Lisboa/A4/P.te Freixo/V. Real/A3/Braga. Siga pela A3/E1. Siga pela saída 5 para N104 em direção a Vila do Conde/S.to Tirso/Trofa. Siga pela N104, N105, EM558-1 e R. Nossa Sra. de Valinhas para a R. Sra. do Padrão.

Tipo de acesso: O acesso faz-se primeiramente por uma estrada de paralelos que termina numa estrada de terra batida onde se localiza logo na imediação do povoado a capela da Sra do Padrão através da qual se deve prosseguir a pé.

Tipologia: Povoado Fortificado 1000-900/700 a.C. - 138/136 a.C.

Período Cultural: Idade do Bronze ; Idade do Ferro ; Idade Média ; Romano

Intervenções arqueológicas

Acompanhamento	Ano: 2005	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Emergência	Ano: 2005	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1985	Responsável : Maria Manuela dos Reis Martins
Escavação	Ano: 1991	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1992	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1993	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1994	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 1995	Responsável : Álvaro de Brito Moreira

Escavação	Ano: 1999	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2001	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2000	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2002	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2003	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2004	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2006	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2007	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2008	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2009	Responsável : Álvaro de Brito Moreira
Escavação	Ano: 2010	Responsável : Álvaro de Brito Moreira

Materiais

Cerâmica	Cronologia : Fase I	Fragmento decorado (Tipo «Baiões»)
Cerâmica	Cronologia : Fase I	Fragmento decorado (Tipo «Boquique» - Cogotas I/Fase II)
Cerâmica	Cronologia : Fase I	Fragmento decorado (Tipo «Boquique» - Cogotas I/Fase II)
Cerâmica	Cronologia : Fase III	Púcaro
Cerâmica	Cronologia : Fase III	Pote
Cerâmica	Cronologia : Fase III	Taça
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze	Recipiente cerâmico: Potinho
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze (Bronze F	Recipiente cerâmico: Taça Carenada
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze	Recipiente cerâmico: Malga
Cerâmica	Cronologia : Idade do Bronze	Moinho Manual - Dormente
Lítico		
Lítico	Cronologia : Fase I	Machado Polido (anfíbolito)
Lítico	Cronologia : Idade do Bronze	Machado de Pedra
Lítico	Cronologia : Idade do Bronze	Machado de Pedra
Lítico	Cronologia : Idade do Bronze	Pendente em Pedra
Lítico	Cronologia : Idade do Bronze	Polidor/Suporte
Lítico	Cronologia : Idade do Bronze	Moinho Movente
Metal		
Moeda		
Objecto diverso Osteológico		
Objecto diverso	Cronologia : Idade do Bronze	Goiva ou Cinzel
Objecto diverso	Cronologia : Idade do Bronze	Peso
Objecto diverso	Cronologia : Idade do Bronze	Peso
Objecto diverso	Cronologia : Idade do Bronze	Peso
Vidro		



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 82.

Carvalho, H. (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 167.

Cleto, J., Varela, J. (1999):*O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmento às investigações da atualidade*. Revista de Guimarães p. 8.

Dinis, A. (1993):*Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 26, 50, 55, 97-99, 112, 116, 119-122, 133, 140, 156, 161, 166, 170, 175.

Gonzáles Ruibal (2006):*Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C - 50 d.C.)* Brigantium p. 85-86, 251,368, 597.

Martins, M. (1985):*Sondagens arqueológicas no castro do Monte Padrão* II Cadernos de Arqueologia p. 217-230.

Martins, M. (1990):*O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado*. p. 36.

Moreira, A. (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 27, 31, 33, 39, 72, 75-76, 80-81, 84, 105-107, 111, 122.

Paço, A. (1953):*Do castro de Vila Nova de S. Pedro à Citânia de Sanfins* Revista de Guimarães p. 694.

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 18, 26, 38-39, 46-50, 52, 57-59, 61, 66, 68, 79, 82-83, 85, 93-94, 103, 105, 109, 110, 123-126, 130.

Queiroga, F (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 7, 27, 173.

Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (1995):*Portuguese Castros: The evolution of the habitat and Proto-urbanization process* proceedings of the British Academy p. 275-276.

Silva, A.C.F. (1999):*Citânia de Sanfins* Catálogo do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 8, 9, 10, 27.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 76, 134, 192, 207.

Silva, A.C.F., Gomes, M. V. (1998):*Proto-História de Portugal* Universidade Aberta p. 62.

Vários (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 5,13, 23, 26, 39, 47-48, 61, 77, 81-86,89, 92- 95, 105, 122-123, 126-129.

Vários ():*DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71123/>.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/?sid=sitios.resultados&subsid=53711>.

Cerro	Topónimo: Cerro (C.M., 1975: 97)
--------------	-----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26321

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos e Guidões

Coordenadas: **X:** -959619.65 **Y:** 5059612.32 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica	Comum com engobe vermelho de imitação de T.S.
Cerâmica	Terra Sigillata Clara D (fragmentos)
Cerâmica	Comum tardorromana



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografía

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 113- 115, 118.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620802>.

Cidai	Topónimo: S. Gens de Cidai (Dinis, 1993:104)
--------------	-----------------------------------------------------

O sítio aparece registado como povoado fortificado mas no local não foram observadas quaisquer evidências do mesmo-

Classificação: Não **CNS:** 3759

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -956772.99 **Y:** 5060024.53 **Cota:** 191 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para a Via Norte/N14 para a Largo da Serra em Muro. Siga pela Av. São Gens e Av. Prof. Dr. Sebastião Cruz até chegar à capela de S. Gens.

Tipo de acesso: O acesso faz-se por uma estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Prospecção Ano: 2013 Responsável : Alexandre Jorge Florêncio Caniço Cordeiro Canha

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Dinis, A. (1993):*Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 105.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49725>.

Cidói	Topónimo: Não registado
--------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26311

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos e Guidões

Coordenadas: **X:** -960013.72 **Y:** 5058811.96 **Cota:** 111 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 113- 115.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620569>.

Cimo da Vila	Topónimo: Vila; Cruz (C.M., 1976:111)
---------------------	----------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3698

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Penamaior

Coordenadas: X: -936626.61

Y: 5053830.47

Cota: m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Relocalização/Identificação Ano: 1999

Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materiais

Cerâmica Fragmentos

Cerâmica Fragmentos

Lítico Mós Manuais

Moeda Moeda de Constâncio II



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 73.

Dinis, M. (1981): *Moeda romana a iluminar uma villa agrícola (Arreigada - Paços de Ferreira)* Revista de Guimarães p. 388-390.

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 86, 110, 117, 119.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56584>.

Citânia de Sanfins	Topónimo: S. Romão; Cidade Velha; Cidade da Citânia;
---------------------------	-------------------------------------------------------------

Povoado composto por quatro linhas de muralha, vários fossos, trinta e três unidades habitacionais e um balneário. Observa-se ocupação medieval/cristã associada à necrópole e aos vestígios de uma capela do séc. XII dedicada a S. Romão. Ambas localizam-se na parte mais alta do povoado.

Interpretação:A cronologia proposta para este sítio situa a sua ocupação entre o século V a.C. e III b.C. tendo sido abandonado no século IV. Caracteriza-se como um grande povoado designado por 'Citânia' podendo ter tido um papel central com a romanização. Povoado Tipo A (Pinho, J. 2009:39).

Classificação: Monumento Nacional	CNS: 6
Concelho: Paços de Ferreira	
Freguesia: Sanfins Lamoso Codessos	Sanfins
Coordenadas: X: -933525.87	Y: 5060232.47 Cota: 570 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a auto-estrada A3/E1 e A41 para Lordelo. Tome a saída 2 da A42. Siga pela saída 2 em direção a N207/P.ços Ferreira Oeste/N209/Lordelo Norte. Siga pela R. de São Domingos, N319, CM1116 e R. do Penedo das Ninfas para a R. da Citânia em Sanfins de Ferreira.

Tipo de acesso: A estrada de acesso ao parque de estacionamento encontra-se alcatroada. Deve prosseguir a pé, subindo para o povoado por uma estrada de terra batida e gravilha.

Tipologia: Povoado Fortificado

Tipologia: Tesouro

Período Cultural: Idade do Bronze ; Idade do Ferro ; Idade Média ; Romano

Intervenções arqueológicas

Conservação e restauro	Ano: 1982	Responsável : António Baptista Lopes
Escavação	Ano: 1944	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1946	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1947	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1948	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1949	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1950	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1951	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1952	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1953	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1954	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1955	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1956	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1957	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1958	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1959	Responsável : Afonso do Paço e Eugene Augusto dos Anjos Jalhay
Escavação	Ano: 1960	Responsável : Afonso do Paço
Escavação	Ano: 1962	Responsável : Afonso do Paço
Escavação	Ano: 1968	Responsável : Afonso do Paço
Escavação	Ano: 1972	Responsável : Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Escavação	Ano: 1973	Responsável : Carlos Alberto Ferreira de Almeida
Escavação	Ano: 1977	Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno
Escavação	Ano: 1978	Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno
Escavação	Ano: 1979	Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno
Escavação	Ano: 1981	Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva e Rui Manuel Sobral Centeno
Escavação	Ano: 2010	Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva
Ano: 1984/85/86 - Responsável : Armando Coelho Ferreira da Silva		
Estudo de Es		
Relocalização/Identificação	Ano: 1999	Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materiais

Cerâmica	Cronologia : Fase III	Panela de Asas Interiores
Cerâmica	Cronologia : Fase III	Dolium Decorado
Metal	Cronologia : Fase III	Tenaz (ferro)
Metal	Cronologia : Calcolítico/ Bronze Inici	Ponta de Lança tipo Palmela



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Almeida, C. A. F. de** (1974): *Influências meridionais na cultura castreja* Revista da Faculdade de Letras p. 203-204, 206.
- Almeida, C. A. F. de** (1974): *O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973* Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia Ministério da Educação Nacional p. 5, 28, 149-172.
- Almeida, C. A. F. de** (1984): *A Casa Castreja* Memórias de Historia Antigua p. 36, 39-41.
- Almeida, C., Castroviejo, F.** (1996): *A Cultura Castreja - Ontem e Hoje* Portugália Universidade do Porto. Faculdade de Letras p. 97.
- Álvarez González, Y et. al** (2017): *El oppidum de San Cibrán de Las y el papel de la religión en los procesos de centralización en la Edad del Hierro* CuPAUAM p. 219.
- Carvalho, H.** (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarense* p. 167.
- Carvalho, H.** (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarense* p. 74.
- Cleto, J., Varela, J.** (1999): *O Castro de Guifões (Matosinhos): dos estudos de Martins Sarmento às investigações da atualidade.* Revista de Guimarães p. 8.
- Coelho, M.E.R. O et al** (1959): *Nota descritiva da Citânia de Sanfins e do seu espólio arqueológico* Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (1958) p. 271-279.
- Dinis, A.** (1993): *Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 7, 62, 140, 149, 172, 174-175, 178.
- Dinis, M.** (1964): *O castro de Busto (Penamaior - Paços de Ferreira)* Lucerna p. 192.
- Dinis, M.** (1971): *O castro do Capelo Vermelho* II Congresso Nacional de Arqueologia p. 288.
- González Ruibal** (2006): *Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C - 50 d.C.)* Brigantium p. 95, 219, 254, 274, 283- 284, 295-296, 318-320, 323-325, 331-335-336, 338, 348, 365, 368-372, 375-378, 380-382, 384-385, 388, 411-414, 427, 480, 485, 486, 492, 497-501, 503-504, 514-515, 555, 558, 560-564, 567, 595, 567, 606, 616.
- Jalhay, E.** (1949): *Um vaso de olaria rutená na Citânia de Sanfins* Brotéria p. 317-325.
- Jalhay, E.** (1950): *Uma joia de ouro da Citânia de Sanfins* Brotéria p. 38-49.
- Jalhay, E.** (1950): *Nova marca de oleiro na Citânia de Sanfins* Zephyrus p. 29-33.
- Lemos, F. S.** (2008): *Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal* Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão p. 13, 16, 22.
- Martins, M.** (1990): *O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado.* p. 36-37.
- Moreira, A.** (2009): *Castellum Madiae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 42, 68, 72, 74, 76, 95.
- Motes, J. M.** (1950): *Hallazgos monetarios de la Citânia de Sanfins* Zephyrus p. 60-61.
- Paço, A.** (1953): *Do castro de Vila Nova de S. Pedro à Citânia de Sanfins* Revista de Guimarães p. 683-967.
- Paço, A.** (1957): *Citânia de Sanfins. Alguns dos seus problemas (resumo)* 23º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências p. 353.
- Paço, A.** (1961): *Citânia de Sanfins. VI - Fundo Pré-Histórico* Lucerna p. 106-119.
- Paço, A.** (1964): *Citânia de Sanfins. VII - Escultura de Cabeça de Ofídeo* Lucerna p. 167-171.
- Paço, A.** (1968): *A Citânia de Sanfins* Revista de Etnografia p. 329-354.
- Parcero Oubiña, C.** (2002): *La construcción del Paisaje Social en el Edad del Hierro del NW Iberico.* Fundación Ortegalia p. 31, 202-205, 226-227, 237.
- Pinho, J.** (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 26, 48-49, 58, 64, 68, 73, 85, 105, 110, 126-127.
- Ponte, S. Da** (1984): *Fibulas de sítios a norte do rio Douro* Lucerna p. 117, 124.
- Queiroga, F** (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 5, 23-24, 26, 32, 35, 37, 50, 59, 67, 85, 87, 89, 100, 102, 169.
- Rocha, D.** (2017): *O Castro Máximo. Contributo para o estudo do povoamento proto-histórico da região de Braga* Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais p. 17.
- Santos, J. N. Dos** (1963): *Serpentes geminadas em suástica e figurações serpentiiformes do castro de Guifões* Lucerna p. 151.
- Sebastián Celestino Pérez (coord.)** (2017): *Castros en la escalera: el Noroeste entre la normalidad y la indiferencia* La Protohistoria en la Península Ibérica Ediciones Istmo p. 818, 841.
- Silva, A. C. F.** (1980): *Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79-81, 86-88.
- Silva, A.C.F.** (1983): *A cultura castreja no noroeste de Portugal : habitat e cronologias* Portugália Universidade do Porto. Faculdade de Letras p. 122 - 126.
- Silva, A.C.F.** (1995): *A evolução do habitat castrejo e o processo de proto-urbanização no Noroeste de Portugal durante o I milénio a. C.* Revista da Faculdade de Letras : História Universidade do Porto. Faculdade de Letras p. 505.
- Silva, A.C.F.** (1995): *Portuguese Castros: The evolution of the habitat and Proto-urbanization process* proceedings of the British Academy p. 274-276, 278-284, 288.

Silva, A.C.F. (1999):*Citânia de Sanfins* Catálogo do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 5, 7, 9, 14, 20, 22, 25-26, 28-30, 32, 34 - 57.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 18, 22, 24-25, 32, 47, 52- 59, 66-67, 69-72, 74-76, 78-81, 85,134, 173-176, 189-190, 192, 194, 196-197, 199-201, 204-205, 210- 217, 222-223, 226, 228-229, 232 .

Silva, A.C.F., Centeno, R. M. S. (1980):*Escavações arqueológicas na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) 1977 – 1978* Portugália Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 55-62.

Silva, A.C.F., Centeno, R. M. S. (1981):*Novos dados sobre a organização social castreja* Portugália Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 83, 90, 97.

Silva, A.C.F., Gomes, M. V. (1998):*Proto-História de Portugal* Universidade Aberta p. 5, 24, 37-38, 52-54, 58, 69-70,72, 87, 92- 93, 96.

Vários (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 48, 49, 79, 81, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 109, .

Vários (2017):*In Tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585)* Armonia Universal p. 209-210.

Vários ():*DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70495>.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=55984>.

Crasto	Topónimo: Não registado
---------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 4375

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Frazão Arreigada

Coordenadas: **X:** -935929.75 **Y:** 5051712.41 **Cota:** 322 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Prospecção Ano: 2009 Responsável : Paula Cristina Martins Barreira Abranches

Materiais

Cerâmica	Terra Sigilatta	
Metal	Moeda Romana	
Metal	Cronologia : séc.III	Moeda
Vidro	Fragmento de Copo em Vidro	



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, Folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ªEdição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 135.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49706>.

Devesa	Topónimo: Não registado
---------------	--------------------------------

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -943611.91 **Y:** 5062888.56 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Moreira, A.** (2009): *Castellum Madaiae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 29, 69, 112.
- Pinho, J.** (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 99, 101-103, 110, 112, 118, 127.

Dinis	Topónimo: Dinis (C:M., 1977:98)
--------------	----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26332

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -943714.32 **Y:** 5061924.85 **Cota:** 94 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117-119, 127.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2621306>.

Farihe	Topónimo: Não registado
---------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26417

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Fornelo e Vairão

Coordenadas: **X:** -962679.82 **Y:** 5059994.74 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Atalaia

Período Cultural: Idade Média ; Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000

Bibliografia

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 133.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2621853>.

Fontão	Topónimo: Fontão de Antela
---------------	-----------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 1143

Concelho: Matosinhos

Freguesia: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo

Coordenadas: **X:** -971091.98 **Y:** 5050378.66 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Cetária

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica

Objecto diverso

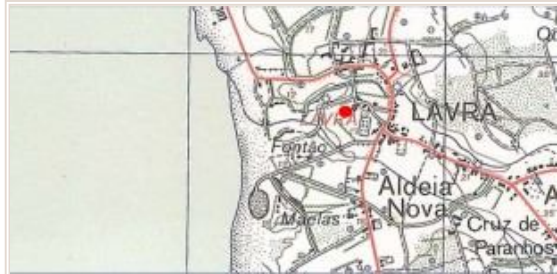
Objecto diverso

Objecto diverso

Antelas

Mosaicos

Fustes de Colunas



Extrato da Carta Militar de 1975 de Matosinhos, folha nº109 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 72.

Moreira, A. (2009): *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 30, 112.

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 98, 120, 124-125.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=47714>.

Grova	Topónimo: Não registado
--------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26325

Concelho: Trofa

Freguesia: Muro

Coordenadas: **X:** -957732.79 **Y:** 5054885.23 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Material de Construção

Cerâmica Cronologia : Romana

Comum

Cerâmica Talhas (fragmentos)



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620950>.

Guilhabreu	Topónimo: Não registado
-------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 1598

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Guilhabreu

Coordenadas: **X:** -961529.89 **Y:** 5056597.98 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49022>.

Igreja de Avioso	Topónimo: Não registado
-------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:**

Concelho: Maia

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps da freguesia da Maia.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 68.

Igreja/Campos do Pereira	Topónimo: Não registado
---------------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26431

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Macieira da Maia

Coordenadas: **X:** -964560.01 **Y:** 5063053.14 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Material de Construção

Cerâmica Comum



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 99, 101.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2622163>.

Igreja/Quinta de Vilas Boas	Topónimo: Não registado
------------------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26424

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Fornelo e Vairão

Coordenadas: **X:** -962556.26 **Y:** 5061597.2 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Material de Construção

Cerâmica Comum



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2621976>.

Igreja/Santa Maria de Vilar I	Topónimo: Não registado
--------------------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26435

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Vilar e Mosteiro

Coordenadas: **X:** -965187.85

Y: 5054908.93

Cota: m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Terra Sigillata Clara D (fragmentos)

Cerâmica Material de Construção

Lítico Mós



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografía

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2622373>.

Isqueiros	Topónimo: Não registado
------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 2894

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Eiriz

Coordenadas: **X:** -931960.1 **Y:** 5057727.13 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Observações :



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografía

Vários (>):*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49113>.

Lugar de Vila	Topónimo: Não registado
----------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26280

Concelho: Trofa

Freguesia: Coronado (São Romão e São Mamede)

Coordenadas: **X:** -953868.89 **Y:** 5052766.94 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografía

Vários (>):*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620094>.

Miliário Barca	Topónimo: Barca (C:M., 1975:110)
-----------------------	-----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:**

Concelho: Maia

Coordenadas: **X:** -959014.07 **Y:** 5048764.19 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Ribeiro, A. (2016): *O marco miliário de Barca, concelho da Maia. Contributo para o estudo da rede viária de época romana*. Nova Série, Ano I Revista da Maia p. 9-22.

Monte Castro	Topónimo: Não registado
---------------------	--------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo o castro encontra-se implantado na margem esquerda do rio Labruge ou Donda (Ribeira da Laje). Os materiais de superfície evidenciam uma romanização intensa.

Classificação: Não **CNS:** 26247

Concelho: Matosinhos

Freguesia: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo

Coordenadas: **X:** -970294.86 **Y:** 5052114.63 **Cota:** 25 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a auto-estrada A28 para Lavra. Saia na 12 da A28. Siga pela R. da Cruz e R. Angeiras para a R. do Moinho do Sol Posto. Continue até R. da Cruz. Na rotunda, siga pela 1.ª saída e continue na R. da Cruz. Vire à esquerda em direção a R. Angeiras. Vire à direita em direção a R. do Moinho do Sol Posto.

Tipo de acesso: O acesso faz-se a partir da estrada alcatroada e depois por terreno agricultado.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica	Cronologia : Romano	Terra Sigillata (Fragmentos)
Cerâmica	Comum	
Cerâmica	Comum	
Cerâmica	Cronologia : Romano	Material de Construção



Extrato da Carta Militar de 1975 de Vila do Conde, folha nº96 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Moreira, A.** (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 75, 78, 81, 84, 108-109, 111.
- Queiroga, F** (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.
- Silva, A. C. F.** (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.
- Silva, A.C.F.** (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 136.
- Vários** (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 98, 132, 133.
- Vários** ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619385>.
- Vários** ():*Vias Romanas* p. <http://www.viasromanas.pt/>.

Monte Crasto M	Topónimo: Não registado
-----------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 17893

Concelho: Matosinhos

Freguesia: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Relocalização/Identificação Ano: 2001 Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000 Vista aérea do Google Maps das freguesias de Perafita, Lavra e Santa Cruz.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2165552>.

Monte das Pedras/Pedras Rubras

Topónimo: Crestins (Varela e Pires, 2010: 97).

Localiza-se numa pequena plataforma de forma oval próxima do rio Leça.

Classificação: Não

CNS:

Concelho: Maia

Freguesia: Moreira

Coordenadas: **X:** -963327.57

Y: 5047596.68

Cota: 70 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a A28, A4 e VRI para a Av. do Aeroporto em Moreira. Tome a saída em direção a Aeroporto na VRI. Siga pela saída 1 para convergir com A4 em direção a Vila Real/Aeroporto/Zona Portuária Leixões (Carga). Utilize as 2 faixas da direita para seguir pela saída 3 em direção a VRI/Aeroporto/Zona Portuária Leixões/A28/Viana C. Utilize as 2 faixas da direita para seguir pela saída em direção a Aeroporto. Siga para Outros Destinos. Mantenha-se à direita no cruzamento, siga as indicações para Pedras Rubras/Crestins e vire para Av. do Aeroporto.

Tipo de acesso: O acesso faz-se primeiramente através da estrada alcatroada.

Tipologia: Povoado fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Silva, A. C. F. (1980):*Organizações gentílicas entre o Leça e o Ave*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 79.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 137.

Vários (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 97, 98.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49228>.



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Moreira, A. (2009): *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 111.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619489>.

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2372816>.

Necrópole da Forca	Topónimo: Não registado
---------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3829

Concelho: Maia

Freguesia: Castelo da Maia

Coordenadas: **X:** -959570.67 **Y:** 5050940.84 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Levantamento Ano: 2003/2004 Responsável : Luís André Tato Marinho Tomé Ribeiro

Sondagem Ano: 2005/2006 Responsável : José Miguel da Costa Rodrigues

Materiais

Cerâmica Vasilha

Cerâmica Lucerna

Metal Três Vasilhas (Prata)



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Moreira, A. (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 40, 108.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49879>.

Necrópole da Quelha Funda	Topónimo: Não registado
----------------------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 20430

Concelho: Maia

Freguesia: Cidade da Maia

Coordenadas: **X:** -957809.6 **Y:** 5044592.9 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Levantamento Ano: 2003/2004 Responsável : Luís André Tato Marinho Tomé Ribeiro

Materiais

Cerâmica Cronologia : Romana Vasos de Cerâmica Comum (5)

Cerâmica Cronologia : Romana Bilha Pintada com motivos geométricos



Extrato da Carta Militar de 1975 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2323756>.

Outeiro dos Foguetes	Topónimo: Não registado
-----------------------------	--------------------------------

Classificação: Não

CNS:

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Seroa

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais





Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps da freguesia de Seroa.

Bibliografia

Paços de Ferreira		Topónimo: Não registado
<p>Classificação: Não CNS: 1604</p> <p>Concelho: Paços de Ferreira</p> <p>Freguesia: Paços de Ferreira</p> <p>Coordenadas: X: -931945.63 Y: 5052390.7 Cota: m</p> <p>Acessos: Não registado</p> <p>Tipo de acesso: Não registado</p> <p>Tipologia: Necrópole</p> <p>Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano</p> <p>Intervenções arqueológicas</p> <p>Materiais</p>		
 <p>Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000</p>		 <p>Vista aérea do Google Maps.</p>
Bibliografia		
Vários (): <i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=47621 .		
Paço		Topónimo: Paço (C:M., 1975:97)

Classificação: Não			CNS: 20860
Concelho: Vila do Conde			
Freguesia: Guilhabreu			
Coordenadas: X: -961799.29		Y: 5057196.62	Cota: m
Acessos: Não registado			
Tipo de acesso: Não registado			
Tipologia: Villa			
Período Cultural: Romano			
Intervenções arqueológicas			
Levantamento		Ano: 2003/2004 Responsável : Andrea Patrícia Faria Pereira	
Materiais			
			
Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000		Vista aérea do Google Maps.	
Bibliografia			
Carvalho, H. (2008): <i>O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis</i> p. 228.			
Pinho, J. (2009): <i>O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial</i> Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 97, 99, 101.			
Vários (): <i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2375891 .			
Palmação			Topónimo: Palmação (C:M., 1975:97)

Classificação: Não CNS: 26425		
Concelho: Vila do Conde		
Freguesia: Guilhabreu		
Coordenadas: X: -960452.32 Y: 5056310.52 Cota: m		

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica	Tégulas
Cerâmica	Cerâmica Comum
Objecto diverso	Cossoiros



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 113- 115, 124.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2622013>.

Paredes	Topónimo: Não registado
----------------	--------------------------------

Miliário muito erodido onde apenas se identifica o seguinte: CAI * P ::: / AVG P M / ::: II COS : (...).

Classificação: Não **CNS:** 3886

Concelho: Maia

Freguesia: Castelo da Maia

Coordenadas: **X:** -958097.91 **Y:** 5053537.17 **Cota:** m

Acessos: Não registado
Tipo de acesso: Não registado
Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49982>.

Penamaior	Topónimo: Não registado
------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 4265

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Penamaior

Coordenadas: **X:** -937268.92 **Y:** 5055042.27 **Cota:** m

Acessos: Não registado
Tipo de acesso: Não registado
Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica
Metal
Moedas de Bronze



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49492>.

Penedo das Ninfas	Topónimo: Não registado
--------------------------	--------------------------------

Inscrição votiva latina gravada num bloco de granito, de forma ovalada, orientado longitudinalmente no sentido N/S. A inscrição é dedicada a Cosunea divindade dos Fiduenae: "Numidi / Cosuneae/ Fiduenearum / hic / I(ibens) (?) / f(idem) s(olverunt)".

Classificação: Imóvel de Interesse Público **CNS:** 480

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Sanfins Lamoso Codessos

Coordenadas: **X:** -933240.09 **Y:** 5060831.34 **Cota:** 497 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a auto-estrada A3/E1 e A41 para Lordelo. Tome a saída 2 da A42. Siga pela saída 2 em direção a N207/P.ços Ferreira Oeste/N209/Lordelo Norte. Siga pela R. de São Domingos, N319, CM1116 e R. do Penedo das Ninfas

Tipo de acesso: A estrada de acesso ao terreno encontra-se alcatroada.

Tipologia: Inscrição

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Ano: 1999 - Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria

Relocalização/Iden

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Moreira, A. (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 69.

Silva, A.C.F. (1999):*Citânia de Sanfins* Catálogo do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 5, 8, 29, 30, 64, 65.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56013>.

Tipologia: Ponte

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografía

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48323>.

Vários ():*DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72298/>.

Ponte dos Ronfes	Topónimo: Ponte de Barreiros (C:M., 1976:110)
-------------------------	------------------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3797

Concelho: Matosinhos

Freguesia: União das Freguesias de Custóias, Leça do Balio e Guifões

Coordenadas: **X:** -961134.71 **Y:** 5045600.77 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Ponte

Período Cultural: Idade Média ; Romano

Intervenções arqueológicas

Sondagem Ano: 2004 Responsável : Jorge Manuel Vieira Fonseca, José Manuel Pinto Varela, Ricardo Jorge Coelho Marques Abrantes Teixeira e Vitor José Jesus da Fonseca

Materiais

Cerâmica Vidrado de Chumbo (1 frag.)

Cerâmica Material de Construção

Metal



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49788>.

Póvoa	Topónimo: Póvoa (C:M., 1975:97)
--------------	----------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26313

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos e Guidões

Coordenadas: **X:** -960422.27 **Y:** 5060501.69 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Comum

Cerâmica Material de Construção



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620604>.

Póvoa/Campelo	Topónimo: Não registado
----------------------	--------------------------------

Classificação: Não

CNS: 26322

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Fornelo e Vairão

Coordenadas: **X:** -961089.07

Y: 5060804.09

Cota: m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Cerâmica Comum

Cerâmica Tégulas



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117-118.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620863>.

Quinta do Paiço	Topónimo: Não registado
------------------------	--------------------------------

Segundo a informação disponível no Portal do Arqueólogo o miliário encontra-se na Quinta do Paiço na estrada de Braga- Porto. Encontra-se bem conservado e é feito em Granito. Tem apenas 1,12m de altura e 1,94m de circunferência. É possível ler-se: IMP * CAESARI/ TRAIANO * HADRIANO/ AVG/ PONTIF * MAX/ TRIB * POTEST XVII/ COS III P P/ A BRACARA AVG// N

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 4398

Concelho: Trofa

Freguesia: Alvarelhos e Guidões

Coordenadas: **X:** -958782.53 **Y:** 5057075.11 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Carvalho, H.** (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 80.
- Moreira, A.** (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 25, 32.
- Pinho, J.** (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 108.
- Vários** (2011):*O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 120.
- Vários** ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49761>.

Rodrigo Velho	Topónimo: Rorigo Velho (Moreira, 2009: 30)
----------------------	---------------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 4401

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -955113.44 **Y:** 5062439.31 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

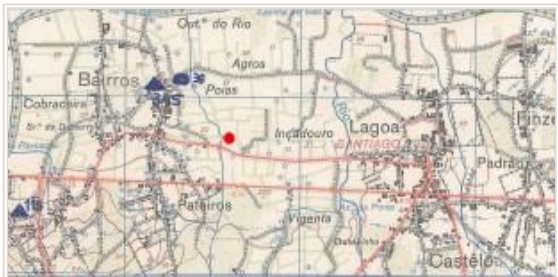
Tipologia: Necrópole III d.C. (Carvalho, 2008:81)

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Prospeção Ano: 2005 Responsável : Alexandre Miguel de Figueiredo Almeida Lima

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Carvalho, H.** (2008):*O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 81.
- Moreira, A.** (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 30, 32.

Vários ():Portal do Arqueólogo p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49764>.

Salgueiros	Topónimo: Monte Salgueiro (C:M., 1976:111)
------------	--------------------------------------------

Classificação: NãoCNS: 3757

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Eiriz

Coordenadas: X: -934618.41Y: 5057718.24Cota: 431 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para 20/IC23 a partir da Av. da França. Siga pela A3/E1, A41 e A42 para a R. de Barbelães/N209 em Frazão. Tome a saída N209 na A42. Siga pela N209 saída em direção a P.ços Ferreira Sul/Lordelo Este. Siga pela N209 e N319 para a Via Panorâmica em Eiriz.

Tipo de acesso: O acesso faz-se através da estrada alcatroada e depois por terra batida.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():Portal do Arqueólogo p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49724>.

Santa Cruz I	Topónimo: Santa Cruz (C:M., 1977:98)
---------------------	---------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3503

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -938746.91 **Y:** 5062130.93 **Cota:** 370 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Dinis, A. (1993):*Ordenamento do Território do Baixo Ave no I Milénio A.C.* Faculdade de Letras da Universidade do Porto p. 106.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49221>.

Santa Cruz II	Topónimo: Santa Cruz (C:M., 1977:98)
----------------------	---------------------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo localiza-se numa encosta sobranceira ao Vale do Ave. Os vestígios de superfície ocupam uma área considerável, observando-se alguns alinhamentos à superfície.

Interpretação:Romano, Império (Entre a dinastia dos Flávios a finais do séc. II) (Portal do Arqueólogo).

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -939719.07 **Y:** 5062236.19 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 109, 113-115.

São Bráz	Topónimo: São Brás (C:M., 1976:111)
-----------------	--------------------------------------------

Castro romanizado, onde se achou uma ara epigrafada: EX V/M F D. À volta do castro há necrópoles. Numa das sepulturas achou-se um prato de sigillata clara D. Dinis, M. V. 1976: 218-221 Alarcão, J. 1988: 1/402 Queiroga, F.

Classificação: Não **CNS:** 3954

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Frazão Arreigada

Coordenadas: **X:** -937088.14 **Y:** 5052696.28 **Cota:** 318 m

Acessos: Desde o centro da cidade do Porto dirija-se para A20/IC23 a partir da Av. da França. Utilize a faixa da direita para convergir com A20/IC23 através da rampa para A1/Lisboa/A4/P.te Freixo/V. Real/A3/Braga. Conduza na A3/E1 e A41 para Lordelo. Tome a saída 2 da A42. Siga pela Av. Central de Seroa/N207 e R. de São Mamede de Seroa para a R. Vale de Pinheiros em Frazão.

Tipo de acesso: O acesso faz-se por terra batida.

Tipologia: Povoados

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Prospecção	Ano: 2009	Responsável : Paula Cristina Martins Barreira Abranches
------------	-----------	---------------------------------------------------------

Materiais

Cerâmica	Vasilhas de Barro (4)
Cerâmica	Fragmentos de pratos (2)
Cerâmica	Tijolo
Cerâmica	Fragmentos
Metal	Fragmentos de Ferro
Sepultura	Objetos de Vidro



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 73.

Dinis, M. (1971): *O castro do Capelo Vermelho* II Congresso Nacional de Arqueologia p. 288.

Dinis, M. (1976): *O Castro de S. Brás* Revista de Guimarães p. 217-222.

Queiroga, F (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=50113>.

São Cristóvão do Muro (M)	Topónimo: Não registado
<p>Segundo o Portal do Arqueólogo o miliário foi destruído possivelmente no século XIX do qual ainda se realizou o seguinte registo: D(omino)N(ostro)/[M(arco)AURE]LIO[VALERIO/MAXIM]IAN(o) IN[VICTO/PON]TIF(ici)MAX(imo)[TRIB(unicia)]P[OT(estate)]/II CO(n)S(uli)III/[A BRACARA AUG(usta)]N(ilia)P(asuum)XXIII//</p> <p>Classificação: Não CNS: 32524</p> <p>Concelho: Trofa</p> <p>Freguesia: Muro</p> <p>Acessos: Não registado</p> <p>Tipo de acesso: Não registado</p> <p>Tipologia: Miliário</p> <p>Período Cultural: Romano</p> <p>Intervenções arqueológicas</p> <p>Materiais</p>	
<div>   </div> <p>Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000</p> <p>Vista aérea do Google Maps da freguesia de Muro.</p>	
<p>Bibliografia</p> <p>Vários ():<i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2951885.</p>	
São Cristovão do Muro (N)	Topónimo: Não registado

<p>Classificação: Não CNS: 3816</p> <p>Concelho: Trofa</p> <p>Freguesia: Muro</p> <p>Coordenadas: X: -956208.82 Y: 5055627.48 Cota: m</p> <p>Acessos: Não registado</p> <p>Tipo de acesso: Não registado</p> <p>Tipologia: Necrópole</p> <p>Período Cultural: Romano</p> <p>Intervenções arqueológicas</p> <p>Materiais</p>	
<div>   </div> <p>Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000</p> <p>Vista aérea do Google Maps.</p>	
<p>Bibliografia</p> <p>Vários ():<i>Portal do Arqueólogo</i> p. http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49846.</p>	
São Domingos	Topónimo: S. Domingos (C.M., 1976: 111)

<p>Segundo a informação disponibilizada no Portal do Arqueólogo o castro desenvolve-se numa pequena elevação com boas condições de defesa em todas as vertentes. São observáveis alguns alinhamentos inclusive um com uma extensão de 8 metros que poderá estar articulado com a possível muralha.</p> <p>Classificação: Não CNS: 13073</p> <p>Concelho: Paços de Ferreira</p> <p>Freguesia: Ferreira</p> <p>Coordenadas: X: -930540.77 Y: 5053728.26 Cota: 371 m</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a A20/IC23 a partir da Av. da França. Siga pela A3/E1, A41 e A42 para a R. da Estrada/N319 em Sobrosa. Tome a saída N319 na A42. Continue na R. da Estrada/N319. Continue até à Av. do Polo.

Tipo de acesso: O acesso faz-se por terra batida.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Prospecção	Ano: 2009	Responsável : Paula Cristina Martins Barreira Abranches
Prospecção	Ano: 2010	Responsável : Sandra Conceição da Silva Nogueira
Relocalização/Identificação	Ano: 1999	Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baére de Faria

Materiais

Cerâmica	Material de Construção
Cerâmica	Moderna
Metal	Moeda Medieval



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Queiroga, F (1992):*War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.

Silva, A.C.F. (2007):*A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 135.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56358>.

São Mamede	Topónimo: Não registado
-------------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 3885

Concelho: Matosinhos

Freguesia: São Mamede de Infesta e Senhora da Hora

Coordenadas: **X:** -958289.38 **Y:** 5040810.99 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Observações : Destruído - Um miliário de Adriano, CIL II 4735. CIL II 4735 Alarcão, J. 1988: 1/399



Extrato da Carta Militar de 1975 de Porto, folha nº122 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 120.

Vários (): *Vias Romanas* p. <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ulso916w2uKvjQ71mBXdaSqo5zw>.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49981>.

São Paio de Guimarei	Topónimo: Guimarei (C:M., 1977:98)
-----------------------------	-------------------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo localiza-se num pequeno esporão, sobranceiro ao vale do rio Sanguinhedo. Existem referências orais ao aparecimento de um "tesouro" monetário de cerca de 40 moedas tardorromanas.

Classificação: Não **CNS:** 26323

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Lamelas e Guimarei

Coordenadas: **X:** -943800.04 **Y:** 5056781.71 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620912>.

São Simão	Topónimo: Simão (C:M., 1977:98)
------------------	----------------------------------------

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Santo Tirso, Couto (Santa Cristina e São Miguel) e Burgães

Coordenadas: **X:** -939953.95 **Y:** 5062769.95 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

- Moreira, A.** (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 112.
- Pinho, J.** (2009):*O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 99-101, 108-110, 112, 115, 118, 127.

Senhora do Socorro	Topónimo: Senhora do Socorro (C:M., 1976:111)
---------------------------	------------------------------------------------------

Considerando as informações dispostas no Portal do Arqueólogo o castro será de média dimensão contendo duas linhas de muralha, a primeira a delimitar a zona da acrópole e a segunda assenta sobre um talude.

Classificação: Não **CNS:** 3756

Concelho: Paços de Ferreira

Freguesia: Sanfins Lamoso Codessos

Coordenadas: **X:** -930129.34 **Y:** 5061564.29 **Cota:** 423 m

Acessos: Desde a cidade do Porto deve dirigir-se para a A20/IC23 a partir da Av. da França. Siga pela A3/E1, A41 e A42 para a R. de Barbelães/N209 em Frazão. Tome a saída N209 na A42. Siga pela N209 e N209-2 para a R. Nsr. do Socorro em Codessos.

Tipo de acesso: O acesso faz-se primeiramente por estrada alcatroada e depois por terra batida.

Tipologia: Povoado Fortificado

Período Cultural: Idade do Ferro ; Romano

Intervenções arqueológicas

Relocalização/Identificação Ano: 1999

Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Paços de Ferreira, folha nº111 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Carvalho, H. (2008): *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* p. 73.

Dinis, M. (1971): *O castro do Capelo Vermelho* II Congresso Nacional de Arqueologia p. 287-291.

Queiroga, F (1992): *War and castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age* p. 168.

Silva, A.C.F. (2007): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª Edição Câmara Municipal de Paços de Ferreira p. 135.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49723>.

Sobreiral	Topónimo: Não registado
------------------	--------------------------------

Concelho: Santo Tirso

Freguesia: Monte Cordova

Coordenadas: **X:** -935891.9 **Y:** 5061050.17 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 99-101, 112, 126.

Soutelo de Fornelo	Topónimo: Não registado
---------------------------	--------------------------------

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Fornelo e Vairão

Coordenadas: **X:** -961492.05

Y: 5061603.13

Cota: m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Necrópole

Período Cultural: Indeterminado

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=49847>.

Souto	Topónimo: Não registado
--------------	--------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 20429

Concelho: Maia

Freguesia: Cidade da Maia

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Habitat

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica Cerâmicas domésticas de fabrico local ou regional.



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps da Cidade da Maia.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2323753>.

Trofa Velha 1

Topónimo: Trofa Velha (C:M., 1975:97)

Segundo o Portal do Arqueólogo este é o segundo miliário do conjunto denominado por Trofa Velha (CNS 2828 e 26254), de diâmetro reduzido e em elevado estado de degradação. Neste pode ler-se: IMP. CAESARI D.N. , o resto das linhas encontram-se muito desgastadas, apenas na segunda linha se identificam as letras GN.

Classificação: Não **CNS:** 26251

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -954320.84 **Y:** 5059935.45 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619498>.

Trofa Velha 2/ Lantemil

Topónimo: Trofa Velha (C:M., 1975:97)

Segundo o Portal do Arqueólogo é um marco miliário de grandes dimensões restando apenas da inscrição a identificação parcial a quem foi dedicado. Segundo Mário Capela, trata-se de um cilindro de granito, chanfrado no fuste e na base, com uma altura máxima de 1,4m e um diâmetro de cerca de 0,53m. d. N FLA/.../LICINIO/LICINIANO/AVG// "...a Licinio Liciniano Augusto."

Classificação: Não **CNS:** 26254

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -954320.84 **Y:** 5059935.45 **Cota:** m

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 120.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2619514>.

Trofa Velha 3/ Sedões	Topónimo: Trofa Velha (C:M., 1975:97)
------------------------------	----------------------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo este miliário de granito, tem de altura 2,11m e de circunferência cerca de 1,55m. A inscrição nele presente encontra-se bastante danificada, mas foi ainda possível lêr-se o seguinte: IMPERATORI CAESARI/ DOMINO NOSTRO/ ::::IO IVNIO CONS/ TANTI MAXIMO/ VICTORI . ADRI : M/ FATORI AVGUSTO/ DIVI CONSTANTINI/ ET VALERI MAX : / MIANI NEPOTI/ DIVI CLAVDI/ PRONEPOTI/ E BRAC/ M P XXI//

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 2828

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -954320.84 **Y:** 5059935.45 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=51011>.

Trofa Velha 4/ Peça Má 1	Topónimo: Trofa Velha (C:M., 1975:97)
---------------------------------	----------------------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo o miliário apresenta a seguinte inscrição: Carini (?). IMP(eratori) [CAES(ari)]/M(arco) AUREL[IO]/CARIN[O]/ABRAC[ARA]// Em 2000 foi localizado no jardim de António Cruz em Trofa Velha (COLMENERO, 2004).

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 3977

Concelho: Trofa

Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

Coordenadas: **X:** -955890.45 **Y:** 5058297.69 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Prospecção Ano: 2013 Responsável : Alexandre Jorge Florêncio Caniço Cordeiro Canha

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários (2011): *O Rio da Memória: Arqueologia do Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos p. 120.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=50165>.

Trofa Velha 5	Topónimo: Não registado
----------------------	--------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo o miliário tem a seguinte inscrição: IMP(eratori) CAES(ari).M(arco).CLAU/DIO TACITO PIO/FEL(ici) INVICTO AVG(usto)/PON[tif(ici)] MAX(imo) TRIB(unicia)/POTEST(ate)[...].ERVS/CONS[ulij]/[restit]UTOR[ij]ORB[s]//

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 32523

Concelho: Trofa
Freguesia: Bougado (São Martinho e Santiago)

- Acessos:** Não registado
- Tipo de acesso:** Não registado
- Tipologia:** Miliário
- Período Cultural:** Romano
- Intervenções arqueológicas**
- Materiais**



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps da freguesia de Bougado (Santiago).

Bibliografía

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2951835>.

Coordenadas: X: -944191.88

Y: 5058189.5

Cota: 193 m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Casal Rústico

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1977 de Santo Tirso, folha nº98 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Pinho, J. (2009): *O 1º milénio A.C. e o estabelecimento rural romano na vertente fluvial do Ave: dinâmicas de estabelecimento sob o ponto de vista geo-espacial* Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras p. 117.

Vários (): *Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2620930>.

Via de Braga-Porto	Topónimo: Não registado
---------------------------	--------------------------------

Segundo o Portal do Arqueólogo este miliário faria parte da via romana Porto-Braga. Esta via tem 8 marcos miliários.

Classificação: Monumento Nacional **CNS:** 499

Concelho: Maia

Freguesia: Castelo da Maia

Coordenadas: **X:** -957857.46 **Y:** 5053283.87 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Miliário

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Relocalização/Identificação Ano: 2001 Responsável : Leonor Raquel da Fonseca Sousa Pereira e Pedro Francisco Baêre de Faria

Materiais



Extrato da Carta Militar de 1976 de Maia, folha nº110 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=48584>.

Vários ():*DGPC* p. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70321>.

Vila Boa	Topónimo: Vila Boa (C:M., 1975:97)
-----------------	-------------------------------------------

Classificação: Não **CNS:** 26426

Concelho: Vila do Conde

Freguesia: Guilhabreu

Coordenadas: **X:** -961331.75 **Y:** 5056732.82 **Cota:** m

Acessos: Não registado

Tipo de acesso: Não registado

Tipologia: Villa

Período Cultural: Romano

Intervenções arqueológicas

Materiais

Cerâmica	Tégulas
Cerâmica	Comum
Cerâmica	Fragmentos de Talhas
Cerâmica	Terra Sigilatta
Cerâmica	Tijolos



Extrato da Carta Militar de 1975 de Santo Tirso, folha nº97 à escala 1:250 000



Vista aérea do Google Maps.

Bibliografia

Moreira, A. (2009):*Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave* p. 68, 95, 112.

Vários ():*Portal do Arqueólogo* p. <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=2622068>.

Vila Boa da Arreigada	Topónimo: Vila Boa (C:M., 1976: 111)
------------------------------	---------------------------------------------

